

*revista brasileira de estudos clássicos*

cl  
s  
a  
s  
i  
c  
a

*v. 27  
n. 2  
2014*



CLASSICA. Revista Brasileira de Estudos Clássicos  
[ISSN 0103-4316 / ISSN 2176-6436]  
Caixa Postal 905, 30161-970, Belo Horizonte, MG, Brasil  
<http://revista.classica.org.br> e-mail: [editor@classica.org.br](mailto:editor@classica.org.br)  
publicada pela Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos desde 1988

#### SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Diretoria 2014-2015

Fábio Faversoni (Presidente)

Jacyntho Brandão (Vice-presidente)

Rodrigo Tadeu Gonçalves (Secretário)

Fábio da Silva Fortes (Secretário Adjunto)

Fábio Duarte Joly (Tesoureiro)

Maria Aparecida Montenegro (Tesoureira Adjunta)

#### CONSELHO EDITORIAL

Jacyntho Brandão, UFMG (2013-2014)

Fernando José de Santoro Moreira, UFRJ (2012-2015)

Adriane da Silva Duarte, USP (2012-2015)

Paulo Sérgio de Vasconcelos, UNICAMP (2012-2015)

Marcelo Pimenta Marques, UFMG (2012-2015)

Kátia Maria Paim Pozzer, ULBRA (2012-2015)

Christian Werner, USP (2012-2015)

#### CONSULTORES INTERNACIONAIS

Ana María González de Tobia (UNLP, Argentina)

Carlos Levy (Université Paris IV, França)

Daniel Rinaldi (UNAM, México)

David Konstan (Brown University, EUA)

Francisco São José Oliveira (U. de Coimbra, Portugal)

José Remesal Rodríguez (U. de Barcelona, Espanha)

Maria de Fátima Sousa e Silva (U. de Coimbra, Portugal)

Martin Dinter (King's College London, Reino Unido)

Paulo Butti de Lima (U. degli Studi di Bari, Itália)

Philippe Rousseau (Université Lille 3, França)

Sergio Casali (Università di Roma II, Itália)

Silvia Milanezi (Université de Nantes, França)

Fábio Vergara Cerqueira, UFPEL (2013-2016)

Maria Cecília de M. N. Coelho, UFMG (2013-2016)

Gabriele Cornelli, UnB (2013-2016)

Paulo Martins, USP (2013-2016)

Renata Senna Garraffoni, UFPR (2013-2016)

Alessandro Rolim de Moura, UFPR (2013-2016)

José Geraldo Costa Grillo, UNIFESP (2013-2016)

#### ARTE DA CAPA

EDITORAÇÃO: Alda Lopes e Marco Durães

#### EDITORA

Renata Senna Garraffoni (Universidade Federal do Paraná)

*Classica* foi publicada anualmente de 1988 a 1991 e bianualmente de 1992 a 2005; em janeiro de 2006 a periodicidade tornou-se semestral.

*Classica* ISSN 0103-4316 é distribuída gratuitamente aos sócios da SBEC. Informações sobre filiação à entidade e vendas avulsas estão disponíveis nas páginas da *Classica on line* (ISSN 2176-6436): <http://revista.classica.org.br>.

A Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores nem pelo uso indevido de quaisquer elementos presentes em artigos assinados.

É responsabilidade dos autores obter previamente as autorizações necessárias para a reprodução de imagens, trechos longos de obras publicadas e outros itens protegidos por copyright.

*Volume preparado e impresso em São Paulo, SP, com recursos da SBEC.*

Classica : revista brasileira de estudos clássicos / Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. — Vol.1 (1988)-v.4 (1991) ; v.5 (1992)-v.18 (2005) ; v.19 (2006)- . — Belo Horizonte : SBEC, 1988-2005 ; 2006-  
Anual: 1988-1991 ; bianal 1992-2005 ; semestral: 2006- ISSN 0103-4316  
I. Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.

Indexada em *L'Année Philologique*. Abreviatura: **Classica (Brasil)**.



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/)

Esta revista está anexada em APh - *L'Année philologique*

## SUMÁRIO

CLASSICA 27, 2, 2014

Editorial	
<i>Renata Senna Garraffoni</i> .....	7
Artigos	
Revisitando a tese do letramento: história e contrapontos	
<i>Evandro Luis Salvador</i> .....	11
Comparações e contrastes entre o grego e o latim como estratégia explicativa no <i>De Constructione</i> , de Prisciano (séc. VI d.C)	
<i>Fábio da Silva Fortes</i> .....	31
O ensino de língua latina no Brasil: percurso e perspectivas	
<i>Leni Ribeiro Leite</i>	
<i>Maribá Barbosa e Castro</i> .....	53
Reflexões sobre tradução no <i>De finibus</i> de Cícero e a refutação do pensamento estoico	
<i>Sidney Calheiros de Lima</i> .....	79
Dossiê	
Apresentação do Dossiê	
<i>Pedro Ipiranga Júnior</i> .....	97
Assurbanipal e suas memórias: uma autobiografia na antiguidade?	
<i>Katia Maria Paim Pozzer</i> .....	107
Fragmentos e <i>tópoi</i> biográficos nos séculos V e IV a.C.	
<i>Pedro Ipiranga Júnior</i> .....	121
A Vida de Eurípides de Sátiro	
<i>Gabriela Guimarães Gazzinelli</i> .....	147

Autobiografia de Nicolau de Damasco - Breve apresentação e tradução <i>Mary de Camargo Neves Lafer</i> .....	171
A <i>Vida de Augusto</i> , de Nicolau de Damasco: tradução acompanhada de breve introdução <i>Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha</i> .....	181
Os Fragmentos de Artápano: Introdução e Tradução <i>Cesar Motta Rios</i> .....	195
Faces Femininas nas Biografias de Plutarco <i>Maria Aparecida de Oliveira Silva</i> .....	209
Suetônio, <i>Dos gramáticos</i> <i>Marcos Martinho</i> .....	231
<i>De rhetoribus</i> de Suetônio <i>Artur Costrino</i> .....	257
<i>Vida Herodoteana de Homero</i> : apresentação e tradução <i>Christian Werner</i> <i>Luiz Guilherme Couto Pereira</i> .....	271
As resenhas G e W da <i>Vida de Esopo</i> <i>Adriane da Silva Duarte</i> <i>Pedro Ipiranga Júnior</i> .....	293
Resenhas	
TORRANO, JAA (2013). <i>O pensamento mítico no horizonte de Platão</i> . Coleção Archai. São Paulo: Annablume Classica. <i>Hector Benoit</i> .....	319
NEIRA, Luz (Org.). <i>Desnudo y Cultura: La Construcción del Cuerpo en los mosaicos romanos</i> . Madrid: Creaciones Vincent Gabrielle. 2014. 208 p. <i>Pérola de Paula Sanfêlice</i> .....	323
Normas .....	329

# EDITORIAL



## EDITORIAL

Classica, 27, 2, 2014.

O segundo volume da *Clássica* de 2014 está dedicado a traduções. Embora siga com as sessões tradicionais de artigos e resenhas, contamos, nesse número, com o dossiê *Bíos*, organizado por Pedro Ipiranga Júnior da Universidade Federal do Paraná. A proposta do dossiê é inédita e relevante, pois visa apresentar e traduzir trechos de biografias da Antiguidade que ainda não tivessem sido vertidas para o português. Os leitores encontrarão, portanto, um material único ao lado de artigos inovadores e resenhas de publicações relevantes na área de estudos sobre a Antiguidade.

O volume se inicia com a sessão artigos e conta com quatro contribuições: Evandro Luis Salvador apresenta uma discussão sobre letramento na Grécia antiga; Fábio da Silva Fortes analisa o contraste do latim e grego na obra *De Constrvctione*, de Prisciano (séc. VI d.C); Leni Ribeiro Leite e Marihá Barbosa e Castro nos apresentam um balanço sobre o ensino de latim no Brasil e, por fim, Sidney Calheiros de Lima faz uma análise e tradução no *De finibus* de Cícero.

Com relação ao dossiê *Bíos*, organizado por Pedro Ipiranga Júnior, o texto de abertura é de Kátia Pozzer, no qual interpreta e traduz do acádico alguns excertos do rei assírio Assurbanipal, datados de 668 a 627 a.C. A seguir o próprio organizador apresenta um texto de sua autoria que visa uma introdução geral ao tema da biografia na Antiguidade, considerando a formação do gênero e as variadas categorizações feitas por especialistas na área. O terceiro artigo, de autoria de Gabriela Guimarães Gazzinelli, versa sobre A Vida de Eurípides de Sátiro, enquanto o trabalho assinado por Mary de Camargo Neves Lafer nos apresenta a autobiografia de Nicolau de Damasco.

Na sequência, Sandra da Rocha discute a vida de Augusto, enquanto César Motta Rios traduz e discute fragmentos de Artápano. Maria Aparecida de Oliveira Silva, por sua vez, introduz uma leitura de Plutarco em busca de vidas de mulheres, já Marcos Martinhos e Artur Costrino tratam de *De Grammaticis et Rhetoribus* de Suetônio: Martinho foca especificamente da primeira parte *Dos gramáticos*, enquanto Costrino se encarrega da segunda parte, *Dos retores*. Encerrando o dossiê temos duas contribuições que tratam de um gênero híbrido que mescla biografia e romance. Christian Werner e Luiz Guilherme Couto Pereira traduzem *Vida Herodoteana de Homero e Adriane da Silva Duarte*, em parceria com Ipiranga Júnior, comentam e traduzem As resenhas G e W da *Vida de Esopo*.

Como não poderia faltar, esse número conta, ainda, com duas resenhas: a primeira de Héctor Benoit sobre a obra *O pensamento mítico no horizonte de Platão* de JAA Torrano e a segunda de Pérola Sanfelice, que analisa a obra *Desnudo y Cultura: La Construcción del Cuerpo en los mosaicos romanos*, organizada por Luz Neira, da Universidade Carlos III de Madri.

Por fim, cabe ressaltar que esse é o último volume que organizo como editora da *Classica*. Durante quatro anos (dois como presidente do Conselho Editorial e dois como Editora) coordenei um trabalho, iniciado na gestão de Gabriele Cornelli (2012-2013), que visava a renovação da *Classica* e sua inserção no sistema SEER tornando-a, também, periódico *on line*. Coordenar um projeto como esse, com tantos desafios foi, para mim, um importante aprendizado e tenho certeza que seus resultados positivos só foram possíveis devido ao apoio incondicional que tive dos colegas que compõem o Conselho Editorial da SBEC, de todos aqueles que estiveram na diretoria da SBEC desde 2011, quando começamos a esboçar esse trabalho, e da editora Annablume. A todos e todas sou muito grata e me despeço-me, com alegria, desejando um bom trabalho à nova equipe!

Renata Senna Garraffoni  
Editora.



# ARTIGOS



## REVISITANDO A TESE DO LETRAMENTO: HISTÓRIA E CONTRAPONTOS<sup>1</sup>

Evandro Luis Salvador\*

1. Este artigo originou-se de parte de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no Departamento de Linguística da Universidade Estadual Paulista-UNESP, campus de Araraquara.

\* Departamento de Linguística-Unesp/FCLAr

**RESUMO:** a proposta deste artigo é trazer à tona os aspectos centrais da tese do letramento na Grécia antiga e fazer um contraponto a partir de dois artigos de Halverson. Para isso, fazemos um breve percurso histórico-literário com o intuito de configurar a condição que permitiu o surgimento de uma teoria sobre o letramento na Grécia antiga. Trazemos, então, os principais teóricos dessa tese, mostrando seus argumentos, para depois confrontá-la com um ferrenho adversário (Halverson), que não tem tido muito espaço de discussão nos mais recentes artigos e livros sobre as atividades de leitura e escrita na Grécia antiga.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade; letramento; Havelock; Goody; Halverson.

## REVISITING THE LITERACY THESIS: HISTORY AND COUNTERPOINTS

**ABSTRACT:** This paper brings out key aspects of the literacy thesis in ancient Greece to offer a counterpoint based on two articles by Halverson. It first presents a historical-literary overview to highlight the condition that allowed the emergence of the literacy theory in ancient Greece. The main theoreticians of the thesis are reviewed to point out their arguments. Finally, such arguments are compared to the standpoint of Halverson, whose work has been disregarded in this discussion.

**KEY-WORDS:** Orality; literacy; Havelock; Goody; Halverson.

## 1. INTRODUÇÃO: ESBOÇO DE UM QUADRO HISTÓRICO

Pode parecer estranho para as sociedades ocidentais, imersas automaticamente e progressivamente num panorama de intenso letramento, discutir as aquisições da escrita e da leitura (não necessariamente nessa ordem) nas sociedades antigas, sobretudo a “sociedade grega”, que por muito tempo teve como meio único de veiculação da poesia a palavra falada e cantada, donde, por essa característica fundamental, chamamos de sociedades de cultura oral ou culturas ágrafas. O nosso letramento é tão intenso que não nos parece sensato pensar que outras sociedades tenham conseguido se desenvolver sem o mínimo contato com as atividades de escrita e leitura, em cujas dimensões depositamos nossos saberes e os saberes daqueles que nos sucederão.

No caso das culturas antigas e, mais especificamente, da cultura grega, sem com isso querer me enveredar para uma discussão ideológica de unidade política e educacional, por longo tempo o desenvolvimento social e educativo dessas civilizações esteve alicerçado na ausência completa de práticas modernas de letramento, o que significa dizer que prescindiam da escrita e da leitura. Mesmo aquelas sociedades que não tiveram uma descontinuidade abrupta a ponto de terem de pensar num recomeço, inclusive tendo de adotar um outro modelo alfabético, escrita e leitura sequer estavam em seu horizonte. No caso da Grécia, tivemos um “redescobrimto” até certo ponto, e é a partir dele que a tese do letramento surgiu e ganhou força. Necessitamos fazer uma breve digressão para contextualizar o porquê dessa discussão do letramento aplicada à Grécia antiga.

No século XIX, o alemão Heinrich Schliemann descobriu os sítios arqueológicos de Troia e Micenas usando como único “mapa” os poemas homéricos. Os dados arqueológicos coletados apontavam para uma conexão real entre vários aspectos contidos nas obras homéricas e o que os arqueólogos encontravam nesses sítios. Desde então, a partir dos achados arqueológicos de Micenas e também de outras cidades importantes, como Creta, Cnossos, Pilos, Atenas etc. e, com as intensas pesquisas que se seguiram,

um novo olhar foi direcionado para os gregos porque, até então, conhecia-se a história grega de Homero (século VIII a. C.) em diante.

Mas o século em que Homero<sup>2</sup> viveu diferia muito daquele mundo descrito em seus poemas. A civilização descrita nos poemas homéricos, que se convencionou chamar de micênica porque Micenas era o centro do poder, floresceu no século XVI e morreu no século XII.<sup>3</sup> A civilização micênica possuía uma escrita à mão silábica denominada Linear B, que foi usada apenas para registros da burocracia palaciana. Era, então, o primeiro sistema de escrita dos gregos.<sup>4</sup> Com as intensas invasões que se seguiram, não só no continente grego e em suas ilhas, como também no planalto da Anatólia, na Ásia, tudo foi destruído, devastado, queimado e uma época sombria se seguiu ao colapso dessa civilização.

Do século XI ao século IX nada temos de registro substancial porque aquela escrita palaciana, confiada a poucos serviçais do rei, desapareceu juntamente com a civilização que a sustentava. Mas no século VIII, um novo alfabeto foi criado a partir da adaptação do alfabeto fenício, “mas seu uso espalhou-se apenas gradualmente. Aparentemente não era usado para funções públicas até meados do século VII”.<sup>5</sup> De acordo com Robb (1994: 21):

The history of Greek literacy commences with some scraps of alphabetic writing that are securely dated to no earlier than the eighth century before Christ. It culminates, or at least reaches a significant plateau, in mid-fourth-century Athens when the city’s major cultural institutions, notably the courts and formal education, have grown dependent on alphabetic literacy for their daily functioning. At either end of the long chronological spectrum—a span of 400 years—the facts have now emerged into reasonably clear light.<sup>6</sup>

Portanto, pelo que foi dito nesse breve resumo, percebe-se que a escrita Linear B dos micênicos estava confinada a poucos e que houve uma brutal descontinuidade desse sistema porque já não era mais o mesmo alfabeto que apareceu no século VIII. Então, já naquela época, a única plataforma de expressão da língua era fundamentalmente

2. A questão da existência de um único poeta compositor dos dois maiores poemas épicos da literatura ocidental é controversa. A existência de Homero também é posta em dúvida. Para nossa pesquisa, essa discussão não é nem um pouco relevante. Sabe-se que até o século VI a. C. os poemas eram veiculados oralmente e somente naquele século foram confiados à escrita. Obviamente, seu registro escrito não foi súbito e célere.

3. As datações são sempre aproximadas porque nos faltam registros mais fidedignos. O recuo temporal é muito grande e isso dificulta datações exatas. Portanto, há sempre margens de erro sugeridas.

4. As tábuas da Linear B foram encontradas em vários centros dessa civilização no século XIX, mas foram decifradas primeiramente por M. Ventris em 1952.

5. Thomas (2005: 17).

6. “A história do letramento grego começa com alguns rabiscos de escrita alfabética que são seguramente datadas não antes do oitavo século antes de Cristo. Ele culmina, ou ao menos alcança um patamar significante, na Atenas da metade do quarto século, quando as principais instituições culturais da cidade, notadamente os tribunais e a educação formal, tornaram-se dependentes do letramento alfabético para funcionarem diariamente. No fim de

um longo espectro  
cronológico – um arco de  
400 anos – os fatos  
surgem agora em uma  
razoável nitidez.” A  
tradução é nossa.

7. Thomas (2005: 3).

8. Havelock (1994: 295).

oral: ouvia-se e falava-se e nada mais do que isso. E toda poesia e/ou expressão cultural era transmitida pela palavra falada. Junte-se a isso o fato de que a escrita e a leitura se espalharam gradualmente (e não necessariamente caminharam conjuntamente desde o princípio) pela cultura grega até preponderarem na metade do quarto século antes de Cristo. Portanto, temos um lapso temporal de aproximadamente 400 anos em que a Grécia deixa de ser iletrada no sentido mais amplo da palavra e torna-se uma cultura apoiada nas palavras lidas e escritas.

Rosalind Thomas (2005), uma das grandes estudiosas do assunto, considera que “a Grécia era, em muitos aspectos, uma sociedade oral, na qual a palavra escrita vinha em segundo plano em relação à palavra falada. Ouvia-se e falava-se – em vez de escrever e ler – muito mais do que podemos imaginar”.<sup>7</sup> As práticas políticas nas assembleias e nos tribunais e os festivais culturais se apoiavam exclusivamente na palavra falada.

Entretanto, a ideia de que a plataforma escrita criou uma interface, uma espécie de zona cinzenta, com a plataforma oral, soa bastante instigante porque a passagem da oralidade para o letramento não é brusca e nem súbita. Os textos gregos dessa época podem fornecer indícios interessantes nesse sentido. É o que pensa, por exemplo, Havelock, quando diz que a tragédia grega do fim do século V a. C. e, sobretudo, a tragédia eurípidiana, era composta “num estado de tensão fisiológica contínua entre os modos de comunicação oral e escrito”.<sup>8</sup>

O forte intelectualismo presente nas obras de Eurípides é um aspecto que Havelock (1994: 297) levanta como um sintoma da “revolução silenciosa”, representada pela crescente influência da palavra escrita. O novo vocabulário empregado por Eurípides marcaria um novo estágio linguístico: a redefinição da palavra em termos abstratos, o que pressuporia um distanciamento entre língua e fala numa atividade em que a consciência se volta cada vez mais para o exame analítico da linguagem. E somente o registro escrito da língua propicia tal procedimento intelectualivo. Knox (1996: 371) caminha nesse mesmo sentido, embora não ateste formalmente seu alinhamento em relação à proposta de Havelock, argumentando que

Eurípides se apoiava no uso de verbos compostos à base de preposições,<sup>9</sup> pois a precisão que eles tinham permitia a Eurípides fazer distinções lógicas e diferenciações psicológicas sutis.

Essa é a tese central, ao que me parece, dos adeptos das modificações cognitivas empreendidas pela cultura da alfabetização progressiva e substitutiva da cultura oral nos séculos seguintes. Contudo, há poucos registros dessas atividades de letramento na Grécia antiga. Muitos argumentos foram aduzidos a partir da iconografia e de passagens de alguns dramas que faziam referência, em imagem ou não, de atividades relacionadas à leitura e escrita. Esses argumentos formaram um arcabouço teórico de caráter indutivo a partir de estudos sobre as comunidades ágrafas modernas que se tornaram progressivamente letradas após um processo contínuo de submissão aos paradigmas de letramento das sociedades letradas, ou seja, comunidades sem experiência de leitura e escrita tornaram-se letradas após a imersão nas práticas de letramento e os “avanços” observados no plano linguístico-cognitivo serviram como base teórica para se compreender não somente o processo do letramento em si mesmo, mas para recuá-lo e circunscrevê-lo às sociedades antigas, notadamente a Grécia.

9. Tais como ὑποτίθημι (sugiro), ἀνακάλυπτο (revelo), μεταγράφω (reescrevo), ἐπιγυμνέω (caso em segundas núpcias).

10. Texto editado por Herbert W. Smith de 1926, e extraído do site *Perseus Digital Library*. As citações seguintes foram extraídas do mesmo site

11. Todas as traduções são de minha autoria.

## 2. REFERÊNCIAS NOS DRAMAS

Na tragédia *As Suplicantes* (463 a. C.), de Ésquilo, aparece uma referência à escrita nos versos 946-7, quando o rei replica ao arauto que as leis da hospitalidade são amplamente conhecidas por difusão tradicionalmente oral, quer dizer, não necessitam de expressão formal, no caso, com o auxílio da escrita:

ταῦτ' οὐ πίναξίν ἐστιν ἐγγεγραμμένα  
οὐδ' ἐν πτυχῶν βίβλων κατεσφραγισμένα<sup>10</sup>

Tais coisas não estão registradas em tabuinhas  
*nem confinadas aos rolos de papiro.*<sup>11</sup>

No *Hipólito* (428 a. C.), de Eurípides, aparece outra referência à escrita e envolve dois aspectos centrais do

letramento: a leitura e a escrita, pois Fedra havia deixado em registro escrito uma mensagem a Teseu que, evidentemente, detinha a capacidade de leitura. Há, portanto, uma espécie de alfabetização de ambos os personagens nesse contexto específico. Vejamos os versos 856-9:

12. Texto editado por  
David Kovacs.

13. Texto editado por  
Hall e Geldart de 1907.

τί δῆ ποθ' ἦδε δέλτος ἐκ φίλης χερὸς  
ἠρτημένη; θέλει τι σημῆναι νέον;  
ἀλλ' ἦ λέχους μοι καὶ τέκνων ἐπιστολὰς  
ἔγραψεν ἡ δύστηνος, ἐξαίτουμένη;<sup>12</sup>

O que significa esta tabuleta que na mão querida  
está aparecendo? Algo novo quer sinalizar?  
Mas será que sobre nosso casamento e sobre os filhos  
A infeliz, implorando, registrou uma mensagem?

Outro registro de uma atividade ligada ao letramento aparece na comédia *As Rãs* (405 a. C.), mas, desta vez, é a primeira referência a um leitor solitário, pois o deus Dioniso estivera lendo certa tragédia:

καὶ δητ' ἐπὶ τῆς νεῶς ἀναγιγνώσκοντί μοι  
τὴν Ἀνδρομέδαν πρὸς ἑμαυτὸν (...) <sup>13</sup>

E, então, sobre a nau, enquanto estava lendo  
*A Andrômeda para mim mesmo* (...)

Esses são alguns exemplos extraídos de um gênero específico da literatura grega que nos permite entender que havia um percurso prático de leitura e escrita mais ou menos consolidado. Se analisarmos linearmente o registro dessas ações que envolvem alguma forma de letramento, quer de leitura, quer de escrita, veremos uma evolução nas práticas de letramento.

Na tragédia de Ésquilo, datada de 463 a. C., a menção ao registro escrito feito em determinados materiais nos permite entender que tal prática existia, mas as leis tradicionais, sobretudo as religiosas, não precisavam de registro escrito por estarem fixadas na memória coletiva. Na tragédia de Eurípides, de 428 a. C., a prática de letramento contempla seus dois principais pilares, a escrita e a leitura, e temos uma espécie de comunidade letrada:



Fedra detém o domínio da escrita e Teseu é proficiente na leitura. Um estágio mais avançado de letramento é registrado no drama de Aristófanes, de 405 a. C.: a leitura solitária pressupõe uma prática bastante profunda e arraigada de letramento. No entanto, poderíamos perguntar se Dioniso estava lendo a *Andrômeda*, de Eurípidés, em voz alta ou se praticava a leitura silenciosa.<sup>14</sup>

Quando esse processo começou ou que tipo de público teve acesso a ele não sabemos precisamente. Mas, considerando, pelas citações, que estava havendo uma evolução das práticas de leitura e escrita, que a plataforma de expressão da língua escrita conviveu durante algum tempo com a plataforma de expressão oral, criando uma interface ou zona cinzenta, até superá-la e tornar-se dominante, então, propõe Havelock, “com certeza devem achar-se nos textos das peças que nos restam provas que convenham a essa hipótese e a fundamentem”.<sup>15</sup>

### 3. A TESE DO LETRAMENTO: HISTÓRIA E IMPLICAÇÕES

A *literacy thesis* “surge” em 1963<sup>16</sup> com *Preface to Plato*, de E. Havelock, e com o artigo “The consequences of literacy”, de J. Goody e I. Watt. Ambas as publicações tentam demonstrar, ou melhor, advogar a tese da transformação mental ou dos efeitos cognitivos empreendidos pela alfabetização massiva nos séculos V e IV a. C. A importação do alfabeto fenício transformado em alfabeto silábico pelos gregos no século VIII a. C. e seu uso paulatino está no centro do que os autores mencionados chamam de um novo tipo de consciência. Para eles, a cultura oral representada por Homero e Hesíodo foi absolutamente ultrapassada e substituída, em três séculos ou mais, pelo pensamento lógico-analítico da linguagem (verificado na aparição de silogismos, operações formais da linguagem, processos psicologizantes mais elevados etc.). No centro dessa mudança estão as atividades de escrita e leitura, quer dizer, ler e escrever passaram a substituir o ouvir e essas operações da língua pressupunham mudanças acústicas e cognitivas. Paulatinamente, diga-se de passagem.

14. Esse é o tema da obra *Phrasikleia* de Svenbro (1993). Enquanto Havelock concentra-se na aquisição da escrita na Grécia antiga, Svenbro lança luz à atividade de leitura que, segundo ele, é governada por um tipo de tensão violenta entre o escritor ausente e o leitor momentâneo. A passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa pressupõe um tipo de violência cognitiva porque escritor e leitor estão em planos distintos e a introdução do “eu” do escritor para o “eu” do leitor não se fez sem algum desconforto até à sua natural consolidação. Svenbro recupera, em parte, um artigo de Knox (1968) sobre a atividade de leitura na antiguidade.

15. Havelock (1994: 279).

16. A proximidade das publicações da obra de McLuhan (*Gutenberg Galaxy*, de 1962) e da obra de Havelock (*Preface to Plato*, de 1963) estimulam uma leitura conjunta por apresentarem muitos pontos de contato, principalmente a respeito dos efeitos da escrita fonética no âmbito cerebral, o que sem dúvida contribuiu para postular a teoria do “avanço” cognitivo relacionado à imersão no letramento progressivo. McLuhan se apoia numa série de estudos para, dentre outros aspectos, sublinhar a oposição entre o mundo mágico da audição e o mundo neutro da visão. Sobre a invenção da tecnologia de escrita fonética, ele diz o seguinte: “Se se introduz uma tecnologia

numa cultura, venha ela de fora, ou de dentro, isto é, seja ela adotada, ou inventada pela própria cultura, e se essa tecnologia der novo acento ou ascendência a um ou outro de nossos sentidos, altera-se a relação mútua entre todos eles. Não mais nos sentimos os mesmos, nem nossa vista e ouvido e demais sentidos permanecem os mesmos” (1972: 40). A relação próxima das ideias de McLuhan e Havelock é notada por Vieira (1992: 168). Por sua vez, a obra de McLuhan está na esteira da obra *The Singer of Tales* (1960), de Albert Lord, colaborador e continuador dos estudos iniciados por Milman Parry após sua morte. Percebe-se que há uma importante rede de conhecimento em torno do tema “oralidade e letramento” que vem sendo desenvolvida desde o início do século passado, pelo menos. Robb (1994: 3) recua ainda mais no tempo e sustenta que a dimensão oral da mentalidade grega antiga encontra seu fundador em Jevons (1886).

Vale lembrar que, por não termos tido, até então, evidências concretas, provas materiais de um letramento referente ao período clássico, a não ser testemunhos diretos e/ou indiretos de fontes literárias, as suposições aplicadas nesse período histórico relativamente remoto vieram de pesquisas acerca das atividades de letramento em sociedades orais recentes. Então, as mudanças cognitivas que essas sociedades orais obtiveram com a introdução de um letramento sistemático animaram os pesquisadores da tese do letramento para aplicá-la nas sociedades mais antigas por analogia, ou seja, não são provas materiais irrefutáveis.

Na cultura oral, a transmissão de um material poético se realiza pelo envolvimento de uma série de movimentos físico-acústicos. O instrumento musical que o acompanha deveria servir para acentuar ou acomodar grupos silábicos. E a música, em tese, conservaria os enunciados em unidades rítmicas regulares, facilitando o estoque mnemônico dos saberes culturais. Então é uma cultura fundamentada na memória e na transmissão oral da literatura.

Na cultura letrada, a palavra escrita ganha um novo campo visual e cognitivo. O registro de uma palavra permite que ela se redefina conceitual e acusticamente. A língua escrita permitiria que a linguagem, como um todo, percorresse caminhos até então desconhecidos. Essa nova experiência com a linguagem teria forçado o surgimento de uma nova mentalidade para alojar os avanços linguísticos. O registro escrito obedece a regras específicas, diferentemente do que ocorre na composição oral. A redação em prosa exige outro tipo de organização e, por isso, uma nova forma de pensamento. A organização do discurso escrito pressupõe uma análise mais séria, trabalha em níveis conceituais e abstratos, tem um vocabulário próprio, opõe termo a termo, distribui conceitos, permite a revisão etc.

Essa tese do letramento surgida em 1963 ganhou inúmeros adeptos e estudiosos de seus efeitos cognitivos nos séculos derradeiros da cultura helênica. Goody e Havelock influenciaram W. Ong, que escreveu *Orality and Literacy* (1982), Harvey Graff, que escreveu *The Labyrinths of Literacy* (1986) e *The Legacies of Literacy* (1987), Tony Lentz, que escreveu *Orality and Literacy in Hellenic Greece* (1989), Rosalind Thomas, que escreveu *Oral Tradition and Written*

*Record in Classical Athens* (1989), Svenbro, que escreveu *Phrasikleia* (1993), dentre outros autores, que escreveram artigos pontuais, como Bernard Knox (1968), David Olson (1986, 1989) e Werner Kelber (1983).

No entanto, muitos desses autores se preocuparam mais em determinar os limites temporais do fenômeno do letramento do que a ideia central da tese do letramento: que a cultura oral, representada, sobretudo, por Homero, teve certas características cognitivas específicas que foram não só substituídas, mas solapadas pelo letramento alfabético, que transformou aquela antiga cultura em uma cultura caracterizada por novos modos de pensamento e inteligência, tais como a abstração, os silogismos e os enunciados propositivos. Evidentemente, esses aspectos linguísticos são encontrados, sobretudo, nas disciplinas científicas e na filosofia grega.

Acontece que, em 1992, John Halverson empreendeu uma verdadeira tentativa de implodir esse sistema teórico por completo. Em apenas dois artigos, ele recupera as teses de Havelock e Goody e mostra as deficiências dos respectivos trabalhos no que toca à natureza da cultura oral e os efeitos transformativos do letramento alfabético. Para o professor da Universidade da Califórnia, essa tese nada mais é do que “*trust*”, ou seja, uma crença. Neste ponto a crítica de Halverson causa um desconforto intelectual, se o vocábulo tiver o sentido religioso que o contorna, porque desmerece um empreendimento teórico original e sério ao lançar toda a produção acadêmica de importantes estudiosos no âmbito da fé, como se destituída de bases sólidas e se configurasse apenas e tão-somente como um modelo assentado em base religiosa, criador de uma poderosa rede de confrades a defender as mudanças provocadas na antiguidade grega pelo avanço das práticas letradas. Halverson sabe que não se trata disso e a forma virulenta com que combate algumas ideias demonstra que o tema é de extrema relevância, pois ele não teria ocupado um espaço nos meios acadêmico-científicos se se tratasse de um empreendimento teórico frágil em seus fundamentos. Então, para ficar nessa seara religiosa, diria que Halverson peca em sua generalização. Vou me reportar apenas a alguns tópicos de contestação que recaem sobre os mais proeminentes expoentes da tese do letramento e, para

isso, recorrerei a exposições bem sumárias dos argumentos dos defensores daquela tese. Na medida do possível, tentaremos contribuir, de alguma forma, com o debate.

Para Havelock, as sociedades não-letradas, ou seja, de cultura ágrafa, vêem a literatura oral como uma forma de preservar o conhecimento coletivo de uma comunidade e transmiti-lo de geração em geração única e exclusivamente através da tecnologia de comunicação verbal. Então, para essas sociedades, a função é preservar o que foi criado e os poemas homéricos são um exemplo basilar desse sistema de preservação. O que importa é que o dado está lá e ele precisa ser preservado para ser transmitido adiante. Um desdobramento dessa visão é que para se ensinar essa tradição literária composta de conhecimentos éticos, culturais, religiosos etc. e, além disso, para que essa tradição literária tenha sucesso ao longo das gerações, é necessário o suporte de um veículo de expressão que acomode todo esse conteúdo memorizável. Temos, então, os enunciados poéticos, fundamentados na métrica e no ritmo, através do hexâmetro dactílico, das fórmulas, dos nome-epítetos, da predominância de verbos de ação e de nomes concretos. A obra de Homero, de acordo com Havelock, assenta-se na sintaxe performativa. Além dos nomes-epítetos, há a predominância de fórmulas: grupo de palavras que são empregadas com certa frequência, localizado num segmento específico do hexâmetro e portador de um significado determinado.<sup>17</sup>

17. Em 1928, M. Parry publicou a tese *L'épithète traditionnelle dans Homère* e, nos primeiros anos da década de 30, ele deu seqüência àquela tese defendida na França, estudando a poesia dos bardos iugoslavos e extraindo desse sistema os princípios de composição que também são encontrados na poesia de Homero. A originalidade de sua análise acerca do método de composição dos poemas homéricos lançou um novo olhar sobre a poesia épica grega.

A obra *The making of homeric verse* (1971), edita por seu filho Adam Parry, reúne artigos que exploram os vários aspectos da composição homérica. Para um recorte temático específico (epítetos e fórmulas), ver Pereira (1984) e Vieira (1992).

Os poemas homéricos repetem frequentemente epítetos e até versos inteiros porque eram obra de improvisação oral, que necessariamente tem de ter pontos de apoio e frases armazenadas, proporcionando ao aedo uma margem de tempo segura para compor o verso seguinte enquanto um verso é cantado. Essa é a tese de Milman Parry, que estudou a poesia dos bardos iugoslavos para aplicá-la na poesia homérica. Havelock adota tal ideia, mas difere dela no seguinte ponto: improvisação. Enquanto que para Parry a obra de Homero é o resultado de improvisações do poeta, para Havelock a obra é resultado da memorização das fórmulas que ajudariam a compor e a formatar o poema de modo que, repetido e aprimorado, constituíram-se num todo acabado tal como nós o conhecemos.

O primeiro pólo da teoria do letramento formulada por Havelock passa, então, pela compreensão do significado do gênero épico. Halverson, contudo, vai atacar sistematicamente esta concepção Havelockiana da “mentalidade oral”. Em primeiro lugar, escreve ele, “there is a paradox, which Havelock clearly understands and acknowledges, in fact that the epics we know are literary texts”<sup>18</sup> (1992: 152). Halverson (1992: 152) indaga, em segundo lugar: “How can we possibly know that Homer’s vision included ‘total acceptance of the mores of society’ he described or that he ‘profoundly accepts this society, not by personal choice but because of his functional role as its recorder and preserver’?”<sup>19</sup> Para ele, tudo está envolto numa aura de incertezas de modo que toda essa teoria não passa de inferência pura: não sabemos quem foi Homero ou o que ele fez e por quê. Além do mais, conhecemos Homero já em sua forma literária, ou seja, registrada pela escrita. Nesse ponto tendo a concordar com Halverson, pois o conceito de autoria na literatura antiga é bastante caro. Sabemos que o processo de transmissão dos textos antigos até chegarem ao seu consumidor final passou por uma série de problemas e um deles é bastante crítico: o filtro. Muito do que se sabe a respeito do que se convencionou denominar filósofos pré-socráticos vem da doxografia. Os textos trágicos comumente apresentam divergências de lições e interpolações. Há um tipo de “contaminação” que não nos habilita a cravar um domínio do autor sobre a sua suposta obra. E a obra de Homero é um exemplo disso: discute-se se ela é a criação de um único autor ou se foi composta pelo trabalho de múltiplos aedos. Isso não tira a beleza e magnitude da obra, mas fortalece as ressalvas quanto à aplicação de alguns aspectos da tese do letramento no caso de textos cujas noções de unidade e autoria são inconsistentes e precárias.

Para Havelock, o advento da escrita ou do letramento alfabético mudaria completamente o sistema da cultura oral. A sintaxe performativa, baseada em princípios acústicos, é abandonada porque o estoque de informações pode ser registrado de modo que não é necessário mais um trabalho de memorização, libertando a linguagem para caminhar em outras direções, particularmente na da elaboração de uma

18. Halverson (1992: 152). “Há um paradoxo que Havelock claramente compreende e reconhece no fato de que os épicos que nós conhecemos são textos literários”. A tradução é nossa.

19. “Como é possível sabermos que a visão de Homero incluía a aceitação total dos costumes da sociedade que ele descrevia ou que ele profundamente aceita essa sociedade não por escolha pessoal, mas por causa de seu papel funcional enquanto registrador e preservador?” A tradução é nossa.

20. Remeto à leitura do capítulo VII (Do mito à razão) do livro *Mito e Pensamento entre os gregos*, de J.-P. Vernant (1973).

21. Halverson (1992:160). “Se a análise de Havelock da ‘oralidade primária’ não convence e se a literatura oral nem teve a função ou a forma que ele a atribui, ele não é mais convincente em sua explicação da grande transformação do pensamento que ocorreu na Grécia clássica”. A tradução é nossa.

sintaxe propositiva, apoiada na substantivação de participípios.<sup>20</sup>

O mero registro escrito de um texto permite ao leitor refletir sobre a maneira como ele foi organizado. Desse modo, o leitor pode dividir o que está escrito em categorias, tópicos, analisá-lo mentalmente e sistematizá-lo logicamente. O discurso lógico exige, através da escrita e leitura, um vocabulário que seja, ao mesmo tempo, claro e seguro; a escrita exige que o emprego das palavras seja bem definido, assim como seu significado. Parte-se, assim, do princípio de que as palavras são o instrumento do pensamento e de que o pensamento se exerce sobre as coisas por mais distantes, abstratas e complexas que elas sejam. Num ambiente oral ou sob condições acústicas (metro e ritmo e música e performance etc.) esse procedimento torna-se inviável.

A literatura ou cultura oral, mítica, por sua forma métrica, rítmica e musical provoca na audiência um processo de comunhão e encantamento estético que operam em outro nível cognitivo dado seu veículo próprio de expressão: a palavra alada e a música. A passagem do discurso mítico para o discurso lógico, de acordo com Havelock, representou uma revolução psicológica, cognitiva e epistemológica muito sentida na cultura grega dos fins do século V a. C. em diante. A nova prosa representa, então, um novo estágio de evolução mental como produto do letramento alfabético.

Para Halverson, a análise de Havelock tem problemas estruturais graves:

if Havelock's analysis of 'primary orality' is unconvincing and if oral literature had neither the function nor the form he attributes to it, he is no more convincing in his account of the great transformation of thought that took place in classical Greece.<sup>21</sup>

O problema de Havelock, segundo Halverson, é querer fazer derivar todo um sistema de pensamento abstrato, analítico e silogístico exclusivamente a partir do advento da linguagem escrita, como se ela, por si só, tivesse criado esse sistema de pensamento. Em outras palavras: a abstração é domínio exclusivo da escrita.

Nessa perspectiva, posso acrescentar aos argumentos de Halverson uma passagem do canto VI (vv. 139-149) da *Odisseia* de Homero, que narra o momento em que Odisseu, após chegar à terra dos Feácios, exaurido por uma viagem marítima extremamente atribulada, estando sujo de salsugem, areia e nu, porque perdera as vestes, encontra-se com a bela filha do rei Alcínoo. A situação do herói é lastimável e ele precisa urgentemente de auxílio para resolver sua situação de penúria imediata e conseguir um meio de voltar para casa.

Ao chegar o momento de se aproximar da donzela, ele delibera consigo mesmo se faria o gesto concreto de suplicação, abraçando-lhe os joelhos, ou se se manteria à distância para não melindrar e afugentar a moça, mas fazendo uma menção à suplicação. E ele opta pela segunda alternativa, ou seja, ele rompe a concretude do vocabulário homérico porque o ato de suplicar acompanha gestos específicos.<sup>22</sup> E Nausícaa, a bela filha do rei, compreende o gesto abstrato de Odisseu, quer dizer, ela partilha de um conhecimento do significado daquilo que não é concreto e, portanto, abstrato. Trata-se do mesmo idioma transmitindo uma mensagem de modo diferente. E então ela acede ao pedido do herói. Portanto, estamos falando da épica, de uma cultura não letrada, em que concreto e abstrato estão embutidos no mesmo idioma. Portanto, não se trata de dar razão a Halverson apenas, mas de levantar um problema sério quando se tenta segmentar dois contextos como se fossem inconciliáveis.

Além de ser uma assombrosa falácia, continua Halverson, a idéia de que o letramento tenha significado uma incontestada mudança no plano mental ao permitir que o leitor se voltasse analiticamente para o registro de algo escrito é uma falsa conclusão, pois:

(...) it is quite possible to reflect in the same way on a oral presentation – to mull it over, organizing or reorganizing it in memory, asking ourselves what the speaker was getting at, and topicalizing our answers. It is not only possible but an ordinary fact of auditory life when we think over a conversation, speech or lecture we have heard<sup>23</sup>

22 Oliveira (2006: 66-7).

23. Halverson (1992: 160). “É completamente possível refletir do mesmo modo em uma apresentação oral – ponderar, organizar e reorganizá-la na memória, nos perguntando o que o orador estava querendo e organizando em tópicos as nossas respostas. Isso não somente é possível mas uma ocorrência habitual na vida de ouvinte, quando nós refletimos sobre uma conversa, discurso ou conferência que nós ouvimos”. A tradução é nossa.

24. A remissão ao capítulo VII (Do mito à razão) do livro de Vernant é novamente oportuna, pois ele traz as contribuições de Cornford (*From religion to philosophy e Principiu Sapientiae: the origins of greek philosophical thought*) acerca do desenvolvimento de um pensamento abstrato e positivo na Grécia antiga a partir de uma estrutura mítica.

Da mesma forma, a sintaxe proposicional, típica da prosa, também tem seu embrião na sintaxe performativa de Homero, donde se segue que se a prosa encontrou seu caminho dentro de um sistema de escrita é bem plausível que ela tenha derivado de uma reflexão e aprimoramento de um discurso poético, nomeadamente Homero e sua épica, na medida em que não se trata de desconstrução, mas aprimoramento e evolução.<sup>24</sup> Os mecanismos são diferentes por causa da essência peculiar a cada meio de expressão da linguagem, mas para que haja uma transição é necessário que alguns elementos sejam coincidentes em alguns aspectos. Do contrário, teríamos uma interrupção brutal.

Halverson, em outro artigo, ataca sistematicamente os argumentos e concepções de Goody que, por sua vez, partilha de muitos argumentos e concepções de Havelock. Ambos, de forma independente ou não, lançaram as bases da *literacy thesis*. A diferença entre ambos, de acordo com Halverson, é que Havelock é dogmático porque não altera seus argumentos em hipótese alguma e vê o letramento como causa determinante dos novos processos e operações cognitivas enquanto Goody, por ser mais receptivo às críticas, revê e reformula suas teorias, e, ao invés de ver o letramento como causa de um novo modo de pensar, ele utiliza termos mais cautelosos.

Os principais argumentos extraídos de Goody & Watt (1963) são os seguintes: nas sociedades ágrafas, ou seja, dependentes exclusivamente de uma cultura oralizante, o conhecimento é mantido, é armazenado, é estabilizado internamente, de modo que pouca coisa está sujeita à modificação e revisão, enquanto que nas sociedades letradas o registro escrito favorece permanentemente o processo de revisão e, daí, o processo de inquirição do conhecimento produzido e registrado. Havelock (1994: 277-8) tem essa mesma impressão quanto ao drama:

A assistência a que os dramas se dirigiam, e que correspondiam ao povo em geral, estava a tornar-se crescentemente letrada, com o passar do século. A comunicação importante podia ser congelada na escrita, lida, relida e evocada, em vez de plantar-se na memória oral. Pela lógica desse avanço, o que se pode chamar de oralidade da tragédia grega estava destinada a sofrer erosão. O propósito didático central havia de enfraquecer-se, na medida em que a



cultura vinha cada vez mais a apoiar-se em formas escritas de comunicação estocada, disponível para reutilização.

Assim, aqueles que dominavam a atividade de escrita se voltavam para um exame do que até então se configurou como uma enciclopédia de conhecimento cultural e, com isso, aplicaram um manejo próprio em relação à tradição de modo a expressar posicionamentos particulares. Nessa esteira, não somente há interpretações e invenções, mas surge certo ceticismo quanto ao que se produziu, a ponto de se desaprovar o passado tradicional construído por Homero e Hesíodo. Essa inquirição exige procedimentos formais e lógicos que só são possíveis utilizando termos abstratos que, por sua vez, foram forjados num ambiente de intenso letramento, ou seja, esses novos processos formais do pensamento lógico dependem, exclusivamente, da atividade de escrita.

Sobre o ceticismo, a inquirição e, de certa forma, a negação do que veio antes, sobretudo quando se trata do que fora fornecido pela transmissão oral, Halverson lembra que

(...) Herodotus and Thucydides found nothing to object to in Homer. Thucydides suspected that Homer might have exaggerated sometimes just because he was a poet (I.10), but both historians accept Homer's account of the Trojan War as basically factual. Their scepticism, which was considerable, was reserved mainly for their oral sources. And it was oral sources that provided the great bulk of the material they recorded; they made little attempt to study documents even when these were available. But the historical subject for both writers was events of the recent past, which for the most part had not been recorded in writing anyway. It is, therefore, quite clear that the historical inquiries of Herodotus and Thucydides did not depend on, or arise in response to, permanent written records, nor was their scepticism a result of analyzing documents.<sup>25</sup>

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese do letramento postula que há condições específicas das atividades intelectivas e cognitivas que dependeram da aquisição de uma cultura letrada e não importa se a leitura veio antes da escrita ou vice-versa. O

25. Halverson (1992: 303). “Heródoto e Tucídides não encontraram nenhuma objeção em relação a Homero. Tucídides suspeitava que Homero poderia ter exagerado em algumas ocasiões precisamente por ser um poeta, mas os dois historiadores aceitam as explicações de Homero sobre a guerra de Troia como basicamente factual. O ceticismo deles, que era considerável, estava circunscrito principalmente às suas fontes orais. E eram tais fontes orais que forneciam o grande volume de material que eles registravam. E eles fizeram poucas tentativas de estudar documentos mesmo quando estes estavam disponíveis. Mas o tema histórico de ambos os escritores era eventos de um passado recente que, em grande parte, não foram registrados pela escrita de maneira alguma. Portanto, está bastante claro que a inquirição histórica de Heródoto e Tucídides não dependeram ou surgiram como respostas a registros escritos permanentes nem o ceticismo deles era fruto de uma análise de documentos”. A tradução é nossa.

argumento central é que a escrita proporcionada pela aquisição do letramento alfabético impulsionou certas atividades racionais através do escrutínio, exame, inquirição, análise de um texto escrito, pois uma vez liberto da condição do *memory storage* (estoque de memória, digamos assim), podia-se “estudar” um texto estático, abrindo uma larga via por onde as abstrações, as generalizações, os silogismos, as **detecções de contradições e incongruências**<sup>26</sup> etc. passariam a ser atividades frequentes.

26. Grifo nosso.

27. “Não está claro, então, que a percepção de anomalias no discurso é significativamente aprimorada pela escrita – embora a sua verificação o seja indubitavelmente. Nem é evidente que os processos de formalização são estratégias relevantes em qualquer modo. Ou que comparações são formalmente distintas. Mais uma vez: processos e métodos cognitivos não parecem ser afetados pela escrita”. A tradução é nossa.

Parece, então, que temos uma etiologia das inconsistências do discurso – a sua forma escrita – que só aparecem nas sociedades letradas, como se um discurso oral não contivesse contradições ou inconsistências porque dependente do *memory storage*. As ambiguidades e contradições estão presentes em qualquer forma de discurso, oral ou escrito, e isso não tem a menor importância. Portanto, de acordo com Halverson (1992: 307)

It is not clear, then, that the perception of anomalies in discourse is significantly enhanced by writing - though their verification undoubtedly is. Nor is it evident that formalization procedures are relevant strategies in either mode; or that comparisons are modally distinctive. Once again, cognitive structures and processes seem to be unaffected by writing<sup>27</sup>

Ainda mais incisivo é Halverson quando se trata de desconstruir o argumento de que o silogismo necessita de abstração e essa condição essencial do pensamento lógico só se torna possível no âmbito de uma cultura letrada. Isso significaria dizer que uma cultura oral não teria capacidade satisfatória de operar no nível abstrato. Abordamos, mais ou menos, esse ponto anteriormente, falando de Havelock. Halverson (1992: 304) sustenta que

Of course some words are more abstract than others, and no doubt a literate tradition generally has more such words than an oral one, but that is not the argument presented - nor should it be, for syllogisms do not require an abstract vocabulary. It is also difficult to believe that in oral societies words cannot be conceived as separate entities. Perhaps people in such societies are less word-conscious, but they can use words in isolation. (...) It must also be asked in what way writing enhances word-consciousness, especially when

most early writing, particularly Greek, did not separate words in the first place. What kind of independent life do written words have? True, much Greek thought was concerned with word meanings, but are we to suppose that no-one before Socrates ever asked the meaning of a word?<sup>28</sup>

O arcabouço teórico da tese do letramento é, evidentemente, mais amplo e percorre uma série de documentos históricos importantes no processo que se inicia com Homero e Hesíodo, representantes seminais da cultura oral, não-letrada, e culmina com a cultura fundamentalmente letrada dos fins do século V a.C. e invade o século seguinte com Platão, Aristóteles e os oradores atenienses. No meio do caminho há os filósofos jônicos, os historiadores e os tratados de medicina. Cada teórico da tese do letramento apropria-se em maior ou menor grau de aspectos dessa tese para aplicá-los em suas empresas pessoais. Portanto, não somente as fontes são vastas, mas o que se produziu sobre elas a partir daquela tese contém uma vastidão interminável.

Pelas precedentes considerações, observamos que a *literacy thesis* não é somente complexa e bastante abrangente, mas é ainda uma tese em construção.

Além do mais, para recuperar Halverson (1992:163):

His theories of Homer and Homeric language - ingenious and provocative though they may be - do not hold up under scrutiny. Nor do his generalizations about the requirements for "preserved language" or the emancipatory effects of the alphabet. (...) Whether alphabetic literacy had any significant causal role in the history of cognitive development remains **an open question**.<sup>29</sup> The claim that it was the sole, principal, or sufficient cause for the evolution of logical, abstract modes of thinking is without foundation.<sup>30</sup>

Thomas (2005: 5) considera que "os estudiosos tendem a ver a Grécia como uma sociedade letrada ou como uma sociedade oral segundo seus próprios interesses e gostos pessoais" e vai além ao afirmar que

Dada a complexidade do letramento e a escassez de indícios antigos detalhados, tudo o que podemos dizer com alguma **plausibilidade** é que **provavelmente** mais pessoas podiam ler do

28. Grifo nosso. "É claro que algumas palavras são mais abstratas do que outras e não resta dúvida de que uma tradição letrada apresenta tais palavras em maior ocorrência do que uma tradição oral, mas este não é um argumento apresentado e nem deveria sê-lo, pois silogismos não exigem vocabulário abstrato. Também é difícil de acreditar que em sociedades orais palavras não podem ser concebidas como entidades separadas. Talvez a população em tais sociedades seja menos consciente em relação à palavra, mas ela pode usá-las de maneira isolada (...) Deve também ser questionado de que modo a escrita aprimora a consciência em torno da palavra, especialmente quando a escrita, em seus primórdios, particularmente os Gregos, não separava as palavras, em primeiro lugar. Que tipo de vida independente as palavras escritas apresentam? É verdade que muito do pensamento grego estava relacionado aos significados das palavras, mas devemos supor que ninguém antes de Sócrates jamais perguntou o significado de uma palavra?" A tradução é nossa.

29. Grifo nosso.

30. "Suas teorias sobre Homero e a linguagem homérica, embora possam ser engenhosas e provocativas, não aguentam um escrutínio. Nem suas generalizações sobre as exigências da 'língua conservada' ou os efeitos emancipatórios do

alfabeto. (...) Se o letramento alfabético teve qualquer papel causal significativo na história do desenvolvimento cognitivo permanece uma questão aberta. A reivindicação de que ele foi o único, principal ou causa suficiente para os modos abstrato e lógico de pensamento não tem fundamento". A tradução é nossa.

31. Grifos nossos.

32. Thomas (2005: 16).

que escrever; a capacidade de ler ou escrever mensagens muito simples, geralmente em maiúsculas, provavelmente não era rara; e em cidades como Atenas, onde havia uma profusão de documentos democráticos, a maioria dos cidadãos tinha alguma capacidade básica, e talvez<sup>31</sup> a 'alfabetização fonética' fosse bem disseminada; mas os textos escritos de poesia e prosa literária certamente tinham um público restrito à elite altamente educada e seus escreventes.<sup>32</sup>

Trouxemos essa discussão para mostrar o caráter profundamente complexo do tema, uma linha teórica bastante incerta e, por vezes, contraditória, apesar de interessante. Mais do que isso, tentamos contrapor as ideias centrais da tese do letramento na antiga Grécia com o intuito de fomentar a discussão, pois a voz dissonante que Halverson representa não tem tido qualquer respaldo no âmbito dessa profícua discussão, seja por negligência ou desconhecimento. Embora sua forma de criticar contenha infiltrações de violência e até certo rancor, como quando identifica uma questão de credo em relação ao edifício teórico de Havelock e demais proponentes da tese do letramento, sem dúvida uma generalização infundada e uma atitude que ele mesmo condena nos teóricos dessa tese, não resta dúvida de que suas objeções levantam aspectos cruciais para a sobrevivência da *literacy thesis*.

As tentativas de induções por analogia encontram um obstáculo sério e sólido nas ideias de Halverson. Ainda que uma teoria sólida seja construída, o lapso temporal que separa as experiências linguísticas é muito grande e não teremos como avaliar o alcance exato dessa teoria. Entretanto, o exercício da desconstrução e a tentativa de invalidar um edifício teórico plausível são tarefas mais fáceis do que a tarefa de propor um plano analítico que suporte a construção de um conhecimento acerca das atividades de leitura e escrita na antiga Grécia que funcionaram como molas propulsoras de um desenvolvimento cognitivo supostamente ocorrido em determinado contexto histórico. Mas, enquanto as ideias de Halverson não forem trazidas e incorporadas à discussão sobre tudo aquilo que teria envolvido o letramento na Grécia antiga, teremos apenas nichos especializados em construir e desconstruir uma pesquisa de extrema relevância para os estudos linguísticos no âmbito da cultura grega antiga. A relevância desse estudo

é ainda maior porque, considerando que o modo de pensamento do ocidente é, em grande parte, desdobramento daquilo que se produziu na Grécia antiga, uma teoria antropológica mais consistente e sólida sobre a evolução das ideias, da língua e do modo de pensamento dos antigos contribuiria para entender, ainda que de maneira limitada, a nossa própria formação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIBSON, T. “Epilogue to Plato: The Bias of Literacy”. In: *Proceedings of The Media Ecology Association*, vol. 6, 2005.

GOODY, J. and WATT, I. “The consequences of Literacy”. In: *Comparative Studies in History and Society*, no.5, 1963, pp. 304-45.

GOODY, J. *The domestication of the savage mind*. Cambridge: University Press, 1977.

GOODY, J. *The interface between the Written and the Oral*. Cambridge: University Press, 1987.

HAVELOCK, E. *Preface to Plato*. Cambridge: University Press, 1983.

HAVELOCK, E. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Paz & Terra, 1994.

HALVERSON, J. “Havelock on Greek orality and Literacy”. In: *Journal of the history of Ideas*. Pennsylvania: University Press, 1992, vol. 53, no. 1, pp. 148-163.

HALVERSON, J. “Goody and the implosion of the Literacy Thesis”. In: *Man, new series*. Grã Bretanha e Irlanda: Royal Anthropological Institute, 1992, v. 27, n. 2, pp. 301-317.

KNOX, B. “Euripides”. In: *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Catedra, 2000, pp. 349- 373.

LENTZ, T. *Orality and Literacy in Hellenic Greece*. Carbondale: Illinois, 1989.

MAIER, E. “Reported speech in the transition from orality to literacy: the case of ancient greek”. In: *Text, transmission and reception*. Groningen: University Press, 2010.

McLuhan, M. *A Galáxia de Gutenberg*. Tradução de Leônidas G. de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1972.

OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de. “Gesto e abstração: usos do verbo *gounoûmai* em Homero”. In: *Transformação: revista de Filosofia*, 2006, pp. 63-68.

OLSON, D. R. *The world on paper: The conceptual and cognitive implications of writing and reading*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1994.

ONG, W. J. *Orality & literacy: The technologizing of the word*. New York: Routledge, 1991.

PARRY, M. *The making of Homeric verse*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

PEREIRA, M. H. da ROCHA. “Fórmulas e epítetos na linguagem homérica”. In: *Alfa*. São Paulo, 1984, n. 28, pp. 1-9.

ROBB, K. (Ed.). *Language and Thought in Early Greek Philosophy*. La Salle: Illinois, 1983.

ROBB, K. *Literacy and Paidéia in ancient Greece*. New York: Oxford University Press, 1994.

SVENBRO, J. *Phrasikleia: an anthropology of reading in Ancient Greece*. New York: Cornell University Press, 1993.

THOMAS, R. *Oral tradition and Written Record in Classical Athens*. Cambridge: University Press, 1989.

THOMAS, R. *Letramento e oralidade na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus, 2005.

VERNANT, J.-P. *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de H. Sarian. São Paulo: Difel, 1973.

VIEIRA, T. “Homero e a tradição oral”. In: *Revista Usp*. São Paulo, 1992, no. 12, pp. 161-71.

YUNIS, H. (ed.). *Written texts and the rise of literature culture in Ancient Greece*. Cambridge: University Press, 2003.

Enviado em novembro de 2013

Aprovado em junho de 2014

COMPARAÇÕES E CONTRASTES ENTRE  
O GREGO E O LATIM COMO ESTRATÉGIA  
EXPLICATIVA NO *DE CONSTRUCTIONE*,  
DE PRISCIANO (SÉC. VI D.C.)<sup>1</sup>

Fábio da Silva Fortes\*

1. Gostaria de agradecer aos pareceristas pelas observações criteriosas e pelas excelentes sugestões bibliográficas, que permitiram o aperfeiçoamento desse trabalho. As falhas que permanecem são de nossa responsabilidade.

\* Professor Adjunto de Grego Clássico e Latim. Departamento de Letras/ Faculdade de Letras/UFJF

**RESUMO:** A aposição de elementos gregos e latinos engendra, no *De constructione*, frequentes comparações e contrastes entre os dois sistemas linguísticos, procedimento que representa um artifício de explicação gramatical amplamente utilizado pelo gramático latino. Neste artigo, examinamos dois tipos de comparações que podemos observar nessa obra: aquelas do tipo “inventário”, que se verificam pela mera justaposição de vocábulos, expressões ou sentenças de ambas as línguas, com o objetivo de ilustrar semelhanças entre aspectos gramaticais do grego e do latim, e aquelas que compreendem “análises translinguísticas”, que pretendem explicar diferenças gramaticais entre o latim e o grego. Pretendemos mostrar que, através dessas comparações e contrastes, Prisciano elabora um discurso teórico que resulta da síntese entre as duas línguas, cujo propósito – a ser melhor investigado –, parece ser o de produzir uma aproximação simbólica do oriente (grego) ao ocidente (latino).

**PALAVRAS-CHAVE:** Prisciano; gramática greco-romana; comparações.

COMPARISONS AND CONTRASTS BETWEEN  
THE GREEK AND LATIN LANGUAGES AS AN  
EXPLICATIVE STRATEGY IN THE  
*DE CONSTRUCTIONE*, BY PRISCIAN (C. VI A.D.)

**ABSTRACT:** The apposition of Greek and Latin elements within the *De constructione* engenders frequent comparisons and contrasts between both linguistic systems. In this article, we aim at examining two different types of comparisons in

Priscian: the one which we call “inventory”, represented by the mere juxtaposition of words, expressions and sentences from both languages, with the objective of illustrating the similarities of grammatical aspects of Latin and Greek; and the other which we call “cross-linguistic analysis”, which aims at explaining grammatical differences between both languages. We intend to show that Priscian provides us with a theoretical discourse resulting from the synthesis of both languages, whose aim – to be better investigated in the future – must be producing a symbolic approach from East (Greek) to West (Latin).

**KEYWORDS:** Priscian; Greek-Roman grammar; comparisons.

## INTRODUÇÃO

Na introdução do Livro XVII das *Institutiones grammaticae*, Prisciano apresenta uma breve reflexão sobre o procedimento de composição de seu tratado gramatical. Citando, uma vez mais, Apolônio Díscolo (séc. II d.C.), o gramático latino reitera a proposta de “seguir-lhe os passos”, sem deixar de acrescentar, se fosse necessário, outros elementos de autores gregos e latinos:

2. Cf. *Quoniam in ante expositis libris de partibus orationis in plerisque Apollonii auctoritatem sumus secuti, aliorum quoque siue nostrorum siue Graecorum non intermittentes necessaria et si quid ipsi quoque noui potuerimus addere, nunc quoque eiusdem maxime de ordinatione siue constructione dictionum, quam Graeci σύνταξις uocant, uestigia sequentes, si quid etiam ex aliis uel ex nobis congruum inueniatur, non recusemus interponere.*

3. Os dois últimos livros das *Institutiones grammaticae* de Prisciano, que se debruçam sobre o exame da “sintaxe”, são conhecidos pela tradição, e doravante chamados por nós, como *De constructione*.

Visto que, nos livros outrora propostos sobre as partes da oração, seguimos, na maior parte, a autoridade de Apolônio, além disso, se pudemos também acrescentar-lhe alguma coisa de novidade – do mesmo modo, sem omitir elementos necessários de outros, quer dos nossos, quer dos gregos –, não nos recusemos agora também a inserir, caso seja considerado conveniente, algo dos outros ou dos nossos acerca da ordenação ou construção das palavras, que o gregos chamam de σύνταξις, seguindo, ainda, os passos daquele o quanto possível.<sup>2</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 107,1-108,4)

A obra a que Prisciano poderia se referir ao aludir a Apolônio por ocasião da escrita de um tratado sobre sintaxe<sup>3</sup> é, sem dúvida, os livros sobre sintaxe grega desenvolvidos por aquele autor – o Περὶ σύνταξεως. Embora tenha se tornado um “lugar comum” apontar as relações entre Prisciano e Apolônio (Lallot, 2009; Schmidhauser, 2009; Robins, 1993; Schönberger, 2009), assim como sobre o



papel da língua grega e do bilinguismo na constituição do discurso gramatical latino (Swiggers & Wouters, 2007; Desbordes, 2007), não deixa de causar assombro a maneira como Prisciano se apropria dos conceitos presentes em Apolônio, em prol da elaboração de uma nova sintaxe, bem como apõe, em profusão, elementos gregos e latinos ao desenvolver uma obra que, teoricamente, deveria versar sobre a sintaxe “do latim”.

Produzido em Constantinopla, onde Prisciano teria ocupado algo como uma “cátedra de latim” de sua “universidade”,<sup>4</sup> o *De constructione* destinava-se a um público que, em sua maioria, não conhecia o latim como língua materna, mas certamente era usuário do grego como a *lingua franca* mais falada e hegemônica na região, e que, provavelmente, tinha algum interesse em se aperfeiçoar no domínio do latim, idioma que ainda gozava de algum prestígio simbólico,<sup>5</sup> empregado no direito e no âmbito das instituições romanas (Robins, 1993; Rochette, 2007).

Dessa forma, ainda que o contexto sociolinguístico de Constantinopla à época de Prisciano não nos permita admitir um “bilinguismo de fato”, mas algo como um projeto de bilinguismo,<sup>6</sup> podemos assumir que, no âmbito do discurso gramatical,

a comparação sistemática com a língua grega, a presença de glosas explicativas do latim pelo grego, a referência ao modelo sintático de Apolônio Díscolo e seu filho Herodiano, assim como o recurso às citações tiradas da literatura grega, representam indícios claros, em Prisciano, desse contexto sociolinguístico. (Garcea & Giavatto, 2007, p. 72)<sup>7</sup>

Neste artigo, que resulta do desenvolvimento de algumas análises apresentadas em nossa tese de Doutorado (2012), pretendemos avaliar, particularmente, as comparações e contrastes entre o grego e o latim presentes no *De constructione*, que se realizam por intermédio de duas formas de recorrência ao grego: uma do tipo “inventário”, com a mera aposição de termos, palavras ou exemplos gregos e latinos, e outra, que chamamos de “análise translinguística”, por resultar em uma reflexão comparativa mais elaborada entre os dois sistemas.

4. Não aludimos aqui ao conceito moderno de universidade, que, em geral, pode ser considerado um desenvolvimento ocidental, datado da passagem da Idade Média para a Moderna. Antes, trata-se de instituição, cuja fundação se credita a Teodósio II, em 425, que oferecia instrução do “tipo universitário” (Cameron, 2009, p. 140; Biville, 2008, p. 39; Oikonomides, 1999, p. 49), que tinha como escopo formar a elite intelectual de onde eram egressos os funcionários imperiais. Não se estranha a permanência de uma “cátedra de latim” em uma região onde jamais se deixou de ter o grego como a mais importante língua falada, mas onde, precisamente, sob Justiniano, se elaborou o mais importante *corpus* jurídico da época, o *corpus iuris ciuilis*.

5. A permanência de uma necessidade realmente prática do latim em Constantinopla à época de Prisciano é questionável. Embora seu prestígio, provavelmente, tenha sido recuperado do ponto de vista ideológico, com o interesse que os imperadores latinófilos (Justino e Justiniano) demonstraram pelo Ocidente (Treadgold, 1997, p. 174: “Under Justin, the first native speaker of Latin to rule since Theodosius I, the imperial government took much more interest in the West.”), pode-se questionar a eficácia de seu uso prático mesmo administrativamente, em face ao grego. O próprio Justiniano teria abandonado seu projeto

de publicar textos em latim, considerando que não haveria público suficiente na cidade capaz de compreendê-los: “It is hard to say when the eastern empire ceased to be functionally bilingual. Already in the first half of the sixth century Justinian I declared that he would not have his *Novellae* written in his ‘ancestral tongue’ (i.e. Latin), but rather in the ‘common language of the Greeks’, because he wanted the law to be understood by all, by ‘the people’” (Oikonomides, 1999, p. 49).

6. Cf. Oikonomides, 1999, p. 49: “It is certain that at the moment of the transfer of the capital in the East, high hopes prevailed that the empire would be at least functionally bilingual. This dream of bilingualism is manifest during the early centuries, as is shown by the reorganization of superior teaching in Constantinople under Theodosios II (425) or by the legislation of Justinian. But in time, individuals knowing Latin become rare in Constantinople. Emperor Romanos III Argyros of the eleventh century prided himself for knowing Latin, but what he knew he had learned because he was a jurist interested in Roman legislation, not in Latin culture. On the contrary, all the great scholars of tenth and eleventh-century Constantinople, such as Arethas of Caesarea, Michael Psellos, John Mauropous, Constantine Leichoudes ignored this language”.

É nossa meta mostrar como, ao lançar mão dessas duas estratégias de comparação entre as duas línguas, Prisciano logra desenvolver não somente um procedimento próprio de abordagem da sintaxe do latim, mas também, por gerar análises comparativas, acaba por se afastar de seu modelo, produzindo uma sintaxe não propriamente “latina”, mas greco-latina. Seguimos a edição de M. Hertz, constante dos *Grammatici Latini* (Keil, 1981 [1855-1880]), cuja homogeneidade assumimos, desconsiderando, em virtude da limitação deste trabalho, os problemas de transmissão e edição do texto (que são tratados por Krehl, 1820; Gibson, 1992, Holtz, 2009 e, evidentemente, pelo editor que seguimos Hertz, 1981).

#### O PAPEL DO GREGO NAS GRAMÁTICAS LATINAS: BREVES COMENTÁRIOS

No *corpus grammaticorum Latinorum*, a prática de comparação entre o grego e o latim derivava do princípio, geralmente abonado pelos gramáticos, de que o latim e o grego eram línguas algo aparentadas (a “teoria” do *utraque lingua*), do que decorria a “natural” recorrência ao grego como um mecanismo de explicação de princípios gramaticais análogos, e como uma forma de demonstração de fatos da língua latina (Desbordes, 2007, p. 112; Biville, 2008, p. 39; Fögen, 2003, p. 17). No século I a.C., Varrão já registrava a comparação com o grego como uma estratégia de evocar a língua considerada mais antiga, pela qual os romanos tinham admiração, para fortalecer seus argumentos, de certa forma polêmicos, tais como a defesa da analogia como mecanismo de organização da linguagem:

Por acaso não vês que os gregos, assim como nós, possuem as palavras divididas em quatro grupos, um onde há a categoria de caso, outro onde há tempo, um terceiro onde não há uma coisa nem outra e, ainda, um quarto onde há ambos? E também não sabes que os verbos, entre eles, são alguns finitos e outros não, assim como também existem os dois tipos entre nós? De fato, também não duvido de que observas, do mesmo modo, naquela

língua, um número muito semelhante, como os três tempos verbais, as três pessoas do verbo.<sup>8</sup> (Varrão, *De ling. Lat.*, IX, 31)

Seja por um automatismo da tradição dos tratados técnicos latinos, cuja terminologia e conceitos foram inicialmente apropriados das τέχναι gregas, seja pelo fato de a cultura grega ser evocada como argumento de autoridade, seja, ainda, pela familiaridade dos romanos com a língua grega em um contexto cultural que se tornara crescentemente “greco-romano” após a “helenização da cultura romana”, ocorrida entre os séculos III e I a.C. (Meillet, 2009, p. 191; Veyne, 2009), o fato é que o recurso a comparações entre o grego e o latim se tornou uma prática nos gramáticos tardios dos séculos IV a VI, embora em maior ou menor grau, a depender do contexto de produção da obra e do público.

Macrônio, gramático do século V, recorre à comparação entre o grego e o latim como o fundamento de sua obra *De differentiis et societatis Graeci Latinique uerbi*, obra que, como o nome indica, pretende fazer uma comparação exaustiva das semelhanças e diferenças entre o grego e o latim, um curioso tratado que seria, com o perdão do anacronismo, um compêndio de “gramática comparativa” *avant la lettre*. Como justificativa teórica para a comparação entre as duas línguas, Macrônio apresenta, em seu prefácio, a exposição daquele princípio mencionado há pouco – o *utraque lingua* – segundo o qual a identidade entre um e outro sistema linguístico resulta “natural” por se tratarem de línguas aparentadas, crença que a semelhança categórica entre ambas só faz reforçar:

A natureza deu às línguas grega e latina um parentesco muito próximo. Com efeito, com exceção do artigo, que somente a grega possui, uma e outra língua se caracterizam pelas mesmas partes da oração, assim como por quase todas as regras, figuras e construções, de forma que alguém que tiver aprendido qualquer uma das duas gramáticas, terá aprendido ambas. Porém, elas também se diferenciam em muitas coisas, e possuem certas propriedades, que se dizem, em grego, *idiomata*.<sup>9</sup> (Macrônio, *Diff.*, GL V, 599)

7. Cf. “La comparaison systématique avec la langue grecque, la présence des gloses explicatives du latin par le grec, la référence au modèle syntaxique d’Apollonius Dyscole et de son fils Hérodien, ainsi que le recours aux citations tirées de la littérature grecque représentent des indices clairs, chez Priscien, de ce contexte sociolinguistique”.

8. Cf. *An non uides, ut Graeci habeant eam quadripartitam, unam in qua sint casus, alteram in qua tempora, tertiam in qua neutrum, quartam in qua utrumque, sic nos habere? Ecquid uerba nescis ut apud illos sint alia finita, alia non, sic utraque esse apud nos? Equidem non dubito quin animadverteris item in ea innumerabilem similitudinem numerum, ut trium temporum uerba, ut trium personarum.*

9. Cf. *Graecae Latinaeque linguae coniunctissimae cognitionem natura dedit. Nam et isdem orationis partibus absque articulo, quem Graecia sola sortita est, idem paene observationibus figuris constructionibusque uterque sermo distinguitur ut propemodum qui utramvis artem didicerit ambas nouerit: in multis tamen differunt, et quasdam proprietates habent, quae Graece idiomata uocantur.*

Embora a obra de Macróbio, produzida no século V, apresente exaustivas comparações entre as duas línguas, segundo Desbordes (2007, p. 110 *et seq.*), enquanto as primeiras descrições do latim recorriam mais amiúde à língua grega, aos poucos essa prática teria se tornado residual nos manuais de gramática, como consequência de um conhecimento cada vez menor do grego na parte ocidental do Império Romano, e da elaboração de um discurso gramatical propriamente “latino”.<sup>10</sup> É por esse motivo que, por exemplo, *artes grammaticae* produzidas no ocidente a partir do século IV, como a de Donato, fazem escassa referência à língua grega ou, quando o fazem, limitam-se a reproduzir exemplos cristalizados e consagrados pela tradição do gênero.

No entanto, poderíamos dizer que a situação é oposta quando se trata de autores que produziram no oriente, como Diomedes e Prisciano: nestes, mais que a permanência de uma “tradição textual”, a referência à língua grega revela, antes, uma estratégia de composição que diz algo acerca do público a que se destinavam tais obras – público que conhecia, sobretudo, a língua grega e que, ao enfrentar o estudo do latim, talvez requisitasse uma linguagem técnica gramatical que refletisse a presença das duas línguas (Swiggers & Wouters, 2007, p. 28), em que pese o fato de que tanto o Ocidente, quanto o Oriente, eram, na prática, regiões multilíngues (Hingley, 2010), em que, evidentemente, os variados idiomas não tinham o mesmo valor social. Assim, pode-se assumir que, do ponto de vista sociolinguístico, o latim e o grego mantinham-se em situação de relevo, fato que se revela até na constituição das cátedras criadas para seu ensino em Constantinopla.<sup>11</sup> No caso de Prisciano, podemos aventar que esse projeto de bilinguismo revelado na constituição de sua obra gramatical possa corresponder a possível estratégia “retórica” de aproximação entre o grego e o latim como uma contrapartida simbólica, no plano das línguas, de uma unificação entre o ocidente latino e o oriente grego, de acordo com as tentativas de restauração da unidade política levada a termo pela política externa de Justiniano (Baratin, 1989, p. 389; Lemerle, 1991, p. 45).

Sem nos aprofundarmos nessa última questão, que requer uma análise historiográfica mais rigorosa, que,

10. Por essa razão, talvez possamos considerar a obra de Macróbio como um exemplo daquilo que se convencionou chamar, entre os historiadores, do *revival* classicista dos séculos IV-V d.C., espécie de movimento anticristão, no intuito de reafirmar valores greco-romanos éticos e estéticos em detrimento dos correntes cristãos (Momigliano, 1963; Cameron, 2004).

11. Cf. Cameron, 1993, p. 152: “The culture that was handed on this way was strictly classical in character, still based on the standard authors – in Latin, Cicero, Sallust, Livy, Horace and Virgil. (...) Though there was no state system in a modern sense, teachers were nevertheless granted privileges by the state, and in AD 425 the Emperor Theodosius II founded a ‘university’ in Constantinople; the subjects taught were ‘Latin Eloquence’, divided into oratory and grammar, and ‘Greek *facundia*’ (a different word for the same thing), the teaching of which was divided between sophists and grammarians (...)”

definitivamente, não é o caso deste trabalho, vejamos, no próximo item, como essa aproximação entre o grego e o latim, por meio das comparações e dos contrastes apresentados ao longo do *De constructione*, permite a Prisciano transcender os limites teóricos e empíricos do modelo que afirma seguir, o Περὶ συντάξεως, de Apolônio Díscolo, em prol da elaboração de uma reflexão sintática “comparativa” ou “greco-romana”.

#### COMPARAÇÕES E CONTRASTES NO *DE CONSTRUCTIONE*

Em várias passagens da obra de Prisciano, o texto de Apolônio é sintetizado e contrastado com fenômenos codificados em latim, não somente para identificar a semelhança entre os dois sistemas linguísticos, mas também, em alguns casos, para observar as diferenças entre as duas línguas. De forma ampla, as comparações entre as duas línguas representam um procedimento de elaboração do texto de Prisciano sem equivalente na obra de Apolônio,<sup>12</sup> que podemos categorizar em dois tipos:

- 1) *inventário*, realiza-se tanto através do simples elenco de itens lexicais para exemplificar a correspondência entre pontos gramaticais, reforçando a identidade entre o grego e o latim e/ou funcionando como espécie de corolário de alguma explanação teórica, sem análise posterior, quanto através da citação consecutiva de versos latinos e gregos (presentes, sobretudo, na parte final do livro XVIII);
- 2) *análise translinguística*, mediante apresentação de exemplos das duas línguas usados no corpo da discussão teórica, seja para reforçar, também, a equivalência entre ambas (*utraque lingua*), seja para sublinhar as diferenças entre aspectos particulares do grego e do latim, como, por exemplo – que examinaremos adiante – as consequências teóricas da ausência de artigos em latim e os participios.

12. Fato que se explica, em parte, pelo fato de a cultura grega bizantina fechar-se em si mesma, em um certo “complexo de superioridade”:  
“Byzance, hautaine, s’enfermait de plus en plus en elle-même, mûe par un manifeste complexe de supériorité: supériorité politique et religieuse mais, surtout, supériorité morale et intellectuelle. Cette attitude contrastait nettement avec celle de certains Européens d’Occident qui, bien qu’ignorant le grec eux-mêmes, se donnaient toutes les peines du monde pour le traduire.” (Oikonimedes, 1999b, p. 10).

## COMPARAÇÕES DO TIPO “INVENTÁRIO”

Vejamos alguns exemplos, inicialmente, de citações gregas e latinas que configuram “inventário”:

13. A nomenclatura de *nomen generalis* (“nome genérico”) faz referência, no tratado de Prisciano, aos pronomes, categoria que, na gramática antiga, era considerada um subtipo dos nomes, por realizar funções próprias dos nomes. Daí eles poderem ser indefinidos (*infinita*), interrogativos (*interrogatiua*), anafóricos (*relatiua*) ou correlativos (*redditiua*).

14. Cf. *Et notandum, quod non solum aduerbia, sed etiam nomina loco aduerbiorum, ut dictum est, posita frequentissime inuenimus cum uerbis. Et quomodo supra dicta generalia nomina sunt infinita uel interrogatiua uel relatiua uel redditiua, sic aduerbia quoque inueniuntur, ut nomen infinitum quis et aliquis, aduerbium aliquo et alicunde et alicubi et aliqua; nomen interrogatiuum et relatiuum qualis, ποῖος καὶ ὁποῖος, et quot, πόσοι καὶ ὅποσοι, similiter aduerbium interrogatiuum et relatiuum [qualiter] ποίως καὶ ὁποίως ὑτ πῶς καὶ ὅπως, quotiens, ποσάκις καὶ ὁσάκις; nomen redditiuum talis et tot aduerbium taliter et totiens.*

Também se deve notar que, muito frequentemente, encontramos empregados com verbos não somente os advérbios, como já dissemos, mas também os nomes, no lugar dos advérbios. E assim como os nomes genéricos<sup>13</sup> ditos acima são indefinidos, interrogativos, anafóricos ou correlativos, assim também são encontrados os advérbios, como o nome indefinido *quis* e *aliquis*, os advérbios *aliquo* e *alicunde* e *alicubi* e *aliqua*; nomes interrogativos e anafóricos *qualis*, *ποῖος* e *ὁποῖος*, e *quot*, *πόσοι* e *ὅποσοι*; de forma semelhante, os advérbios interrogativos e anafóricos [*qualiter*], *ποίως* e *ὁποίως*; *ut*, *πῶς* e *ὅπως*; *quotiens*, *ποσάκις* e *ὁσάκις*, o nome correlativo *talis* e *tot*; os advérbios *talis* e *totiens*.<sup>14</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 132,1-10)

Na passagem acima, observamos uma dupla comparação: uma interna, que confronta advérbios latinos aos (pro)nomes, e uma externa, que confronta (pro)nomes e advérbios latinos às mesmas categorias em grego. Assim, no primeiro plano, Prisciano traça um paralelo entre os tipos de “nomes genéricos” latinos e suas formas adverbiais correspondentes (*qualis/qualiter*; *tot/quotiens* etc.); no segundo, a correspondência entre essas mesmas palavras no latim e no grego (*qualis/ ποῖος* e *καὶ ὁποῖος*; *quot/ πόσοι* e *ὅποσοι*; *qualiter/ ποίως* e *ὁποίως* etc.).

É importante notar que, em cada uma das comparações entre as duas línguas, o gramático apresenta apenas um elenco de itens lexicais, sem desdobramentos explicativos, evidenciando, talvez, para o leitor, ou aquela presumida correspondência entre o grego e o latim, que configura a crença de que ambas são línguas por demais aparentadas – o que dispensaria maiores desdobramentos explicativos –, ou o artifício didático de que a simples comparação seria o suficiente para que o estudante de latim, falante de grego, reconhecesse, com maior facilidade, a homologia entre as estruturas apresentadas. A nosso ver, num caso como em outro, trata-se, evidentemente, de artifício argumentativo, fato que poderia reforçar a validade e generalidade da regra

gramatical apresentada. Tal artifício, sem dúvida, é central na organização do tratado de Prisciano e, de certa forma, absolutamente ausente daquele que é tomado como seu modelo, Apolônio.

Outras passagens em que a comparação entre as línguas grega e latina se apresenta também como simples “inventário” de formas são as seguintes:

Por que *nostras* [“do nosso país”] e *uestras* [“do vosso país”] derivam somente de seus plurais, tanto entre nós quanto entre os gregos ἡμεδαπός e ὑμεδαπός? Deve-se responder a isso que se fazem somente do plural porque a pátria pertence a muitos indivíduos, não a um.<sup>15</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 179,1-4)

Nós, porém, também não podemos apor a uma primeira ou segunda pessoas no plural o pronome de terceira pessoa citado acima, *i.e. sui, sibi, se, a se*, pois essa palavra está no singular (embora se possa tomar também no plural) e nem entre os gregos, nem entre nós, pode ser aposta à primeira ou à segunda pessoas. E do mesmo modo que tomamos o singular simples também no lugar do composto para todas as pessoas, assim também o plural simples, como *mei causa facio* [“ajo por minha causa”] ἑμαυτοῦ χάριν ποιῶ e *nostrī causa facimus* [“agimos por nossa causa”] – ἡμῶν (em vez de ἑαυτῶν) χάριν ποιούμεν.<sup>16</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 180,25-181,5)

No primeiro excerto acima, observamos a citação do grego como mecanismo de explicação gramatical análogo ao que apresentamos no exemplo anterior: os vocábulos gregos, citados após os latinos, apresentam equivalência gramatical que, possivelmente, tem vistas a uma clarificação maior para os aprendizes de latim que conheciam o grego ou à ilustração de certa identidade entre as duas línguas. No segundo, porém, a exemplificação em grego e latim é o desfecho de uma explicação preliminar. Esse último excerto exemplifica o caso em que o contraste (que aqui, igualmente, revela a identidade entre uma e outra língua) comparece no texto como espécie de “corolário” para uma questão particular. O segundo exemplo oferece, também, diferentemente dos anteriores, sentenças completas inventadas (*orationes fictae*<sup>17</sup>), em vez de simples elenco de itens lexicais.

15. Cf. *Solis pluralibus tam apud nos quam apud Graecos ἡμεδαπός et ὑμεδαπός deriuantur? Ad quod dicendum, quod ideo a solis pluralibus fiunt, quia patria ad plures pertinet, non ad unum.*

16. Cf. *Nos autem nec in plurali numero possumus apponere primae uel secundae personae supra dictum tertiae personae pronomem [id est sui, sibi, se, a se], quia et singularis est uox, quae nec apud Graecos apponitur primae uel secundae personae nec apud nos, quamuis etiam pro plurali accipiatur. Et quomodo simplex singulare accipimus etiam pro composito per omnes personas, sic etiam simplex plurale, ut mei causa facio, ἑμαυτοῦ χάριν et nostrī causa facimus, ἡμῶν (ἀντὶ τοῦ ἑαυτῶν) χάριν ποιούμεν.*

17. Chamamos de *orationes fictae* ou de *exempla ficta* aquelas sentenças formuladas exclusivamente pelo gramático para ilustrar o fenômeno apresentado, e não extraído ou adaptado de fontes literárias. Na passagem em questão, são *exempla ficta* as sentenças: *mei causa facio* [“ajo por minha causa”] – ἑμαυτοῦ χάριν ποιῶ – e *nostrī causa facimus* [“agimos por nossa causa”]. Um índice completo dos *exempla ficta* no *De constructione* pode ser encontrado em Baratin, 2010, p. 311.

Comparações entre construções das duas línguas do tipo “inventário” são também aquelas em que Prisciano cita passagens de autores do cânone para os mesmos fins apresentados: o reforço da identidade greco-romana e/ou a ilustração de dado tópico discutido. Nesses casos, em geral, as citações de autores se apresentam ao final de determinada explicação gramatical, frequentemente após exemplos inventados (*exempla ficta*) e outros desdobramentos teóricos. Em geral, parecem encerrar a questão como espécie de “chave de ouro” em que, a par da mera ilustração com dados do repertório literário greco-romano, o autor parece recorrer ao princípio da *auctoritas* para conferir credibilidade às suas análises. Como a análise das citações literárias requer um tratamento específico, não nos aprofundaremos nesse tipo de comparação entre o grego e o latim, apenas citaremos uma ocorrência, a título de ilustração do fenômeno:

Contudo, encontram-se autores que fazem uso de licenças frequentes e empregam também outros verbos na primeira ou segunda pessoas unidos a nomes, como Homero:

Φοῖβοι Ἀπόλλωνα χρυσόορον, ὅς σε πάρος γε ρύομαι.

[“Febo Apolo, de espada de ouro, que te protejo costumeiramente” – Homero, *Il.* 15, 256-257].

Eurípedes, em *Hécuba*:

ἦκω νεκρῶν κευθμῶνα καὶ σκότου πυλας λιπῶν Πολύδωρος  
[“Eis-me, aquele que deixa o antro dos mortos e os portais das trevas, Polidoro” – Eurípedes, *Hec.* 1-3]

O mesmo nas *Bacantes*:

ἦκω Διὸς παῖς τήνδε Θηβαίαν κατὰ Διόνυσος,  
[“Eis-me, o filho de Zeus, sobre essa terra tebana, Dioniso” – Eurípedes, *Bacch.*, 1-2]

Em Tucídides:

ἦκω Θεμιστοκλῆς παρὰ σέ,  
[“Eis-me, Temístocles, ao teu lado” – Tucídides, *Hist.* 1, 137,4]

Em todos eles está ausente [a primeira pessoa] *ego*. Em latim, também, como em Juvenal IV:

*Nam cum sis conuiua mihi promissus, habebis  
Euandrum, uenies Tirynthius aut minor illo  
hospes,*

[“De fato, como me és enviado como conviva, terás um Evandro, virás como o herói de Tirinto ou como aquele outro hóspede menor” – Juvenal, *Sat.* 11, 60-62).



Está ausente, de fato, [o pronome] *tu*.<sup>18</sup>  
(Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 151,14-152,6)

Prisciano utiliza os exemplos extraídos da literatura grega e latina para ilustrar a discussão teórica sobre a relação entre nomes e verbos realizada nos parágrafos anteriores. Na discussão precedente, o gramático havia examinado a relação entre nomes e seus acidentes verbais a partir do conceito de *consequentia* (“homogeneidade formal”, “concordância”), demonstrando, com exemplos inventados, casos em que essa regra não é seguida, como, por exemplo, em *Priscianus scribo* (em que, de fato, a um verbo de primeira pessoa do singular corresponde um nome de terceira). É o que o autor pretende demonstrar, ao final, com os exemplos da literatura.

De fato, em cada um dos exemplos gregos, os verbos em primeira pessoa (ἦκω – “eu chego”) relacionam-se com termos em terceira pessoa: “Polidoro, aquele que deixa o antro dos mortos...” (λιπῶν κευθμῶνα νεκρῶν... Πολύωρος); “filho de Zeus” (Διὸς παῖς) e “Temístocles” (Θεμιστοκλῆς). Em todos eles, nota-se também a ausência da realização do pronome pessoal ἐγώ. Por extensão, é o mesmo que ocorre no exemplo latino, quando o verbo de segunda pessoa (*es*) se refere a um termo de terceira (*conuiuia promissus*, “convidado enviado”), estando ausente o pronome *tu*.

18. Cf. *quamuis auctores inueniantur licentia solita utentes et aliis quoque uerbis primae uel secundae personae coniungentes nomina, ut Homerus: Φοῖβοι Ἀπόλλωνα χρυσάορον, ὅς σε πάρος γε ῥύομαι, Euripides in Hecuba: ἦκω νεκρῶν κευθμῶνα καὶ σκότου πυλᾶς λιπῶν Πολύωρος idem in Bacchis: ἦκω Διὸς παῖς τήνδε Θηβαίαν κατὰ Διόνυσος, Thucydides: ἦκω Θεμιστοκλῆς παρὰ σέ, in quibus omnibus deest ego; nostri quoque, ut Iuuenalis in IIII:*

*‘Nam cum sis conuiuia mihi promissus, habebis Euandrum, uenies Tiryntius aut minor illo hospes,’ deest enim tu.*

#### ANÁLISES TRANSLINGÜÍSTICAS

Exemplos de análises translíngüísticas são aquelas em que Prisciano se debruça sobre questões sistêmicas idiossincráticas da língua latina, ausentes em grego e, portanto, jamais tratadas por Apolônio e, para avaliá-las, recorre à comparação ou contraste com a língua grega. Mostraremos, a título de exemplificação, a maneira como Prisciano, no âmbito da sua sintaxe, confere tratamento 1) à ausência de artigos em latim; 2) à descrição particular dos participios gregos e latinos; e 3) às particularidades morfológicas dos pronomes reflexivos. Veremos que tais confrontos põem

19. Dada a extensão desse trabalho, não é nossa meta oferecer uma comparação entre Apolônio e Prisciano, o que realizamos, em parte, em nossa tese (2012) e, em parte, é também realizado por Schmidhauser (2009). O objetivo aqui é apenas verificar como o grego e o latim são associados na construção de um discurso teórico em Prisciano.

20. Quintiliano, *Inst. or.*, I, 4, 19: *noster sermo articulos non desiderat ideoque in alias partes spargunt...* (“nossa língua não requer artigos, e, por isso, suas funções se dividem em outras partes”); Carísio, *Char.*, GL I, 247: *articulo, id est, τῶ ἄρθρῳ, deficiente supplerent, sed quia uidebant aduerbium esse non posse, segregauerunt...* (“[os gregos] completaram com os artigos, i.e., τῶ ἄρθρῳ, ausente [entre os romanos], mas porque viram que não podia ser um advérbio, o separaram...”); Donato, *Ars*, GL IV, 385, *Latini articulum non adnumerant, Graeci interiectionem...* (“os latinos não contam [entre as partes] o artigo, os gregos, a interjeição...”).

21. Prisciano, *Inst. gram.* II, GL II, 53, 27: *Quidam autem nouem dicebant esse partes orationis, appellationem addentes separatam a nominibus, alii etiam decem, infinita uerba seorsum partem ponentes, alii undecim, qui pronomina, quae non possunt adiungi articulis, per se numerabant. His alii addebant etiam uocabulum*

em relevo a diferença entre as duas línguas e, por conseguinte, a diferença entre a sintaxe de Apolônio e a de Prisciano.<sup>19</sup>

O reconhecimento de que a língua latina não possuía artigos era, à época de Prisciano, fato havia muito consolidado entre os gramáticos latinos,<sup>20</sup> do qual Prisciano, de certa forma, também não se eximia.<sup>21</sup> Por outro lado, a maior parte do livro I do tratado de Apolônio Díscolo devotou-se à análise da sintaxe dos artigos gregos, sejam aqueles chamados pelo gramático de “artigos prepositivos” (ἄρθρα προτακτικά) – equivalentes ao que modernamente chamamos, ainda, de “artigos.

A maneira como Prisciano trata da ausência de artigos em latim no *De constructione* configura um procedimento de análise comparativa translinguística, pois se busca identificar e avaliar, no interior do sistema latino, as correspondências ou compensações para a lacuna representada pela ausência daquela categoria na língua latina:

O artigo traz ao conhecimento, pela segunda vez, os termos já dados. Se, de fato, eu disser: ἄνθρωπος ἦλθεν [“um homem foi”], apresento-o pela primeira vez; se, entretanto, disser ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν [“o homem foi”], seria já pela segunda. Porém, a língua latina carece de artigos prepositivos. O pronome *hic*, que os gramáticos, na declinação dos nomes, colocam no lugar do artigo prepositivo, nunca significa o mesmo que o artigo numa oração.

Apenas um pronome composto é encontrado entre nós: *idem*, que reforça a ideia da mesma pessoa, cuja interpretação, entre os gregos, o pronome tem por meio do artigo: ὁ αὐτός. Além disso, entre eles, com efeito, são duas partes da oração: ὁ, que é um artigo prepositivo, e αὐτός, que é um pronome relativo. Entre nós, porém, é uma parte composta por *is* e *demum*, que, por apócope, torna-se *dem*, da mesma forma que tomamos *exin* por *exinde* e *dein* por *deinde*.<sup>22</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 124, 14-125, 3)

De fato, a teorização gramatical de Apolônio Díscolo dava conta da existência da categoria dos artigos, que, em grego, compreendiam não somente os determinantes (ὁ, ἡ, τό), mas também categoria hoje conhecida como “pronomes relativos” (ὅς, ἣ, ὅ), visto que, naquela língua, uma e outra

apresentavam grande identidade morfológica. Prisciano observava que, muitas vezes, a ausência desse determinante na frase latina é compensada pela utilização do demonstrativo de primeira pessoa (*hic*), embora nem todos os seus usos recubram inteiramente as funções dos artigos prepositivos gregos. Essa explicação evidencia uma análise mais refinada, que leva em consideração as particularidades das duas línguas: trata-se, com efeito, de um desdobramento analítico da obra de Prisciano, que, embora revele e reforce, em muitos casos, a “identidade” entre o grego e o latim, não oblitera inteiramente as idiosincrasias de cada uma das línguas. É o que podemos verificar na sequência:

*Qui*, porém, que se traduz ὅστις (um artigo subjuntivo com um nome indefinido, entre eles [os gregos]; entre nós [os latinos], porém, é uma parte simples e única, anafórica, correspondendo ao *quis* interrogativo ou indefinido), pode ser tomado no lugar do artigo subjuntivo, da forma como também os gregos, com muita frequência, empregam τὸ ὅστις no lugar do artigo subjuntivo ὅς, a não ser em expressões partitivas; nelas, com efeito, nem nós empregamos *qui*, nem eles ὅστις.<sup>23</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 125,4-9)

Nesta segunda passagem, Prisciano segue examinando as diferenças entre o grego e o latim quanto aos artigos. Embora não negue inteiramente a “identidade” entre as duas línguas – haja vista, por exemplo, a correspondência de expressões apresentadas (*qui*/ὅστις) – a análise dá margem à constatação da diferença entre elas (*qui* é simples e única, ao passo que ὅστις é uma expressão composta). Essa mesma análise comparativa, que estamos chamando de “translinguística”, fica ainda mais clara na sequência do raciocínio:

Eles, porém, fazem uso do artigo subjuntivo, ao passo que nós ora usamos pronomes, ora nomes, como, em vez de: τῶν ἀνθρώπων οἱ μὲν εἰσιν ἀγαθοί, οἱ δὲ πονηροί [“dos homens, uns são bons, outros maus”], dizemos: *hominum hi sunt boni, illi mali* [“dos homens, estes são bons, aqueles, maus”] ou *alii sunt boni, alii mali* [“uns são bons; outros, maus”]; em vez de: τῶν

*et interiectionem apud Graecos, quam nos adhuc seruiamus, apud Latinos uero articulum addebant, quem purum per se apud eos non inueniri supra docuimus.* (“Porém, alguns diziam ser nove as partes da oração – acrescentando o nome comum separado dos nomes –; outros, porém, dez – colocando os verbos infinitos numa parte separada –; outros, onze – que contavam os pronomes, que não podem adjungir-se aos artigos. Outros deles ainda acrescentavam a interjeição, a qual nós conservamos aqui, existindo, entre os gregos, em relação aos latinos, a categoria dos artigos a mais, a qual, conforme ensinamos acima, não se encontra pura em latim”).

22. *Cf. Articulus secundam notitiam suppositorum demonstrat. Si enim dicam ἄνθρωπος ἦλθεν, primam notitiam ostendo; sin ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν, secundam. Deficit autem praepositivus articulus lingua Latina. Nam pronomen 'hic', quod grammatici in declinatione nominum loco praepositivi, ut dictum est, ponunt articuli, numquam in oratione sensum articuli habet. Vnum solum pronomen compositum inuenitur apud nos, τὸ 'idem', quod secundam notitiam eiusdem personae significat, cuius interpretatio apud Graecos cum praepositivo articulo relatiuum pronomen habet, ὁ αὐτός. Et apud illos quidem duae partes orationis sunt ὁ αὐτός, ὅ, quod est articulus praepositivus, et αὐτός, quod est pronomen*

*relatiuum, apud nos uero una pars est composita ab 'is' et 'demum' per apocopen 'um', quomodo 'exin' pro 'exinde' et 'dein' pro 'deinde'.*

23. Cf. *Qui uero, quod interpretatur ὅστις (quod est subiunctiuus articulus cum nomine infinito apud illos, apud nos uero una pars est simplex, quae relatiua est τοῦ quis infiniti uel interrogatiui, potest subiunctiu loco articuli accipi, quomodo et Graeci τὸ ὅστις frequentissime ponunt loco ὅς articuli subiunctiu, nisi in diuidendis: in illis enim nec nos qui nec illi ὅστις ferunt.*

24. Cf. *Sed illi articulis subiunctiuus utuntur, nos uero pronominiibus uel nominibus, ut τῶν ἀνθρώπων οἱ μὲν εἰσιν ἀγαθοί, οἱ δὲ πονηροί; nos dicimus 'hominum hi sunt boni, illi mali' uel 'alii sunt boni, alii mali'; τῶν δύο Αἰάντων ὅς μὲν Τελαμῶνος, ὅς δὲ Οἰλέως υἱὸς ἐγένετο, 'duorum Aiacum alter Telamonis, alter Oilei filius fuit' uel 'hic Telamonis, ille Oilei filius fuit'*

25. Uma análise micro-textual, que considere elementos intrínsecos ao texto, tais como a recorrência de certos vocábulos e sua relação com os conceitos gramaticais, precisa ainda ser realizada. Parcialmente, uma análise desse tipo já se encontra em Biville (2008).

26. Cf. *Participiis quoque, quae tertiae sunt personae, quomodo nomina, substantiua bene sociamus uerba, ut possint loco trium uerbi personarum fungi, ut amatus sum, es, est, doctus*

δύο Αἰάντων ὅς μὲν Τελαμῶνος, ὁ δὲ Οἰλέως υἱὸς ἐγένετο [“dos dois Ajax, um foi filho de Telamon, outro de Oileu”], dizemos: *'duorum Aiacum alter Telamonis, alter Oilei filius fuit'* ou *'hic Telamonis, ille Oilei filius fuit.'*<sup>24</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 125,9-14)

Se repassarmos diante dos olhos as três partes da argumentação apresentadas nas últimas citações, poderíamos sintetizá-las da seguinte maneira: 1) primeiro Prisciano oferece a definição de Apolônio para os artigos, frisando, em seguida, sua ausência em latim; 2) oferece explicações de estruturas convencionalmente aceitas como equivalentes aos artigos gregos, reconhecendo, porém, as diferenças entre umas e outras; 3) para reforçar as diferenças, analisa, então, um ângulo mais específico da utilização de artigos (sua ocorrência em expressões partitivas gregas e latinas), citando, em seguida, exemplos de ambas as línguas.

Esse esquema reproduz, portanto, ainda que em pequena escala, o procedimento de construção macrot textual presente em todo o tratado, iniciando com definições gerais, seguindo aprofundamentos de questões particulares, e, finalmente, exemplos.<sup>25</sup> Mais que isso, Prisciano oferece uma análise comparativa entre o grego e o latim, para dar conta de uma diferença específica entre as duas línguas.

O mesmo tipo de análise é o que verificamos na passagem abaixo, em que Prisciano examina as construções de participios gregos e latinos:

Também associamos os verbos substantivos, com justiça, aos participios, que, como os nomes, são de terceira pessoa, para que possam empregar-se no lugar das três pessoas do verbo, como *amatus sum/es/est* [“fui/foste/foi amado”], *doctus sum/es/est* [“fui/foste/foi instruído”]. Essas [as pessoas do verbo], se faltarem, em seu lugar se empregam nomes indefinidos de substância acompanhados de um verbo, como *ego sum qui amor* [“sou eu quem é amado”], isto é, ὁ φιλούμενος, ou *tu es qui amasti* [“és tu quem amaste”], isto é, ὁ φιλήσας. Tais participios, de fato, estão ausentes de nossa língua.<sup>26</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 154,3-7)

Para Prisciano, é fato a constatação de que aos dois participios latinos, por exemplo, *amans* [presente e ativo:

“que ama”) e *amatus* [passado e passivo: “que é amado”], correspondem, no mínimo, as quatro formas gregas: a forma presente e ativa (ὁ φιλῶν); presente e passiva (ὁ φιλούμενος); passada<sup>27</sup> e ativa (ὁ φιλήσας); passada e passiva (ὁ φιλουθείς) – o que obriga o gramático a pensar sobre as formas correspondentes que não existem em latim (presente passivo e passado ativo), para as quais as soluções encontradas são as perífrases construídas com a associação de um (pro)nome indefinido (*qui*) e um verbo médio-passivo no presente (*amor*) e ativo no passado (*amasti*). Tais torneios gramaticais comprovam o procedimento que queremos frisar: não se apontam correspondências biunívocas de cada detalhe gramatical entre as línguas grega e latina – casos em que Prisciano oferece uma análise que leva em conta aspectos particulares de ambas as línguas, o que configura uma comparação. Esse procedimento propõe-se, portanto, não somente para sustentar semelhanças, mas, no mais das vezes também, para confrontar diferenças entre as línguas.

O mesmo ocorre com a não equivalência morfológica entre pronomes gregos e latinos: embora os sistemas pronominais, em linhas gerais, guardem correspondências nas duas línguas, quando vistos no detalhe, todavia, apresentam particularidades que o gramático não se furta a examinar:

Também se deve saber que os gregos, de fato, fazem uso dos pronomes compostos quando há passividade reflexiva, isto é, ἰδιοπαθεία, como ἐμαυτὸν διδάσκω, σαυτὸν διδάσκεις, ἐαυτὸν διδάσκει [“eu me ensino”/ “tu te ensinas”/ “ele/a se ensina”]. Eles fazem o mesmo também quando relacionam, transitivamente, um possuidor e uma coisa possuída,<sup>28</sup> isto é, eles fazem uso de um genitivo composto do pronome no lugar de um oblíquo de posse, como τοῦ ἐμαυτοῦ οἴκου ἀντιποιούμεαι [“faço valer meus direitos sobre a minha própria casa”] τὸν σαυτοῦ δούλον τύπτεις [“tu bates em teu próprio escravo”], τὸν ἐαυτοῦ υἱὸν παιδεύει [“ele/a educa o seu próprio filho”].

Em vez de tudo isso, os latinos utilizam pronomes simples, seguindo Homero, que utiliza em toda parte pronomes simples também no lugar de compostos: *mei misereor* [“compadeço-me de mim”] e *mei filii misereor* [“compadeço-me de meu filho”]; *mibi noceo* [“prejudico a mim”] e *mei filio noceo* [“prejudico a

*sum, es, est. Quae si deficient, infinita pro his subeunt nomina substantiae cum uerbo, ut ego sum, qui amor, id est ὁ φιλούμενος uel tu es, qui amasti, id est ὁ φιλήσας; haec enim desunt apud nos participia.*

27. De fato, o exemplo oferecido por Prisciano representa, mais especificamente, o particípio aoristo grego, que corresponderia, *grosso modo*, ao particípio passado latino, já que não se faz a distinção entre os aspectos perfeito e aoristo em latim, como se faz em grego. Para simplificar a comparação, estamos considerando-o simplesmente como particípio passado.

28. Literalmente, a frase *in possessionem transitione facta a possessore* indica que uma “transição é feita de um possuidor para uma coisa possuída”, deixando transparecer a metáfora segundo a qual a transitividade verbal é entendida como um movimento da ação verbal de um termo a outro, intermediado pelo verbo.

29 Cf. *Et sciendum, quod Graeci quidem compositis utuntur pronomibus in sui passione, id est ἰδιοπαφεία, ut ἑμαυτὸν διδάσκα, σαυτὸν διδάσκεις, ἑαυτὸν διδάσκει.*  
*Et hoc idem etiam in possessionem transitione facta a possessore faciunt, id est genetiivo composito primitiui pronominis utuntur pro obliquo possessionis, ut τοῦ ἑμαυτοῦ οἴκου ἀντιποιούμαι, τὸν σαυτοῦ δούλον τύπτεις, τὸν ἑαυτοῦ υἱὸν παιδεύει. Pro his autem omnibus Latini simplicibus utuntur pronomibus Homerum sequentes, qui simplicibus ubique etiam pro compositis utitur pronomibus: mei misereor et mei filii misereor; mihi noceo et mei filio noceo; me accuso et mei filium accuso.*

meu filho”]; *me accuso* [“acuso-me”] e *mei filium accuso* [“acuso a meu filho”].<sup>29</sup> (Prisciano, *Inst. gram.* XVII, GL III, 167, 2-11)

Mais do que meras diferenças de interpretação morfológica dos pronomes latinos e gregos (os pronomes reflexivos gregos são considerados compostos e os latinos, simples), a passagem deixa transparecer também nuances de uso que separam as duas línguas. Em primeiro lugar, a análise dos pronomes reflexivos gregos (ἑμαυτόν|σ (ε)αυτόν|ἑαυτόν) como palavras compostas – provavelmente por conta dos pronomes pessoais e do pronome αὐτόν – em oposição às formas simples latinas (*me/se*). Em segundo, pelo registro de um uso homérico, ainda que raro e limitado, em que se empregam formas simples, tal como no latim. Tais comentários revelam um exercício de raciocínio translíngüístico que leva em conta aspectos do grego e do latim com vistas à compreensão de fenômenos sintáticos.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação frequente de contrastes e comparações de aspectos gramaticais do grego e do latim parece sublinhar uma identidade entre os dois sistemas sintáticos, sem, no entanto, anular as diferenças entre uma língua e outra. De forma ampla, a mera aposição de elementos gregos e latinos e a apreciação conjunta de fenômenos codificados em grego e latim parecem, justamente, ressaltar o fato de que são línguas aparentadas – reforçando, por isso, a teoria do *utraque lingua*. No entanto, quando visto no detalhe, percebemos o esforço que Prisciano empreende para dar conta das diferenças entre as línguas, conforme apresentamos nos exemplos que configuram análises translíngüísticas.

Embora, ao longo do *De constructione*, Prisciano não se refira especificamente às comparações entre as línguas como metodologia particular, nem mesmo ao lugar e à função das diferenças apontadas, apenas registrando, em sua introdução – citada na epígrafe desse trabalho – ter sido sua meta buscar em autores gregos e latinos o material

para a elaboração de suas reflexões, inserindo também aí elementos novos, esse *modus operandi* parece ficar claro, no entanto, quando nos debruçamos sobre as ocorrências particulares aqui apresentadas (entre inúmeras outras da obra).

Em particular, as análises translinguísticas no *De constructione* não revogam inteiramente a premissa do *utraque lingua* – a compreensão de que uma língua, no geral, seja correspondente à outra –, mas revelam aspectos idiossincráticos do grego e do latim, que, na obra de Prisciano, parecem culminar na construção de um tratado sintático “greco-romano”. As diferenças apontadas parecem, justamente, frisar que aquilo que o autor apresenta, se não é somente língua latina, não pode tampouco ser tomado como o mesmo que os gramáticos gregos, como Apolônio Díscolo e Herodiano, apresentaram.

Assim, sua sintaxe é resultado de uma interseção entre as duas línguas, aparentemente motivada por uma situação sociolinguística específica (ensino de latim para falantes de grego), mas que parece representar não somente uma estratégia explicativa dos fenômenos em questão, mas também, de forma ampla, um recurso argumentativo, que ao por lado a lado as duas línguas, parece sublinhar a unidade entre os dois lados do império, em uma espécie de “síntese”, questão que, no entanto, merecerá uma reflexão mais aprofundada futuramente:

Todos esses fenômenos de paralelismo, identidade, transferência, comunidade de bens e reversibilidade, concorrem para formar uma entidade que não se deve propriamente dizer grega nem latina, mas que se encontra na interseção das duas línguas, enquanto lhe sobrepõe. É nisso que reside o “núcleo duro” do bilinguismo. O grego e o latim estão tão intimamente ligados na prática linguística e na reflexão gramatical de Prisciano, que se pode, sem dificuldade, passar espontaneamente de uma língua a outra, que acabam por se tornar uma mesma coisa, por constituir uma entidade que vai além da especificidade das duas línguas e das duas culturas. Assim, encontra-se realizado o ideal cultural do *tertium ex utroque compositum*, da “terceira via”, resultado da síntese das duas outras. (Biville, 2008, p. 48)<sup>30</sup>

30. “Tous ces phénomènes de parallélisme, de similitude, de transfert, de communauté de biens et de réversibilité concourent à former une entité qui n'est plus à proprement parler ni grecque ni latine, mais qui se trouve à l'intersection des deux langues, tout en se superposant à elle. C'est en cela que réside le 'noyau dur' du bilinguisme. Le grec et le latin sont si intimement liés dans la pratique linguistique et dans la réflexion grammaticale de Priscien, qui peut sans difficulté passer spontanément d'une langue à l'autre, qu'ils finissent par ne faire plus qu'un, par constituer une entité qui dépasse la spécificité des deux langues et des deux cultures. Ainsi se trouve réalisé l'idéal culturel du *tertium ex utroque compositum*, de la 'troisième voie', issue de la synthèse des deux autres [...]”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### TEXTOS ANTIGOS

APOLÔNIO DÍSCOLO. *De la construction*. Introdução, texto e tradução de J. Lallot. Paris: Vrin, 1997.

APOLLONIUS DYSCOLUS. *Appolonii Dyscoli quae supersunt*. In: SCHNEIDER, R. & UHLIG, G. *Grammatici Graeci*, 1-3. Leipzig: Teubner, 1878-1910 (republicado: Hildesheim: Olms, 1965).

CARÍSIO. *Charisii artis grammaticae libri*. In: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, I, 1-296. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

DONATO. *Donati ars maior*. In: KEIL, H. (ed.). *Grammatici Latini*, IV, 367-402. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

MACRÓBIO. *De differentiis et societatibus Graeci Latinique uerbi*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*, V, 599-629. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

PRISCIANO. *Institutionum grammaticarum libri XVII & XVIII*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

QUINTILIANO. *M. Fabii Quintiliani Institutionis oratoriae libri duodecim*. Edição de M. Winterbottom. Oxford: Clarendon, 1989, 2 v.

VARRÃO. *De lingua Latina*. Edição de M.-A. M. Casquero. Barcelona/Madrid: Ánthropos/Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

\_\_\_\_\_. *M. Terenti Varronis De lingua Latina quae supersunt*. Edição de G. Goetz. Leipzig: Teubner, 1910.



TEXTOS MODERNOS:

BALLAIRA, G. *Prisciano i suoi amici*. Turim: G. Giappichelli, 1989.

BIVILLE, F. Les *Institutions* de Priscien, une grammaire et une culture bilingues, in: Brunet, C. (org.). *Des formes et des mots chez les Anciens*. Presses Univ. Franche-Comté, 2008

CAMERON, A. Education and Culture. In:\_\_\_\_\_. *The Byzantines*. Oxford: Blackwell, 2009.

CAMERON, A. Poetry and literary culture in Late Antiquity. In: SWAIN, S. & EDWARDS, M. *Approaching Late Antiquity*. The transformations from Early to Late Empire. Oxford: Oxford University Press, 2004.

BARATIN, M. *La naissance de la Syntaxe a Rome*. Paris: Minuit, 1989.

DESBORDES, F. La fonction du grec chez les grammairiens latins. In: \_\_\_\_\_. *Idées grecques et romaines sur le langage*. Travaux d'histoire et d'épistémologie. Paris: ENS, 2007, pp. 107-121.

FÖGEN, T. *Vtraque lingua*. A bibliography on bi- and multilingualism in Graeco-Roman Antiquity and in modern times. Essen, 2003.

GARCEA, A. & GIAVATTO, A. Les citations d'auteurs grecs chez Priscien: un premier état de la question. In: *Letras Clássicas*, ano 11, vol. 11. São Paulo: USP, 2007, pp. 71-89.

GIBSON, M. Milestones in the study of Priscianum: *circa* 800 – *circa* 1200. *Viator* 23, 1992, pp. 17-33.

HERTZ, M. *Prisciani Institutionum grammaticarum libri XVII & XVIII*. In: KEIL, Heinrich [ed.]. *Grammatici Latini*. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

HOLTZ, L. *L'émergence de l'oeuvre grammaticale de Priscien et la chronologie de sa diffusion*. In: BARATIN, M. et al. (ed.). *Priscien: Transmission et refondation de la grammaire. De l'Antiquité aux Modernes*. Paris: Brepols, 2009, pp. 37-56.

HINGLEY, R. *O imperialismo romano*. Novas perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo : Annabume, 2010.

KRHEL, A. *Prisciani Caesarensis grammatici opera*. Vol 2. Leipzig, 1820.

LALLOT, J. *Entre Apollonius et Planude: Priscien passeur*. In: BARATIN, M. *et al. Priscien: Transmission et refondation de la grammaire. De l'Antiquité aux Modernes*. Paris: Brepols, 2009, pp. 153-166.

LEMERLE, P. *História de Bizâncio*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3ème édition révisée et augmentée. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MOMIGLIANO, A. *The conflict between paganism and Christianity in the fourth century: essays*. Oxford: Clarendon, 1963.

OIKONOMIDES, N. Administrative language and its public deployment. In: CHRYSOS, E.; WOOD, I. *East and West: Modes of Communication*. Proceeding of the first plenary conference at Merida. Leida: Brill, 1999, p. 47-60.

\_\_\_\_\_. "L'« Unilinguisme » officiel de Constantinople byzantine (VIIe-XIIe S.) *Symmeikta 13*, Atenas, 1999b, pp. 9-23.

ROBINS, R. H. *The Byzantine Grammarians – their place in History*. Nova York: Mouton de Gruyter, 1993.

ROCHETTE, B. L'enseignement du latin dans la partie hellénophone de l'Empire romain: objectifs, méthodes et étapes. In: TORRES, J. B. (ed.) *De Grecia a Roma y de Roma a Grecia: un camino de ida y de vuelta*. Madri: Pamplona, 2007, pp. 47-63.

SCHÖNBERGER, A. *Priscians Darstellung der lateinischen Pronomina*. Frankfurt am Main: Valentia, 2009

SCHMIDHAUSER, A. *Le De pronomine de Priscien et son modèle grec*. In: BARATIN, M. *et al.* (ed.). *Priscien: Transmission et refondation de la grammaire. De l'Antiquité aux Modernes*. Paris: Brepols, 2009, pp. 167-180.

SWIGGERS, P. & WOUTERS, A. *Transferts, contacts, symbiose: l'élaboration de terminologies grammaticales en contact bi/plurilingues*. In: COLOMBAT, B. *et al. Bilinguisme et terminologie grammaticale gréco-latine*. Leuven/Paris: Peeters, 2007, pp. 19-36.

TREADGOLD, W. *A history of the Byzantine State and Society*. Stanford, EUA: Stanford University, 1997.

VEYNE, P. *O império greco-romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

Recebido em: setembro de 2013

Aprovado em: junho de 2014



## O ENSINO DE LÍNGUA LATINA NO BRASIL: PERCURSO E PERSPECTIVAS<sup>1</sup>

1. Esta pesquisa tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

Leni Ribeiro Leite\*  
Marihá Barbosa e Castro\*\*

\* Professora da  
Universidade Federal  
do Espírito Santo

\*\* Mestranda da  
Universidade Federal  
do Espírito Santo

**RESUMO:** Com base em estudos anteriores sobre o desenvolvimento do ensino básico e superior no Brasil, e como primeira etapa de um estudo mais amplo acerca das propostas e perspectivas do ensino de língua latina no Brasil, este trabalho procurou traçar um panorama do ensino de línguas clássicas, em especial da língua latina no Brasil, desde o período colonial, buscando compreender os movimentos que levaram à situação atual, em que a língua latina ocupa espaço mínimo nos currículos universitários, em geral apenas dos cursos de Letras. Em seguida, procurou-se esboçar o quadro atual dos debates na área do ensino de língua latina na universidade brasileira, apontando-se os principais desafios enfrentados pelos pesquisadores da área.

### LATIN TEACHING IN BRAZIL: PATHS AND PERSPECTIVES

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino superior; Ensino de línguas; Latim.

**ABSTRACT:** Based on previous studies about the development of basic and higher education in Brazil, and as a first step in a wider study about the perspectives of Latin teaching in Brazil, this article aims at drafting a picture of the teaching of Classical Languages, with special attention to Latin, in Brazil, since the colonial period, trying to understand the movements that led to the current situation, in which Latin has minimal space in the curricula in universities, in general only within the languages and literature majors. After that, a picture of the current debates in the area has been drawn, pointing out the main challenges faced by teachers and researches of Latin teaching in Brazilian universities.

**KEYWORDS:** Higher education; language teaching; Latin.

## INTRODUÇÃO

**A**pós a dissolução do Império Romano Ocidental, no século V da era cristã, o latim e a cultura clássica gozaram, ainda por muito tempo, de privilegiado estatuto no mundo intelectual, sendo considerados fundamentais para a formação do homem letrado. Até o século XVIII, o latim estava firmemente estabelecido como língua de cultura, bem como língua oficial da Igreja Católica, o que contribuiu para a manutenção de seu prestígio e difusão. Portanto, apesar de não mais haver falantes nativos de latim, o idioma permaneceu em constante uso pelos religiosos, filósofos, cientistas muito depois do desaparecimento da civilização que o criou.<sup>2</sup>

2. Para um panorama detalhado da permanência e uso do latim nos períodos medieval e renascentista, cf. IJSEWIJN (1990); OSTLER (2007: 190-259); SOLODOW (2010: 31-55); TUNBERG (2013) entre outros.

Debater os motivos pelos quais o latim veio a ocupar tal papel no cenário intelectual, cultural e literário do mundo ocidental durante tão longo período – pode-se considerar que apenas no fim do século XIX e primeira metade do século XX os estudos clássicos sofreram decisivo declínio no ensino básico e superior no Brasil e em outras partes do mundo – é uma tarefa extensa que nos faria perder de vista o principal objeto deste trabalho: o ensino de latim no Brasil, do período colonial até o século XXI, com seus desafios e perspectivas. Deter-nos-emos, portanto, apenas na breve exposição da trajetória do latim nos currículos da educação brasileira e, sobretudo, nas mudanças que culminaram na supressão do latim como disciplina obrigatória no ensino básico a partir da LDB de 1961.

### I *RATIO STUDIORUM*

A história do ensino de latim no Brasil começa com a chegada dos padres da Companhia de Jesus, em 1549, na expedição de Tomé de Souza, que marca o início das iniciativas educacionais dos colonizadores. A Companhia de Jesus, criada em 1539 por Inácio de Loyola, surgiu durante o período em que a Igreja Católica empenhava seus esforços na contrarreforma, resposta aos eventos de dissidência, perda de hegemonia e de domínio religioso em algumas regiões da

Europa durante os séculos XVI e XVII. A ordem foi reconhecida em 1540 pelo Papa Paulo III e a princípio possuía poucos membros. De acordo com a primeira legislação, a ordem só poderia ter no máximo 60 membros, mas sua grande popularidade fez com que essa limitação fosse revogada, e, em poucos anos, a Companhia de Jesus estava em toda parte, inclusive nas colônias espanholas e portuguesas no continente americano, onde realizava missões de evangelização e propagação da fé (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008: 171). A catequização dos índios tornou-se um dos principais objetivos dos jesuítas no Brasil, onde a Companhia de Jesus servia concomitantemente aos interesses da Coroa e do Papado, através de ações combinadas para “expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho no Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé” (RAYMUNDO, 1999: 43).

Já nos primeiros dias após o desembarque em praias brasileiras, os Jesuítas criaram a primeira escola “de ler e escrever” da colônia. Várias outras se seguiram: em 1556, inauguraram o Colégio de Todos os Santos, em Salvador. Ao longo dos 210 anos em que gerenciaram a educação brasileira, ofereceram todos os níveis de formação para os habitantes da colônia (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008: 174-176). Seja como disseminadores da fé junto aos gentios, seja como tutores dos governantes do império, os jesuítas tinham como base de sua atuação educacional a *Ratio Studiorum*, o manual que estabelecia a organização e administração do sistema educacional e o currículo a ser seguido pelos padres professores da Ordem de Jesus. Freire (2008: 180) qualifica o sistema pedagógico dos jesuítas de tradicional e literário: para ele, “o método de ensino utilizado pelos jesuítas era principalmente expositivo, livresco, com pouco ou nenhum sentido prático” (FREIRE, 2008: 181). Dentro desse currículo, o cultivo da língua latina e das humanidades era primordial; os alunos entravam em contato com o latim desde cedo, e era ele não só uma disciplina em si, mas o instrumento através do qual todo conhecimento era transmitido, o veículo de informação e estudo de muitas das demais disciplinas curriculares.

A *Ratio Studiorum* era um unificador do método da Companhia e, por isso, prescrevia detalhadamente de que

maneira as aulas de cada disciplina deviam ser ministradas nos vários níveis do ensino, indicando também a postura e abordagem adequadas para os professores e coordenadores dos colégios da Ordem. De certa forma, aquele documento, promulgado em 8 de janeiro de 1599, se aproxima dos documentos hoje norteadores da educação básica brasileira, não no que diz respeito ao conteúdo e preceitos defendidos, mas na medida em que procura balizar as práticas docentes em sala de aula, mantendo a uniformidade do projeto em toda a sua extensão. A formação acadêmica do homem ocidental durante os séculos XVI e XVII era amplamente definida pelo projeto educacional jesuíta, que foi responsável, também, por instruir as camadas menos favorecidas da população europeia e pelo letramento dos indígenas.

Os estudos clássicos e o ensino do latim eram igualmente definidos pela *Ratio Studiorum*. Essas disciplinas eram ministradas de acordo com uma leitura do mundo clássico filtrada pelos dogmas do cristianismo, construída primeiro pelos Pais da Igreja e, mais tarde, pelos homens letrados do Renascimento. Para exemplificar de que modo esse filtro organizava o ensino de língua e literatura latina, observemos um trecho da *Ratio Studiorum*:

Que de modo algum se sirvam os nossos, nas aulas, de livros de poetas ou outros, que possam ser prejudiciais à honestidade e aos bons costumes, enquanto não forem expurgados dos fatos e palavras inconvenientes; e se de todo não puderem ser expurgados, como Terêncio, é preferível que não se leiam para que a natureza do conteúdo não ofenda a pureza da alma (FRANCA, 1952: 6).

A proibição em termos de “livros de *poetas* ou outros” [grifo nosso] neste trecho exemplifica a tendência em afastar a poesia da sala de aula, dando preferência a outras formas literárias, em especial às prosas históricas e aos textos declamatórios. Ainda que tal afirmação possa se aplicar a poetas contemporâneos ao documento, é presumível – principalmente quando o único autor citado é romano – que essa recomendação fosse a respeito, sobretudo, de autores clássicos que não confirmavam, em suas obras, as virtudes e valores abraçados pela doutrina cristã. Esses valores,



entretanto, são observados em outras obras, que são por isso recomendadas, tais como os discursos de Cícero. Muitas outras são recomendadas, mas com ressalvas. Quando sugeridas as leituras de outros autores latinos, fica clara a preocupação em selecionar os trechos que não sejam contrários à moralidade cristã, sendo função do mestre expurgar os poemas antes de levá-los às salas de aula.<sup>3</sup>

Para conhecimento da língua, que consiste principalmente na propriedade e riqueza das palavras, explique-se, nas lições quotidianas [...] dos poetas, principalmente *Virgílio com exceção de algumas églogas e do 4o. livro da Eneida*, odes seletas de Horácio e também elegias, epigramas e outras composições de poetas ilustres, *contanto que expurgados de qualquer inconveniência de expressão*. (FRANCA, 1952: 38, *grifos nossos*).

Quanto às leituras, poderão explicar-se no primeiro semestre dos prosadores, as cartas mais importantes de Cícero [...]; dos poetas no primeiro semestre algumas *elegias ou epístolas de Ovídio, escolhidas e expurgadas, no segundo, trechos, também escolhidos e expurgados, de Catulo, Tibulo, Propércio e das Églogas de Virgílio*, ou ainda, do mesmo Virgílio, os livros mais fáceis como o 4o. das *Geórgicas*, o 5o. e o 7o. da *Eneida* (FRANCA, 1952: 41, *grifos nossos*).

O nome de Cícero, entre os autores romanos, é o mais citado da *Ratio Studiorum* (35 vezes), sendo amplamente recomendada a sua leitura, análise e imitação para as mais variadas finalidades educativas:

Quanto às regras, ainda que se possam procurar e observar em todas as fontes, não se deve, contudo, explicar, na preleção quotidiana, senão nos livros retóricos de Cícero, na *Retórica* de Aristóteles, e, se parecer conveniente, também na sua *Poética*. No que concerne ao estilo, ainda que se devam percorrer os melhores historiadores e poetas, deverá ser formado quase exclusivamente em Cícero; para esse fim se adaptam perfeitamente todos os seus livros, mas as orações deverão ser só explicadas a fim de que nelas se vejam a aplicação dos preceitos da oratória (FRANCA, 1952: 35-36).

a.i.1. O tempo será dividido do seguinte modo. Na primeira hora da manhã recite-se o trecho decorado de Cícero e da arte métrica, tomado pelos decuriões (FRANCA, 1952: 39).

3. Bastante conhecidas, as edições *Ad Usum Delphini* ou *In Usum Delphini* foram um eloquente exemplo deste desejo da manutenção dos textos clássicos latinos como base indispensável da formação do homem educado e instruído, mas limpos de tudo o que afrontasse a fé ou a moral cristãs. Para uma discussão acerca desses textos e sua função pedagógica, v. VOLPILHAC-AUGER (1997).

a.i.2. Enquanto corrige os trabalhos escritos pode passar algum dos exercícios seguintes: colher frases dos trechos explicados e variá-las de muitas maneiras; reconstituir um período de Cícero que haja sido desarticulado; fazer versos, passar uma poesia de uma para outra forma; imitar um trecho, escrever em grego (ou em vernáculo) e outros semelhantes (FRANCA, 1952: 39).

a.i.3. Quanto às leituras, poderão explicar-se no primeiro semestre dos prosadores, as cartas mais importantes de Cícero aos parentes, a Ático, ao irmão Quinto (FRANCA, 1952: 41).

a.i.4. Na segunda hora matutina, repetição breve da última lição de Cícero, explicação por meia hora da nova, que será logo objeto de interrogação, por último, ditado do tema (FRANCA, 1952: 41).

No que diz respeito ao latim, observam-se dois aspectos na educação ministrada pelos jesuítas: (1) há a clara preocupação em incluir a língua e a literatura latina em todos os níveis do ensino, mas (2) essa inclusão se faz de modo interessado, uma vez que os textos antigos eram escolhidos e apresentados para os alunos de acordo com a moralidade cristã; os autores e trechos eram selecionados com o intuito de corroborar os conceitos e ideais valorizados pela Companhia de Jesus e pela Igreja Católica.

A posição ocupada pelo latim no currículo das escolas jesuítas responde diretamente ao uso do latim no mundo letrado europeu do período: àquela altura, o latim já se desprendera do mundo clássico e já há muito não era mais a língua que representava apenas o povo, a cultura e a literatura romanos. Todos os demais povos europeus tinham dele se apropriado e utilizado como sua própria língua, e isso se vê refletido no currículo jesuítico, que usa o latim não só na recuperação dos elementos da cultura clássica, mas principalmente como veículo de expressão do pensamento e cultura europeus contemporâneos. Em suma, o papel do ensino de latim neste modelo era central e se fazia não só pelo resgate e manutenção de elementos clássicos da antiguidade, mas dava à língua latina o lugar de principal veículo de transmissão da realidade coeva e do pensamento cristão e leigo.

Embora possamos analisar as formas pelas quais os jesuítas se apropriaram da cultura e da literatura clássicas para construir seu currículo como tendenciosas e

programáticas, é inegável que a educação jesuítica se caracterizava pela formação de caráter humanista, ou seja, que considerava como mais importantes a dignidade humana, a cultura e a arte, colocando em segundo plano o pragmatismo do ensino, ou seja, a formação voltada para o trabalho, tão caro aos debates sobre educação nos séculos vindouros, como demonstra a afirmação de Freire citada acima, que acusa a formação jesuítica de ter “pouco ou nenhum sentido prático”.

## II AS REFORMAS POMBALINAS E *O VERDADEIRO MÉTODO DE ESTUDAR*

A educação jesuítica vigorou durante dois séculos no Brasil e em muitas outras partes do mundo; entretanto, o poder acumulado pela Companhia de Jesus durante aqueles mesmos dois séculos era visto como ameaça à soberania de muitos países e até mesmo da própria Igreja. Os jesuítas sofreram, ao longo do século XVIII, diversas retaliações: foram expulsos da França em 1764; da Espanha, em 1767; em Portugal, o Marquês de Pombal, através do Alvará de 18 de junho de 1759, oficializou o fim da educação ministrada pela Companhia de Jesus em todas as regiões do império, expulsando-os das terras portuguesas. Em 1773, o Papa Clemente XIV decretou a supressão da Companhia de Jesus.<sup>4</sup>

A expulsão dos jesuítas foi crucial para a educação brasileira: desde a sua chegada, os inicianos tinham detido a responsabilidade pela quase totalidade das instituições de ensino. Ao expulsar os jesuítas, o Marquês de Pombal baniu praticamente todos os professores da colônia. Pombal, amplamente influenciado pelos ideais iluministas, pretendia substituir a organização eclesiástica do ensino por uma metodologia laica (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006: 470). Para tanto, o rei D. José instaurou, através do Alvará de 1759, o sistema de aulas régias, de modo que fosse possível não só

lutar contra a decadência dos estudos, ‘mas restituir-lhes aquele antecedente lustre que fez os portugueses tão conhecidos na república das letras’. Ainda segundo o Alvará, o ensino jesuítico

4. Sobre a história da Companhia de Jesus no Brasil e no mundo, v. PEDRO (2008) e BANGERT (1985).

havia interrompido a tradição do humanismo quinhentista, que agora precisava ser restaurado. (ALMEIDA, 2001: 73).

*O verdadeiro método de estudar* (1746), de Verney, foi a mais importante obra do período cujas proposições guiaram as reformas pombalinas. Verney postulava o ensino de literatura através do português, do latim, da retórica e da poética. Embora possa parecer que a proposta de Verney pouco se diferenciava do currículo jesuíta, as disciplinas, ainda que as mesmas, têm função diversa. A retórica, por exemplo, se mantinha no currículo não apenas para ensinar os alunos a bem usar a palavra nas relações com outros seres humanos ilustrados, mas cumprindo a função de armamento na batalha da construção das novas representações do reino português, que queria deixar a velha imagem de reino cristão em favor de uma mais moderna, de nação europeia polida e civilizada. Quanto ao ensino de latim, o autor faz muitas críticas ao modo ineficaz por que os jesuítas o ensinavam, ocupando muito tempo com memorização de regras gramaticais, mas dedicando pouco à leitura e a exercícios que poderiam oferecer ao aluno um domínio ativo do idioma. Essa tensão proposta n*O verdadeiro método de estudar* já prenuncia uma dicotomia com a qual os professores de latim ainda hoje precisam lidar: aquela que contrapõe o estudo centrado em processos gramaticais aos métodos de leitura. É interessante observar que Verney acusava o método jesuíta de ineficaz porque resultava em alunos que, ao cabo de anos de estudo, não conseguiam ler o latim com fluência – uma observação que ecoa em discussões hodiernas sobre o ensino do idioma.

Verney propunha reformas que estivessem alicerçadas no estudo da Antiguidade Clássica, de forma que os estudantes se percebessem unidos à tradição e à cultura clássicas. O autor defendia que somente através dos textos dos grandes autores latinos os jovens poderiam compreender e conhecer a cultura clássica e, para isso, o estudo do latim era necessário. Ao confrontarmos o ensino de latim dos jesuítas e o proposto por Verney, percebemos a diferença no modo como cada uma dessas orientações pedagógicas enxergava o latim:

O latim dos jesuítas era ensinado e empregado como uma língua *universal*, viva e falada no seio da Igreja. Já o ensino da língua latina proposto pela reforma terá um caráter totalmente diverso, na medida em que o latim será encarado como *língua morta*, deixando de ser uma língua falada para ser valorizada como herança. E, por isso, o ensino do latim impõe-se, obrigatoriamente, na língua materna, com a proibição, pelo menos nos primeiros anos, de se falar latim nas aulas. (ALMEIDA: 2001, 76)

Interessa-nos atentar para o fato de que a acusação de Verney, de que os jesuítas ensinavam gramática e, portanto, os alunos dos jesuítas não eram proficientes na língua latina, parece ir de encontro ao propósito do ensino jesuíta, ou seja, de que o latim era língua viva e, portanto, falada, ouvida, lida, escrita. Por outro lado, o método de Verney, ao menos em teoria, busca uma proficiência na leitura e, portanto, se aproximaria dos métodos modernos que propõem o latim como *língua viva*; no entanto, ao enfatizar a importância dos clássicos como tradição, relega-lhe o papel de *língua morta* e, portanto, não falada, não escrita. Há uma quase inversão em relação ao que o mundo moderno entenderá em termos de métodos de ensino de latim, uma vez que, no século XX, como veremos, os métodos que propõem o ensino de gramática em geral não se conjugam com o ensino de latim como língua viva, e sim como leitura, apenas.

Almeida (2001) observa que o método de Verney estava ancorado no princípio lockiano de utilidade da cultura, já um passo distante das propostas humanistas de ornamentação do espírito. Assim,

Os estudos superiores deveriam ser ajustados às necessidades culturais de Portugal, e os estudos menores à sua função de preparatório para a universidade, para que resultasse em “uma maior eficiência ou *utilidade*, dos *homens formados* pela universidade” (ALMEIDA, 2001: 74).

Há ainda uma outra diferença fundamental entre a educação jesuíta e a proposta pombalina que também já prefigura uma importante arena de combate do século XX: a laicização do ensino. A nova proposta, ao enxergar a educação como um espaço do saber laico, se afasta da concepção jesuíta do ensino, e a apropriação dos textos

clássicos terá, decerto, outra conotação. Entretanto, por mais sedutoras que possam parecer as ideias de Verney, não houve, ao menos no Brasil, a concretização de tais ideias. Maciel e Shigunov Neto destacam que

A reforma de ensino pombalina pode ser avaliada como sendo bastante desastrosa para a Educação brasileira e, também, em certa medida para a Educação em Portugal, pois destruiu uma organização educacional já consolidada e com resultados, ainda que discutíveis e contestáveis, e não implementou uma reforma que garantisse um novo sistema educacional (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006: 475).

Na prática, as propostas da reforma pombalina para a educação provocaram a desorganização da educação na colônia, criando um hiato de quase meio século em que se podem observar tentativas frustradas de aplicar aquilo que havia sido concebido teoricamente pelo alvará de 1759. A expulsão dos jesuítas, muito longe de resolver as questões do currículo educacional, criou uma situação caótica em que uma educação regular e consolidada foi substituída pela ausência de um sistema educacional. Maciel e Shigunov Neto concluem que, no Brasil,

não há uma continuidade nas propostas educacionais implantadas. A expulsão dos jesuítas e a total destruição de seu projeto educacional podem ser consideradas como o marco inicial dessa peculiaridade tão arraigada na Educação brasileira (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006: 472).

Apenas depois de dezesseis anos da expulsão dos jesuítas, as primeiras escolas com cursos graduados e sistematizados foram instituídas. Isso não significou, decerto, uma pronta laicização do ensino, ainda que tenha sido um passo nessa direção. No entanto, a própria inexistência de professores desvinculados de instituições religiosas foi um impedimento, e, na ausência dos jesuítas, outras congregações – beneditinos e franciscanos, principalmente – passaram a atuar como educadores. Por isso, as funções de padre e professor estiveram, ainda por muito tempo, amplamente associadas.

### III SÉCULO XIX E A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL

O momento seguinte de transformação na educação brasileira se deu já no início do século XIX, a partir da chegada e instalação da família real portuguesa na colônia, que alcançou então o estatuto de reino unido. Cursos de diversas áreas, até então inexistentes, foram criados (BOAVENTURA, 2009: 130). A presença da corte portuguesa criou uma demanda de certas especialidades e profissões, fazendo com que muitos investimentos fossem empreendidos na inauguração de cursos que suprissem as novas necessidades. Antes da chegada da família real, por exemplo, havia pouquíssimos médicos formados na colônia, sendo a falta de profissionais da área da saúde a motivação para a criação de diversos cursos de Medicina. Portugal enfrentava a iminência da guerra contra Napoleão e precisava se estruturar belicamente para promover a defesa militar da Colônia: para isso, criaram-se as Academias Militar e de Marinha, cujo objetivo era “a formação de hábeis oficiais de artilharia, de Engenharia, geógrafos e topógrafos com emprego administrativo nas minas, nos caminhos, portos, canais, pontes, fontes e calçadas, estabelecendo, dessa maneira, a Academia Real Militar” (BOAVENTURA, 2009: 134). Os currículos desses novos cursos e das escolas militares contemplavam áreas do saber de mais recente prestígio, como a matemática e a física, mas negligenciavam o antes onipresente estudo das humanidades. A título de ilustração, o currículo da Academia Militar do Largo de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, era organizado da seguinte forma:

No 1º ano, tinha Álgebra, Análise Geométrica, Trigonometria Retilínea e Desenho de Figura; no 2º, Álgebra, Cálculo Diferencial e Integral e Geometria Descritiva; no 3º, Mecânica, Hidráulica e Desenho de Paisagem; no 4º, Trigonometria Esférica, Ótica, Astronomia, Geodésia e Física; no 5º, Tática, Fortificação de Campanha, Química, Filosofia Química e Desenho Militar; no 6º, entravam Ataque e Defesa das Praças e Mineralogia; no sétimo, Artilharia, Zoologia, Desenhos e Máquinas de Guerra e outras matérias. Tudo isso e mais os exercícios práticos, línguas francesa e inglesa e esgrima. (BOAVENTURA, 2009: 134).

Como se pode observar, a ausência das humanidades é quase total, com a honrosa exceção das línguas francesa e inglesa. As línguas clássicas e as literaturas, antes elementos centrais da educação, estão absolutamente fora do escopo do curso que tem como objetivo formar homens que atuarão em posições de destaque no reino. O ensino de cunho profissionalizante, em várias carreiras, passou a ser valorizado e, além da instituição das cadeiras de Ciências Econômicas e de Química, foram criados a Aula de Comércio e o curso de Agricultura, em Salvador, na Bahia. Os únicos cursos de humanidades que o governo instituiu foram aulas de línguas vivas, que se consideravam úteis por suas possibilidades de uso imediato no contato com aliados estrangeiros.

Ao menos teoricamente, muitos esforços foram feitos durante esse período para suprir demandas educacionais há muito negligenciadas na colônia, mas, dos diversos investimentos feitos, poucos beneficiaram o ensino de humanidades. Nesse momento, o ensino das línguas clássicas começa um movimento de entrincheiramento, sendo primeiro relegado a nichos, reservado aos que decidiam por uma carreira voltada para as humanidades, tal como o Direito, e enfim sumindo dos currículos gerais. Esse também é o momento do declínio de disciplinas antes consideradas nucleares, tais como a Filosofia e a Retórica – esta última, tendo sumido completamente como curso e mesmo como área do conhecimento durante a maior parte dos séculos XIX e XX.

#### IV ENSINO NA REPÚBLICA: “BATALHA PELO HUMANISMO”

A partir da proclamação da República, outras necessidades vieram se somar: os ideais igualitários trazidos do estrangeiro, em especial da França e dos Estados Unidos, estabeleciam como dever do estado a oferta de ensino público e gratuito para todos, e a demanda por escolas e professores aumentou severamente. Intensificou-se o debate sobre o que deveria ser oferecido como formação à juventude do século XX (SOUZA, 2009: 74). Principalmente a partir da década de 1920, vários intelectuais se posicionaram a favor de uma remodelação do currículo das escolas básica e



secundária, de forma que ela melhor servisse “à sociedade moderna”. Os ataques aos conteúdos das áreas de humanidades presentes nos currículos se dirigiam com maior frequência para a questão da utilidade e necessidade dos estudos clássicos, do latim e do grego, embora praticamente todo o ensino de humanidades estivesse sendo contestado (SOUZA, 2009:73). Durante os diversos atos desta “batalha pelo humanismo”, argumentava-se, por um lado, que as mudanças nos currículos eram necessárias para que a escola se adaptasse ao novo perfil do alunado – para quem a escola era ponte para o mercado de trabalho –, por outro, que a manutenção do currículo humanista oferecia ao aluno uma formação geral, mais completa, e não apenas uma formação profissional, restrita a uma especialização.

Um currículo pautado nas humanidades defendia a formação de alunos que aprendessem sobre cidadania, moral, valores, virtudes, artes e literatura nas escolas. Os que se alinhavam com este ponto de vista propunham, em geral, a manutenção do estudo do latim como língua da civilização e da cultura. Ainda segundo Souza, para esses educadores “o valor da educação secundária estava no seu acentuado desinteresse, isto é, seu apreço por uma formação geral sem preocupação com a especialização ou a formação profissional” (SOUZA, 2009: 75). Tendo sido construído com base em uma argumentação que valorizava o conhecimento por si e uma formação geral que, ao invés de apontar uma direção desde cedo, nutrisse cidadãos a quem uma formação moral e cultural amplas proporcionassem um maior leque de possibilidades mais tarde, o currículo de vocação humanista estava fadado ao desapareço por parte dos que viam como premente a preparação de profissionais aptos ao trabalho, prontos a carregar sobre os ombros as diversas tarefas pragmáticas da república.

Nem todas as disciplinas de cunho humanista sofreram o mesmo destino: segundo Souza, “disciplinas como História e Geografia, por exemplo, floresceram no início do século XX consolidando uma presença significativa nos programas do secundário” (SOUZA, 2009: 76). Isso se deu por conta da própria construção argumentativa da defesa dessas disciplinas como áreas do saber científicas, de cunho pragmático e necessárias para o desenvolvimento do ser

5. Ainda que esteja além do escopo deste trabalho, é interessante observar como essas outras áreas das humanidades, em particular a História, desenvolveram como mecanismo de autodefesa uma imagem de áreas próximas às ciências exatas. Segundo F. Hartog, por exemplo, a historiografia do século XIX, “interpretava a História como uma ciência cujo objeto está tão claramente definido quanto o de qualquer outra ciência” (HARTOG, 2003: 337).

humano, promovida pelos que construiriam assim sua permanência nos cursos e no apreço da sociedade.<sup>5</sup> A batalha maior se travava em relação à permanência ou não dos estudos clássicos no currículo, uma vez que essas disciplinas eram vistas como ornamento.

Nesse momento, alguns setores vinculados à Igreja Católica saíram em defesa das humanidades, em geral, e mais especificamente da manutenção do ensino do latim. No entanto, uma visão de humanismo enraizada no cristianismo era cada vez mais rejeitada: o humanismo cristão passou a representar uma cultura de privilegiados que se opunha à expressão de uma sociedade democrática, postura que fez com que essas disciplinas ganhassem ainda mais descrédito dos educadores que discutiam as reformas necessárias para os currículos. Essa associação entre catolicismo e estudos clássicos, que foi certamente uma das responsáveis pela forte presença do Latim e do Grego quando o domínio da Igreja sobre a educação era quase absoluto, também contribuiu com o declínio dessas disciplinas no momento em que o Estado e os serviços por ele oferecidos tendiam para um processo de laicização.

Observe-se porém que a discussão sobre a permanência dos estudos clássicos no currículo raramente se preocupou em redimensionar a maneira como essas disciplinas eram ministradas no ensino secundário, de modo que pudessem oferecer aos alunos maior contribuição em sua formação. A forma como o latim vinha sendo ofertado nos currículos básicos e secundários ainda era devedora do *Método* de Verney que, como vimos, entendia o latim como *língua morta*, e, como demonstram livros didáticos da época, privilegiava a gramática e a repetição – aquilo que Verney havia, na teoria, combatido, mas que, na prática, havia se mantido como ponto fulcral do ensino da língua clássica. Em suma, o *como* ensinar latim muito raramente foi posto em pauta, mesmo naquele momento decisório: a discussão se dava em termos de “manter ou não manter”. A batalha pelo humanismo, portanto, se configurava como uma luta entre um espírito de renovação que representavam as disciplinas científicas e exatas, e um espírito conservador, que desejava manter os estudos clássicos como eram, representantes de um *status quo* social e político.

## V REFORMA DO CURRÍCULO OBRIGATÓRIO: LATIM COMO OPTATIVA

Em 1942, com a reforma Capanema, os estudos clássicos ocuparam um lugar privilegiado no currículo: o ensino de latim era destinado a todas as séries do curso ginásial. Segundo Souza, a reforma Capanema foi “o último reduto da língua latina na educação secundária e da valorização da cultura geral como eixo central da formação da juventude” (SOUZA, 2009: 81). Mas esse estado não durou muito tempo: a batalha continuou acirrada, e o desfecho dessa disputa se deu com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961 (Lei 4.024/61), através da qual o latim e outras disciplinas antes obrigatórias, como a filosofia (cf. FAVERO et al., 2004), se tornaram disciplinas optativas. Essa omissão foi o golpe definitivo que levou os estudos clássicos a perderem a sua supremacia no ensino secundário, fazendo com que desaparecessem das práticas escolares.

No âmbito universitário, a supressão do latim e dos estudos clássicos dos currículos secundários também causou grande efeito: não havia mais a necessidade de formar professores de latim, uma vez que a demanda havia diminuído drasticamente. A redução da demanda, somada aos ecos dessa mesma batalha entre humanismo e pragmatismo, agora no currículo superior, não podiam ter resultado diferente: também nos currículos dos cursos superiores o latim e os estudos clássicos foram desaparecendo. Novas disciplinas como a linguística passaram a lutar por espaços antes destinados aos estudos clássicos; o latim em geral se reduziu a dois semestres, quando muito, nos currículos universitários.

No entanto, a disciplina sobreviveu e, de início timidamente, se reformulou: aos poucos as influências das teorias modernas da literatura e da linguagem repercutiram positivamente na área. As décadas de 60 a 80 do século XX foram, em geral, um período de adequação à nova realidade. A partir de meados da década de 80, intensas discussões acerca do papel do latim, do grego e dos estudos clássicos na universidade surgem: a própria fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, em 1985, é indicativo do interesse na manutenção da área e do desejo de discutir novos princípios norteadores das práticas de ensino e pesquisa em

línguas e literaturas clássicas. Essas discussões amadureceram principalmente a partir de 1995, podendo ser indicado como marco inicial desta nova fase, no que tange à teoria e prática do ensino de língua latina, a publicação da obra “Uma Estranha Língua?”, de Alceu Dias Lima.

## CONCLUSÕES

Como vimos, desde os tempos dos jesuítas podem-se reconhecer duas tradições antagônicas no ensino do latim, fruto do que Percy (2010: 192) chama de um conflito entre o humanismo e a filologia. Entre os simpatizantes desta, estão os que defendem o latim como estrutura e os métodos focados na análise sintática e morfológica. Nestes, o principal mérito do estudo do latim está na análise e compreensão dos fenômenos do idioma e na instrumentalização dos alunos para os estudos linguísticos, seja no aprendizado de uma nova língua, numa compreensão mais aprofundada da língua materna, em estudos de etimologia, linguística comparativa e outros campos afins. Já os defensores da postura chamada pelo autor *humanista* enxergam o latim como veículo de culturas – antiga, medieval, renascentista – e, por objetivarem o acesso aos bens culturais do passado, valorizam a utilização de métodos que propiciem a leitura corrida e a fluência no uso da língua. Neste caso, o principal objetivo do estudo de latim está no arcabouço literário e cultural a ser acessado. Claramente, os fins justificam os meios empregados: os que consideram que o latim é instrumento para a melhor compreensão de fenômenos e estruturas linguísticos devem optar por metodologias centradas no domínio da morfologia e da sintaxe; já os que formam os alunos com vistas à leitura de textos devem buscar metodologias que privilegiam o letramento cultural e a compreensão do contexto. Percy (2010:194) vê méritos em ambos os posicionamentos e procura empreender uma análise neutra, concluindo que os professores de latim lecionam diante e a partir da tensão entre essas duas tradições.

Miotti (2004), ao refletir sobre o contexto brasileiro, reconhece o mesmo conflito descrito por Percy, mas entende que o ensino de latim deve ter como objetivo o

desenvolvimento da habilidade de leitura de textos originais de modo a familiarizar os alunos com a história e a cultura da Roma antiga, colocando-se, portanto alinhada à tradição humanística. Os métodos tradicionais de ensino de latim, de cunho gramático-tradutório, foram criticados por Barboza (2001), que elabora uma descrição de pontos de vista e propostas de ensino expostas em prefácios de manuais brasileiros de ensino de latim, tendo selecionado autores do início do século XX – como Milton Valente, Vandick Londres da Nóbrega e Napoleão Mendes de Almeida – e também autores nossos contemporâneos – como Janete Garcia, Antonio Martinez de Rezende e Oswaldo Furlan.

A partir do trabalho de Barboza, podemos exemplificar essa dicotomia no ensino de latim no Brasil durante o século XX. A autora apresenta, entre outros, o prefácio do manual *Ludus*, do padre jesuíta Milton Valente, de 1949, e observa que, para Valente, o estudo do latim transformará o aluno em um homem culto e de bem, familiarizado com seu próprio idioma – o português – e sua história: Valente faz uma apologia do latim com base no ornamento do espírito e do conhecimento do português através do latim, uma defesa muito próxima daquela que Souza (2009: 75) expõe como característica dos partidários do ensino do latim nos anos 20.

Por outro lado, ao analisar materiais pós-anos 90, Barboza identifica uma mudança no posicionamento teórico dos profissionais de ensino de latim. O método *Introdução à teoria e prática do Latim*, de Janete Melasso Garcia, por exemplo, procura se adequar ao breve espaço que o latim ocupa nos currículos, enfatizando a prática da leitura e compreensão de textos latinos. O método *Latina essentia*, de Antonio Martinez de Rezende, abertamente afirma que o latim não pode ser encarado como uma língua morta e que seu objetivo é possibilitar ao aluno a compreensão de textos clássicos. Ou seja, vários professores atuantes nas universidades brasileiras hoje têm como objetivo o ensino de latim para a leitura e como elemento de acesso à cultura de outros povos e outras épocas, e não mais o ensino de latim como “supralíngua” ou como base para o ensino de línguas modernas.<sup>6</sup>

Barboza conclui em seu estudo que o principal objetivo do ensino de Latim no início do século XXI, como

6. Vários desses pontos de vista e chamados “mitos” sobre o latim são discutidos em FORTES (2010).

representado pelos materiais didáticos produzidos no Brasil, consiste em resgatar a relevância cultural do latim através do acesso aos textos produzidos por autores clássicos. O debate acerca dos fins do ensino de latim parece estar se encerrando: é raro hoje encontrar quem defenda que o latim deve ser aprendido como um tipo de ornamento cultural ou como forma de aprender melhor uma outra língua (cf. FORTES, 2010). Precipuamente, entende-se que o latim tem importância na medida em que se deseja entrar em contato com as principais obras literárias, documentos históricos e outras fontes que foram escritas naquele idioma, e que são incontáveis, dado o papel do latim na Europa durante cerca de vinte séculos. Resta-nos ainda, porém, determinar os meios para chegar a este fim, e esta é uma discussão ardente no campo dos estudos clássicos hoje, no Brasil e no mundo. Miotti (2006) chega às mesmas conclusões:

(...) pelo menos no Estado de São Paulo, houve significativa mudança de pensamento e que *se está mais consciente da necessidade de adotar métodos mais arejados e de, principalmente, definir com precisão os objetivos do estudo do latim*. A ideia de não dissociar língua e literatura predomina, ainda que encerrada em currículos que acabam por isolar, ao menos na terminologia, uma coisa e outra. Ainda persistem certos obstáculos na equação do tempo escasso com os objetivos do ensino, bem como *alguma confusão advinda da determinação de metas não equiparáveis: se o propósito de certo curso é dar um panorama geral da estrutura do latim, a estratégia didática será muito diversa daquela exigida se o propósito é permitir acesso aos textos*; se essas metas se confundem, a metodologia de ensino e, por consequência, a sua eficácia, ficam comprometidas (MIOTTI, 2006: 94-95, grifos nossos).

Em suma, ainda que pareça haver algum consenso quanto ao objetivo do ensino de latim, a amplitude desse objetivo e o caminho escolhido pelos docentes de língua latina no Brasil hoje para se chegar a este resultado não é o mesmo e, como apontam outros autores, carecem de discussão. É nosso objetivo, como parte final deste trabalho, apresentar essas questões de forma clara e concisa, apontando para os principais caminhos que se apresentam hoje.

Ainda pouco explorada no Brasil, mas bastante discutida em outras partes do mundo, surge-nos a questão da delimitação do objeto dos Estudos Clássicos. Anteriormente neste trabalho definimos a língua latina como veículo de objetos culturais cuja produção se estende dos séculos II a.C. a XVIII d.C.. No entanto, em muitos dos centros de ensino de latim e nos currículos por eles adotados, somente a produção de fatia bastante restrita desse período é estudada, a saber, a produção da Antiguidade. O latim dos períodos posteriores é pouco ou nada estudado, circundado pelo preconceito de “língua corrupta” ou “produção menor”. No entanto, em outras regiões, já há décadas instaurou-se um movimento de valorização da produção pós-clássica que hoje se reflete nos currículos e nas publicações, que dão igual valor e espaço no currículo ao latim da Antiguidade e dos períodos posteriores.<sup>7</sup> No Brasil, são em geral isoladas ou de pouco fôlego as iniciativas de estudo de latim pós-Clássico, e não identificamos nenhuma discussão teórica publicada sobre o assunto, dominando os currículos apenas o latim da Antiguidade.

Quanto às metodologias, temos, de um lado, ainda vários docentes que, por inércia, por desconhecimento ou por falta de formação docente adequada,<sup>8</sup> usam métodos tradicionais, gramático-tradutórios, mesmo que em clara discordância com os ideais ou objetivos professados pelos mesmos docentes.<sup>9</sup> Maranhão (2009) crítica esse descompasso entre o objetivo declarado e a forma como o latim tem sido ensinado: segundo a autora, o ensino de línguas clássicas está pautado no modelo de conhecimento sistêmico, que concebe a leitura como um processo de decodificação do texto através da interpretação dos elementos linguísticos que possui, uma forma de compreender o aprendizado de línguas estrangeiras que foi há muito substituído no ensino de línguas modernas, por seus resultados ineficazes. No caso do latim, a manutenção desta postura

reduz o seu ensino ao das estruturas linguísticas, desconsiderando-se o seu valor comunicativo (e, portanto, socialmente posicionado, com inevitáveis implicações na atribuição de sentido aos textos), e reforça o seu caráter de “línguas mortas”, como se a interação não tivesse ocorrido entre autor-leitor na Antiguidade e não se

7. Como exemplo, citemos a universidade de Leuven, uma das pioneiras na área, com a publicação da revista *Humanistica Lovaniensia*, periódico anual circulando ininterruptamente desde 1968, dedicada exclusivamente à publicação de estudos sobre obras neolatinas; os currículos da Universidade de Toronto e da Universidade do Kentucky, com cursos destinados a alunos que desejam se especializar em latim medieval e/ou neolatim; a publicação, em 1995, da obra *Reading Medieval Latin*, de Keith Sidwell, como sequência à famosa obra *Reading Latin*, do mesmo autor, que vem confirmar o que já fora afirmado pelos autores do volume de 1986: “Se ignorássemos aquela tradição (do uso e papel do latim na cultura ocidental), e nos concentrássemos estritamente no latim clássico, sentiríamos que estaríamos privando os alunos de uma compreensão da verdadeira importância do latim para o mundo ocidental.” (JONES & SIDWELL, 1986: v); os livros didáticos da coleção *Latin for the New Millenium*, de Milena Minkova e Terence Tunberg (2008), metade dos quais são dedicados a obras pós-clássicas; entre muitas outras iniciativas que apontam para uma ampliação dos limites do que se compreende como conhecimento mínimo dentro da área de língua e literatura latina.

8. A questão da formação do docente de latim é igualmente espinhosa e

ainda menos trabalhada, aguardando tratamento teórico adequado.

9. Esses ideias e objetivos declarados podem ser acessados no trabalho de Miotti (2006) mas foram também por nós analisados durante os debates nos Encontros de Professores de Latim realizados entre 2010 e 2012 (informações em <https://sites.google.com/site/encontrodeprofessoresdelatim/>) e nos questionários com os quais estamos trabalhando para a fase seguinte desta pesquisa.

10. Para mais informações sobre essas metodologias, cf. RICHARDS & ROGERS (2001), em especial capítulos 1 e 4.

11. O termo “falantes autênticos” ou “falantes legítimos” para se referir aos falantes de latim como língua materna, que obviamente são apenas os falantes da Antiguidade, excluindo-se os demais como “ilegítimos” ou “inautênticos”, é usado por vários autores que, abertamente ou não, defendem o uso exclusivo de material da Antiguidade, tais como Longo (2008: 155) e BRUNO (1990: 70).

pucesse estabelecer entre autor-leitor na atualidade (MARANHÃO, 2009: 30).

De outro lado, metodologias desenvolvidas principalmente a partir de meados do século XX e ditas “de leitura”, exemplificadas pelos métodos *Reading Latin* e *Artes Latinae*, têm como objetivo expresse treinar a leitura de textos em língua latina para que ela se faça de maneira fluente. Nessas metodologias, em geral devedoras das teorias de ensino aplicadas a línguas estrangeiras modernas tais como a abordagem estrutural ou a audiolingual,<sup>10</sup> os alunos aprendem através da leitura de textos preparados, que gradualmente passam de frases simples a trechos mais complexos. A habilidade de leitura é desenvolvida através da construção de expectativas textuais, construídas a partir da internalização de estruturas morfossintáticas. No entanto, há grande discordância quanto ao uso deste tipo de metodologia:

- a) quanto aos textos utilizados, uma vez que há os que só aceitem que se usem textos ditos autênticos, isto é produzidos por falantes nativos de latim, e não textos criados modernamente como instrumentos didáticos, e há os que apontem as quase intransponíveis dificuldades em se encontrar textos dos ditos “falantes autênticos”<sup>11</sup> que não tenham elementos complexos demais para um iniciante;
- b) quanto ao ensino da gramática, que, para alguns docentes, fica prejudicado pelo volume de leitura e pela falta de exercícios que se debrucem especificamente sobre a gramática; alguns expressam insatisfação com os resultados do uso deste tipo de material por entender que os alunos não adquirem precisão no domínio das formas;
- c) principalmente quanto ao uso do latim como língua ativa, ou seja, quanto ao uso de exercícios de escrita e de oralidade; os primeiros existiam nos métodos tradicionais, mas foram gradualmente abandonados em muitos dos cursos de latim, ainda que subsistam nos centros mais tradicionais, como em Cambridge ou na University of London, ambos na Inglaterra; os últimos, em especial,



são bastante controversos, mas vem ganhando adeptos desde meados do século XX ao menos na Europa.

Sem dúvida há uma série de teorias e práticas intermediárias, que se apresentam como uma mescla desses diferentes pontos de vista, aproveitando elementos de um e outro, em busca de um melhor equilíbrio. Citemos, a título de exemplo, proposta de Longo (2008) que sugere método do tipo leitura e uso de prática ativa de língua latina, através de perguntas e respostas, procedimento também usado por Sweet (2006) no já referido *Artes Latinae*.

No Brasil, este assunto está cada vez mais na pauta dos docentes de língua e literatura latina: além da já citada dissertação de Charlene Miotti, as teses de doutoramento de Alzir Oliveira (2008) e José Amarante Santos Sobrinho (2013), por exemplo, são sinais do interesse crescente, no meio acadêmico brasileiro, pelas questões da docência em línguas clássicas. A continuidade desta pesquisa pretende, a partir da observação empírica e das contribuições dos próprios docentes de universidades públicas brasileiras em todas as regiões do país, traçar um panorama do ensino de língua latina na universidade pública brasileira, tocando também em questões metodológicas.

Observa-se, portanto, que, a partir do ano 2000, as reflexões sobre o ensino de língua latina passam a se ocupar também do “como”, da forma através da qual a língua deve ser ensinada, atentando para o lugar que o latim ocupa nos currículos e para o objetivo do contato dos alunos do século XXI com essa língua nascida entre as colinas do Lácio há mais de dois milênios. Se, conforme diz Maranhão (2009: 33), o aprendizado de latim deve considerar o “desenvolvimento da habilidade de refletir a língua como fenômeno social, histórico, cultural, político e ideológico, dentre outros”, os docentes de língua e literatura latina nas universidades brasileiras buscam ainda as melhores formas de transmitir esse rico legado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Aulas Régias no Império Colonial Português: o global e o local. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 65-90
- BANGERT, William V. *História da Companhia de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1985.
- BARBOZA, Gabriela. Reflexões sobre abordagens e manuais de ensino de latim. *Ideias*. Revista do Curso de Letras. Santa Maria, n. 24, p. 44-49, jul/dez 2007.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. A educação brasileira no período Joanino. In: \_\_\_\_\_. *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 129-141.
- BRUNO, Haroldo. Latim e formação linguística. *Alfa*, São Paulo, n.34, p.69-74, 1990.
- FÁVERO, Altair Alberto *et al.* O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 24, n.64, p.257-284, set/dez 2004.
- FORTES, Fábio da Silva. A “língua” e os textos: gramática e tradição no ensino de latim. *Instrumento*, Juiz de Fora, v.12, n.1, p.63-70, jan/jun 2010.
- FRANCA, L. *O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- FREIRE, Luiz GL. Educação Jesuítica do século XVI ao XVIII: a memória do espaço e o espaço da memória. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 22, n.31, p. 177-191, 2009.
- HARTOG, François. *O século XIX e a História: o caso Fustel de Coulange*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003.
- IJSEWIJN, Jozef. *A Companion to Neo-Latin Studies*. Volume 1: History and Diffusion of Neo-Latin Literature. 2.ed. rev. Louvain: Leuven University; Peeters, 1990.

- JONES, Peter V. & SIDWELL, Keith C. *Reading Latin: Text*. Cambridge: Cambridge University, 1986.
- LIMA, Alceu Dias. *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método*. São Paulo: Unesp, 1995.
- LONGO, Giovanna. Da fala à língua: proposta de encaminhamento para o estudo do enunciado latino. *Anais XXIII SEC*, Araraquara, p. 150-157, 2008.
- MACIEL, Lizete S.B.; SHIGUNOV NETO, Alexandre. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3, p. 465-476, set./dez. 2006.
- MARANHÃO, Samantha de Moura. Reflexões sobre ensino de língua latina em cursos superiores de Letras modernas. *Instrumento*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 27-36, jan/jun 2009.
- MINKOVA, Milena & TUNBERG, Terence. *Latin for the New Millenium*. Mundelein, Illinois: Bolchazy-Carducci, 2008. 2v.
- MIOTTI, Charlene Martins. *O ensino do latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método inglês Reading Latin: um estudo de caso*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, Campinas, 2006.
- MIOTTI, Charlene Martins. Universidades Estaduais Paulistas: o latim na berlinda. *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, novembro de 2004. Disponível em: <<http://celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/182.pdf>>. Acesso em 15 de março de 2013.
- OLIVEIRA, Alzir. *O latim, uma língua morta? Uma metáfora em análise*. 2008. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- OSTLER, Nicholas. *Ad infinitum: a biography of Latin*. New York: Walker, 2007.
- PEARCY, T. Lee. Preparing Classicists or Preparing Humanists? *Teaching Classical Languages*. Spring: 2010, p. 192-195. Disponível em: <[http://tcl.camws.org/spring2010/TCL\\_I\\_ii\\_Spring\\_2010.pdf](http://tcl.camws.org/spring2010/TCL_I_ii_Spring_2010.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2013.

- PEDRO, Livia. *História da Companhia de Jesus no Brasil: Biografia de uma obra*. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- RAYMUNDO, Gislene Miotto Catolino. *Os princípios da modernidade nas práticas educativas dos jesuítas*. 1998. 143p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1998.
- RICHARDS, Jack C. & RODGERS, Theodore S. *Approaches and Methods in Language Teaching*. 2<sup>nd</sup>. ed. Cambridge: Cambridge University, 2001.
- SANTOS SOBRINHO, José Amarante. *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção - discursos, práticas, representações, proposta metodológica*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S.B. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. *Educar*. Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008.
- SIDWELL, Keith C. *Reading Medieval Latin*. Cambridge: Cambridge University, 1995.
- SOLODOW, Joseph B. *Latin alive: the survival of Latin in English and the Romance languages*. Cambridge: Cambridge University, 2010.
- SOUZA, Rosa Fátima de. A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920–1960). *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, pp.72-90, Jan/Jun 2009.
- SWEET, Waldo. *Artes Latinae*. 2<sup>nd</sup>.ed. Wauconda, Illinois: Bolchazy-Carducci, 1996.
- TUNBERG, Terence. *De rationibus quibus homines docti artem Latine colloquendi et ex tempore dicendi saeculis XVI et XVII coluerunt*. Leuven: Leuven University, 2013. (Supplementa Humanistica Lovaniensia XXXI)
- VERNEY, Luís António. *Verdadeiro método de estudar*. Edição organizada por António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, 1949-1953.

VOLPILHAC-AUGER, Catherine. La collection *Ad usum Delphini*: entre érudition et pédagogie. *Histoire de l'éducation*. Ecole normale supérieure de Lyon, Mai-1997, numéro 74, 203-214.

Enviado em dezembro de 2013  
Aprovado em agosto de 2014.



## REFLEXÕES SOBRE TRADUÇÃO NO *DE FINIBUS* DE CÍCERO E A REFUTAÇÃO DO PENSAMENTO ESTOICO

Sidney Calheiros de Lima\*

\* DLCV/FFLCH/USP

**RESUMO:** Ambientado em uma vasta biblioteca, situada numa *uilla* recentemente herdada por um jovem aristocrata romano, o segundo diálogo do *De finibus* de Cícero (livros III e IV) comporta a tarefa de discutir em latim o pensamento moral dos antigos estoicos. No início da discussão, Cícero e Catão, o jovem, as personagens em cena, refletem sobre as estratégias que podem empregar para traduzir para o latim os conceitos forjados em grego por Zenão e Crisipo. Nosso objetivo é investigar o modo como a defesa de certo tipo de tradução filosófica, apresentada no início do livro III, pode servir à refutação da moral estoica empreendida pela personagem Cícero ao longo do livro IV, uma vez que se ajusta ao projeto filosófico do autor, que tem como meta a formação dos homens públicos romanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia helenística; estoicismo; Cícero; tradução.

### RÉFLEXIONS SUR LA TRADUCTION DANS LE *DE FINIBUS* DE CICÉRON ET LA RÉFUTATION DE LA PENSÉE STOÏCIENNE

**ABSTRACT:** La scène du deuxième dialogue du *De finibus* se développe dans une riche bibliothèque, qui se trouve dans une *uilla* récemment héritée par un jeune homme de l'aristocratie Romaine. Les interlocuteurs, Cicéron et Caton, le jeune, se proposent la tâche de discuter en latin de la pensée éthique des anciens stoïciens. C'est ainsi qu'ils se mettent à réfléchir sur les stratégies dont ils peuvent se servir pour traduire les concepts utilisés par Zénon et Chrysippe. Nous essayerons d'investiguer comment la apologie d'une façon de traduire la pensée

philosophique, qui est faite au début du troisième livre, peut servir à la réfutation de la morale stoïcienne, conduite par le personnage Cicéron dans le quatrième livre: cette façon de traduire s'ajuste au projet philosophique de l'auteur, dont le but déclaré est la formation des hommes politiques Romains.

**KEYWORDS:** Philosophie hellénistique; stoïcisme; Cicéron; traduction.

Composto em 45 a. C., o *De finibus bonorum et malorum* se insere num amplo projeto empreendido por Cícero, cujo desenvolvimento se torna mais intenso nos últimos anos de sua vida, o qual visava trazer ao latim a filosofia grega. Em outra ocasião, pretendemos mostrar que tal projeto é apresentado pelo autor como um *munus rei publicae*, isto é, como um serviço que ele presta à sua cidade, à causa comum, aos seus concidadãos.<sup>1</sup>

1. LIMA, S. C. "Cícero e a obra filosófica em latim como *munus rei publicae*". *Nuntius Antiquus*, v. V, p. 92-110, jul. 2010.

No contexto da ditadura de César e do período de incertezas que se seguiu ao assassinato do tirano – é dessa época boa parte da produção filosófica de Cícero –, declarar tal apego à *res publica*, como faz em muitos de seus prefácios, não serve apenas, como pensam alguns, para angariar a simpatia de um segmento considerável da sociedade romana ou a elevar o status de seu *otium*. Tem essa finalidade também, mas, parece-nos, é antes de qualquer outra coisa, a clara manifestação de um posicionamento político, o qual informa boa parte das reflexões filosóficas do autor. A filosofia, como *ars uiuendi*, deve estar a serviço da vida que é própria do homem, a vida em sociedade. Em nossa opinião, a atividade filosófica de Cícero não pode ser bem compreendida, caso se negligencie a função política de que ela deliberadamente se reveste.

Para tratar especificamente do *De finibus*, obra nem sempre conhecida do grande público, talvez valha a pena tomar uma declaração dada pela *persona* do autor no prefácio geral à obra e, a partir dela, apresentar algumas palavras a título de introdução.

Ora, o que se deve de tal modo buscar na vida senão o que se busca tanto na filosofia em seu todo, quanto nestes livros sobretudo: qual é o fim, o que é extremo, o que é último, para



onde se deve reportar todo desígnio de viver bem e agir com retidão; o que a natureza persegue como aquilo que é supremo dentre as coisas a serem buscadas e o que ela evita como o extremo dos males? E uma vez que a respeito desse assunto há entre os mais eruditos enorme discordância, quem consideraria impróprio do prestígio que a mim cada qual atribui investigar o que é o melhor e o mais verdadeiro em todas as ocupações da vida?<sup>2</sup>

Deve-se dizer que o conceito de *finis*, ou antes, τέλος, remonta ao pensamento de Aristoteles,<sup>3</sup> do qual não pretendemos tratar aqui. Por motivos práticos, basta-nos observar que, ao anunciar a *res* do tratado, Cícero expõe de modo claro o conceito, traduzindo-o para o latim. Trata-se daquele fim último que motiva todas as nossas ações. Em um esforço para tornar sua tradução mais clara,<sup>4</sup> o autor apõe a *finis* os termos *extremum* e *ultimum*: trata-se do bem que ocupa a última posição – a mais importante, deve-se dizer – na série de bens que buscamos quando agimos: o bem último ou sumo bem.

Quanto ao método que será utilizado ao longo da investigação, ele se faz necessário diante da constatação da enorme *dissensio* que existe entre os mais eruditos.<sup>5</sup> Se cada um afirma uma coisa, parece apropriado investigar a questão por meio do confronto entre discursos contraditórios, com vistas a alcançar o *finis* mais próximo da verdade. Tal procedimento, também indicado no trecho citado do prefácio do *De finibus*, é uma referência clara ao método da Nova Academia e a sua busca pelo *probabile*.<sup>6</sup>

Ao método se associa, além disso, a organização do tratado, último ponto de que trato nesta breve introdução.<sup>7</sup> São três diálogos, cada um tratando da solução proposta para o *finis* por uma das mais importantes correntes filosóficas do período: o epicurismo, o estoicismo e a tradição acadêmico-peripatética. Cada um dos diálogos é ambientado em lugar e tempo distintos dos demais. Em cada cena, uma personagem (dois deles são mártires da república) representa o *patronus* de uma corrente filosófica. Depois de cada exposição, uma personagem que leva o nome Cícero intervém como refutador das teses apresentadas. Além do tema comum, confere unidade ao conjunto a *persona* do autor, que, falando em seu próprio nome, introduz, em três

2. *De fin.*, I, 11: *Quid est enim in uita tantopere quaerendum quam cum omnia in philosophia, tum id quod his libris quaeritur, qui sit finis, quid extremum, quid ultimum, quo sint omnia bene uiuendi recteque faciendi consilia referenda, quid sequatur natura ut summum ex rebus expetendis, quid fugiat ut extremum malorum? Qua de re cum sit inter doctissimos summa dissensio, quis alienum putet eius esse dignitatis quam mihi quisque tribuat quid in omni munere uitae optimum et uerissimum sit exquirere?*

3. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1094a18-22. É bem verdade que a discussão moral fundamentada em uma questão acerca da finalidade da ação é algo que já se encontra em Platão. No *Górgias*, quando discute com Polo, Sócrates se serve da expressão οὐ ἐνεκα, “em vista de que”, quando pergunta a Polo se o homem, quando faz algo, deseja aquilo mesmo que faz, ou outra coisa a que visa quando realiza a ação (Platão, *Górgias* 467d). Veja-se também a reflexão de Dodds a respeito da questão em sua edição do diálogo mencionado (Dodds, 1990, p. 235-237). O conceito de τέλος, como nos o conhecemos, no entanto, parece ter sido formulado por Aristóteles.

4. Cícero se mostra bem consciente de que traz aos romanos e à língua latina uma matéria nova, ainda não tratada nesse idioma. Mostra-se consciente também das dificuldades que tal empresa poderia lhe trazer. Cf. *De fin.*, I, 1.

5. Mais do que “sábio”, o adjetivo *doctus* (Cícero utiliza o superlativo *doctissimi*) indica a condição de quem se dedicou ao estudo de uma *doctrina*. Muito embora, no contexto da filosofia helenística, o estudo da *doctrina* pretenda redundar na formação um homem apto a agir de modo adequado, um *sapiens*, a raiz do verbo *doceo* nos remete ao ensino, ou seja, àquilo que é antes do âmbito da teoria.

6. Mesmo que os termos *optimum* e *uerissimum* pareçam conferir um caráter absoluto à solução, segundo pensamos (e a leitura total do tratado sugere exatamente isso), a ênfase está não propriamente na descoberta do que seja *optimum* e *uerissimum* em tudo aquilo a que nos aplicamos, mas, na verdade, na atividade de *exquirere*, de investigar, de discutir, por meio do exame das opiniões divergentes dos mais eminentes filósofos.

7. A esse respeito, uma interessante declaração é dada em uma carta endereçada a Ático, datada de junho de 45 a. C., *Ad Att.*, XIII, 19, 4: “Por outro lado, o que escrevi nestes últimos tempos tem um modo *aristotélico*, em que, de tal forma é introduzido o diálogo entre os demais, que nas mãos dele próprio esteja o papel principal. Dessa forma, compus cinco livros *Sobre os fins*, de modo que o que é de Epicuro eu confiasse a Lúcio Torquato, o que é dos estoicos, a Marco Catão, o dos *peripatéticos*, a Marco Pisão” / *Quae autem his*

prefácios, cada um dos diálogos, em uma conversação que se estabelece com o destinatário do tratado: Marco Júnio Bruto.

No segundo diálogo, o diálogo estoico, que nos interessa aqui, o interlocutor é Catão, o jovem, que, na época da composição, já havia cometido o célebre suicídio em Útica.

Ao introduzir o diálogo, o autor nos alerta para a dificuldade de confiar ao latim a complexa doutrina do Pórtico. Preocupado com tornar acessível o pensamento grego a seus concidadãos, Cícero prevê e justifica a introdução de palavras pouco usuais e mesmo novas em seu discurso. Toda arte tem seu jargão. Uma arte que se estabelece, além disso, terá de se servir de uma série de palavras novas, para dar conta das realidades, também novas, com que pretende lidar.<sup>8</sup> Na Grécia, o jargão filosófico, introduzido há já algum tempo, tornou-se, em certa medida, usual. Em Roma – defende o autor –, o estabelecimento do vocabulário filosófico se dá agora. Por vezes, na mimese forjada por Cícero, é como se nós, leitores, surpreendêssemos as personagens no processo mesmo de criação do jargão filosófico latino. Mas a linguagem sutil dos estoicos – espinhosa até mesmo para os já versados em filosofia – traz uma dificuldade extra: “Dentre todos os filósofos, os estoicos foram os que mais inovaram e Zenão, primeiro dentre eles, não foi tanto um inventor de conceitos quanto de novas palavras”.<sup>9</sup>

É desse modo que, antes mesmo de introduzir a cena, a *persona* do autor antecipa um dos principais argumentos que vai usar na refutação dos estoicos: a linguagem desses filósofos contém algo de vicioso. Ela é especialmente difícil porque seu fundador – na visão de Cícero – mais do que introduzir nova matéria, introduziu nova terminologia à matéria filosófica já existente.

Interessante notar, por outro lado, que o diálogo em que essa espinhosa doutrina é discutida contenha elementos dramáticos bastante particulares, se comparados aos que compõem as outras cenas, e que parecem bem ajustados à matéria tratada. Matizam a discussão. Não precisamos lembrar aqui a importância conferida por Cícero à representação cênica em seus diálogos. Mesmo se

introduzidas de modo conciso – o que poderia fazer supor certa negligência –, as cenas são bem cuidadas e ajudam a dar significado às discussões que são nelas representadas. Há uma grande quantidade de testemunhos na correspondência do autor com Ático e com Quinto que dão conta do zelo do autor, das pesquisas a que se dedicava no momento de composição de uma cena, de uma personagem.<sup>10</sup> No *De finibus* III, as cortinas se abrem assim:

Pois bem, como estivesse em minha quinta de Túsculo e quisesse me servir de certos livros da biblioteca do pequeno Luculo, fui até sua quinta a fim de que eu próprio os retirasse, como de costume. Lá chegando, vi Marco Catão, que eu não sabia que ali se encontrava, sentado no interior da biblioteca, envolto em uma profusão de livros estoicos. De fato, havia nele, como tu sabes, uma avidez pela leitura e ele não conseguia se saciar, visto que, nem mesmo temendo uma repreensão descabida do vulgo, até mesmo na Cúria, muitas vezes, costumava ficar lendo, até que se reunisse o senado, sem nada subtrair de sua atenção às questões públicas. Quanto mais nessa ocasião, absolutamente livre de obrigações e na mais extrema abundância, parecia como que se empanturrar dos livros, se tal expressão se deve usar para tão ilustre atividade.<sup>11</sup>

Com a cena, o autor põe em foco uma das grandes preocupações de sua obra filosófica, à qual nos referimos no início da exposição: a educação dos jovens romanos. Explico: o jovem Luculo, um *puer*,<sup>12</sup> filho do indivíduo que dá nome a um dos livros da primeira versão da *Academica* de Cícero,<sup>13</sup> tornara-se órfão na época da cena representada (52 a. C.).<sup>14</sup> O texto indica que sua tutela legal cabia a Catão. Mas, por conta dos laços de amizade que uniam Luculo, o pai da criança, e Cícero, a personagem que representa o autor diz sentir-se igualmente responsável pelo menino e enceta uma amistosa discussão acerca da educação do jovem aristocrata e da gestão de seu tão valioso bem: a vasta biblioteca. O debate acerca da moral estoica, introduzido a seguir, vem enquadrado, portanto, pela preocupação pedagógica.

Alguns estudiosos já notaram que, nos diálogos ciceronianos, as *uillae* desempenham uma função fundamental.<sup>15</sup> Elas demarcam o espaço próprio do *otium*, condição necessária para que as personagens, que representam

*temporibus scripsi*  
Ἀριστοτέλειον *morem*  
*habent, in quo ita sermo*  
*inducitur ceterorum ut*  
*penes ipsum sit principatus.*  
*Ita confeci quinque libros*  
περὶ Τελῶν *ut epicurea L.*  
*Torquato, stoica M.*  
*Catoni, Περιπατητικὰ M.*  
*Pisoni darem.*

8. *De fin.*, III, 3-4: “Dos estoicos, por outro lado, tu não ignoras quão sutil, ou melhor, espinhosa, é a forma de argumentar, e isso não só para os gregos, mas ainda mais para nós, que devemos mesmo criar palavras e atribuir a coisas novas termos novos. Algo de que ninguém que tenha recebido alguma instrução vai se admirar, certamente, ao refletir, é que em toda arte cujo uso não seja comum a todos grande é a novidade dos termos, quando se estejam estabelecendo palavras para designar aquelas coisas sobre as quais versa toda e qualquer arte. Desse modo, tanto os dialéticos quanto os físicos servem-se de palavras tais, que não são conhecidas da própria Grécia; já os geômetras, os músicos e mesmo os gramáticos falam de um modo que lhes é particular. Até as *Artes* dos retores, que são completamente voltadas para o fórum e para o povo, no âmbito do ensino, porém, utilizam palavras privadas, por assim dizer, e que lhes são próprias” / *Stoicorum autem non ignoras quam sit subtile uel spinosum potius disserendi genus, idque cum Graecis tum magis nobis, quibus etiam uerba parienda sunt*

*inponendaque noua rebus  
nouis nomina. quod  
quidem nemo mediocriter  
doctus mirabitur cogitans  
in omni arte, cuius usus  
uulgaris communisque non  
sit, multam nouitatem  
nominum esse, cum  
constituantur earum rerum  
uocabula, quae in quaque  
arte uersentur. itaque et  
dialectici et physici uerbis  
utuntur iis, quae ipsi  
Graeciae nota non sint,  
geometrae uero et musici,  
grammatici etiam more  
quodam loquuntur suo.  
ipsae rhetorum artes, quae  
sunt totae forenses atque  
populares, uerbis tamen in  
docendo quasi priuatis  
utuntur ac suis.*

9. *De fin.*, III, 5: *Ex omnibus philosophis Stoici plurima nouauerunt, Zenoque, eorum princeps, non tam rerum inuenitor fuit quam uerborum nouorum.*

10. Mencionamos dois textos que analisam de modo cuidadoso partes da correspondência do autor que lidam com a composição de obras filosóficas. Um é o livro de Michel Ruch, *Les préambules dans les oeuvres philosophiques de Cicéron – essai sur la genèse et l'art du dialogue*, de 1958. O outro, um artigo de Miriam Griffin, que trata mais especificamente do interessante caso das diferentes versões dos *Livros Acadêmicos*: “The composition of the *Academica*: motives and versions”, de 1997. Ambos os textos são citados nas Referências bibliográficas.

homens públicos romanos, estando desobrigados dos assuntos relacionados à gestão da cidade, possam se consagrar às discussões abstratas da filosofia. É ao se referir à personagem de seu interlocutor, Catão, que Cícero chama atenção para isso (cf. *quo magis jset in summo otio*). Mas a densa e técnica *disputatio* acerca da filosofia moral estoica, doutrina de terminologia espinhosa, desenvolve-se em um lugar privilegiado da rica *uilla Luculli*: a biblioteca. Outros diálogos ocorrem ao ar livre, em um jardim, à sombra amena de uma árvore, ou durante uma agradável caminhada vespertina.<sup>16</sup> Aqui, o espaço, próprio da dedicação ao estudo, e à leitura, acena para a sutileza da discussão. Mesmo a atitude dos interlocutores é especial: vão discutir sentados, cercados por livros que poderiam consultar. O próprio encontro se dá por conta de uma necessidade de Cícero: consultar certos livros. Mais adiante, saberemos que se trata de textos ligados à tradição aristotélica (cf. *commentarios quosdam, inquam, Aristotelios, De fin.*, III, 10). Há algo na cena, porém, que chama ainda mais a atenção. Ao introduzir nela “o divino e singular Catão”, Cícero habilmente aponta a avidez (deve-se notar, uma paixão!) de seu colega pela leitura e o modo como, em ocasiões públicas, no Senado, encontrava-se absorto, tomado pela leitura (antes da sessão, que fique claro!<sup>17</sup>). Mais que isso, interessa ressaltar o verbo utilizado para descrever a leitura solitária de Catão na vasta biblioteca: ele “parecia como que se empanturrar dos livros (*quase belluari*)”, diz o narrador, para logo fazer a ressalva: “se tal expressão se deve usar para tão ilustre atividade”. Hutchinson,<sup>18</sup> um antigo comentador do texto, adverte: o verbo é próprio da comédia. Não é anódina, a meu ver, a maneira como é introduzido o patrono desta doutrina que defende a extirpação das paixões e que alega, como se sabe, haver um só e mesmo peso para todas as faltas. Mesmo que sutilmente, Cícero aponta excessos no modo de vida do singular Catão.<sup>19</sup>

A menção aos livros que cada qual foi buscar na vasta biblioteca abre caminho para uma urbana conversa acerca das inclinações filosóficas de cada um. Cícero, acadêmico, quis consultar textos da escola de Aristóteles, a qual, para ele, não é outra coisa senão acadêmicos discutindo em outro espaço, o Liceu. Catão, como já vimos, está envolto em livros

estoicos. Cícero lança mão de um princípio do Pórtico (que reza que apenas o que é reto, ou honroso, é bom) e tenta mostrar como a adoção de tal princípio resulta em posicionamento idêntico ao de filósofos como Pirro e Aríston, para os quais todas as coisas, com exceção da virtude, seriam completamente indiferentes. É o ensejo para que Catão proponha uma exposição da real doutrina dos estoicos, a qual, segundo ele, embora reconheça que só a virtude é um bem, e que só a torpeza é um mal, teria condições de valorar e de distinguir tudo o que se encontra entre esta e aquela. Impõe-se à exposição de Catão, no entanto, a dificuldade de tratar da terminologia estoica em latim, já referida pelo autor no prefácio. É quando as personagens refletem, então, sobre as estratégias de tradução:

Vamos tentar, então – disse ele –, mesmo que o sistema dos estoicos tenha algo de muito difícil e obscuro. Pois, uma vez que na língua grega, outrora, estes mesmos termos aplicados a coisas novas pareciam novidades, termos que agora o uso continuado tornou correntes, o que consideras que vai acontecer em latim?

Isso, ao menos, não apresenta a menor dificuldade – disse eu. Pois se foi permitido a Zenão, porque tivesse inventado alguma coisa inusitada, atribuir a essa coisa um nome também inaudito, por que não seria permitido a Catão? Nem será forçoso, todavia, verter palavra por palavra,<sup>20</sup> como costumam os tradutores sem arte,<sup>21</sup> quando houver uma palavra mais usual que declare o mesmo. Quanto a mim, costume até mesmo, se de outro modo não posso, expressar com muitas palavras aquilo que era expresso, em grego, com uma só. E, todavia, julgo que se nos deve conceder utilizarmos palavra grega, no caso de não se apresentar uma latina, e que isso não se conceda mais para ‘*ephippia*’ e ‘*acratophora*’ do que para ‘*proegmena*’ e ‘*apoproegmena*’; muito embora quanto a estas últimas, será possível dizer, corretamente, ‘preferíveis’ e ‘rejeitáveis’.

Fazes bem – disse ele – em me ajudar. E dentre essas palavras ao menos, que acabas de mencionar, vou utilizar de preferência as latinas; com relação a outras, tu virás me acudir, se me vires hesitante.<sup>22</sup>

A fala de Cícero se inicia com uma defesa do uso de neologismos, a qual retoma a fala de Catão. Na exposição da *ratio* dos estoicos, é aceitável a palavra nova, uma vez que se trata de expor em latim um pensamento filosófico que,

11. *De fin.*, III, 7: *Nam in Tusculano cum essem uellemque e bibliotheca pueri Luculli quibusdam libris uti, ueni in eius uillam, ut eos ipse, ut solebam, depromerem. quo cum uenisset, M. Catonem, quem ibi esse nescieram, uidi in bibliotheca sedentem multis circumfusum Stoicorum libris. erat enim, ut scis, in eo auuiditas legendi, nec satiari poterat, quippe qui ne reprehensionem quidem uulgi inanem reformidans in ipsa curia soleret legere saepe, dum senatus cogeretur, nihil operae rei publicae detrahens. quo magis tum in summo otio maximaque copia quasi belluari libris, si hoc uerbo in tam clara re utendum est, uidebatur.*

12. Cabe dizer que o jovem Luculo viria a morrer em 42 a. C., na batalha de Filipos, cidade da Macedônia, na qual Bruto e Cássio, principais lideranças dos republicanos na época, e antes envolvidos no assassinato de Júlio César em 44 a. C., foram derrotados e mortos pelas forças dos triúnviros, Lépido, Marco Antônio e Otávio César. Ou seja, ao lado de Catão e de Torquato (o expositor do epicurismo no primeiro diálogo) é mais um mártir da República.

13. Lúcio Licínio Luculo, que foi cônsul em 74 a. C. Tendo alcançado também algum êxito militar (iniciou, por exemplo, a campanha contra Mitridates e Trigane, que foi, entretanto, concluída vitoriosamente por Pompeu), retirou-se, nos últimos anos de sua vida, em sua *uilla* em Túsculo,

reputada pelo luxo e refinamento e por uma excelente biblioteca.

14. Data que podemos determinar por conta de uma alusão, feita no início do livro IV, a uma lei, recentemente promulgada por Pompeu, que redefinia o tempo de duração de um debate jurídico. Cf. *De finibus*, IV, 1.

15. É o caso de autores como Wright (1991, p. 118), Ruch (1958, p. 23-32), dentre outros.

16. É célebre a cena do *De oratore*, cuja discussão se desenvolve sob a sombra de um plátano na *uilla* de Crasso, coisa que faz com que os interlocutores se lembrem da cena do *Fedro* de Platão (cf. *De oratore*, I, 28). O diálogo representado no livro V do *De finibus*, por outro lado, se inicia com uma caminhada vespertina em direção ao sítio da Academia de Platão, em Atenas. Já o *De diuinatione* constitui um caso interessante: no primeiro livro, que contém a exposição de Quinto sobre a adivinhação (em que ele defende teses estoicas, mas sobretudo elenca as diversas práticas divinatórias conhecidas), os interlocutores discutem ao longo de uma caminhada pelo *Lycaeum* da quinta de Cícero em Túsulo (cf. *De diu.*, I, 8). No segundo livro, em que Cícero procede a uma refutação sistemática do discurso de Quinto, a qual é apoiada na tradição neocadêmica, a discussão se dá dentro da biblioteca do Liceu (cf. *De diu.*, II, 8), com os

criando conceitos (supostamente; o subjuntivo *inuenisset* sugere, como mais tarde se tornará manifesto, que Cícero não assume tal opinião), precisou se servir de termos novos.

Mas a verdade é que nem sempre há necessidade de termos novos. É o que se compreende a partir da crítica a tradutores que, pouco hábeis na arte de verter, traduzem palavra por palavra.<sup>23</sup> Quando há a possibilidade, o tradutor deve se servir de uma palavra mais usual em seu idioma, para verter um termo da outra língua, desde que a palavra da língua de chegada declare o mesmo. Quanto a “a declarar o mesmo”, Cícero, aparentemente não problematiza. Nós por outro lado, tendo em vista a dificuldade, senão a impossibilidade de uma palavra, que participa do sistema de signos de determinada língua, declarar o mesmo que declarava outra palavra, de língua distinta e que, naquela língua, ocupava uma posição singular em relação a todas as demais palavras que compõem o léxico, não podemos deixar de observar que a tradução filosófica aqui proposta faz a expressão se apegar mais fortemente à língua de chegada, ao seu sistema de signos, cujos valores são constituídos pelo uso. Para o tradutor *disertus* – digamos –, mais importante do que verter ao pé da letra, forjando novos termos, promovendo decalques latinos a partir de termos gregos, é encontrar correspondentes latinos que permitam, mesmo que sob o risco de talvez trair certo traço idiossincrático do conceito original, expressar a ideia geral do que se discutia em grego. Mais que isso: expressar o modo como o uso da língua romana interpreta aquilo que se via discutido em grego. Trata-se, então, de aproximar o debate filosófico do *usus* latino. Importa que o latim, que a cultura latina, assimile a filosofia por meio de seu próprio sistema simbólico. O propósito é tornar possível o debate filosófico entre os romanos em sua própria língua;<sup>24</sup> um debate que se desenvolva em meio ao acervo cultural próprio dos romanos. A tradução se submete ao uso e, de modo mais amplo, ao projeto ciceroniano de constituição de uma filosofia que promova a educação do homem público... romano.

E a teoria encontra respaldo na prática. O autor aplica esse tipo de procedimento ao utilizar termos como *honestum*, *officium*, *uisum*, *decorum*, *probabile*<sup>25</sup> e muitos outros. Isso cria uma tendência, na prosa filosófica ciceroniana, de tornar

a filosofia, mesmo que sendo arte dotada de um jargão, mais próxima da linguagem comum das pessoas letradas. Há, sem dúvida, na defesa desse tipo de tradução, certa aversão ao jargão técnico filosófico, algo que, evidentemente, repercutirá na crítica que será feita ao estoicismo.

O procedimento apresentado a seguir no trecho citado (III, 15-16) pode ser interpretado de duas maneiras. Poderia indicar o uso de uma perífrase para exprimir aquilo que em grego vinha expresso por uma só palavra. Ora, também esse modo se ajusta ao projeto educacional ciceroniano: trata-se de uma tradução que é, ao mesmo tempo, uma explicação, e de que nosso autor se serve em casos como *disserendi ratio* ou *philosophiae pars, quae est quaerendi et disserendi* para traduzir λογική, e tantos outros.<sup>26</sup> Por outro lado, poderíamos pensar que Cícero se refere ao procedimento de oferecer diversos sinônimos para traduzir um só termo grego, coisa que ocorre quando ele manifesta como que uma hesitação acerca da melhor opção para traduzir, ou então uma tentativa de tornar o conceito mais acessível por meio de um acúmulo de traduções. É o caso de *finis, ultimum, extremum* no prefácio de nossa obra.<sup>27</sup>

Por fim, ele defende que o tradutor se sirva, às vezes, de empréstimos gregos, quando não houver um correspondente próximo em latim. É o caso, por exemplo, de termos que nomeiem objetos do universo cultural grego, antes desconhecidos, mas agora presentes no mundo romano, como *ephippium* (de ἐπί, “sobre” e ἵππος, “cavalo”), uma sela para cavalos, ou *acratoforum* (de ἄκρατος, “nao misturado”, e φέρω, “portar”), um vaso utilizado para o vinho puro.<sup>28</sup> Esse modo de proceder é análogo ao dos antigos, que, no passado, tomaram do grego palavras como *philosophia, grammatica, musica* (cf. *De fin.*, III, 5), e outras tantas, que designavam realidades desconhecidas dos romanos. Consagradas pelo uso, passaram a fazer parte do léxico latino.

Não deixa de ser interessante, então, o comentário de Cícero aos termos *proegmena* e *apoproegmena*, que, por supostamente não contarem com termos latinos correspondentes, seriam aceitáveis em grego mesmo. Apesar da consideração, a personagem faz questão de vertê-los, como que de improviso. Parece uma forma de demonstrar o vigor

interlocutores sentados. A mudança de cenário e de postura das personagens parece também se ajustar ao andamento da discussão: à exposição mais relaxada de Quinto se contrapõe a refutação mais cerrada de Cícero.

17. Note-se como a ressalva feita por Cícero sublinha a necessidade do *otium* para que se torne aceitável, para um dos líderes da cidade, a leitura desvinculada da atividade política e, evidentemente, o estudo da filosofia.

18. *De finibus bonorum et malorum libri quinque*. With introduction and commentary by W. M. L. Hutchinson. London: Edward Arnold, 1909.

19. É espirituoso o argumento, pois a crítica não deixa de conter certo elemento de louvor, por mais paradoxal que isso possa parecer. Como já apontamos, Cícero defende que a filosofia é fundamental para a formação do homem público – ora o *Orator* deixa isso muito claro em muitas passagens, mas especialmente na introdução. E Catão, ávido, lendo mesmo antes das sessões, parece ser um exemplo do tipo de político que Cícero pretende formar. Em nossa argumentação, preferimos ressaltar o elemento negativo, digamos, do tratamento dado à personagem, sobretudo porque pretendemos mostrar como o autor parece se servir disso na refutação que atribui à personagem que leva seu próprio nome.

20. Literalmente, *exprimi uerbum e uerbo*: “fazer sair de uma palavra uma outra palavra”, isto é, parece-nos, “decalcar a partir do grego o termo em latim”, ou, por outro lado, “pretender dar a cada palavra o seu correspondente perfeito”.

21. *Indisertus* se diz desse tipo de tradutor. Entendemos como aquele que não é versado numa arte da tradução. Poder-se-ia discutir se Cícero apresenta de fato uma *ars* definida, o fato é que discute teoricamente a tradução nesta passagem justamente. Defende, além disso, uma tradução que se ajusta a seu projeto educacional. Recordemos, ademais, que no *Orator*, por exemplo, o orador *disertus* é aquele que aprendeu os preceitos das *Artes*, mas que não tem formação em filosofia (cf. *Orator*, 13: *ita et doctis eloquentia popularis et disertis elegans doctrina defuit*).

22. *De fin.*, III, 15-16: *Experiamur igitur, inquit, etsi habet haec Stoicorum ratio difficilior quiddam et obscurius. nam cum in Graeco sermone haec ipsa quondam rerum nomina nouarum non uidebantur, quae nunc consuetudo diuturna triuit; quid censes in Latino fore? Facillimum id quidem est, inquam. si enim Zenoni licuit, cum rem aliquam inuenisset inusitatam, inauditum quoque ei rei nomen inponere, cur non liceat Catoni? nec tamen exprimi uerbum e uerbo necesse erit, ut interpretes indiserti solent, cum sit uerbum, quod idem declaret, magis usitatum.*

da língua latina, coisa que amiúde ele defende. É como se dissesse: por vezes, o que aparentemente não encontra nenhum correspondente em latim, pode ser vertido afinal. Comparece como um *munus* na obra de Cícero, geralmente em tom de rivalidade com os gregos, a exortação ao empenho dos escritores romanos, com vistas à expansão das *litterae latinae*; por outro lado, a inclusão dessas traduções, feitas como que de improviso, permite-lhe assinar a autoria desses termos que, acolhidos prontamente por Catão, vão servir à exposição.

Já no livro IV, quando procede à refutação, Cícero desenvolve o argumento que avançara de início: Zenão e os demais estoicos admitiram o sistema moral da Antiga Academia (à qual Cícero associa ainda a escola de Aristóteles), mas promoveram uma reelaboração terminológica, a qual, vale dizer, era desnecessária:

Há alguns pontos obscuros – diz Catão –, eu admito, todavia eles não se expressam assim de propósito, é inerente às próprias coisas a obscuridade.

Por que é, então – retomei – que ao dizerem as mesmas coisas os peripatéticos, não há uma só palavra que não se entenda?<sup>29</sup>

Essa defesa de uma continuidade de pensamento entre a chamada Antiga Academia e o Pórtico é, como sabemos, a marca de um filósofo influente no pensamento ciceroniano: Antíoco de Áscalon. Se Catão reluta em aceitar o argumento de Cícero, boa parte do livro IV será dedicada a demonstrar que os estoicos se servem mal da linguagem em suas exposições. Cícero indica o motivo: eles negligenciaram parte do estudo da expressão verbal.

Esse gênero de estudos,<sup>30</sup> em sua totalidade, Zenão e os que vieram depois dele ou não foram capazes de conservá-lo ou não o quiseram; o certo é que o deixaram de lado. Ainda que Cleantes tenha escrito uma *Arte Retórica*, e até mesmo Crisipo, escreveram de um modo que, se alguém desejasse quedar mudo, não deveria ler outra coisa. Assim, tu vêes de que modo eles se expressam: forjam palavras novas e abandonam as usuais.<sup>31</sup>



E mais abaixo:

Suas pequenas interrogações, pontiagudas, picam como se fossem ferrões;<sup>32</sup> mas mesmo os que a elas dão assentimento em nada mudam suas almas e vão embora idênticos a como chegaram. Pois coisas que talvez sejam verdadeiras, certamente importantes, não são tratadas com se deve, mas de um modo, talvez, muito truncado.<sup>33</sup>

Pois bem, negligenciando parte do estudo da expressão verbal (Cícero aponta precisamente que foi deixada de lado a tópica), os estoicos, na tentativa de corrigir o sistema dos acadêmicos antigos, teriam criado uma linguagem extremamente apartada da linguagem usual, apartada mesmo do jargão filosófico já estabelecido. Apegados aos termos e não às coisas, transformaram pensamentos persuasivos em fórmulas pouco dignas de fé. Operaram uma mudança de vocabulário, desnecessária, dentro da mesma língua. Tornaram-se inacessíveis e, assim, incapazes de tocar o ouvinte de modo a fazê-lo mudar de opinião. Promovendo uma desnecessária correção vocabular, tornaram-se incapazes de corrigir os *mores*, os modos de vida. A falha na expressão produz uma falha na reflexão moral.

O mais grave e fundamental equívoco estoico, no que diz respeito ao estudo do sumo bem, diz Cícero, está na própria consideração do que seja o bem e do que seja o mal. O autor ironiza a pretensão dos estoicos de corrigir o pensamento dos antigos. Dessa pretensão surgiu a terminologia defeituosa, coisa que a personagem Cícero aponta na passagem a seguir, com saborosa ironia.

Eles dirão ser outros, creio eu, os grandes erros dos antigos, que ele, desejoso de seguir o rastro da verdade, não pode de modo algum suportar. Mas que contrassenso maior existe, o que é mais insustentável, o que é mais insensato do que serem colocados entre os bens a boa saúde, a ausência de todas as dores, a integridade dos olhos e dos demais sentidos? Deveriam dizer, isso sim, que não há absolutamente nenhuma diferença entre essas coisas e as que lhes são contrárias? Pois tudo aquilo que eles diriam serem bens, Zenão disse serem preferíveis;<sup>34</sup> e, do mesmo modo, aquilo que no corpo seria superior os antigos afirmaram, de modo

*equidem soleo etiam quod uno Graeci, si aliter non possum, idem pluribus uerbis exponere. et tamen puto concedi nobis oportere ut Graeco uerbo utamur, si quando minus occurret Latinum, ne hoc ephippiis et acratophoris potius quam proëgmenis et apoproëgmenis concedatur; quamquam haec quidem praeposita recte et reiecta dicere licebit.*

*Bene facis, inquit, quod me adiuuas, et istis quidem, quae modo dixisti, utar potius Latinis, in ceteris subuenies, si me haerentem uidebis.*

23. Note-se que no livro I, a expressão *ad uerbum*, que interpretamos como “literalmente” (cf. *De fin.*, I, 4), refere-se à adaptação, feita por poetas, de peças de teatro gregas. Ali, segundo pensamos, a expressão é usada enfaticamente e em um contexto em que o autor pretende distanciar a sua composição filosófica – que seria mais livre – das adaptações teatrais que já ocorriam em língua latina, cf. Powell, 1995, p. 277. Daí ele poder considerar que uma adaptação de peça de teatro possa ser uma tradução literal, sobretudo se comparada a sua empresa filosófica, que, embora possa se servir de empréstimos, não será uma mera tradução.

24. Veja-se, nesse sentido, a argumentação de Auvray-Assayas em *Cicéron*, p. 29-41.

25. Para traduzir *tò kalón*, *tò kathékton*, *phantasia*, *tò prèpon*, e *tò pithanón* respectivamente. Quanto a *honestum*, ver, em especial, *De fin.*, II, 48.

26. Cf. Powell, 1995, p. 293.

27. Sobre esse tipo de procedimento, veja-se ainda *De fin.*, III, 26. “Uma vez que o termo extremo – com efeito, tu percebes, creio eu, que eu já há muito tempo denomino ora extremo, ora último, ora sumo o que os gregos denominam τέλος, sera possível, ainda, dizer ‘fim’ em lugar de extremo ou último –...” / *cum enim hoc sit extremum – sentis enim, credo, me iam diu, quod τέλος Graeci dicant, id dicere tum extremum, tum ultimum, tum summum; licebit etiam finem pro extremo aut ultimo dicere –...*

28. Note-se que o uso desse tipo de palavras é aceitável até mesmo na prosa oratória – que é claramente voltada para um público mais amplo – em casos como os dos discursos contra Verres, em que os termos que se referem a objetos de arte gregos são abundantes (cf. Albrecht, 2003, p.18).

29. *De fin.*, IV, 2: *Obscura, inquit, quaedam esse confiteor, nec tamen ab illis ita dicuntur de industria, sed inest in rebus ipsis obscuritas. Cur igitur easdem res, inquam, Peripateticis dicentibus uerbum nullum est, quod non intellegatur?*

30. Isto é, o estudo da expressão verbal como um todo. A personagem de Cícero fizera uma distinção, que comparece aliás em outras obras suas, entre duas espécies de controversia: a geral e a

insensato, que deveria ser buscado por si mesmo; Seria melhor ter dito acolhido do que buscado.<sup>35</sup>

A questão da linguagem é, como vemos, central no diálogo estoico. Diante do que Cícero parece entender por filosofia, isto é, um modo de refletir sobre as questões mais importantes que pode ajudar os homens na administração de suas comunidades, o vício dos estoicos cria um sistema que, mesmo se correto, de um modo geral, não consegue comunicar suas conclusões, suas verdades às pessoas em geral. Trata-se de um sistema que defende com vigor o caráter absoluto da virtude, mas que, no entanto, não tem serventia na cidade:

O patrono de uma causa, no epílogo, discursando em favor do réu, diria que não é um mal o exílio, ou o confisco dos bens? Que são coisas a ser rejeitadas, mas não evitadas? E que o juiz não deve ser misericordioso? Ora, e se falasse em uma assembleia, caso Aníbal tivesse chegado às portas da cidade e a muralha com uma lança ultrapassasse,<sup>36</sup> ele diria que não se contam entre os males tornar-se cativo, ser vendido, ser assassinado, perder a pátria? (...) Mas que filosofia é essa, então, que fala no fórum segundo o costume comum e, nos tratados, segundo um costume que é só seu? Sobre tudo uma vez que naquilo que eles dão a entender com suas palavras não haja nenhuma inovação, mas persistam as mesmas coisas, expressas de outro modo? Pois que diferença há entre dizeres que as riquezas, o poder, a saúde são bens e dizeres que são coisas preferíveis, uma vez que aquele que as chama bens não lhes atribua nada mais do que tu, que denominas as mesmas coisas preferíveis?<sup>37</sup>

Sabemos que Cícero, por sua vez, não dissocia completamente filosofia e eloquência. Ele as antes considera aliadas uma da outra.<sup>38</sup> Há um interessante passo em que sua personagem interpreta a vida intelectual de Zenão recorrendo a preconceitos bem romanos, com os quais ele intenta dirimir a *auctoritas* do fundador do estoicismo. O contexto contém um argumento mais minucioso, é verdade, que deve ser elucidado. Cícero acaba de defender que o movimento, sustentando pelos estoicos, desde a primeira tendência (ὁρμή) ate o sumo bem, se faz de modo incorreto, pelo fato de eles desconsiderarem uma parte fundamental

da natureza humana: o corpo. A virtude, o sumo bem, refletiria apenas a pulsão anímica. Daí que tudo o que não fosse a virtude se tornasse indiferente quanto ao sumo bem. Para Cícero, Zenão teria mesmo reconhecido o erro, o que, claro, não passa de uma suposição maliciosa e muito bem empregada na estratégia argumentativa:

Em seguida, teu pequeno cartaginês – pois tu sabes que os citienses, teus clientes, provêm da Fenícia –, um homem agudo, portanto, não obtendo vitória em sua causa (a natureza resistia), pôs-se a revirar as palavras e, em primeiro lugar, àquelas coisas que nós chamamos bens ele concedeu serem consideradas “estimáveis” e “ajustadas à natureza”, e pôs-se a declarar que ao sábio, isto é, ao homem sumamente feliz, é todavia mais vantajoso que ele possua também aquelas coisas que ele não ousa denominar bens, mas que ele concede que são ajustadas à natureza.<sup>39</sup>

O chiste é mais saboroso se lido à luz de uma passagem do livro V, em que a personagem Pisão, oferecendo um panorama acerca das soluções propostas para a questão do *finis*, compara a ação dos primeiros estoicos a de ladrões que, para que pudessem guardar, impunes, o fruto do roubo, alteraram as marcas distintivas dos objetos roubados. No caso dos estoicos (e de Zenão, o fundador da escola), a alteração é dos termos, que são como que as marcas das coisas, dos conceitos roubados (*De finibus*, V, 74).<sup>40</sup>

Neste breve texto, que lidou, mesmo se de modo às vezes pouco detido, com alguns pontos importantes da refutação ciceroniana da moral estoica nos livros III e IV do *De finibus*, pretendemos chamar a atenção para algumas das estratégias de persuasão utilizadas pelo autor. O fio condutor da *disputatio*, que é tão habilmente representada do ponto de vista dramático, é a crítica da expressão filosófica dos estoicos. Querendo corrigir a filosofia dos antigos, eles teriam criado, já em grego mesmo, uma linguagem apartada do uso, pouco acessível mesmo para os versados em filosofia. É, sob esse aspecto, um modo de filosofar diametralmente oposto ao defendido por Cícero, o qual, por sua vez, parece tão bem ilustrado em sua reflexão acerca da tradução. Na representação mimética, o filósofo estoico encontra um representante significativo: Catão. É moralmente notável,

circunstancial. Vale dizer que, nessa passagem, a retórica vem tratada como uma parte da política.

31. *De fin.*, IV, 7: *Totum genus hoc Zeno et qui ab eo sunt aut non potuerunt <tuere> aut noluerunt, certe reliquerunt. quamquam scripsit artem rhetoricam Cleanthes, Chrysippus etiam, sed sic, ut, si quis obmutescere concupierit, nihil aliud legere debeat. itaque uides, quo modo loquantur. noua uerba fingunt, deserunt usitata.*

32. As *interrogatiunculae* são os silogismos, que, na tradição estoica, tomam a forma de interrogações.

33. *De fin.*, IV, 7: *Pungunt quasi aculeis interrogatiunculis angustis, quibus etiam qui assentiuntur nihil commutantur animo et idem abeunt, qui uenerant. res enim fortasse uerae, certe graues, non ita tractantur, ut debent, sed aliquanto minutius. Aliquanto minutius pode ainda querer dizer “de modo muito apegado às minúcias” e “sem grande desenvolvimento, sem amplitude”. As duas ideias, se pensarmos na teoria retórica de Cícero, não estão separadas.*

34. Ver *De fin.*, III, 15-17 e 51-56.

35. *De fin.*, IV, 20. *Alia quaedam dicent, credo, magna antiquorum esse peccata, quae ille ueri inuestigandi cupidus nullo modo ferre potuerit. quid enim peruersius, quid intolerabilius, quid stultius quam bonam ualitudinem, quam dolorum omnium uacuitatem, quam*

*integritatem oculorum  
reliquorumque sensuum  
ponere in bonis potius,  
quam dicerent nihil omnino  
inter eas res iisque contrarias  
interesse? ea enim omnia,  
quae illi bona dicerent,  
praeposita esse, non bona,  
itemque illa, quae in  
corpore excellere, stulte  
antiquos dixisse per se esse  
expetenda; sumenda potius  
quam expetenda.*

36. Isto é, tivesse lançado  
uma lança através da  
muralha.

37. *De finibus* IV, 22-23:  
*Patronusne causae in epologo  
pro reo dicens negaret esse  
malum exilium,  
publicationem bonorum?  
haec reicienda esse, non  
fugienda? nec misericordem  
iudicem esse oportere? in  
contione autem si loqueretur,  
si Hannibal ad portas  
uenisset murumque iaculo  
traiecisset, negaret esse in  
malis capi, uenire, interfici,  
patriam amittere? (...) quae  
est igitur ista philosophia,  
quae communi more in foro  
loquitur, in libellis suo?  
praesertim cum, quod illi  
suis uerbis significant, in eo  
nihil nouetur, [de ipsis rebus  
nihil mutetur] eadem res  
maneant alio modo. quid  
enim interest, diuitias, opes,  
ualitudinem bona dicas  
anne praeposita, cum ille,  
qui ista bona dicit, nihilo  
plus iis tribuat quam tu,  
qui eadem illa praeposita  
nominas?*

38. Essa ideia, que é  
defendida em tantas  
passagens de sua obra, é  
tratada por meio do termo  
*societas* (aliança, como a  
que fazem povos em uma  
guerra) em *De fato*, III.

singular, reconhecido pelo leitor como mártir da República. Encontra-se envolto em livros, é leitor ávido, insaciável. É até mesmo divino... Com tudo o que o adjetivo possa trazer de perigoso. No âmbito da cidade, é alguém com um discurso recôndito que é quase intangível. Caso queira se fazer compreender, é forçado à incoerência interna: defender aquilo em que não acredita. No imaginário criado por nosso autor, é o senador absorto em sua leitura, mesmo na Cúria. Em seu caso particular, absorto apenas até o começo da sessão – tudo bem! – talvez por um apego irrefletido ao *mos maiorum*. Além disso, exercitou-se em retórica, algo inusitado para um estoico, mas parece guardar consigo uma forte tendência, imposta por seu modo de pensar, ao isolamento, tanto linguístico quanto político.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, M. *Cicero's style: a synopsis*. Leiden: Brill, 2003.
- ARISTOTELES. *Ethica Nicomachea*. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit L. Bywater. Oxford: Oxford University Press, 1894.
- \_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. In: *Aristóteles II*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (col. *Os Pensadores*).
- AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cicéron*. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 2006.
- CICÉRON. *L'orateur / Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1964.
- \_\_\_\_\_. *De diuinatione*. With an English translation by W. A. Falconer. London: Harvard University Press, 1992 (*Loeb Classical Library*).
- \_\_\_\_\_. *De finibus bonorum et malorum*. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit L. D. Reynolds. Oxford: Oxford University Press, 1998.

CICERO. *De finibus bonorum et malorum libri quinque*. With introduction and commentary by W.M.L. Hutchinson. London: Edward Arnold, 1909.

\_\_\_\_\_. *De l'orateur*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1957.

\_\_\_\_\_. *De natura deorum / Academica*. With an English translation by H. Rackham. London: Harvard University Press, 1979 (*Loeb Classical Library*).

\_\_\_\_\_. *Des termes extrêmes des biens et des maux*. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1967.

\_\_\_\_\_. *Epistulae ad Atticum*. Edited by D. R. Shackleton Bailey. Stuttgart: Teubner, 1987. 2v.

\_\_\_\_\_. *Epistulae ad Jettersijs*. Edited by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: CUP, 1977. 2v.

\_\_\_\_\_. *Epistulae ad Quintum Fratrem et M. Brutum*. Edited by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: CUP, 1980.

\_\_\_\_\_. *On the ideal orator*. Translated with introduction, notes, appendixes, glossary and indexes by James M. May and Jakob Wisse. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GRIFFIN, M. "The composition of the *Academica*: motives and versions". In: *Assent & Argument. Studies in Cicero's Academic books*. Edited by Brad Inwood & Jaap Mansfeld. Leiden, New York: Brill, 1997<sup>a</sup>. p. 1-35.

LÉVY, Carlos. "Cicéron créateur du vocabulaire latin de la connaissance : essai de synthèse". In : *la langue latine, langue de la philosophie*. Actes du colloque organisé par l'École française de Rome avec le concours de l'Université de Rome "La Sapienza" (Rome 17-19 mai 1990), 1992, p. 91-106.

LIMA, S. C. *Aspectos do gênero dialógico no De finibus de Cicero*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 2009.

\_\_\_\_\_. "Cícero e a obra filosófica em latim como *jette rei publicae*". *Nuntius Antiquus*, v. V, jul. 2010, p. 92-110.

LISCU, Marin.O. *Etude de la langue de la philosophie morale chez Cicéron*. Paris: Les belles jetters, 1930.

39. *De fin.*, IV, 56: *Postea tuus ille Poenulus – scis enim Citeos, clientes tuos, e Phoenicia profectos –, homo igitur acutus, causam non optinens repugnante natura uerba uersare coepit et primum rebus iis, quas nos bonas ducimus, concessit, ut haberentur aestimabiles et ad naturam accommodatae, faterique coepit sapienti, hoc est summe beato, commodius tamen esse si ea quoque habeat, quae bona non audet appellare, naturae accommodata esse concedit.*

40. *De fin.*, V, 74: "Restam os estoicos. Mas esses, não foi uma ou outra parte que de nós eles tomaram, mas toda a nossa filosofia trasladaram à sua escola; e assim como os demais ladrões alteram os traços distintivos das coisas que tomaram, da mesma forma eles, para que se servissem de nossos pensamentos como se fossem seus, os nomes, que são como que as marcas das coisas, eles alteraram". / *Stoici restant. Ei quidem non unam aliquam aut alteram <rem> a nobis, sed totam ad se nostram philosophiam transtulerunt; atque ut reliqui fures earum rerum, quas ceperunt, signa commutant, sic illi, ut sententiis nostris pro suis uterentur, nomina tamquam rerum notas mutauerunt.*

PLATO. *Gorgias*. A revised text with introduction and commentary by E.R. DODDS. Oxford: Clarendon, 1990.

PONCELET, R. *Cicéron traducteur de Platon*. Paris: E. De Boccard, 1957.

POWELL, J. G. F. "Cicero's translations from Greek". In: *Cicero the philosopher / Twelve papers*. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995. P. 273-300.

RUCH, M. *Le préambule dans les oeuvres philosophiques de Cicéron*. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1958.

WRIGHT, M.R. *Cicero: on Stoic good and evil*. Warminster: Aris & Phillips, 1991.

Recebido em maio de 2014  
Aprovado em agosto de 2014

# DOSSIÊ





O presente dossiê possui duas finalidades: reunir ensaios sobre aspectos importantes do fenômeno biográfico na Antiguidade e apresentar ao público de língua portuguesa traduções de relatos de caráter biográfico que, a princípio, não tenham sido vertidos para o português. Em ambos os aspectos, optou-se por não se restringir ao gênero biográfico *stricto sensu* e incluir outros tipos de narrativas importantes para a formação do gênero ou para se pensar a constituição de temas ou *tópoi* biográficos em longa duração. Em certo sentido, o “Dossiê Bíos” reconhece no historiador Arnaldo Momigliano o interlocutor com que se dialoga e a partir de que se faz a *mimesis*, no duplo sentido grego de emulação e imitação. Dessa forma, a escolha de temas, obras e autores evoca as questões por ele colocadas em sua obra *Les origines de la biographie em Grèce ancienne*.

Tendo o gênero biográfico antigo como base para minha pesquisa nos últimos anos, venho me dedicando ao estudo sistemático de vários aspectos e de várias espécies de *bíos* na Antiguidade. Por se estender numa longa extensão de tempo, ele ficou submetido às mais variadas influências de outros campos discursivos e, sem dúvida, dos diversos contextos históricos e culturais. Dessa forma, traçar dele um quadro uniforme ou homogêneo seria uma empresa que não daria conta de suas variantes e subgêneros, assim como do fenômeno biográfico de caráter mais generalizante que atravessa boa parte da produção discursiva ao longo da Antiguidade.

Uma das hipóteses fenomenais de Momigliano relativas à constituição do gênero biográfico aponta para a influência persa tanto na cultura grega quanto na judaica. A partir dessa perspectiva, ele faz uma aproximação entre figuras de pretensos biógrafos gregos no século V a.C., como Cílix de Carianda e Íon de Quios, e as figuras de Esdras e Neemias na Judéia, cujos escritos também apresentariam traços auto-biográficos e algum tipo de estruturação biográfica. Por mais que não se advogue uma influência direta



de modelos persas ou mesmo assírios para a origem da biografia na Grécia, é certo que tais relatos são importantes como testemunhos de textos mais antigos com traços biográficos ou auto-biográficos. Ele se refere, nesse sentido, também às inscrições “autobiográficas” persas, assírias e algumas egípcias.

A história de Ahikar, conhecida como Romance de Ahicar, é uma narrativa emblemática para se auferir esse tipo de influência. A época aí evocada remonta aos reinos de Senaqueribe e Assarhaddon, para os quais Ahicar (figura histórica ou lendária, representativa da classe dos escribas) serviria de conselheiro. Segundo a intriga narrada, depois de adotar o sobrinho Nadan e de instruí-lo, ele é acusado pelo próprio Nadan de tramar contra o soberano Assarhaddon. Embora condenado à morte, Ahicar consegue se salvar e, tempos depois, numa disputa de enigmas entre Assarhaddon e o soberano egípcio, ele volta às graças daquele ao solucionar todos os enigmas propostos. Saindo vitorioso, ele, ao conseguir permissão para castigar o sobrinho, dirige vários reproches em forma de preceitos a Nadan, o qual acaba por se matar. A versão mais antiga dessa narrativa está em aramaico, sendo do século V a.C. Como é evidente, uma boa parte do enredo, com modificações e alterações, é inserida no relato escriturístico de Tobit e Tobias. Por seu turno, a figura de Ahicar será conhecida por gregos e romanos. Na Grécia, a partir do testemunho de Clemente de Alexandria (Estromata, 1, 15), sabe-se da existência de uma estela de Ahicar, a qual Demócrito teria traduzido no século V a.C. Pelo testemunho de Diógenes Laércio (5,50), verifica-se o interesse de Teofrasto sobre o sábio assírio; além disso, é possível que um mosaico da época romana em Trieste (século III d.C.) possa representar o próprio Ahikar.<sup>1</sup> A partir da tradução grega desse *Romance de Ahikar*, é construída uma parte da *Vida de Esopo*, uma obra do século II d.C., cujo enredo é assimilado e adequado para o percurso biográfico e romanescos de Esopo. Em nosso dossiê, consta a tradução da primeira parte das recensões G e W da *Vida de Esopo*, mas, por uma questão de extensão, esse trecho específico (referente a Ahikar) não aparece na tradução.

De uma e de outra forma, consideramos relevante incluir neste dossiê um trabalho sobre inscrições reais

1. Cf. MOMIGLIANO, Arnaldo. *La Naissance de la Biographie en Grèce Ancienne*. Traduit de l'Anglais par Estelle Oudot, Strausbourg: Circé, 1991, p. 55-60; JOUANNO, Corinne. *Vie d'Esopé*, traduite et commentée par Corinne Jouanno, La Roue à Livres, Paris, 2006, p. 22-27; BOROBIO, E. Martínez. Libro Arameo de Ajjicar. IN: MACHO, Alejandro Díez et alii. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Tomo III. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

mesopotâmicas, em que aspectos biográficos, auto-biográficos e concernentes à memória são apresentados em sua relação com os feitos de soberanos assírios. Kátia Pozzer, com erudição, charme e virtuosidade, comenta, interpreta e traduz do acádico para o português alguns excertos do rei assírio Assurbanipal, datados de 668 a 627 a.C. Além de indicar a finalidade propriamente política desses textos, testemunhos de uma “celebração violenta da memória estatal”, sua tradução e explicação nos leva a refletir sobre questões como indicação da origem (no sentido tanto de lugar de procedência quanto de progenitores e ancestrais), relação intrínseca com as divindades, descrições de qualidades e aptidões, itens que se afiguram com *tópoi* biográficos no gênero posterior do *bíos*; além disso, no segundo excerto traduzido, há uma sequência de ações heróicas realizadas por Assurbanipal, o que, de certa forma, aponta para uma estruturação e narrativa de *práxeis*, parte dessa característica e costumeira no relato de vidas de generais, soberanos e figuras políticas em geral.

O segundo artigo tem uma finalidade de propiciar uma introdução geral ao tema na Antiguidade, considerando a formação do gênero e retomando variadas categorizações feitas por especialistas na área. Neste trabalho, assinado por mim, redimensiono o conceito de *tópos* biográfico propondo uma concepção mais abrangente e uma classificação mais apurada em vista de uma análise estreitamente vinculada à forma em que aparecem nos textos. Utilizo-me dessa categorização em vários *tópoi* biográficos para lidar com um corpus de fragmentos do século V a.C. (e um provavelmente de fins do século VI a.C.), dos quais forneço uma tradução meramente literal para fins de análise. Embora não haja subsídios para afirmar que fariam parte de narrativas biográficas, como aponta Momigliano, eles são importantes para a constituição do *bíos*, assim como para a própria história da recepção e comentários de tais fragmentos dentro daquilo que concebi como “ambiência biográfica”. Neste meu artigo, há apenas alguns apontamentos sobre narrativas biográficas ou com dados auto-biográficos no século IV a.C., como o *Evágoras* de Isócrates, o *Agesilau* e a *Ciropedia* de Xenofonte. No entanto, foi deixado para uma outra publicação um exame mais detido de tais textos, assim como

dos fragmentos de Aristóxeno, cuja obra também é essencial para se entender a constituição do gênero. Não obstante, podemos contar neste dossiê com a valiosa contribuição de três estudiosas que traduziram e comentaram o que existe de mais relevante (em função da extensão dos fragmentos conservados) de exemplares da biografia do período helenístico.

Gabriela Gazzinelli traduz para o português o mais antigo exemplar de uma biografia helenística, o que revela sua maior relevância pelo fato de toda a produção do período ter restado apenas de forma bastante fragmentária. Embora o texto não esteja em sua íntegra, a dimensão dos fragmentos permite uma avaliação mais apurada e propicia maiores detalhes para a análise. Uma das características mais impressionantes do texto é sua forma dialogada, inteiramente inusual para uma biografia. Essa *Vida de Eurípides*, escrita por Sátiro, no século III a.C., apresenta duas personagens: um primeiro interlocutor (que poderia se nomear como o próprio Sátiro) e Diodora Eucleia, uma mulher erudita. Como visto, há uma influência do diálogo filosófico platônico em sua composição; Gazzinelli, não obstante, se volta para traços advindos da escola peripatética, como, por exemplo, o tratamento das emoções. Esta biografia denuncia também aquilo que se costumou chamar de método Camaleonte, a partir do nome do biógrafo peripatético Camaleonte, o qual tinha a tendência a deduzir dados da vida do biografado a partir das próprias obras. De forma semelhante, Sátiro retirava das tragédias compostas por Eurípides, bem como a partir do que apresenta Aristófanes em suas comédias, qualidades e informações acerca da vida do escritor: sua misoginia, seu caráter misantropo, a profissão da mãe como verdureira etc. Além disso, há várias citações de suas obras com alguns apontamentos de crítica literária.

Mary Lafer e Sandra Rocha comentam e traduzem um autor igualmente importantíssimo para o gênero bíos na Antiguidade, mas também para a história do período romano-helenístico: Nicolau de Damasco. Mary Lafer traduz parte dos fragmentos de sua obra atualmente conhecida como *Autobiografia*; no caso, o título dado pela Suda seria Περὶ τοῦ ἰδίου βίου καὶ τῆς ἑαυτῆς ἀγωγῆς, “Sobre a própria vida e sobre a formação de si mesmo”. Ou seja,

uma biografia sobre si mesmo, como apontava Momigliano, não deixava de ser um *bíos* em termos gerais. Sua *Vida de Augusto*, cuja primeira parte é traduzida e comentada por Sandra Rocha, antecipa as obras de Suetônio e de Plutarco e, desse modo, é uma fonte primordial para o gênero biográfico, como também para a representação da figura de Augusto em sua época.

O gênero *bíos* vai ser utilizado também por autores judeus que escreveram em língua grega, como é o caso de Fílon de Alexandria com sua *Vida de Moisés* e de Flávio Josefo com sua *Autobiografia*, obras essas que assimilam novas características advindas da cultura judaica e da literatura escriturística. A figura de Moisés era emblemática por apresentar a vida de um patriarca dentro de uma concepção de modo de vida propriamente biográfico, tendente à exemplaridade e ao caráter de paradigma. Sinal disso são textos de historiadores que versaram sobre tal patriarca, como Eupólemo e Artápano, cujos fragmentos se depreendem das referências feitas por Alexandre Polístor, cuja obra, por sua vez, nos é conhecida também de forma fragmentária a partir dos testemunhos de Diógenes Laércio e Estéfano de Bizâncio, por um lado, e de Clemente de Alexandria e Eusébio de Cesareia, por outro. Embora não sejam propriamente biográficos, esses fragmentos nos fornecem subsídios para o tratamento do tema no âmbito judaico no período helenístico. Dessa forma, nosso dossiê tem a contribuição inestimável de Cesar Motta Rios que traduz e comenta os fragmentos atribuídos a Artápano, uma figura ainda enigmática, que nem mesmo se confirmaria seguramente como judeu segundo os especialistas, embora tenha escrito sobre temas judaicos, no caso dos fragmentos, sobre Abraão, José e Moisés. Nesses escritos de Artápano se evidencia uma tendência ao sincretismo com incorporação de elementos gregos, judeus e egípcios, tratados de uma forma não muito ortodoxamente judaica. Segundo Concepción López Rodríguez,<sup>2</sup> o Moisés de Artápano se mostraria muito mais complexo que aquele de Eupólemo: seria, ao mesmo tempo, o personagem bíblico que conduz o seu povo, o integrador de culturas (assumindo, por exemplo, o papel correspondente ao dos sacerdotes egípcios)

2. RODRIGUEZ, Concepción López. El "Moisés" de Eupólemo y Artápano. In: MARÍN, J.A. Sánchez e alii. *Historiografía y biografía*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1997.

e também um equivalente de Hermes no que diz respeito ao domínio e ao ensino da linguagem.

Sem dúvida, Plutarco é um dos autores mais conhecidos, no que diz respeito ao gênero biográfico, por sua obra *Vidas Paralelas*, em que justapõe um grego e um romano, buscando uma comparação entre ambos. Neste dossiê, Maria Aparecida de Oliveira Silva aborda a obra deste escritor segundo uma perspectiva peculiar: o enquadramento de vários tipos de mulheres que aparecem nesses *bioi* de militares, legisladores e comandantes. Embora não haja escrito um *bíos* especificamente sobre uma mulher, encontram-se em sua obra relatos e descrições de várias personagens femininas, as quais são enquadradas por Maria Aparecida segundo as seguintes rubricas: as corajosas, as mães, as dominadoras, as arditosas, as cortesãs, as infiéis, as convenientes, as casuais, as apaixonadas. A autora nos apresenta uma galeria de tipos distintos de mulheres, que recebem tratamento diferenciado na obra plutarqueana; elas influenciam o jogo político, sendo, por exemplo, o casamento uma estratégia para a projeção social, o que corrobora o poder e a presença feminina, considerados, por sua vez, não meramente marginais na narrativa biográfica de Plutarco.

Aparece em São Jerônimo, numa possível referência a Suetônio, em seu prefácio ao *Viris Illustribus*, um cânon de biógrafos, a partir de que quatro escritores gregos de biografias de homens ilustres (Hermipo, Antígono de Caristo, Sátiro e Aristóxeno) corresponderia a quatro escritores latinos: Varrão, Santra, Nepos e Hígino. Segundo Giorgio Brugnoli (“Nascita e sviluppo della biografia romana” In: GALLO, Italo, NICASTRI, Luciano. *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderno*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1995, p. 79-107), quer se deva à influência preponderante de modelos helenísticos ou apresente sua originalidade propriamente romana a partir de *laudationes funebres, neniae e carmina convivalia*, o fenômeno biográfico apareceria em Roma a partir do século II a. C.; para além dos quatro nomes citados no cânon latino suetoniano, encontrar-se-iam os seguintes nomes: Ópio, Cícero, Tíron, Fadio Gallo, Balbo, Munácio Rufo, além de Ático. De uma forma ou de outra, a obra de Suetônio consegue integrar em si vários aspectos da tradição biográfica

helenística e romana anterior. De sua obra *De Grammaticis et Rhetoribus*, temos dois artigos: o de Marcos Martinho trata especificamente da primeira parte (com comentário seguido de uma tradução), *Dos gramáticos*, enquanto Artur Costrino se encarrega da segunda parte, *Dos retores*. Marcos Martinho chama a atenção para o caráter fisicista ou naturalista que Suetônio fornece à composição da primeira seção, que se afigura como uma história da gramática em Roma, dividida, com efeito, em quatro períodos: tempo do início ou descoberta, tempo do desenvolvimento, tempo da perfeição ou do florescimento, tempo do declínio. A seguir, ele faz uma análise filológica e criteriosa dos termos utilizados em relação aos gramáticos, concernentes às funções, atividades e ensino no papel de mestres e professores, assim como ao seu lugar de ensino, aos discípulos e aos honorários. Por seu turno, Artur Costrino antepõe à sua tradução uma discussão relevante entre as relações entre os gêneros da biografia e da história na Antiguidade, fazendo referência justamente a passagens e autores que Momigliano havia sinalizado como precípuos para distinguir os dois gêneros. Não obstante, cabe sempre lembrar o caráter multifacetado do *bíos* antigo, assim como de concepções diferenciadas da história na Antiguidade; conforme Bruno Gentili e Giovanni Cerri (*History and Biography in Ancient Thought*. Amsterdam: J. C. Gieben, Publisher: 1988, p. 62-65), há pelo menos duas concepções de história: por um lado, uma entendida como referente a séries de eventos políticos e, por outro lado, outra vista como uma espécie de antropologia que abarca todos os aspectos da existência, ou seja, uma história de tipo tucidideano ou polibiano seria bem diferente de outra do modelo de Dionísio de Halicarnasso. Daí que as interrelações entre biografia e história estariam dependentes de uma avaliação acurada entre as diferentes espécies de biografias face a estas duas concepções de história, o que demandaria, claro, uma investigação bem mais longa e aprofundada, a qual está fora dos objetivos e do escopo desse primeiro dossiê.

Dentro da diversidade do *bíos* antigo, afigura-se um corpus de obras que, a despeito de possuírem traços marcadamente biográficos (como a indicação do termo *bíos* no título), apresenta uma hibridização acentuada com a



narrativa romanesca da época. Em vista desse estatuto indecível entre biografia e romance, são classificadas ora como vidas romanescas ou romanceadas ora como romances biográficos ou biografizantes, consoante a tendência dos pesquisadores. Desse corpus, figuram comentadas e traduzidas neste dossiê a *Vida Herodoteana de Homero* e a *Vidal/Romance de Esopo*, nas recensões G e W.

Christian Werner e Luiz Guilherme Couto Pereira vertem para o português o primeiro desses textos, com um comentário introdutório: fazem uma discussão acerca do modo de criação de tradições biográficas sobre a figura de Homero, constituídas a partir de um material que em si revelaria o modo de recepção da épica na Antiguidade. Segundo Marie-Andrée Colbeaux (*Raconter la Vie d'Homère dans L'Antiquité: Édition commentée du traité anonyme, Au sujet d'Homère et d'Hésiode, de leurs origines et de leur joute*, e de la *Vie d'Homère* attribuée à Hérodote. Tese de doutorado. Université Charles de Gaulle – Lille III, 2004), várias vidas de Homero, como a *Vida Herodoteana de Homero*, o *Certame entre Homero e Hesíodo*, as duas Vidas atribuídas a Plutarco, responderiam a um projeto literário por parte de seus autores. Como biografias literárias de poetas, entrariam em pauta questões de poética, com a utilização de categorias como o elogio e a censura, além de serem influenciadas por reflexões aristotélicas em torno das noções de *physis* e *paideia*. Testemunhariam, assim, o processo de recepção da poesia homérica, aí incluídos comentários estilísticos, categorizações, crítica e teorização literária.

No último artigo, assinado por mim e Adriane Duarte, são traduzidas partes das duas recensões principais da *Vidal/Romance de Esopo*, G e W, também antecedidas de um comentário introdutório. Em função da extensão da obra, a tradução limitou-se à primeira seção da primeira parte. Assim como a *Vidal/Romance* de Alexandre, a *Vida de Esopo* passou por um processo de assimilação e compilação de materiais variados, o que, sem embargo, não chegou a obscurecer a unidade e o trabalho de composição do autor. No entanto, a transmissão manuscrita de tais textos vem a ser bem mais complicada, por serem mais suscetíveis que os textos canônicos a receberem acréscimos, alterações e interferências de todo tipo.

Assim como na *Vida Herodoteana de Homero* são inseridos epigramas atribuídos ao poeta, assim também na *Vida de Esopo* estão incluídas fábulas pretensamente compostas pelo biografado. Aí estão igualmente presentes os temas romanescos ligados a viagens e aventuras, pelo que tanto Homero quanto Esopo perfazem o papel do herói. A narrativa concernente a esse último apresenta, por exemplo, muitas similaridades e paralelos com o romance de Apuleio, *As Metamorfoses* ou *Asno de Ouro*: ambos, Lúcio e Esopo, passam por uma espécie de ritual na dinâmica narrativa, a partir de que o primeiro, transformado em burro, retoma a forma humana, enquanto o segundo adquire a capacidade de falar, de compor discursos e composições escritas; em ambos os casos, há a ação da deusa Ísis que, responsável pelas transformações, intervém como legitimadora de uma prosa literária e, no caso, romanesca.

Gostaria, por fim, de agradecer a todos os estudiosos que participaram deste dossiê, os quais, com extrema boa vontade, aceitaram a dupla tarefa de traduzir e analisar textos da Antiguidade a partir de abordagens diversas, mas que visavam, de uma forma ou de outra, o gênero do *Bíos* antigo. Não há aqui um objetivo de tratamento exaustivo de temas e narrativas biográficas, senão um empreendimento inicial para uma reflexão sobre o gênero biográfico antigo, a partir do cotejo com os textos selecionados e traduzidos. As traduções aqui apresentadas poderão ser publicadas posteriormente pelos respectivos autores em edições mais completas, com comentários mais pormenorizados e substanciosos.

Pedro Ipiranga Júnior  
Curitiba, 30 de abril de 2014

## ASSURBANIPAL E SUAS MEMÓRIAS: UMA AUTOBIOGRAFIA NA ANTIGUIDADE?

*Katia Maria Paim Pozzer\**

\* Professora Adjunto do  
Curso de História da Arte  
- UFRGS. E-mail:  
pozzer@terra.com.br

**RESUMO:** Neste artigo propomos uma reflexão sobre o conceito de memória, sua interseção com as narrativas oficiais da corte assíria e a relação entre memória e identidade. No mundo antigo oriental o gênero autobiográfico, entendido como uma interpretação retrospectiva da própria vida, não existiu, porém muitos soberanos nos legaram extensos documentos que contém narrativas de cunho biográfico. As inscrições reais mesopotâmicas, que tipicamente são de caráter comemorativo de conquistas do rei ou crônicas de campanhas militares, falam da carreira e de cenas da vida e, de algum modo, podem ser entendidas como documentos autobiográficos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; autobiografia; narrativa; identidade.

**RÉSUMÉ:** Cet article propose une réflexion sur le concept de mémoire, son intersection avec les récits officiels de la cour assyrienne et la relation entre la mémoire et l'identité. Dans le monde oriental ancien, le genre autobiographique, compris comme une interprétation rétrospective de la vie elle-même, n'a pas existé, mais de nombreux souverains nous ont donné de longs documents contenant des récits biographiques. Les inscriptions royales mésopotamiennes, qui sont généralement de nature commémorative du roi ou les chroniques de campagnes militaires, parlent de la carrière et des scènes de vie et, en quelque sorte, peuvent être considérés comme des documents autobiographiques.

**MOTS-CLÉS:** Mémoire; autobiographie; récit; identité.

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a questão da memória autobiográfica na antiga Mesopotâmia a partir da análise de excertos de textos oficiais de rei assírio Assurbanipal, datados de 668 a 627 AEC.

É preciso, contudo, diferenciarmos os conceitos de autobiografia e de memória. A autobiografia procura dar conta de uma vida que atingiu o auge de desenvolvimento ou de realização. Autobiografia no sentido moderno pode servir como veículo de autoexame ou meditação, de autoconhecimento, mas também pode construir ou projetar uma autoimagem de si e esta é também uma forte característica dos textos autobiográficos do antigo Oriente Próximo, sobretudo das inscrições reais. Já as memórias apresentam uma recordação e compreensão dos eventos significativos observados, sendo um gênero de documento muito pouco atestado na Mesopotâmia. (GREENSTEIN: 2006, p. 2421).

No mundo antigo oriental o gênero autobiográfico, entendido como uma interpretação retrospectiva da própria vida, não existiu, porém muitos soberanos nos legaram extensos documentos que contêm narrativas de cunho biográfico. Particularmente no antigo Oriente Próximo podemos falar de textos autobiográficos, sem que contudo tratem da história de vida de seus autores. As inscrições reais mesopotâmicas, que tipicamente são de caráter comemorativo de conquistas do rei ou crônicas de campanhas militares, falam da carreira e de cenas da vida e, de algum modo, podem ser entendidas como documentos autobiográficos. Desconhecemos a autoria da maioria destes textos, mas acredita-se que tenham sido elaborados por escribas altamente qualificados da corte ou secretários particulares dos monarcas.

#### CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA ASSÍRIA

Na região da Alta Mesopotâmia, entre as margens do rio Eufrates e a leste do rio Tigre é que se desenvolveu a Assíria. Nesta região, praticamente desprovida de cidades, algumas implantações urbanas se constituíram ao longo do

Tigre e, no II milênio AEC, foram reunidas para formar o estado assírio (Fig. 1) e ficaram conhecidas como o Triângulo Assírio: Nínive, Arbela e Aššur (JOANNÈS: 2000, p. 10).

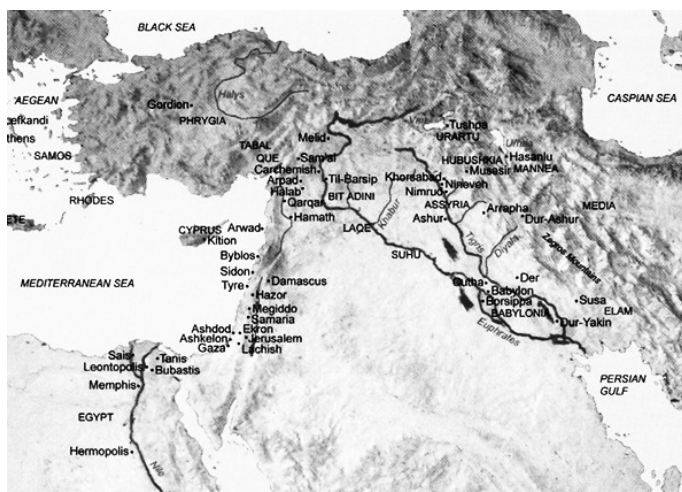


Fig. 1 – Mapa adaptado de COLLINS: 2008, p. 129.

A formação do império assírio foi fruto de um longo processo que visava unir diversos territórios, sob sua língua, sua religião, suas tradições e sua história. Para esse resultado final os soberanos assírios empregaram uma série de guerras, que iniciaram durante o II milênio AEC e se estenderam ao longo do I milênio AEC.

Essas guerras tiveram por vezes um caráter defensivo, por vezes um caráter preventivo e foram destinadas a proteger o território da cidade de Aššur, ao longo do rio Tigre, contra seus inimigos e daqueles que tentavam manter fechadas as rotas de comércio indispensáveis a sobrevivência da pequena nação (ROUX: 1995, p. 330).

As primeiras expedições militares fora da Mesopotâmia foram responsabilidade de dois grandes soberanos: Tukulti-Ninurta I (1243-1207 AEC) que venceu a Babilônia e Tiglatpileser I (1112-1074 AEC) que chegou ao Mediterrâneo durante o período médio assírio.

A segunda onda de expansão ocorreu de maneira mais intensa e acelerada. Grandes reis do período neoassírio, com o governo de Adad-Nirari II, iniciando em 912 AEC

realizaram campanhas militares. De Aššurnasirpal II (883-859 AEC) à Aššurbanipal (668-631 AEC), até a queda do império, com a tomada de Nínive, em 612 AEC, a política expansionista vigorou (PARROT: 2007, p. 29-33).

Com a queda do império assírio, em 612 AEC, o legado assírio foi deixado aos impérios posteriores como o neobabilônico, o persa e ao império de Alexandre, o Grande (BEDFORD: 2009, p. 31).

Para a assiriologia (LARSEN: 1979, p. 90) o primeiro império que atingiu extensão de grandes proporções foi o império assírio (Fig. 2), que se dizia herdeiro dos modos de organização imperial e legitimação das épocas de Sargão de Akkad (2340-2159 AEC) e de Hammurabi, rei da Babilônia (1792-1750 AEC), ambos poderosos soberanos do sul mesopotâmico (LIVERANI: 1995, p. 319).

Podemos reconhecer duas grandes fases na formação do império assírio: do século XIII AEC até o ano 1.000 AEC, aproximadamente, e do ano 1.000 AEC até a queda de Nínive em 612 AEC. A primeira fase iniciou-se com a emancipação local e regional até as primeiras expedições militares fora do território mesopotâmico, onde se destacam os reis Tukulti-Ninurta I (1243-1207 AEC) que venceu Babilônia e Tiglat-piliser I (1112-1074 AEC). A segunda fase assistiu a extensão da hegemonia política, cada vez mais profunda e longínqua, do império assírio, chegando ao Mediterrâneo. Inúmeros soberanos colecionaram vitórias em campanhas militares, de Assurnasirpal II (883-859 AEC) à Assurbanipal (668-631 AEC), e narraram estes eventos em baixos-relevos em seus palácios.

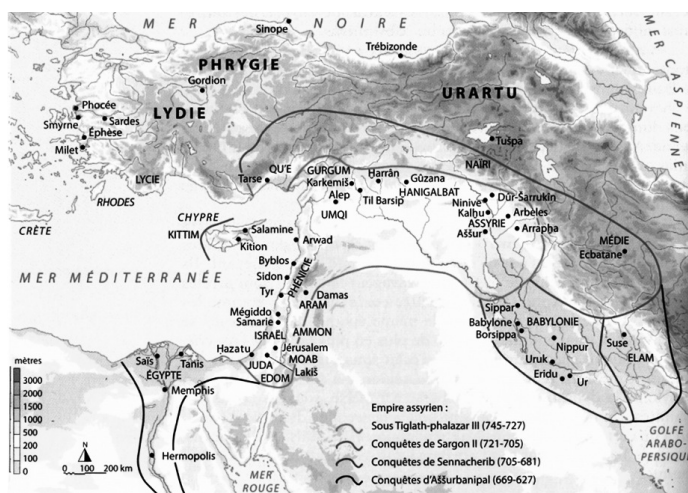


Fig. 2 – Constituição do Império Assírio (adaptado de BORDREUIL; BRIQUEL-CHATONNET; MICHEL: 2008, p. 14)

As escavações arqueológicas que desvendaram os palácios destes soberanos iniciaram no século XIX. O primeiro palácio descoberto foi o de Sargão II, em Dûr-šarrukin, sobre o sítio de Khorsabad, explorado por Émile Botta em 1843 e 1844, cônsul da França. Após seguiram-se as ruínas dos palácios de Kalhu, pelo inglês Henry Austin Layard, desde 1845, depois Nínive a partir de 1848, por Vitor Place e H. Rawlison. Em 1872, em Nínive, Hormuzd Rassam descobre a Biblioteca de Aššurbanipal e a partir de 1903 até o início da I Guerra Mundial, em Aššur se realizou uma escavação arqueológica que serve de modelo até os dias de hoje (READE: 2006, p. 18).

O sítio arqueológico de Nínive, atualmente no território do Iraque, conheceu várias campanhas de escavações entre os anos de 1852 e 1932. Estas escavações identificaram dois palácios: um localizado a sudoeste, construído por Senaqueribe e conhecido com o “palácio sem rival” e outro, na parte norte do sítio, construído por Assurbanipal (RUSSEL: 1997, p. 295). Na figura abaixo (Fig. 3), identifica-se o palácio norte à esquerda e o palácio sudoeste à direita.

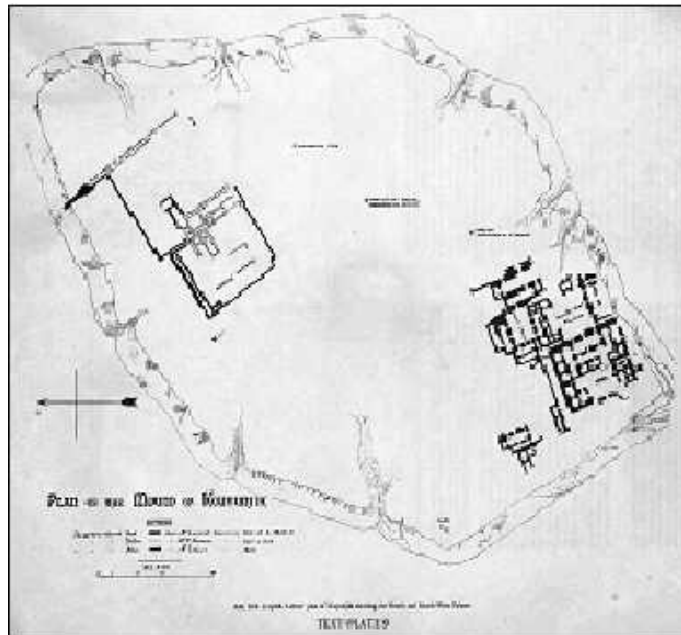


Fig. 3 – Plano de Nínive (BARNETT: 1976, p.24)

### OS ANAIS ASSÍRIOS DO REINADO DE ASSURBANIPAL (668-627 AEC)

Os excertos apresentados a seguir são parte integrante de um documento cujo suporte material é um prisma decagonal, proveniente do palácio norte de Nínive, conhecido como Prisma Rassam ou Prisma A. Este magnífico documento, descoberto em 1878, por Hormuzd Rassam, assistente e sucessor das escavações de Henry Layard encontra-se, atualmente, no Museu Britânico (LARSEN: 2001, p. 415).

A tradução exibida a seguir está baseada na obra *Annales Assyriennes* de Philippe TALON (2011), que realizou uma edição bilíngue, acádio e francês, com textos escolhidos e representativos para cada soberano assírio, onde encontramos a transliteração do texto original em cuneiforme. Para a versão em português me permiti alguma liberdade de adaptação do vocabulário semítico, buscando maior inteligibilidade e compreensão da mensagem,



fugindo, às vezes, da tradução literal. Trata-se, pois, de documentos inéditos, em língua portuguesa, que oferecemos ao público lusófono, esperando, assim, contribuir para a disseminação dos estudos antigo-orientais.

O primeiro texto encontra-se no início do prisma e é a apresentação do rei Assurbanipal, escrito na primeira pessoa, onde ele elenca suas virtudes e qualidades e, mais importante de tudo, oferece a justificativa ideológica de sua posição, a de que sua escolha como soberano foi obra de seu pai, o rei Assarhaddon e dos deuses do panteão assírio. O documento diz (I coluna, linhas 1-51):

Eu sou Assurbanipal, (criatura) de Aššur<sup>1</sup> e de Mullissu,<sup>2</sup> grande príncipe herdeiro da Casa de Sucessão, dos quais Aššur e Sîn,<sup>3</sup> senhor (da tiara), pronunciaram, desde muito tempo, o nome da realeza e criaram no seio de sua mãe para o pastoreio da Assíria. Šamaš,<sup>4</sup> Adad<sup>5</sup> e Ištar<sup>6</sup> ordenaram, por uma firme decisão, que eu exerça a realeza. Assarhaddon, rei da Assíria, meu pai, respeitou a palavra de Aššur e de Mullissu, seus aliados divinos, que haviam ordenado que eu exercesse a realeza.

No mês de Ayyarû,<sup>7</sup> o mês de Éa,<sup>8</sup> mestre dos povos, no 12º dia, um dia propício, dia de oferenda alimentar a Gula,<sup>9</sup> sob ordem sublime que Aššur, Mullissu, Sîn, Šamaš, Adad, Bêl,<sup>10</sup> Nabû,<sup>11</sup> Ištar de Nínive, Šarrat-Kidmuri,<sup>12</sup> Ištar de Arbela, Ninurta,<sup>13</sup> Nergal<sup>14</sup> e Nusku haviam dado, ele agrupou o povo da Assíria, pequenos e grandes, do Mar Superior ao Mar Inferior, e a fim de proteger meu *status* de príncipe herdeiro e mais tarde o fato que eu exerça a realeza da Assíria, ele os fez pronunciar um juramento de fidelidade em nome dos deuses, reforçando assim o pacto.

Após enunciar uma lista de divindades que protegem seu reinado, Assurbanipal apresenta as habilidades exigidas para um soberano, a saber, o domínio da arte da escrita, do arco e flecha, do cavalo e do carro de guerra. O documento prossegue:

No gozo e na alegria, eu fiz minha entrada na Casa da Sucessão, lugar perfeito, nó da realeza, onde Senaqueribe, o pai de meu pai, exerceu a função de príncipe herdeiro e de rei, lá onde nasceu Assarhaddon, meu pai e onde ele cresceu e exerceu o poder sobre a Assíria, dirigiu todos os príncipes, ampliou seu clã e solidificou sua casa e sua família.

1. Aššur é o deus do Estado/nação assírio. Originalmente era uma divindade local de mesmo nome da cidade e com a transformação da Assíria em um grande império, tornou-se de grande importância em uma enorme extensão territorial (Black; Green: 1998, p. 37-39).

2. Na Assíria Mullissu é a esposa de Aššur, mas na Babilônia Ninlil, como é conhecida, é a esposa do deus Enlil e está associada a maternidade (Black; Green: 1998, p. 140-141).

3. O deus Lua, divindade masculina, é filho de Enlil e Ninil.

4. O deus-sol é a divindade da justiça.

5. Para os sumérios é o deus que personifica o poder da tempestade e tem por nome Iškur. No norte mesopotâmico está associado às chuvas e às cheias dos rios benéficas para as plantações. Na cidade de Aššur havia dois zigurates, um dedicado a Anu, divindade primordial, e outro a Adad (Black; Green: 1998, p. 110-111).

6. Deusa do amor e da guerra. No período neoassírio era representada por um nu frontal, portando armas e tendo por símbolo uma estrela ou uma roseta (Black; Green: 1998, p. 109).

7. Ver calendário assírio-babilônico e seu correspondente no sistema juliano (Pozzer: 2013, p. 12-23).

8. Éa, em acádio ou Enki em sumério, é o deus criador da humanidade segundo a mitologia mesopotâmica.

9. A deusa Gula é aquela que “entende de doenças”, é a patrona dos médicos. Seu animal sagrado é o cão.

10. Bêl significa “senhor”, nome usado tardiamente para nomear Marduk, patrono da cidade de Babilônia. Foi uma divindade popular na Assíria no século XIV AEC (Black; Green: 1998, p. 128).

11. Nabû é a divindade da escrita, o escriba divino dos destinos. Foi uma das principais divindades cultuadas no reinado de Assarhaddon e Assurbanipal (Black; Green: 1998, p. 134).

12. Nome de divindade feminina.

13. Ninurta na Assíria tinha caráter de deus guerreiro e era o esposo da deusa Gula. (Black; Green: 1998, p. 148).

14. Nergal ou o deus Erra, a divindade guerreira por excelência, era o esposo de Ereškigal, rainha do submundo e irmã de Ištar.

Eu também, Assurbanipal, eu aprendi a sabedoria de Nabû, eu examinei os mistérios da arte de escrever de todos os sábios, tantos quanto existem. Eu aprendi a atirar com arco [e flecha], a montar sobre um cavalo ou um carro e segurar as rédeas.

Sob ordem dos grande deuses dos quais eu pronunciei o nome e dos quais eu canto a glória, eles, que ordenaram que eu exercesse a realza, me confiaram a responsabilidade de manter seus santuários e, em meu lugar, fizeram prestar contas aos meus adversários e mataram meus inimigos.

Eu sou um herói valente, amado de Aššur e de Ištar, descendência da realza. Desde que Aššur, Sîn, Šamaš, Adad, Nabû, Ištar de Nínive, Šarrat-Kidmuri, Ištar de Arbela, Ninurta, Nergal e Nusku me instalaram com alegria sobre o trono de meu pai, Adad liberou suas chuvas e Éa abriu as suas fontes. O grão cresceu 5 côvados no sulco [da terra], a espiga era longa de 5/6 de côvado A regularidade das colheitas e a abundância do grão eram constantes, as pastagens eram exuberantes, os pomares estavam magníficos de frutos, as tropas [de animais] se reproduziam regularmente. Durante meu reinado, era a abundância, a prosperidade marcava meus anos, a riqueza se acumulava.

O texto finaliza com a repetição da nominata das divindades protetoras de seu reinado, reiterando a garantia da abundância, da riqueza e da prosperidade no reino da Assíria. Trata-se, também de um discurso político do soberano, garantidor do bem-estar da população.

O segundo texto é a narrativa oficial da guerra contra o Elam, império poderoso que ameaçou constantemente a Assíria e a Babilônia ao longos três mil anos de história na antiguidade. Sua localização era no território que posteriormente ficou conhecido como a Pérsia, onde os Montes Zagros eram uma fronteira natural com a planície mesopotâmica (Fig. 2). Este excerto apresenta um importante evento histórico, a Batalha do Rio Ulai, que também foi imortalizada nos baixos-relevos assírios (III coluna, linhas 27-39):

No curso de minha quinta campanha, eu rumei em direção ao Elam. Sob a ordem de Aššur, Mullissu, Sîn, Šamaš, Adad, Bêl, Nabû, Ištar de Nínive, Šarrat-Kidmuri, Ištar de Arbela, Ninurta, Nergal e Nusku, no mês de Ulûlu, obra das deusas, o mês do rei dos deuses, Aššur, o pai dos deuses Nunamnir, como o ataque de uma tempestade furiosa, eu submergi todo o país do Elam, eu

cortei a cabeça de Te'ummân, seu rei, o rebelde que tinha feito um complô e eu matei seus guerreiros em quantidades incontáveis.

De minhas próprias mãos eu capturei seus combatentes vivos e eu enchi a planície da cidade de Susa de seus cadáveres, como os espinhosos *baltu e asâgu*.<sup>15</sup> Eu fiz correr seu sangue no rio Ulai e eu tingi suas águas como a lã vermelha. Humban-nikaš, filho de Urtaki, o rei do Elam que tinha fugido para a Assíria antes de Te'umman e se tornou vassalo, eu o levei junto comigo ao Elam. Eu o instalei sobre o trono de Te'umman. Tammaritu, seu terceiro filho, que havia fugido junto com ele, eu o instalei como rei na cidade de Hidalu.

15. Trata-se de plantas espinhosas cuja tradução do acádio para línguas modernas é inexistente.

A data da guerra de Assurbanipal contra o império elamita é incerta, há hipóteses indicando que teria ocorrido entre 663 e 653 AEC. O rei elamita Tepti-Human-Insušnak, conhecido pelos assírios como Teumman, junto com seu filho Tammaritu são capturados e decapitados (COLLINS: 2008, p. 25).

A mutilação dos corpos era uma prática atestada na Mesopotâmia e no Egito antigos, na iconografia e na produção textual. A identidade do inimigo morto e do grupo social ao qual ele pertencia era colocada em evidência (MINUNNO: 2008, p. 249). Após a batalha as cabeças eram mostradas como troféus e eram testemunhas do prestígio e da qualidade do exército vitorioso.

O relevo da Batalha de Til-Tuba ou do Rio Ulai, que mostra os assírios vencendo os elamitas no sul do Irã é, indiscutivelmente, a mais refinada composição em larga escala da arte assíria. A derrota do exército elamita é composta de três painéis, dentro de uma série de dez composições, que narram a história completa da campanha militar (WATANABE: 2008). Temos aqui importante exemplo de uma narrativa literária que complementa uma narrativa visual sobre um mesmo evento histórico (POZZER: 2011).

## CONCLUSÃO

No antigo Oriente Próximo, os textos autobiográficos referiam-se a vida e as conquistas de figuras públicas, sobretudo dos reis, em um mundo onde poucos dominaram

muitos e levaram uma vida extraordinária. Muitos dos antigos autores escreveram na primeira pessoa para promoverem a si próprios ou, no caso de escribas autores, buscarem a glorificação de seus senhores.

Esta documentação é um exemplo dos usos e abusos da história na construção de uma memória social. Paul Ricœur (2010, p. 93) discute a tese dos abusos da memória resultantes de «uma manipulação concertada da memória e do esquecimento por detentores do poder» e de como este tema interpela a relação entre memória e identidade, coletiva e pessoal. Para o autor (2010, p. 94) a essência do assunto é a «mobilização da memória a serviço da busca de identidade» e as emanações que dela resultam, a saber o excesso de memória - abuso de memória-, e a insuficiência de memória - abuso do esquecimento. Assim é preciso buscar na fragilidade da identidade a resposta para a fragilidade da memória manipulada. Ricœur enumera três causas principais da fragilidade da identidade e que, de certa forma, explicam o caso assírio. A primeira delas é a relação com o tempo, que necessita do recurso à memória (o que sou hoje, o que fui ontem, o que serei amanhã); a segunda trata do confronto com o outro, entendido como uma ameaça. O outro é diferente de nós/de mim e pode ser perigoso para nossa/minha identidade; e a terceira causa é a herança da violência fundadora, do nascimento das sociedades humanas através da guerra.

O autor (RICŒUR: 2010, p. 95) afirma que:

O que celebramos com o nome de acontecimentos fundadores, são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um Estado de direito precário. (...). Assim, os mesmos acontecimentos podem significar a glória para uns e humilhação para outros. (...). É assim que se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas reais e simbólicas.

Os textos assírios que apresentamos neste ensaio exemplificam com grande potência este entendimento. Mas, ao mesmo tempo, podemos afirmar que o interesse que os assírios e babilônicos manifestavam pelo seu próprio passado revela uma certa conduta histórica: seu esforço em copiar textos oficiais, em estudar a correspondência real de tempos

antigos, em constituir séries cronológicas, em esculpir relevos narrando acontecimentos históricos comprovam esta postura.

Alguns destes escribas e reis, historiadores de seu tempo, além de preservarem a memória histórica através de textos e imagens, tentaram explicar os acontecimentos, estabelecendo relações de causa e consequência. Para eles, o passado era fonte de ensinamento histórico, ético e político para os governantes do tempo presente e também instrumento de constituição de uma memória coletiva.

#### REFERÊNCIAS

BARNETT, R. D. *Sculptures from the north palace of Ashurbanipal at Nineveh (668-627 B.C)*. London: The British Museum Publications, 1976.

BEDFORD, P.R. Neo-Assyrian Empire. In: MORRIS, I.; SCHEIDEL, W. (eds.). *The Dynamics of Ancient Empires. State Power from Assyria to Byzantium*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2009, p. 30-65.

BIENKOWSKI, P.; MILLARD, A. *Dictionary of the Ancient Near East*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

BLACK, J.; GREEN, A. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. London: The British Museum Press, 1998.

BLACK, J.; GEORGE, A.; POSTGATE, N. *A Concise Dictionary of Akkadian*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000.

BORDREUIL, P.; BRIQUEL-CHATONNET, F.; MICHEL, C. *Les Débuts de l'Histoire*. Paris: Éditions de La Martinière, 2008.

CAD. *Chicago Assyrian Dictionary*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1956-2006.

COLLINS, P. *Assyrian Palace Sculptures*. London: The British Museum Press, 2008.

CURTIS, J. E.; READE, J.E. *Art and Empire: Treasures from Assyria in the British Museum*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1995.

- GREENSTEIN, E. Autobiographies in Ancient Western Asia. In: SASSON, J. (ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. New York: Scribner, 2006, p. 2421-2432.
- JOANNÈS, F. *La Mésopotamie au 1er millénaire avant J.-C.* Paris: Armand Colin, 2000.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*. Paris: Robert Laffont, 2001.
- LABAT, R.; MALBRAN-LABAT, F. *Manuel d'Épigraphie Akkadienne*. Paris: Geuthner, 1988.
- LARSEN, M.T. (ed.) *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires*. Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979.
- \_\_\_\_\_. *La Conquête de l'Assyrie 1840-1860*. Paris: Hachette, 2001.
- LAYARD, A.H. *The Monuments of Niniveh*. London: John Murray, 1853.
- LIVERANI, Mario. *El Antiguo Oriente. Historia, sociedad y economía*. Barcelona: Ed. Crítica, 1995.
- MINUNNO, G. La Mutilation du corps de l'ennemi. In: ABRAHAMI, Ph.; BATTINI, L. *Les armées du Proche-Orient (III-Ier mill. av. J.-C.)*. Oxford: British Archaeological Reports, 2008, p.247-256.
- PARROT, A. *Assur*. Paris: Gallimard, 2007.
- POZZER, K.M.P. Uma História Assíria: o espetáculo do terror em uma composição artística. In: ROSA, C.B.; MARQUES, J.B.; TACLA, A.B.; MENDES, N.M. (orgs.). *A Busca do Antigo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. Medir o Tempo, um Saber Mesopotâmico. *Revista NEARCO*. Ano VI, nº I, 2013, p. 12-23.
- READE, J. *Assyrian Sculpture*. London: The British Museum Press, 2006.
- RICCEUR, P. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- ROUX, G. *La Mésopotamie*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

RUSSELL, J.M. Sennacherib's Palace Without Rival Revisited: Excavations at Nineveh and the British Museum Archives. In: PARPOLA, S.; WHITING, R. *Assyria 1995*. Helsinki: University of Helsinki, 1997, p. 295-306.

TALON, Ph. *Annales Assyriennes. D'Assurnasirpal II à Assurbanipal*. Vol 1. Bruxelles: Éditions Modulaires Européennes, 2011.

WATANABE, C. The Classification of methods of pictorial narrative in Assurbanipal's Reliefs. *Studies in Ancient Oriental Civilization*. n.62, p. 321-331, 2008.

## ANEXO I

### CALENDÁRIO MESOPOTÂMICO

	sumério	acádico
I	BARÁ.ZAG.GAR	<i>nisanu</i>
II	GU <sub>4</sub> .SISÁ	<i>ayyaru</i>
III	SIG <sub>4</sub> .GA	<i>simânu</i>
IV	ŠU.NUMUN	<i>tammuzu</i>
V	NE.IZI.GAR	<i>abu</i>
VI	KIN.INANNA	<i>elûlu</i>
VII	DU <sub>6</sub> .KÛ	<i>tašritu</i>
VIII	APIN.DU <sub>8</sub> .A	<i>arabsammu</i>
IX	GAN.GAN.E	<i>kislîmu</i>
X	AB.BA.Ë	<i>tebêtu</i>
XI	ZÍZ.ÀM	<i>šabâtu</i>
XII	ŠE.KIN.KU <sub>5</sub>	<i>addaru</i>

Calendário Mesopotâmico  
(adaptado a partir de LABAT: 1988, p. 289).

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.



## FRAGMENTOS E *TÓPOI* BIOGRÁFICOS NOS SÉCULOS V E IV A.C.

Pedro Ipiranga Júnior\*

\* Universidade Federal do  
Paraná  
junioripiranga7@hotmail.  
com

**RESUMO:** O fenômeno biográfico na Antiguidade perpassa vários campos discursivos e gêneros literários. Pretendo abordar a formação de um campo biográfico anterior à consolidação do gênero do *bíos* antigo, a partir de algumas obras do séc. IV a.C. e de fragmentos do séc. V a.C. Em vista disso, reformulo a concepção de *tópos* biográfico no sentido de abranger obras com alguns traços biográficos, mas que não se enquadrariam estritamente no gênero. O propósito, por conseguinte, seria traçar uma taxonomia desses *tópoi*, assinalando o tipo de pertinência, função e contextualização nos diversos relatos.

**PALAVRAS-CHAVE:** biografia antiga; *tópos* biográfico; fragmentos biográficos.

### FRAGMENTS AND BIOGRAPHICAL *TOPOI* IN THE FIFTH AND FOURTH CENTURIES BC

**ABSTRACT:** The biographical phenomenon in antiquity pervades various literary genres and discursive fields. I intend to approach the formation of a field prior to consolidation biographical genre of old bios from some works of the fourth century BC and the fifth century BC fragments In view of this, I reformulate the concept of biographical topos to encompass works with some biographical traits, but that would not fall strictly within the genre. The purpose, therefore, would be to draw a taxonomy of these topoi, indicating the type of pertinence, function, and context in the various reports.

**KEYWORDS:** ancient biography; biographical *topos*; biographical fragments.

**M**inha pesquisa, nestes últimos anos, de maneira geral, tem se voltado para a prosa literária na Antiguidade. Embora o termo literário possa parecer anacrônico, o fato é que vários escritores dos períodos clássico e pós-clássico buscaram associar, comparar ou mesmo contrastar seus escritos em prosa em relação sobretudo com a poesia, ou seja, buscaram redefinir sua prosa segundo a finalidade, os efeitos, os princípios composicionais das obras poéticas de então. Partindo dessa perspectiva, os aspectos segundo os quais tenho abordado e estudado a prosa antiga são os seguintes: a) as relações prosa/poesia e, em consequência, o estatuto de uma prosa literária; b) os gêneros discursivos e suas interrelações; c) o gênero romanesco e suas várias espécies;<sup>1</sup> d) as narrativas híbridas entre o romanesco e o biográfico; e) biografia e narrativas de si; f) as interrelações entre os escritos cristãos e a tradição grego-latina e, também, os escritos judaicos; g) o fenômeno biográfico na Antiguidade e a constituição do gênero do *bíos*.

1. Para uma visão do gênero romanesco na Antiguidade, cf. REARDON, 1971, 1991; HÄGG, 1983; KONSTAN, 1994; BRANDÃO, 2001, 2005; WITHMARSH, 2008; TILG, 2010.

2. Para o gênero biográfico, cf. MOMIGLIANO, 1991; EDWARDS & SWAIN, 1997; GALLO, 2005; GUIJARRO, 2007; IPIRANGA JÚNIOR, 2011.

Neste trabalho discuto formas de abordagem, de classificação e de dimensionamento do gênero *bíos* na Antiguidade.<sup>2</sup> Trata de um gênero de narrativa biográfica que se estenderia desde o século IV a.C. até fins da Antiguidade Tardia e, segundo alguns estudiosos como Momigliano, possivelmente no século V a.C. ou mesmo em fins do século VI a.C., haveria uma espécie de escrito biográfico, cuja classificação, todavia, pela escassez de informações e pelo estado muito fragmentário do que restou, continuaria da ordem do conjectural.

A primeira questão a ser apontada diz respeito ao nome sob o qual o gênero biográfico é referenciado na Antiguidade. A palavra ‘biografia’, embora de origem grega, é empregada apenas tardiamente, aparecendo pela primeira vez nos fragmentos da *Vida de Isidoro*, composta por Damácio, em fins do século V d.C., que estão inseridos na *Biblioteca* (181 2 242) do patriarca Fócio (séc. IX). O termo que designa o gênero é *bíos* (ou as expressões *perí tou* seguida de nome próprio), *vita* em latim, termo esse que apenas aparece na segunda metade do século IV a.C., em primeiro lugar, explicitamente atestado para os escritos biográficos de

Aristóxeno. Por seu turno, a palavra ‘autobiografia’ é uma construção moderna, sendo atestada inicialmente em 1809 em inglês, utilizada pelo autor anônimo da Monthly Review, o qual preferiu esse neologismo, autobiography, ao outro então usado de ‘self-biography’ (biografia de si).

No entanto, toda a produção biográfica helenística até o século II a.C. se perdeu, restando apenas de forma fragmentária (que também é o caso dos *bíoi* de Aristóxeno), com exceção de uma *Vida de Eurípides*, composta por Sátiro, cujo fragmento, mais ou menos completo, veio à luz em 1912 com o achado no Egito do papiro de Oxyrinco Poxy 1176, *bíos* esse que possui uma estruturação surpreendentemente dialogada. Os primeiros exemplares remanescentes datam do século I a.C., que são a coleção de vidas de Cornélio Nepos e fragmentos substanciosos de uma *Vida de Augusto* e de um relato de caráter autobiográfico de Nicolau de Damasco.

Dessa forma, o grosso das narrativas biográficas e, por assim dizer, autobiográficas remanescentes advém do período romano-helenístico, cujos autores mais representativos seriam Plutarco, Suetônio, Luciano de Samósata, Diógenes Laércio, Filóstrato entre outros. Paralelamente, nos âmbitos judaico e cristão, surgem obras, em maior ou menor medida, enquadradas em ou, ao menos, influenciadas, pelo gênero do *bíos*, como por exemplo a *Vida de Moisés* de Fílon de Alexandria, da primeira metade do séc. I. d.C., e a *Autobiografia* de Flávio Josefo, da segunda metade do séc. I. d.C., no lado judaico, enquanto no lado cristão temos a produção dos Evangelhos, que têm sido classificados segundo certos autores, como Richard Burridge, como pertencentes ao gênero do *bíos*, alguns Atos dos Apóstolos Apócrifos (que apresentam um hibridismo de biografia e romance),<sup>3</sup> a *Vita Antonii*,<sup>4</sup> considerada como a primeira biografia cristã, do século IV d.C., bem como o conjunto das hagiografias subsequentes.

Uma outra questão importante é a avaliação de obras, em maior ou menor medida, com traços biográficos da primeira metade do séc. IV a.C. e dos pequenos e escassos fragmentos remanescentes do séc. V a.C. Frente a esse dois tipos diferentes de corpora, a atitude de alguns comentadores e teóricos, como Arnaldo Momigliano e Italo Gallo, tem sido bastante parcial: enquanto desvalorizam, de certo modo,

3. Cf. VOAUX, 1913; LALEMAN, 1998; OTERO, 1999; PIÑERO&CERRO, 2004; IPIRANGA JÚNIOR, 2009.

4. Para uma avaliação mais geral sobre a *Vita Antonii*, ver minha tese: IPIRANGA JÚNIOR, 2006. Antecedendo essa obra biográfica de Atanásio, teríamos a *Vida de Cipriano*, composta por Pôncio, ainda no século III a.C.; seu estatuto biográfico, contudo, é obscurecido por uma intenção marcadamente retórica e encomiástica.

essas obras do séc. IV a.C., superestimam aquelas do séc. V, de que temos apenas pouquíssimos fragmentos, insuficientes para uma tomada de posição em relação ao gênero. Minha posição é que tais fragmentos, embora possam ser considerados no interior do fenômeno biográfico na Antiguidade, não são suscetíveis de serem avaliados como do gênero do *bíos*, cuja formação propriamente dita é posterior. Sobre eles comentarei mais adiante.

Quanto às obras da primeira metade do séc. IV a.C., o delineamento da questão é mais complexo e nuançado. Em primeiro lugar, os textos que melhor se enquadrariam no gênero do *bíos*, o *Evágoras* de Isócrates, composto por volta de 370 a.C., e o *Agesilau* de Xenofonte, de 360 a.C., são denominados como elogios em prosa, com fins de celebrar a memória e a vida de grande líderes políticos, mortos recentemente. Várias outras obras de Isócrates, Platão e Xenofonte não deixam de ser experimentações no campo biográfico, porém não chegam a se definir como *bioi* no sentido estrito. A *Ciropedia* de Xenofonte, por outro lado, ainda que descartada por Momigliano como do campo do ficcional, muitas vezes classificada como romance histórico, seria um exemplar daquilo que chamaria de narrativa biográfica pedagógica ou biografia de formação. No entanto, a problemática em que está inserida é bastante complexa para ser discutida aqui.<sup>5</sup>

5. Discuti especificamente sobre questões de gênero na *Ciropedia* no ensaio “Cenas de amor e guerra na *Ciropedia*: concepções de gênero”, constante do livro *Do amor e da guerra: um itinerário de narrativas*. Organização de Pedro Ipiranga Júnior, Renata Senna Garraffoni e Ana Maria Burmester. Prefácio de Anamaria Filizola. São Paulo: Annablume; Brasília: Capes, 2014.

6. SMITH, 2007, p.184-216.

De uma forma ou de outra, continua problemático o enquadramento num único gênero, no *bíos* antigo, de obras que pertencem a um escopo cronológico tão extenso, sendo cada espécie e subespécies influenciadas pelos mais variados campos discursivos e sujeitas às mais diversas condicionantes históricas e culturais, o que resulta num gênero, no mínimo, multifacetado. Em vista disso, as várias taxinomias propostas se revelam insuficientes. Justin M. Smith<sup>6</sup> faz um levantamento esquemático dessas categorizações, de que tomamos as referências mais precípuas como exemplos. Começa pela classificação já paradigmática e clássica de Friedrich Leo, cujos dois modelos seriam: 1) biografia peripatética (modelo plutarqueano, que segue um esquema cronológico de apresentação); 2) biografia gramatical-alexandrina (que se organiza segundo uma sequência narrativa por tópicos ou temas).

- Wehrli: (1) vidas de filósofos e poetas (com material organizado cronologicamente); (2) encômios de generais e líderes políticos; (3) vidas de literatos e escritores.<sup>7</sup>
- Klaus Berger: (1) O tipo encômio (Isócrates, Xenofonte, Fílon, Tácito, Luciano); (2) o tipo peripatético, que é a representação cronológica do caráter moral de um personagem visto através de suas ações (Plutarco); (3) o tipo romanesco-popular (*Vida de Esopo, Vida do filósofo Segundo*); (4) o tipo alexandrino, consistindo de uma apresentação sistemática dos eventos de uma vida (Suetônio).<sup>8</sup>
- Talbert: 1) Biografias didáticas; 2) Biografias não-didáticas (tipo gramatical ou alexandrino). Seriam cinco classes da biografia didática segundo Talbert:
  - (1) Tipo A: Biografias que funcionam como um padrão de emulação (p.ex. Luciano, *Demônax*); (2) Tipo B: Biografias que funcionam para substituir uma falsa imagem de um mestre ou uma figura de renome com uma representação de verdade que deve, então, ser visto como digno de ser imitado. (p.ex. Xenofonte, *Memorabilia*); (3) Tipo C: Biografias que funcionam para expor um professor ou um indivíduo como personagem falso ou cheio de falhas (p.ex. Luciano, *Alexandre ou o falso profeta*); (4) Tipo D: Biografias que funcionam para registrar e estabelecer a delimitação verdadeira de uma escola particular ou filosofia através da documentação da sucessão dos discípulos do mestre e, assim, estabelecer ortodoxia por meio sucessão; (5) Tipo E: Biografias que funcionam para tentar entender o comportamento ou os ensinamentos de uma figura particular, especialmente nos casos em que o comportamento é peculiar, estranho, ou fora das normas sociais (p.ex. *Vida do filósofo Segundo*).<sup>9</sup>

7. WEHRLI, Fritz. 'Gnome, Anekdote und Biographie', *Museum Helveticum* 30 (1973), pp. 193-208 (193).

8. BERGER, Klaus. 'Hellenistische Gattungen im Neuen Testament', p. 1236.

9. TALBERT, Charles H. *What Is a Gospel? the Genre of the Canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress Press, 1977, p. 94-96.

Smith, por seu turno, propõe um modelo de classificação em que seriam primordiais o contexto de recepção da obra e seu modo de endereçamento e transmissão. Seriam, portanto, dois os parâmetros de classificação: 1) o fato de a figura do biografado pertencer ou não à época do biógrafo; 2) o fato de se dirigirem ou a uma comunidade determinada ou a uma ampla e indefinida gama de leitores, diferenciadas assim em biografias de tipo definido e biografias de tipo indefinido. Resultariam, por conseguinte, quatro subgêneros nessa categorização de Smith:

- (1) Biografias antigas-definidas (Sátiro, *Vida de Eurípedes*; Fílon, *Vida de Moisés*; Plutarco, *Vidas*; Arriano, *Anábase de Alexandre*; Jâmblico, *Vida de Pitágoras*; Filóstrato, *Vidas de Sofistas*), como obras sobre homens ilustres do passado e que se dirigiam a uma audiência específica (escola filosófica, grupo educacional, críticos etc.).
- (2) Biografias antigas-indefinidas (*Vida de Esopo*; Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*; Cornélio Nepos, *Vidas de Chefes Militares*; Suetônio, *Júlio César, Augusto e Tibério*); direcionadas a uma audiência mais ampla e indefinida, interessada nessas figuras históricas, em história ou simplesmente por divertimento.
- (3) Biografias contemporâneas-definidas (Isócrates, *Evágoras*; Xenofonte, *Agesilau*; Tácito, *Agrícola*; Plutarco, *Vidas—Galba, Oto*; Porfírio, *Vida de Plotino*), obras escritas sobre personagens que pertenciam à época ou estavam na memória recente do biógrafo.
- (4) Biografias contemporâneas-indefinidas (Cornélio Nepos, *Ático*; *Vida do filósofo Segundo, o silencioso*; Luciano, *Demônax*; Suetônio, *Vespasiano, Tito, Domiciano*); direcionadas ao campo mais geral da *paideia* ou do entretenimento.

Esta classificação de Smith tem uma certa funcionalidade, sobretudo porque encarece o fato de que uma biografia composta sobre uma figura contemporânea apresenta traços distintivos em relação àquelas feitas sobre personagens mais antigos. No entanto, o parâmetro de ser a obra dirigida a uma comunidade específica ou não esbarra na carência e insuficiência de informações na Antiguidade, o que torna muito conjectural optar por um público leitor definido ou indefinido.

Por seu turno, a categorização proposta por Richard Burrige se afigura mais produtiva por propor vários parâmetros que funcionam como índices biográficos, mais do que subdividir o gênero em subgêneros ou espécies, embora isso possa ser deduzido pelos padrões comparativos por ele propostos. São os seguintes os modos de categorização segundo Richard Burrige<sup>10</sup>:

10. Cf. BURRIDGE, Richard A. *What are the Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*. William B. Eerdmans Publishing Company, Gran Rapids: Michigan/Cambridge, 2004.

- A) Traços de abertura;
- B) Sujeito/tema da biografia;
- C) Características externas;
- D) Características internas;

- A) Traços de abertura:
1. Título;
  2. Fórmulas de abertura (prefácio/prólogo)
- B) Tema/biografado
1. Sujeito dos verbos;
  2. Alocação do espaço reservado ao protagonista (aspectos/ extensão de cada período)
- C) Características externas:
1. Modo de representação;
  2. Metro;
  3. Extensão;
  4. Estrutura/sequência;
  5. Escala;
  6. Unidades literárias (anedotas, ditos, histórias, lendas, cartas)
  7. Uso das fontes (orais, escritas)
  8. Métodos de caracterização (indireta pelo relato das ações)
- D) Características internas:
1. Cenário dramático;
  2. *tópoi*;
  3. Estilo;
  4. Atmosfera (tom, temperamento/humor, atitude, valores);
  5. Qualidade de caracterização (estereótipos);
  6. Contexto social e ocasião;
  7. Intenção autoral ou propósitos: a) encomiástico; b) exemplar; c) informativo; d) valor de entretenimento; e) para preservar a memória; f) didático; g) apologético e/ou polêmico

Seria necessário, não obstante, mudar de perspectiva para poder falar de narrativas com traços biográficos que, de certo modo, extrapolaria o gênero do *bíos* antigo. Em vista disso, julgo conveniente reequacionar o conceito de Philippe Lejeune de “fundo auto-biográfico”<sup>11</sup> e adaptá-lo para o fenômeno biográfico antigo, nomeando de “ambiência biográfica” tudo aquilo que concerne tanto a essa obras com traços biográficos, quanto aos vários comentários na Antiguidade e às várias teorizações ou críticas modernas sobre

11. Cf. LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris, Seuil, 1975.

elas, sobre o fenômeno biográfico em geral ou sobre a constituição do gênero do *bíos* antigo.

Em vista de analisar o corpus dessa “ambiência biográfica”, eu redimensiono a noção de *tópos*, enquanto temas ou tópicos recorrentes e característicos no *bíos*, para uma concepção mais abrangente, tomando como base o conceito de biografema tal qual apresentado por Sergi Grau i Guijarro:

12. GUIJARRO, 2007,  
p. 227.

Forma tipificada concreta que permite converter o passado em estereótipos, concentrá-lo e organizá-lo em esquemas narrativos memoráveis, de tal forma a lhe fornecer um sentido universal, coletivo, às ações individuais de um personagem; além do mais, esses biografemas se constituem, precisamente, por seu caráter universalizador, em tópicos.<sup>12</sup>

Há de se enfatizar que é fundamental para uma concepção de *tópos* discursivo esse reenquadramento e retomada do passado sob a forma de estereótipos, o que resulta numa tendência, na composição, para a justaposição de unidades, em maior ou menor medida, autônomas no decorrer do relato biográfico, assim como numa perspectiva de recepção direcionada para a construção e transmissão de modelos e padrões determinados.

A partir dessa definição de biografema, estabeleço a seguinte concepção de *tópos* discursivo biográfico: é um trecho discursivo moldado a partir de aspectos estilísticos, morfossintáticos, estruturais, diegéticos, enunciativos ou concernentes à ambiência histórico-cultural, que apresenta um padrão recorrente num enquadramento especialmente narrativo, delimitando traços característicos de gênero ou de outra espécie ou campo discursivos, podendo estar associado a uma estruturação ou função mnemônica, por vezes assumindo uma certa autonomia na transmissão textual.

A funcionalidade desse tipo de concepção de *tópos* discursivo biográfico permite analisar quaisquer obras dessa “ambiência biográfica”, colocando em relevo suas características proeminentes na composição, transmissão e recepção das obras, sem que haja necessidade de constituírem *stricto sensu* narrativas biográficas. Essa categorização em *tópoi* biográficos, por conseguinte, não se restringe a aspectos meramente tópicos ou temáticos, mas a diversos tipos de recorrências discursivas, quais seriam:



- a) *tópoi* estruturais; aqui estão referenciados os dois elementos estruturadores da narrativa biográfica: a1) feitos/*práxeis*; a2) caráter/*éthos*;
- b) *tópoi* relativos a aspectos ou fases da existência; são retomados aqui os *tópoi* ou tópicos tradicionais: b1) ascendência/linhagem/origem; b2) nascimento e circunstâncias da infância; b3) juventude e educação; b4) maturidade; b5) morte e circunstâncias depois da morte.
- c) *tópoi* relativos à poética, às artes em geral e às unidades literárias: c1) comparação com a poesia; c2) comparação com artes plásticas; c3) unidades literárias inseridas (ditos, anedotas, histórias, cartas etc);
- d) *tópoi* concernentes a contextos sócio-culturais; esses seriam, de modo esperável, muito mais varáveis, de que seriam exemplos: d1) o estatuto do herói (filósofo, político, general, homem santo, poeta, escritor); d2) comparações com outras culturas; d3) ênfase em traços fisiognômicos;
- e) *tópoi* concernentes à paideia: e1) ciclo de estudos; e2) treino físico e mental; e3) exercícios ascéticos e ligados ao cuidado de si;
- f) *tópoi* diegéticos: f1) narrativas de combate e de estratégias de guerra; f2) narrativa em forma dialógica; f3) argumentações sobre conceitos; f4) construções anedóticas;
- g) *tópoi* estilísticos; estes *tópoi* tendem a singularizar antes narrativas específicas e autores determinados do que propriamente o gênero, embora possam ser característicos de certo corpus de narrativas biográficas ou com traços biográficos.

Nesse tipo de categorização pode haver uma certa superposição entre os *tópoi*. Por exemplo, o aparecimento de uma anedota diz respeito ao terceiro *tópos* por se tratar de uma unidade literária, ao sexto *tópos* por indicar um elemento novo na sequência narrativa e ao sétimo *tópos* por abrigar em si construções estilísticas que podem ser mais ou menos padronizadas e esperáveis num estilo anedótico. Não obstante, importa aqui os ângulos e perspectivas diferenciadas sob os quais serão analisados, ainda que referenciando a um entrecho narrativo comum.

Tomo como primeiro exemplo um texto sui generis, a *Vida* ou o *Romance de Esopo*,<sup>13</sup> cujo enquadramento no gênero do *bíos* seria questionável, podendo ser classificado como um romance de tendência biografizante ou como uma

13. Sobre o *Romance de Esopo*, cf. PERRY, 1952; ADRADOS, 1979; HOLZBERG, 1992; PAPATHOMOPOULOS, 1999, 1991; KARLA, 2001, 2009; JOUANNO, 2006, 2009; HÄGG, 2009.

vida romanesca, de acordo com os pressupostos ou critérios de cada estudioso. Eis o início da recensão G, editada por Papathomópoulos:

Ὅ πάντα βιωφελέστατος Αἴσωπος, ὁ λογοποιός, τῇ μὲν τύχῃ ἦν δοῦλος, τῷ δὲ γένει Φρύξ τῆς Φρυγίας· κακοπινῆς τὸ ἰδέσθαι, εἰς ὑπηρεσίαν σαπρός, προγάστωρ, προκέφαλος, σιμός, λόρδος, μέλας, κολοβός, βλαισός, γαλιάγκων, στρεβλός, μυστάκων, προσημαῖνον ἀμάρτημα πρὸς τούτοις ἐλάττωμα μείζος εἶχε τῆς ἀμορφίας τὴν ἀφωνίαν ἣν δὲ καὶ νωδὸς καὶ οὐδὲν ἡδύνατο λαλεῖν.

Esopo, compositor de discursos, em tudo utilíssimo para a vida, por questão de sorte foi escravo, por questão de nascimento foi frígio da cidade de Amório na Frígia; asqueroso ao olhar, carcomido pelo trabalho, pançudo, testudo, acachapado no nariz, com corcova no peito, preto, atarracado, zambeta, de bracinhos de anão, vesgo, beçudo, um desastre manifesto. Além disso, possuía um defeito pior que sua deformidade: era privado da fala; era inclusive desdentado, impossibilitado de articular qualquer coisa e sem nada conseguir enunciar.<sup>14</sup>

14. *Romance de Esopo*, 1, 1.

No caso dessa obra, há de se considerar como relevante tanto o aparecimento de *tópoi* esperáveis, como a falta e o emprego inusual de alguns. Faz-se menção ao *tópos* b2, concernente ao lugar de nascimento, mas sem as referências usuais a esse *tópos*, pois não fornece nenhum detalhe sobre o nascimento em si, nem sobre a infância. Da mesma forma, nada é informado sobre os pais, sobre a família ou sobre os seus ascendentes, ou seja, sobre o *tópos* b1. De certa forma, a condição de escravo, segundo o que é exposto, se contrapõe a uma linhagem de tipo tradicional, porém, não impediria dados correlatos sobre o personagem. Na verdade, o *tópos* que mais se sobressai nesse início do relato é *tópos* a2; há uma caracterização do personagem que busca marcar sua singularidade: sua extrema feiúra de corpo a que se soma sua incapacidade de falar e articular um discurso. No decorrer do relato, essa deformidade externa relativa ao corpo será contrastada com uma capacidade de pensamento extremamente inventiva e dotada de sabedoria exemplar. Nesse sentido, a sabedoria, muitas vezes prática, de Esopo irá reagir e se contrapor, superando-a, a uma cultura letrada encarnada no relato pelo filósofo Xanto. A partir desse

exemplo inicial, pode-se concluir (o que poderia ser corroborado pela análise de toda a narrativa) que o *Romance de Esopo* se utiliza de vários *tópoi* biográficos, mas de uma forma diferente do gênero *bíos*, o que denuncia o extremo grau de hibridização a que está submetido, aparentando-o mais a uma narrativa romanesca.<sup>15</sup>

Foge do escopo desse trabalho uma análise mais detalhada do *Rom. Esopo*. No entanto, embora datado pela maior parte dos especialistas como do fim do século I d.C. ou séc. II d.C., Adrados defende a hipótese de que o arquétipo seria uma vida helenística datada do séc. III a.C. Seu principal argumento diz respeito às fábulas inseridas no relato que, segundo sua análise, não teriam passado ainda pelo processo de versificação que as coleções de fábulas sofreram, com a constituição das coleções jâmbicas helenísticas, o que denunciaria seu pertencimento a uma época anterior, dependente da primeira coleção de fábulas em prosa de Demétrio de Falero. Por seu turno, Rosa Giannattasio Andria,<sup>16</sup> a partir de vários testemunhos sobre a figura de Esopo, elencando como fontes Heródoto, Evagon de Samos, Aristóteles, Heráclides de Lesbos, o comediógrafo do século V a.C. Platão e sobretudo Aristófanes, conclui que haveria uma tradição biográfica consolidada sobre Esopo já no século V a.C. e advoga a ideia de que o *Rom. Esopo* não é senão a retomada de uma *Vida de Esopo* composta no século V ou mesmo em fins do século VI a.C.

Ela repõe o argumento de Momigliano sobre a existência de vidas sobre poetas, já no séc. V ou fins do VI a.C., a saber, sobre Homero, Hesíodo, Arquíloco, mas também sobre os sete sábios e sobre figuras de políticos. Problemática, no entanto, é essa identificação de meros testemunhos ou de poucos fragmentos com obras de um gênero cuja constituição é posterior. Dessa forma, não os consideramos como *bíoi*, mas como obras com traços biográficos, nas quais podem ser encontrados alguns dos *tópoi* biográficos que apenas posteriormente são estruturados sistematicamente num *bíos*.

A referência mais antiga de composição de teor biográfico traz à baila o nome de Teágenes de Régio, citado por Táciano, o apologista cristão do séc. II d.C., encabeçando uma lista de autores que teriam escrito pretensas biografias

15. Neste dossiê, falo mais detidamente sobre esta obra em outro artigo: “As recensões G e W da *Vida de Esopo*”. Em outro artigo ainda no prelo, falo mais circunstanciadamente do *Romance de Esopo*, dentro de um corpus de obras que compartilhariam traços em comum, como o *Romance de Alexandre*, a *Vida de Apolônio de Tiana*, os Atos Apócrifos dos Apóstolos e, em certa medida, a *Vida do Filósofo Segundo, o silencioso*; cf. VAN UYTFANGHE, 1993; HANSEN, 1998; STONEMAN, 2007; MORALES, 2009.

16. ANDRIA, 1995, p. 23-56.

17. Cf. GALLO, 2005,  
p. 20.

de Homero: “Sobre a poesia de Homero, seu gênero de vida (gênos) e sobre a época em que existiu (flori), os mais antigos foram Teágenes de Régio, que viveu no tempo de Cambises (529-522), Estesímbroto de Tassos, Antímaco de Colofão, Heródoto de Halicarnasso, Dionísio de Olinto (...)” [Teág. 8 A1 D-K = Taciano, Graec. 31].<sup>17</sup> Como havíamos dito, presume-se que circularam no séc. V a.C. relatos biografizantes sobre vidas de poetas épicos e líricos, sobre o concurso de Homero e Hesíodo, sobre os sete sábios e sobre Esopo.

Eis alguns dos testemunhos sobre Teágenes de Régio, a partir de dados retirados do programa **Diógenes**: Theagenes Phil., Testimonia (2275: 001) “Die Fragmente der Vorsokratiker, vol. 1, 6th edn.”, Ed. Diels, H., Kranz, W. Berlin: Weidmann, 1951, Repr. 1966.

Fragment 1, line 1

TATIAN. 31 p. 31, 16 Schw. περὶ γὰρ τῆς Ὀμήρου ποιήσεως γένους τε αὐτοῦ καὶ χρόνου καθ’ ὃν ἤκμασεν προηρεύνησαν πρεσβύτατοι μὲν Θεαγένης τε ὁ Πηγήνιος κατὰ Καμβύσην γεγονώς καὶ Στησίμβροτος ὁ Θάσιος [FGrHist. 107 F 21 II 521] καὶ Ἀντίμαχος ὁ Κολοφώνιος Ἡρόδοτός τε ὁ Ἀλικαρνασσεύς [II 53. 116f.] καὶ Διονύσιος ὁ Ὀλύμπιος κτλ.

1a.1 SCHOL. DIONYS. THRAC. p. 164, 23 Hilg. διττὴ δὲ ἔστιν ἡ γραμματικὴ· ἡ μὲν γὰρ περὶ τοὺς χαρακτῆρας καὶ τὰς τῶν στοιχείων ἐκφωνσεις καταγίνεται, ἥτις καὶ γραμματικὴ λέγεται παλαιὰ οὖσα καὶ πρὸ τῶν Τρωικῶν, σχεδὸν δὲ καὶ ἅμα τῇ φύσει προελθούσα· ἡ δὲ περὶ τὸν ἑλληνισμόν, ἥτις καὶ νεωτέρα ἔστιν, ἀρξαμένη μὲν ἀπο Θεαγένους, τελεσθεῖσα <δὲ> παρὰ τῶν Περιπατητικῶν Πραξιφάνους τε καὶ Ἀριστοτέλους.

2.1 SCHOL. HOM. B zu Y 67 [Porphy. I 240, 14 Schrad.] τοῦ ἀσυμφόρου μὲν ὁ περὶ θεῶν ἔχεται καθόλου λόγος, ὁμοίως δὲ καὶ τοῦ ἀπρεποῦς· οὐ γὰρ πρέποντας τοὺς ὑπὲρ τῶν θεῶν μύθους φησίν. πρὸς δὲ τὴν τοιαύτην κατηγορίαν οἱ μὲν ἀπὸ τῆς λέξεως ἐπιλύουσιν, ἀλληγορίαί πάντα εἰρησθαι νομίζοντες ὑπὲρ τῆς τῶν στοιχείων φύσεως, οἷον <έν> ἐναντιώσεσι τῶν θεῶν. καὶ γὰρ φασὶ τὸ ξηρὸν τῶι ὑγρῶι καὶ τὸ θερμὸν τῶι ψυχρῶι μάχεσθαι καὶ τὸ κούφον τῶι βαρεῖ. ἔτι δὲ τὸ μὲν ὕδωρ σβεστικὸν εἶναι τοῦ πυρός, τὸ δὲ πῦρ ξηραντικὸν τοῦ ὕδατος. ὁμοίως δὲ καὶ πᾶσι τοῖς στοιχείοις, ἐξ ὧν τὸ πᾶν συνέστηκεν, ὑπάρχειν ἐναντώσιν, καὶ κατὰ μέρος μὲν ἐπιδέχεσθαι φθορὰν ἅπαξ, τὰ πάντα δὲ μένειν αἰωνέως. μάχας δὲ διατίθεσθαι αὐτόν, διονομάζοντα τὸ μὲν πῦρ Ἀπόλλωνα καὶ Ἥλιον καὶ Ἥφαιστον, τὸ δὲ ὕδωρ Ποσειδῶνα καὶ Σκάμανδρον, τὴν δ’ αὖ σελήνην Ἄρτεριν, τὸν ἀέρα δὲ Ἥραν καὶ τὰ λοιπά. ὁμοίως ἔσθ’ ὅτε καὶ ταῖς

διαθέσειν ὀνόματα θεῶν τιθέναι, τῆι μὲν φρονήσει τὴν Ἄθηναν, τῆι δ' ἀφροσύνηι τὸν Ἄρεα, τῆι δ' ἐπιθυμίαι τὴν Ἀφροδίτην, τῶι λόγῳ δὲ τὸν Ἑρμῆν, καὶ προσοικειοῦσι τούτοις· οὗτος μὲν οὖν <ὁ> τρόπος ἀπολογίας ἀρχαῖος ὡς πάνυ καὶ ἀπὸ Θεαγένους τοῦ Ῥηγίνου, ὃς πρῶτος ἔγραψε περὶ Ὀμήρου, τοιοῦτός ἐστιν ἀπὸ τῆς λέξεως.

3.1 SCHOL. HOM. A (zu A 381 ἐπεὶ μάλα οἱ φίλος ἦεν) Σέλευκος φησιν ἐν τῆι Κυπρίαι καὶ Κρητικῆι <εἶναι> <ἐπεὶ ῥά νύ οἱ φίλος ἦεν>. καὶ Θ. οὕτως προφέρεται.

SUID. Θεαγένους χρήματα: ... εἰσὶ δὲ καὶ ἄλλοι δύο Θεαγένεις, εἷς μὲν ὁ περὶ Ὀμήρου γράψας, ἕτερος δὲ ἐπὶ μαλακίαι σκωπτόμενος.

**Taciano, 31** – Com efeito, acerca da poesia de Homero, de sua origem (seu gênero de vida<sup>18</sup>) e da época em que floresceu, os mais antigos que antes investigaram foram Teágenes de Régio, que nasceu e viveu na época de Cambises, e Estesímbroto de Tassos [FGrHist. 107 F 21 II 521], e Antímaco de Colofão, assim como Heródoto de Halicarnasso [III 53. 116f.] e Dionísio de Olinto etc.

18. Segundo Gallo, aqui haveria referência à expressão *génos tou deina*, ao lado de *bios* ou em associação a ele, que era o título assumido em época tardia das biografias dedicadas a escritores.

#### Escoliasta de Dionísio Trácio

Dupla é a gramática. Com efeito, uma se ocupa/tem a ver com as letras e com as enunciações dos elementos sonoros, a qual se chama gramática antiga sendo mesmo anterior ao tempo dos troianos, provindo quase juntamente com a natureza; a outra se ocupa do idioma grego, a qual também é mais nova, tendo sido iniciada por Teágenes, foi completada/aperfeiçoada por Praxífanos e Aristóteles.

#### Escoliasta de Homero B - Y 67 [Porphyr. I 240, 14 Schrad.]

Próprio de alguém prejudicial, e igualmente inconveniente, a proposição/discurso geral que se tem sobre os deuses, pois diz [Homero] mitos não convenientes acerca dos deuses. Porém, contra tal tipo de acusação, alguns solucionam por meio da dicção, ao considerar tudo ser dito ao modo de alegoria acerca da natureza dos elementos, como por exemplo, nos desacordos/contraposições dos deuses. Dizem, pois, inclusive, o seco lutar com o úmido, o calor com o frio/frescor e o leve com o pesado; e ainda a água ser passível de apagar o fogo, e o fogo ser passível de secar a água; e de modo semelhante também entre todos os elementos, a partir dos quais o todo está constituído, existir contraposição, e, em parte, admitir a corrupção em um momento, e, de outro modo, tudo permanecer eternamente. E dizem ele expor (ao dispor os deuses em) lutas, pelo fato de ter denominado

o fogo Apolo, Hélios e Hefesto, a água Poseidon e Escamandro, e, por seu turno, a lua Ártemis, o ar Hera e demais coisas. De modo semelhante acontece quando também se colocam nomes dos deuses para as disposições (do corpo e do espírito), Atenas para a prudência, para a imprudência Ares, para o desejo Afrodite, para o pensar discursivo Hermes, e estas disposições estando associadas/adaptadas a eles. Sendo este, então, um modo de apologia muito antigo, remonta desde Teágenes de Régio, o qual primeiro escreveu sobre Homero, que é tal consoante seu estilo/dicção.

**Escolista de Homero A (referente ao Canto I da Ilíada, verso 381)**

19. Refere-se ao sacerdote Crises em relação a Apolo.

(Quanto ao verso 381, canto I, “uma vez que lhe era muito querido”<sup>19</sup>) Seleuco diz na Cíprica e na Crética <estar>, <uma vez que lhe era então querido>. Também Teágenes assim menciona.

**Suda** – Coisas/relatos concernentes a Teágenes (...); e existem também outros dois Teágenes, um que escreveu acerca de Homero, e outro que é escarnecido pelo modo delicado/afeminado.

Ao lado desses, foram compostos escritos biografizantes de cunho político. O primeiro representante seria Cílix de Carianda que teria composto uma obra sobre a vida de seu contemporâneo Heráclides, tirano de Milasa, nos primeiros decênios do séc. V, e um relato de teor “autobiográfico” acerca de suas viagens e sua exploração da costa indiana, encomendado por Dario I [Suda, s.v. (=FgrHist709 T1)].

**Testemunhos sobre Cílix de Carianda:**

Scylax Perieg., Testimonia (0065: 002)  
1000 (=“FGrH #709”). Volume-Jacoby’-T 3c,709,T,  
fragment 1, line 1

**3c,709,T.1.5**

1 (FgrHist 709 T 1 = GGM I p. XXXIV) SUDA Ó 710 s.v. Σκύλαξ Καρυανδεύς (πόλις δ’ ἐστὶ τῆς Καρίας πλησίον Ἀλικαρνασσῶν τὰ Καρύανδα). μαθηματικὸς καὶ μουσικὸς. <Περὶ πλου τῶν ἐκτὸς τῶν Ἡρακλέους στηλῶν> Τὰ κατὰ Ἡρακλείδην τὸν Μυλασσῶν βασιλέα Γῆς Περίοδον.

**3c,709,T.2a.1**

STRABON 14, 2, 20: ἐν δὲ τῷ μεταξὺ Καρύανδα λιμῆν καὶ νῆσος <καὶ πόλις> ὁ μώνυμος ταύτηι, ἦν ὠίκον Καρυανδεῖς <ἐντεῦθεν δ’ ἦν καὶ Σκύλαξ ὁ παλαιὸς συγγραφεύς.>

### 3c,709,T.2b.1

STEPH. BYZ. s.v. Καρύανδα· πόλις καὶ λιμὴν ὁμώνυμος, πλησίον Μύνδου καὶ Κῶ· Ἐκαταίος (1 F 242) Καρύανδαν αὐτὴν φησι... <ἐντεύθεν ἦν καὶ Σκυλας ὁ παλαιὸς λογογράφος.>

### 3c,709,T.3a.1

HERODOT. 4, 44: τῆς δὲ Ἀσίας τὰ πολλὰ ὑπὸ Δαρείου ἐξευρέθη, ὃς βουλόμενος Ἰνδὸν ποταμόν, ὁ κροκοδείλους δεύτερος οὐ τὸς ποταμῶν πάντων παρέχεται, τοῦτον τὸν ποταμὸν εἶδέναι τῇ ἐς θάλασσαν ἐκδιδοί, πέμπει πλοίοισι ἄλλους τε τοῖσι ἐπίστευε τὴν ἀληθεῖν ἔρευν <καὶ δὴ καὶ Σκύλακα ἄνδρα Καρυανδέα.> (2) οἱ δὲ ὀρηθέντες ἐκ Κασπατύρου (?) τε πόλιος καὶ τῆς Πακτυικῆς γῆς ἔπλεον κατὰ ποταμὸν πρὸς ἠῶ τε καὶ ἡλίου ἀνατολὰς ἐς θάλασσαν, διὰ θαλάσσης δὲ πρὸς ἐσπέρην πλέουτες τριηκοστῶι μηνὶ ἀπικνέονται ἐς τοῦτον τὸν χῶρον ὅθεν ὁ Αἰγυπτίων βασιλεὺς τοὺς Φοίνικας τοὺς πρότερον. (4, 42) ἀπέστειλε περιπλῶειν Λιβύην. (3) μετὰ δὲ τούτους περιπλώσαντας Ἰνδοὺς τε κατεστρέψατο Δαρεῖος καὶ τῆς θαλάσσης ταύτης ἐχρᾶτο. οὕτως καὶ τῆς Ἀσίας πλὴν τὰ πρὸς ἠλίον ἀνίσχοντα τὰ ἄλλα ἀνεύρηται ὅμοια παρεχομῶ;νη τῇ Λιβύῃ.

**Suda** – Cífax: de Carianda (é uma cidade da Cária perto de Halicarnasso); matemático e músico. [Ele escreveu] *Périplo fora e além das Colunas de Héacles, Relatos sobre Heracleides, o rei (tirano) de Milasa, Circuito da Terra, Escrito em resposta à história de Políbio*.<sup>20</sup>

### Estrabão, 14, 2, 20

20. Na distância intervenida é Carianda um porto, uma ilha (e cidade) de mesmo nome, onde moravam os “cariandenses”. Daí era também Cífax o antigo prosador/historiador.

**Estéfano de Bizâncio** (lexicógrafo/séc V) – Carianda: cidade e porto de mesmo nome, perto de Míndo e Cós; Hecateu (1 F 242) a chama Carinada ...<daí era também Cífax o antigo logógrafo>

### Heródoto, 4, 44

Devemos a Dario as descobertas mais importantes sobre a Ásia; ele queria saber onde se lança ao mar o rio Indos, o segundo entre todos os rios a nutrir crocodilos, e mandou em naus homens considerados suficientemente confiáveis para lhe relatarem a verdade – entre outros Cífax, um homem de Carianda; eles partiram da cidade de Caspátiros e da região pactíica, e navegaram

20. Segundo a padronização feita por Jacoby, a grafia em letras menores indicaria possibilidade de autoria diversa, no caso, atributos ou títulos de obras de autores homônimos: *Circuito da Terra, Escrito em resposta à história de Políbio* teria sido escrito por outro Cífax numa época bem posterior.

rio abaixo na direção do leste e do sol nascente até chegarem ao mar; em seguida os exploradores, singrando o mar, passaram a navegar na direção do oeste, e no trigésimo mês chegaram ao local de onde o rei egípcio havia expedido os fenícios antes mencionados para fazerem o périplo da Líbia. Após esse périplo Dario subjugou os indianos e passou a usar aquele mar. Assim se descobriu que a Ásia, à exceção das regiões situadas na direção do sol nascente, sob outros aspectos se assemelha à Líbia.

Enquanto desses exemplos anteriores há quase que exclusivamente referências externas e alusões a títulos de obras, por seu turno, de Íon de Quios e Estesíbroto de Tassos restaram fragmentos de suas obras. Do primeiro, Íon, os fragmentos remanescentes [FgrHist 392 F1-11= fr. 100-112 Leurini] são de uma obra de cerca de 440 a.C. intitulada *Epidemíai*, em que se contavam suas aventuras e encontros com personagens ilustres, como Címon, Péricles, Sófocles entre outros, de teor autobiográfico repleto de anedotas e descrições explorando o *ethos*, o caráter dos personagens. De Estesíbroto de Tassos, restaram fragmentos um pouco mais substanciosos de sua obra *Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles* [FgrHist 107 F1-11], também com ênfase sobre o *ethos* dos personagens. Por último, aparece o nome de Xanto de Lídia, de fins do séc. V, reportado por Diógenes Laércio [VIII 63 (=FgrHist 107 F32-33)] como tendo escrito uma obra sobre Empédocles, mas cujo caráter biográfico é puramente hipotético.

Sobre Estesíbroto de Tassos, na obra “*Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles*”:

21. JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FgrHist) Continued. Part 4. Biography and Antiquarian Literature*. Edited by G. Schepens. Leiden; Boston; Köln. IV A: Biography. Fasc. 1. The pre-Hellenistic period/ by J. Bollansée- J. Engels – G. Schepens- E. Theys, 1998.

**1002 (=107). Stesimbrotos of Thasos<sup>21</sup>**

10a (= FHG F 10) Athenaeus XIII, de Péricles: Ἦν δ' οὗτος <ὁ> ἀνὴρ πρὸς ἀφροδίσια πάνυ καταφερής· ὅστις καὶ τῆ τοῦ υἱοῦ γυναικὶ συνῆν, ὡς Στησίμβροτος ὁ Θάσιος ἱστορεῖ, κατὰ τοὺς αὐτοὺς αὐτῶ χρόνους γενόμενος καὶ ἑωρακὼς αὐτὸν, ἐν τῷ ἐπιγραφομένῳ Περὶ Θεμιστοκλέους καὶ Θουκυδίδου καὶ Περικλέους.

(Sobre Péricles) Era um homem muito inclinado às relações sexuais, como alguém que transava até com a esposa do filho, tal como relata Estesíbroto de Tassos, que viveu na mesma época que ele e o tem considerado na obra intitulada “*Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles*”.



Sobre Íon de Quios:<sup>22</sup>

### 392. Ion von Chios

6 (1)ATHEN. 13, 81 p. 603 E – 604 D: φιλομῆραξ δὲ ἦν ὁ Σοφοκλῆς,

ὡς Εὐριπίδης φιλογύνης. Ἴων γοῦν ὁ ποιητὴς ἐν ταῖς ἐπιγραφομέναις Ἐπιδημίαις γράφει οὕτως· <«Σοφοκλεῖ τῷ ποιητῇ ἐν Χίῳ συνήντησα, ὅτε ἔπλει εἰς Λέσβον στρατηγός, ἄνδρι παιδιῶδει παρ' οἶνον καὶ δεξιῶι. Ἑρμεσίλω δὲ ξένου οἱ ἐόντος καὶ προξένου Ἀθηναίων ἐστιῶντος αὐτόν, ἐπεὶ παρὰ τὸ πῦρ ἐστεῶς ὁ τὸν οἶνον ἐγγέων παῖς \*\* ἐὼν δηλὸς ἦν εἶπέ τε ἄβυλι με ἠδέεωσ πίνειν· φάντος δ' αὐτοῦ, βραδέεωσ τοῖνον καὶ πρόσφερέ μοι καὶ ἀπόφερε τὴν κύλικα'. ἔτι πολὺ μᾶλλον ἐρυφριάσαντος τοῦ παιδός, εἶπε πρὸς τὸν συγκατακείμενον· ὡς καλῶς Φρύνιχος > (III 561, 2 Bgk<sup>4</sup>) <ἐποίησεν εἴπας ἄλαμπε δ' ἐπὶ πορφυρέαις παρήισιν φῶς ἔρωτος'. καὶ πρὸς τὸδε ἡμείφθη ὁ Ἑρετριεύς ἢ Ἐρυθραῖς, γραμματῶν ἐὼν διδάσκαλος· σοφὸς μὲν δὴ σύ γε εἶ, ὦ Σοφόκλεις, ἐν ποιήσει· ὅμως μέντοι γε οὐκ εὖ εἴρηκε Φρύνιχος πορφυρέας εἰπὼν τὰς γνάθους τοῦ καλοῦ. εἰ γὰρ ὁ ζωγράφος χρομάτι πορφυρέωι ἐναλείψει τουδί τοῦ παιδός τὰς γνάθους, οὐκ ἂν ἔτι καλὸς φαίνοιτο. οὐ κάρτα δὴ <καλὸν> τὸ καλὸν τῷ μὴ καλοῶι φαινομένωι εἰκάζειν.' ἀνυγέλασας <δ' > ἐπὶ τῷ Ἑρετριεῖ Σοφοκλῆς ἄρα τὸδε σοὶ ἀρέσκει ἄρα, ὦ ξένη, τὸ Σιμωνίδειον> (F 44 Diehl) <κάρτα δοκέον τοῖς Ἑλλήσιν εὖ εἰρησθαὶ πορφυρέω ἀπὸ στόματος ἴεῖσα φωνὰν παρθένος', οὐδ' ὁ ποιητὴς (ἔφη) <ὁ> λέγων ἄχρυσόκομαν Ἀπόλλωνα> (Pindar. Ol. 6, 41); <χρυσέας γὰρ εἰ ἐποίησεν ὁ ζωγράφος τὰς τοῦ θεοῦ κόμας καὶ μὴ μελαίνας, χεῖρον ἂν ἦν τὸ ζωγράφημα. οὐδὲ ὁ φᾶς ῥοδοδάκτυλον· εἰ γὰρ τις εἰς ῥόδεον χρομάτι βάψει τοὺς δακτύλους, πορφυροβάφου χεῖρας καὶ οὐ γυναικὸς καλῆς ποιήσειεν <ἂν>'. γελασάντων δὲ, ὁ μὲν Ἑρετριεύς ἐνωπήθη τῇ ἐπιραπίξει, ὁ δὲ πάλιν τοῦ παιδός τῷ λόγῳ εἴχετο. εἴρετο γὰρ μιν ἀπὸ τῆς κύλικος κάρφος τῷ μικρῷ δακτύλῳ ἀφαιρετέοντα, εἰ καθοραῖτὸ κάρφος. φάντος δὲ καθορᾶν, ἀπὸ τοῖνον φύσησον αὐτό, ἵνα μὴ πλύνῃτο ὁ δακτύλος σοί'. προσαγαγόντος δ' αὐτοῦ τὸ πρόσωπον πρὸς τὴν κύλικα, ἐγγυτέπω τὴν κύλικα τοῦ ἑαυτοῦ στόματος ἦγεν, ἵνα δὴ ἡ κεφαλὴ τῇ κεφαλῇ ἄσσοτέρα γένηται· ὡς δ' ἦν οἱ κάρτα πλησίον, περιλαβὼν τῇ χειρὶ ἐφίλησεν. ἐπικροτησάντων δὲ πάντων σὺν γέλωτι καὶ βοῇ ὡς εὖ ὑπηγάετο τὸν παῖδα, μελετῶ (εἶπεν) στρατηγεῖν, ὦ ἄνδρες, ἐπειδὴ περ Περικλῆς ποιεῖν μὲν <με> ἔφη, στρατηγεῖν δ' οὐκ ἐπίστασθαι. ἄρ' οὖν οὐ κατ' ὀρθόν μοι πέπτωκεν τὸ στρατήγημα;> τοιαῦτα πολλὰ δεξιῶς ἔλεγεν τε καὶ ἔπρησεν, ὅτε πίνῃ [ἢ πράσσει]. τὰ μέντοι πολιτικὰ οὔτε σοφὸς οὔτε ρεκτῆριος ἦν, ἀλλ' ὡς ἂν τις εἰς τῶν χρηστῶν Ἀθηναίων».>

22. JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FGrHist)*. Dritter Teil . Geschichte von Staedten und Voelkern (Horo-graphie und Etnographie) b Kommentar zu NR. 297-607, 1955.

Ateneu, Banquete dos Filósofos, 81:

“Sófocles era aficionado por garotos, assim como Eurípides era por mulheres. Nesse sentido, o poeta Íon [de Quios] em sua obra intitulada “*Epidemiai*” (Estadias ou Anotações de jornadas) relata da seguinte forma: “Encontrei-me com o poeta Sófocles em Quios, quando navegava para Lesbos na qualidade de general, sendo ele muito divertido sob o influxo do vinho e espirituoso (habilidoso). Hermesíleo tinha com ele relações de hospitalidade, sendo próximo dos atenienses, e o entreteinha em sua casa; uma vez que o garoto que servia o vinho, tendo se postado do lado do fogo, ficara avermelhado, evidente que Sófocles se manifestou e disse a ele: “Você quer que eu beba (realmente) com prazer?” E, tendo o rapaz respondido afirmativamente, (ele continuou): “Bem devagar, então, coloque a copa para mim e depois a deponha”. E como o garotinho ficou ainda muito mais ruborizado, ele disse ao que estava postado ao lado: “De que modo esplêndido Frínico compôs uma passagem poética enunciando: “brilha nas faces púrpuras a luz do amor”. Nesse momento, um mestre de escola, oriundo da Eritreia, fez-lhe a seguinte réplica: “Sábio (habilidoso) tu és, com justiça, Sófocles, em poesia, contudo Frínico não enunciou com decoro ao dizer púrpuras as bochechas de quem é belo, pois, se um pintor aplicasse uma cor púrpura às bochechas, não mais belo pareceria. De fato não condiz assimilar comparando o belo com o que não parece belo. E Sófocles, caindo na gargalhada, disse ao eritreu: “Não te agrada então, ó estrangeiro, isto composto por Simônides, reputado entre os gregos como muito bem elaborado: “de uma boca púrpura a virgem alçava sua voz”, nem o poeta (Píndaro) que disse: “Apolo de áurea cabeleira”?, pois se o pintor fizesse dourados os cabelos do deus e não negros, resultaria bem pior a pintura. Nem aquele que diz “de dedo cor de rosa?” Pois se alguém pintasse de cor rosa os dedos, representaria os braços de alguém que trabalha com tintura púrpura e não próprios de uma bela mulher. Rindo os demais, o eritreu ficou aturdido e embaraçado com a réplica reprovadora de Sófocles e este novamente seguiu a conversação com o garotinho. Perguntava, com efeito, quando aquele tentava retirar uma palha da copa com o dedo mínimo, se divisava bem a palha; ao afirmar o outro que a via, (ele disse): à parte então sopra-a, para que não se molhe o seu dedo”. E, quando aquele aproximou o rosto da copa, ele (Sófocles) levou sua boca mais próximo também da copa, para que cabeça de cabeça ficasse o mais próximo possível (uma cabeça da outra). E, quando estava dele bem perto, envolvendo-o com o braço deu-lhe um beijo. Depois que todos

explodiram em palmas com risos e gritaria, ele falou: “estou treinando a exercitar estratégias militares, ó senhores, uma vez que Péricles disse que eu sou bom em compor poesia, mas que não sei agir como general. Por acaso, então, não sucedeu de ser correta e eficaz a minha estratégia?” Muitos outros procedimentos do tipo ele dizia e atuava de forma espirituosa, tanto na ocasião de beber como no momento de agir (em situação mais íntima). Quanto aos negócios políticos, não era nem habilidoso nem eficiente, porém agia como qualquer um dos atenienses da classe nobre.

Sobre Xanto de Lídia: **ΠΕΡΙ ΕΜΠΕΔΟΚΑΕΟΥΣ**  
1 (FgrHist 765 F 33) Diógenes Laércio, philosophi Vita VIII, 63:

Φησὶ δ' αὐτὸν (sc. Ἐμπεδοκλέα; F 31[21].A.1 Diels-Kranz) καὶ Ἀριστοτέλης (F 66 Rose; Ross, Soph. F 2; F 865 Gigon) ἐλεύθερον γεγενῆσθαι καὶ πάσης ἀρχῆς ἀλλότροιν, εἴ γε τὴν βασιλείαν αὐτῷ δεδομένην παρητήσατο, καθάπερ Ξάνθος ἐν τοῖς περὶ αὐτοῦ λέγει, τὴν λιτότητα δηλονότι πλεον ἀγαπήσας.

“Também Aristóteles diz que ele (Empédocles) era de uma qualidade propriamente libertária e avesso a todo tipo de poder, se, de certo, ele recusou o poder real que lhe foi oferecido, conforme Xanto (de Lídia) relata em sua obra sobre ele, uma vez que evidentemente preferia um modo de vida simples.

Sem empreendermos uma análise aprofundada dos fragmentos, há de se enfatizar a presença de vários *tópoi* biográficos e suas formas de utilização. Nesse sentido, o caráter anedótico é um traço constitutivo do gênero, uma certa tendência para o comentário curioso com caráter de fofoca, como, por exemplo, no fragmento de Estesímbroto de Tassos, que sublinhava o caráter extremamente libidinoso de Péricles quanto às mulheres; por seu turno, no fragmento de Íon de Quios, o caráter de Sófocles é explicitado num relato anedótico, em que não faltam referências à poesia e às artes plásticas, ou seja, aparecem os *tópoi* a1, a2, c2, c3, f4. Quanto a Xanto de Lídia, há apenas referências breves aos *tópoi* a1 e a2, ação de recusar o oferecimento de poder real e sua caracterização como um paladino da liberdade.

Tanto tais fragmentos de teor biografizante quanto as obras, por assim dizer, proto-biográficas da primeira metade do séc. IV a.C. são imprescindíveis para a compreensão e

constituição do gênero do *bíos* na Antiguidade. Em função disso, como instrumental teórico-metodológico, julgo produtivo utilizar essa concepção de *tópos* discursivo, de modo geral, e *tópos* biográfico, de modo particular, para a análise de tais obras. Como dito anteriormente, *tópos* discursivo diz respeito não apenas ao emprego recorrente de temas, torneios sintáticos e estilísticos, como também à sua vinculação a uma função narrativa e contextual, a seu emprego como nexos entre as sequências diegéticas e a sua estruturação (ligada também à transmissão e recepção) de caráter mnemônico, ou seja, referente à técnica mnemotécnica e visando a memorização. Em todos esses fragmentos ou nesses testemunhos sobre essas narrativas, o *tópos* discursivo, segundo a taxinomia proposta, revela-se como temático, sintático e estilístico, indicativo da prosa singular de um escritor, de uma escola ou corrente ou mesmo de um período, indicando muitas das características do gênero do *bíos* posterior e, assim, relevante para se pensar sua constituição bem como os contornos e implicações de uma ambiência biográfica de maior abrangência.

Érrose.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRADOS, Francisco Rodriguez. *Historia de la fábula greco-latina*. V. I. Introduction y de los orígenes a la Edad Helenística. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1979.

ANDRIA, Rosa Gianattasio. Il Bios di Esopo e I Primordi Della Biografia. In: *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. A cura di Italo Gallo e Luciano Nicastrì. Napoli: Edizione Scientifiche Italiane, 1995, p. 23-56.

BERGER, Klaus. 'Hellenistische Gattungen im Neuen Testament', in: *ANRW II* 25.2 (1984) 1031-1432, hier 1243-44.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. v. 1. 369 p.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do Romance*. Brasília: Editora UNB, 2005.

BURRIDGE, Richard A. *What are the Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, Gran Rapids, 2004.

COX, Patricia. *Biography in Late Antiquity: a Quest for the Holy Man*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 1983, p. 17-44.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1977.

DIOGENES LAERTIUS. *Vitae philosophorum*. "Diogenis Laertii vitae philosophorum, 2 vols.", Ed. Long, H.S. Oxford: Clarendon Press, 1964, Repr. 1966.

FILOSTRATO. *Vidas de Los Sofistas*. In: *Biografos Griegos*. Traduccions del Griggo y notas por Antônio Sanz Romanillos, José Ortiz y Sanz y José M. Riario. Prólogo General por Juan Martín Ruiz Werner; Preâmbulos parciales por F. de P. Samaranch y J. M. Riario. Madrid: Aguilar, 1973.

GALLO, I. *La biografia greca*. Profilo storico e breve antologia di testi. Rubbettino: Soveria Mannelli, 2005.

GUIJARRO, Sergi Grau i. *La imatge del filòsof i de l'activitat filosòfica a la Grècia antiga*. Anàlisi dels tòpics biogràfics presents a les *Vides i doctrines dels filòsofs més il·lustres* de Diògenes Laerci. Tese de doutorado, Departament de Filologia Grega, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2007.

HÄGG, Tomas. *The Novel in Antiquity*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1983.

HÄGG, Tomas. The Ideal Greek Novel from a Biographical Perspective. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 33-48.

HANSEN, William (Ed.). *Ancient Greek Popular Literature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

HOLZBERG, Niklas. *The Ancient Novel*. An Introduction. London and New York: Routledge, 1995.

HOLZBERG, Niklas (ed.). *Der Äsop-Roman*. Motivgeschichte und Erzählstruktur. Tübingen: Narr, 1992.

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. *Imagens do outro como um si mesmo: drama e narrativa nos relatos biográficos de Luciano de Samosata e na Vita Antonii de Atanásio*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006 .

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. Romance apócrifo ou marginal. In: *SIMPÓSIO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA USP*, 3. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 59-78.

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. Bios e hibridização: biografia cristã e pagã. *Clássica*, vol. 1, São Paulo, 2011, p. 90-101.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FgrHist) Continued. Part 4. Biography and Antiquarian Literature*. Edited by G. Schepens. Leiden; Boston; Köln. IV A: Biography. Fasc. 1. The pre-Hellenistic period/ by J. Bollansée- J. Engels – G. Schepens- E. Theys, 1998.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FgrHist)*. Dritter Teil . Geschichter von Staedten und Voelkern (Horographie und Etnographie) b Kommentar zu NR. 297-607, 1955.

JOUANNO, Corinne. *Vie d'Ésope*, traduite et commentée par Corinne Jouanno, La Roue à Livres, Paris, 2006, 264 p.

JOUANNO, Corinne. Novelistic Lives and Historical Biographies: The *Life of Aesop* and the *Alexander Romance* as Fringe Novels. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 33-48.

KARLA, Grammatiki A. Fictional Biography Vis-à-vis Romance: Affinity and Differentiation. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 13-32.

KARLA, Grammatiki A. *Vita Aesopi: Ueberlieferung, Sprach und Edition einer fruehbyzantinischen Fassung des Aesopromans. Serta Graeca: Beitrage zur Erforschung griechischer Texte, 13.* Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 2001.

KONSTAN, David. *Love in the Ancient Novel and Related Genres.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994.

LALLEMAN, Pieter J. The Canonical and Apocryphal Acts of the Apostles. In: *Groningen Colloquia on the novel.* Vol. IX. Egbert Forsten: Groningen, 1998, p. 181-192.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique.* Paris, Seuil, 1975.

LUCIAN. Lucian with an English Translation. Translation by A. M. Harmon. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1996 (v.I), 1988 (v.II), 1969 (v.III), 1992 (v. IV), 1996 (v. V), 1990 (v. VI).

LUCIANO. *Uma História Verdica.* Pref., trad. e notas de Custódio Magueijo. Lisboa: Inquérito, Edição n? 816 113/0076.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *De Paganos, Judíos y cristianos,* México: Fondo e Cultura Económica, 1992.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *La Naissance de la Biographie en Grèce Ancienne.* Traduit de l'Anglais par Estelle Oudot, Strausbourg: Circé, 1991.

MORALES, Helen. Challenging some orthodoxies, 2009. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age.* Leiden: Brill, 2009, p. 1-12.

OTERO, Aurelio de Santos(ed.). *Los Evangelios Apócrifos.* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

PAPATHOMOPOULOS, Manoles. *O bios tou Aisopou : he parallage W. Editio princeps.* Athens: Ekdoseis Papadema, 1999, 206 p.

PAPATHOMOPOULOS, Manoles. *O bios tou Aisopou : he parallage G. Kritike ekdose me Eisagoge, Keimeno, kai Metaphrase, 2nd edition.* Ioannina: G. Tsoles, 1991.

PERRY, Edwin. *Aesopica*. A series of texts relating to Aesop or ascribed to him or closely connected with the literary tradition that bears his name. Urbana, Illinois: The University of Illinois Press, 1952.

PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Ed. Christopher P. Jones, vol. 1 (Books I–IV) and 2 (Books V–VIII). Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 2005 (Loeb Classical Library no. 16 and no. 17).

PIRERO, Antonio; CERRO, Gonzalo del (ed.). *Hechos Apócrifos de los Apóstoles I*. Hechos de Andrés, Juan y Pedro. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

PSEUDO CALÍSTENES. *Vida y Hazaras de Alejandro de Macedônia*. Traducción, prólogo y notas de Carlos García Gual. Madrid: Editorial Gredos, 1988.

REARDON, B. P. *Courrants Litteraires Grecs de II e. et IIIe. Siècles Après J. C.*, Paris: Les Belles Lettres, 1971.

REARDON, B. P. *The Form of Greek Romance*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1991.

SMITH, Justin M. Genre, Sub-Genre And Questions Of Audience: A Proposed Typology For Greco-Roman Biography in: *JGRChJ* 4, 2007, p. 184-216.

STONEMAN, Richard (Ed.). *Il romanzo di Alessandro*. Vol. I. Traduzione di Tristano Gargiulo. Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, 2007.

SWAIN, Simon. Biography and Biographic in the Literature of the Roman Empire. In: EDWARDS, M. J.; SWAIN, Simon (Ed.). *Portraits Biographical Representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 1-38.

TALBERT, Charles H. *What Is a Gospel? the Genre of the Canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress Press, 1977, p. 94-96.

TILG, Stephan. *Chariton of Aphrodisias and the Invention of the Greek Love Novel*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2010.



VAN UYTFANGHE, Marc. L'Hagiographie un "genre" chrétien ou antique tardif?. *Analecta Bollandiana* (Revue Critique D'Hagiographie), Bruxelles: Société des Bollandistes (Tome 111), 1993, p. 67-85.

VOUAUX, Léon. *Les actes de Paul et ses Lettres Apocryphes*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1913.

WEHRLI, Fritz. 'Gnome, Anekdote und Biographie', *Museum Helveticum* 30 (1973), pp. 1193-208 (193). In: ANRW 2.25.2 (1984), 1031– 432.

WITHMARSH, Tim (de.). *The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.



## A VIDA DE EURÍPIDES DE SÁTIRO<sup>1</sup>

Gabriela Guimarães Gazzinelli \*

**RESUMO:** Ainda que se encontre em estado fragmentário, *A Vida de Eurípides* de Sátiro é a biografia peripatética mais extensa que chegou à modernidade. Escrita no século III a.C., a narrativa, em que se imbricam vida e literatura, revela traços das convenções biográficas do Período Helenístico. Para além de seu interesse historiográfico, ocupa posição importante no *corpus* das “vidas” de Eurípides uma vez que explicita as fontes de muitos episódios que constam de suas biografias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eurípides; Sátiro; biografia antiga; peripatéticos; tragédia; comédia.

### SATYRUS' LIFE OF EURIPIDES

**ABSTRACT:** Though fragmented, *Satyrus' Life of Euripides* is the most extensive peripatetic biography known today. Written in the 3<sup>rd</sup> century B.C., this narrative where life and literature merge sheds light into the biographical conventions that prevailed during the Hellenistic Period. Besides having historiographical interest, it also holds an important place within the *corpus* of Euripides' “lives”, as it makes explicit the sources for many episodes incorporated in his biographies.

**KEYWORDS:** Euripides; Satyrus; ancient biography; peripatetics; tragedy; comedy.

1. Esta tradução foi adaptada da monografia de final de curso apresentada à Faculdade de Letras da UFMG em 2004. Agradeço ao orientador Professor Jacyntho Lins Brandão por sua incomparável generosidade e pelas conversas sempre inspiradoras sobre biografia antiga e o mundo helenístico; à Professora Tereza Virgínia Ribeiro pelas valiosas sugestões e aulas apaixonantes sobre teatro grego; a Eduardo de Lima, pela leitura atenta; e ao Professor Pedro Ipiranga pelo gentil convite para participar deste dossiê.

\* Mestre pela UFMG e pelo IRBr, doutoranda pela Brown University, gabriela.gazzinelli@brown.edu.



## INTRODUÇÃO

### I. APRESENTAÇÃO

Antes conhecida somente por referências secundárias, a *Vida de Eurípides* de Sátiro, em forma de diálogo, foi encontrada no Egito no fim do século XIX. Integra o papiro de Oxirrinco 1176, juntamente com biografias dos tragediógrafos Ésquilo e Sófocles, estas mais lacunares. Recuperaram-se, ao todo, cinquenta e sete fragmentos de tamanhos variados, cujo texto é ilegível em diversas passagens. Até sua descoberta, supunha-se que títulos helenísticos como *Peri Eurípides* ou *Peri poieton*, fossem estudos a respeito das obras dos poetas e não sobre suas vidas, em vista das extensas citações que fazem de obras literárias. Contudo, a narrativa de Sátiro, centrada na vida e morte de Eurípides, estabelece-se com segurança na tradição biográfica, ainda que escrita num estilo que mistura biografia e crítica literária, com numerosas citações do próprio dramaturgo e de outros autores, seus contemporâneos.

A biografia de Sátiro revela-se interessante sob diferentes perspectivas. Primeiramente, é proveitoso cotejá-la com as outras biografias do tragediógrafo, escritas ao longo de mais de um milênio. Em segundo lugar, por se tratar da biografia peripatética mais extensa que chegou à modernidade, lança luz sobre as práticas biográficas da escola aristotélica e sobre as convenções do gênero no Período Helenístico.<sup>2</sup> Por fim, é uma biografia bastante cuidadosa com a explicitação das fontes, o que permite avaliar a influência de textos literários – trágicos e cômicos – nas narrativas da vida de Eurípides.

2. Um dos termos gregos para biografia (*bios*) teria sido cunhado nesse período. O termo *biographia* só aparece muito mais tarde, em fragmentos da *Vida de Isidoro*, escrita por Damácio no séc. V d.C.

### II. A BIOGRAFIA DE SÁTIRO NO CONJUNTO DE VIDAS DE EURÍPIDES

Há notícia de seis textos antigos sobre a vida de Eurípides. Os primeiros testemunhos são alguns poucos fragmentos da *Crônica Ática* de Filócoro, que compreendia um *Tratado sobre Eurípides* (séc. IV a.C. ou início do III a.C.), e a biografia de Sátiro aqui traduzida (segunda metade

do séc. III a.C.). Há ainda a biografia anônima, *Vida e Origem de Eurípides*, de datação incerta, um trecho das *Noites Áticas* de Aulo Gélío, do século II d.C., o verbete da *Suda*, escrito já no século X d.C. e, por fim, a biografia de Thomas Magister, da passagem do século XIII para o XIV d.C.

A biografia de Sátiro ocupa um lugar importante nesse conjunto. Passagens suas encontram-se citadas quase literalmente na biografia anônima, introduzidas pela expressão formular *phasi*. Como aponta Stuart, é provável que o acesso do autor anônimo à biografia de Sátiro tenha sido indireto, intermediado por outra fonte (Stuart: 1928, p. 170). Outra explicação plausível para a confluência das duas biografias seria os dois autores terem tido acesso a fontes comuns que reunissem a tradição corrente sobre a vida de Eurípides, uma espécie de *koiné historia*, como a denomina Arrighetti (p. 166). As biografias mais tardias, por sua vez, também não fazem referência a Sátiro. É possível que as passagens próximas às do peripatético tenham sido transmitidas indiretamente pela biografia anônima.

Em comparação com seus sucessores, Sátiro explicita com mais frequência as passagens de que extraiu os fatos narrados – no próprio Eurípides, em Aristófanes ou em outros autores. Nas biografias mais tardias, essas passagens são muitas vezes incorporadas ao corpo do texto sem qualquer alusão à sua fonte ou encontram-se parafraseadas, o que dificulta sua identificação. O texto de Sátiro permite, assim, traçar a origem de várias passagens. A explicitação das fontes facilita avaliar se a inserção na biografia de tal ou qual episódio tem motivações histórica ou literária.

Para além do interesse que guardam para os estudos literários da Eurípides, o exame genealógico das sucessivas versões de sua vida pode elucidar a transformação do gênero biográfico ao longo da Antiguidade, bem como mudanças nas narrativas resultantes dos processos de condensação, interpolação e corrupção textuais. Nesse intervalo de mais de um milênio, ocorre uma progressiva mitificação de Eurípides: os biógrafos dão cada vez maior ênfase às anedotas extraordinárias e menos atenção ao aspecto estilístico de sua obra. A contaminação da vida pela literatura revela ainda a maneira como se dava a transmissão de conhecimento e poesia na Antiguidade. Como aponta Nagy (*apud* Pórtulas:

1994, p. 161), “biografia e preservação de uma obra poética constituem processos paralelos, que avançam juntos e se condicionam mutuamente”.

### III. UMA BIOGRAFIA PERIPATÉTICA

No prefácio ao *De viris illustribus*, São Jerónimo afirma que Aristoxeno, Sátiro e Hermipo pertenciam à escola peripatética de biografia. Desses autores, só chegaram à Modernidade o texto extenso da *Vida de Eurípides*, de Sátiro, e fragmentos dispersos. A Sátiro atribuem-se ainda biografias de Filipe da Macedônia, Demóstenes, Pitágoras, Dioniso de Siracusa, bem como libelos contra Sócrates. O seu grego é marcadamente helenístico. Embora se perceba certa influência ática, de Aristóteles e Platão, e do jônico da tragédia, que é mais literário, já se pode observar a formação da *koiné* em sua escrita. Muitos termos novos, que se tornam usuais no Período Imperial, aparecem aqui pela primeira vez. Na escrita do peripatético, observa-se também a tendência de regularizar e simplificar a língua (cf. Valdés: 1991, p. 359-369).

Segundo Momigliano, “O homem educado do mundo helenístico era curioso sobre as vidas das pessoas famosas. Queria saber como era um rei ou um poeta e como se comportava” (Momigliano: 1993, p. 120). Aristóteles e seus discípulos abraçaram a inclinação polímata de sua época. Dedicaram-se ao amplo projeto de percorrer sistematicamente as áreas do conhecimento, compondo histórias sobre música, filosofia, ciência, matemática, astronomia, física, medicina, poesia. Voltaram-se também para as vidas de personagens eminentes. Aristóteles teria escrito os primeiros textos biográficos de sua escola em *Sobre os poetas* e também na *Constituição de Atenas*, em que dedica extensas passagens às vidas de Sólon e Pisítrato.

Ainda segundo Momigliano, com o passar do tempo as biografias helenísticas conciliaram a busca filosófica pela variedade de caracteres humanos com a elaboração estilizada do texto (Momigliano: 1993, p. 84). A *Vida de Eurípides* de Sátiro conforma-se com as convenções da época. A exemplo de outros textos biográficos peripatéticos e

helenísticos, nela atestam-se: a predileção por anedotas; a inferência de fatos da vida de Eurípides a partir de suas tragédias; o interesse por aspectos morais e éticos, ilustrados nas vicissitudes de Eurípides; a parcialidade do biógrafo, refletindo predileções pessoais e demonstrando sua admiração pelo poeta.

Nesse contexto, é interessante observar como as tradições filosófica e biográfica imbricam-se. Nas vidas peripatéticas recuperam-se, por exemplo, elementos da *Ética a Nicômaco*. Untersteiner identifica nelas a influência da doutrina do *êthos* e da distinção entre virtudes morais e virtudes do pensamento (Untersteiner: 1980, p. 226). A teoria aristotélica das emoções (*páthe*) também teria inspirado seus discípulos na ordenação dos episódios, pois uma emoção reflete o temperamento da alma (*E.N.* II 4. 1105 b 20). Por fim, como aponta Arighetti, a doutrina de tipos também informa a tradição biográfica (Arighetti: 1987, p. 163-164, 228, 231). Clearco, por exemplo, ao escrever suas biografias, teria retomado a doutrina aristotélica das três formas de vida: *apoláustica* (de prazeres), *prática* (de ação) e *teórica* (de contemplação).

A relação entre filosofia e biografia era recíproca. De um lado, episódios das vidas de personagens ilustres são retomados no âmbito das discussões filosóficas. Aristóteles pauta sua discussão sobre virtude e vício nos comportamentos de personagens históricos, evidencia as consequências práticas de certa *héxis*, disposição ética. De outro, as noções de virtudes e vícios sobressaem-se na interpretação do caráter das personagens biografadas. Verifica-se a introdução de reflexões morais no âmbito de escritos biográficos, que serão legadas à tradição ulterior. Plutarco, por exemplo, afirma na *Vida de Alexandre* (1.2): “nos feitos mais ilustres nem sempre há manifestação de virtude ou vício. Algo ligeiro, como uma frase ou gesto, frequentemente faz maiores revelações do caráter”.

Todavia, nenhuma biografia é determinada exclusivamente por posições filosóficas acerca da virtude ou do hábito. Como observa Momigliano, “[o] aristotelismo não era um pressuposto necessário ou suficiente da biografia helenística. A biografia helenística era muito mais elaboradamente erudita do que qualquer composição biográfica anterior” (Momigliano: 1993, p. 120).



#### IV. EURÍPIDES TRÁGICO

Além de referências filosóficas, encontram-se muitas citações literárias na *Vida de Eurípides*. Uma análise detida delas revela que praticamente todas as informações sobre sua vida podem ser traçadas à tragédia ou à comédia. Com efeito, as biografias de poetas da Antiguidade costumam ser mais literárias do que históricas. Ao se incluir uma vida em determinada cronologia ou tradição poética, procura-se forjar uma sequência coerente, conformando-a à unidade narrativa daquela tradição. Resultam, portanto, numa representação estilizada da vida, que lança mão de convenções poéticas e narrativas, a fim de produzir efeitos estéticos.

Eurípides é assim representado como herói tragicômico. Teria nascido no dia lendário da vitória grega em Salamina (batalha em que Ésquilo teria lutado, enquanto Sófocles teria participado de um coro de meninos que celebraram a vitória) e, segundo um oráculo, seria vitorioso em concursos. A data simbólica de seu nascimento, bem como os vaticínios que o acompanharam são elementos recorrentes nas vidas dos heróis trágicos.

Outros tantos episódios nas biografias de Eurípides revelam a identificação entre a vida do autor e sua obra literária. Um bom exemplo está em Filócoro (62-5), que deduziu que Eurípides vivera no litoral porque seus trechos mais líricos descrevem o mar (*Ifigênia em Tauris* 392-420 e *Helena* 1451-1454).<sup>3</sup> Considerado misantropo, como seus personagens, supunha-se que, além disso, morasse em isolamento. E assim pode ter surgido a lenda de que habitava uma caverna, mencionada por Sátiro (fr. 39, col. IX), caverna essa que, mais tarde, teria sido visitada por Aulo Gélcio (15.20.5) e descrita como “fedorenta e horrível”.

Semelhantemente, sua vida matrimonial parece retomar vários episódios das tragédias. A infidelidade de sua esposa, relatada em todas as biografias, nos remete a personagens adúlteras em suas peças, como Fedra, em *Hipólito*, ou Clitemnestra, em *Electra*. Uma fala de Electra (923-24) sobre a mãe adúltera é parafraseada na vida anônima, quando Eurípides alerta o segundo marido de

3. Nessas duas passagens o mar é tomado ora como um agente hostil, ora como um agente propiciador. Mary Lefkowitz (p. 91) recupera referências ao mar também em outras poetas trágicos em que a violência aleatória do mar seria uma metáfora efetiva para curso do destino humano.

sua esposa sobre seu comportamento licencioso: “é um infeliz se acha que a mulher [há de] ser casta com um (homem) e, com o outro, não”.

Por fim, o relato da morte terrível de Eurípides, devorado pelos cães de Arquelau, também parece retirado do universo trágico. Pelas colunas XX e XXI do fragmento 39 da biografia de Sátiro, complementadas com o episódio narrado na biografia anônima *Origem e Vida de Eurípides*, sabe-se que descendentes de trácios, na Macedônia, haviam sacrificado e comido uma cadela molossa de Arquelau, que cobrou deles uma alta multa por isso. Eurípides intercedeu por eles e fez com que Arquelau suspendesse a dívida. Os filhotes dessa mesma cadela é que o teriam matado mais tarde, para vingarem a morte impune da mãe.

Seu fim insólito lembra a morte de Penteu (despedaçado por bacantes) em sua última peça, *As Bacantes*, bem como a morte de Acteu (despedaçado, por sua vez, pelos cães de Ártemis por ter espiado a deusa se banhando), sobre quem Eurípides escreveu uma de suas primeiras peças. Nas *Rãs*, comédia escrita logo em seguida à morte de Eurípides, não há nenhuma alusão à morte violenta, o que sugere que seja uma interpolação posterior de suas peças em suas biografias. Inclusive, numa das variações de sua morte, narrada na *Suda* (E 3695 9), são mulheres que o despedaçam e não cães, como se dá com o Rei Penteu.

Cabe lembrar que também Luciano de Samósata e Heráclito de Éfeso teriam morrido de maneira semelhante. Seriam assim tão comuns as mortes de pessoas estraçalhadas por cães ou sinalizariam algo num plano simbólico? Ao que parece, a tradição biográfica repetia alguns episódios, associando-os a certos tipos de vida.<sup>4</sup> A morte pelos cães pode denotar, por exemplo, a impiedade do biografado. Há, portanto, uma estrutura padronizada, bem como um repertório comum às várias vidas. Em seu artigo “Vida y muerte del poeta”, Pòrtulas enumera uma série de elementos recorrentes nas vidas dos poetas, muitos deles presentes nas vidas de Eurípides: origens humildes, sonhos ligados à iniciação poética, discípulo de homens notáveis, problemas amorosos, competições, problemas com antagonistas, exílio, oposição à tirania, honrada velhice, longevidade, morte violenta longe do país natal, monumentos em sua memória,

4. Stuart aponta que, nas narrativas dos nascimentos de poetas, era comum a presença de um enxame de abelhas, como sinal de dons literários (p. 146). Lefkowitz (p. 91-92) enumera uma série de episódios na vida de Eurípides relacionados às vidas de outros poetas como Êsopo (cuja esposa também o preteriu a um escravo), Sófocles (que se destacou igualmente na luta pancrática) e Êsquilo (que teria semelhantemente prosperado no exílio). Estes dois últimos, como Eurípides, teriam sido cultuados como heróis após a morte.

epigramas (Pörtulas: 1994, p. 64-65). A recorrência desses elementos torna manifesto o aspecto formular do gênero biográfico, um aspecto que reforça a verossimilhança da vida narrada, comprometendo a verdade histórica. Todavia, convivem no âmbito da biografia tipos, caracteres e finalidades diversas que concedem variedade à estrutura formular.

#### V. EURÍPIDES CÔMICO

A confusão de domínios literário e biográfico é um excelente artifício para criar embaraços cômicos. Não por acaso Aristófanes valeu-se de tais transposições com relação a Eurípides, em peças como *As Rãs*, *Acarnences*, *As nuvens* e *As mulheres que celebram as Tésmafórias*. Anedotas cômicas que constam nelas serão mais tarde incorporadas como fatos em suas biografias.

Antes de proceder ao exame de episódios da vida de Eurípides originados na comédia, cabem alguns esclarecimentos sobre as convenções da comédia. Sabe-se que os poetas da Comédia Antiga tinham considerável imunidade e independência para escreverem suas peças. Nelas, inseriam ataques nominais e invectivas pessoais que não eram censurados pela cidade. Muito embora não houvesse uma legislação contra as invectivas, certos políticos “ultrajados” tomavam a justiça em suas próprias mãos. Conta-se que Alcibíades teria amarrado Êupolis com uma corda e o teria mergulhado várias vezes no mar, sem que morresse, para se vingar da peça *Mergulhadores*, na qual fora objeto de sátira.

No fim do século V a.C., porém, a instabilidade política levou ao abandono da invectiva e a imunidade dos poetas foi comprometida. Em 439 a.C., o Decreto de Moriquides proibiu a paródia nominal, ainda que, dois anos mais tarde, o arconte Epígenes tenha levantado a interdição. Segundo Platônio, nessa época, Aristófanes abandonou a “sua habitual virulência para se dedicar à paródia literária, campo que lhe oferecia mais segurança” (*apud* Sousa e Silva: 1983, p. 52), inserindo-se aí as comédias difamadoras de Eurípides.

Vale lembrar que na comédia sempre competiram finalidades críticas, literárias e humorísticas. A esse respeito, Maria de Fátima Sousa e Silva pergunta se “[s]eria o comediógrafo exclusivamente norteado pelo sentido do dever e da doutrinação, orientados para o processo, cômico por natureza, da caricatura” (Sousa e Silva: 1983, p. 44). Embora tivesse uma orientação política e moralizante, a comédia conformava-se a outras finalidades menos sérias. Conciliava preocupações didáticas, estéticas e, evidentemente, humorísticas. Portanto, para se entender as críticas de Aristófanes a Eurípides, é preciso levar em conta o entrelaçar entre diferentes finalidades. É plausível que muitas dessas passagens não sejam senão gracejos para fazer a plateia rir.

Aristófanes começa seu ataque virulento contra Eurípides em *As Nuvens*.<sup>5</sup> Censura o poeta por sua associação com Sócrates e diz mesmo que este teria escrito as peças do dramaturgo, acusação que retoma em *As Rãs* 944 (dessa vez, atribuindo as peças euripidianas a seu escravo Cefisofonte). A biografia de Sátiro (fr. 39, col. I-II) relata a admiração do tragediógrafo por Sócrates e reconhece, em suas opiniões, uma verve socrática. Em fontes mais tardias, como Diógenes Laércio 2.18 e a biografia anônima, a associação com o filósofo é exagerada: justificam a acusação de que Sócrates teria escrito as peças de Eurípides, numa provável retomada do texto aristofânico. Para além de seus efeitos cômicos, essa acusação parece repisar a crítica à presença do discurso filosófico nas peças de Eurípides, cujas peças lançam mão de filosofia, retórica e sofística (Cf. Jaeger: 1979, p. 358-383).

Com relação à suposta misoginia de Eurípides, consequência da infidelidade conjugal de sua esposa com Cefisofonte (escravo que o teria, ademais, o ajudado a escrever suas tragédias, como já mencionado), Sátiro recorre semelhantemente a citações das *Mulheres que celebram as Tesmofórias* (v. 390; 546-548) e *As rãs* (v. 944; 1043-4), de Aristófanes. Segundo o comediógrafo, a antipatia era recíproca: a exposição que as tragédias euripidianas fazem dos piores defeitos femininos teria provocado a ira das atenienses. Mas, se em algumas de suas peças há mulheres adúlteras ou violentas – como Melanipa, Fedra, Medeia – em outras tantas, encontram-se mulheres muito virtuosas.

5. A passagem é citada em Diógenes Laércio 2.18 e, como não se encontra no texto das *Nuven*s que chegou até nos, provavelmente fazia parte da primeira versão da peça.

Andrômeda é um modelo de candura; Ifigênia é muito generosa; Alceste e Helena são exemplos de fidelidade conjugal (a esse respeito, cf. Sousa e Silva: 1983, p. 120-122). Num período em que os valores heróicos estavam em franca decadência, Eurípides criou personagens femininas inteligentes e elaboradas. Naturalmente, a comédia se interessa antes pelos vícios, que pelas virtudes. Tal sentimentalidade complexa, deformada deliberadamente pelo comediógrafo, é que provavelmente o consagrou como poeta misógino.

Também a descrição física de Eurípides nas biografias pode ser debitada às comédias de Aristófanes. Como assinala Misener, nas descrições satíricas, os comediógrafos não pretendiam dar informações confiáveis e sim evocar um sentimento de desprezo por traços físicos que sinalizariam falhas de caráter (Misener: 1924, p. 111). Na *Vida e Origem de Eurípides* 12, conta-se que o poeta era barbudo e que teria verrugas sobre os olhos, descrição que retoma claramente o seu retrato esboçado em *As mulheres que celebram as Têsmofórias*, v. 190, e *As Rãs*, v. 1246.

Num processo análogo, a acusação de que o poeta teria mau hálito (na biografia anônima, 28, e em Sátiro, fr. 39 col. XX) seria derivada de alguns versos trímetros de Alexandre da Etólia, citados em Aulo Gélío 15. 20.8: “O protegido do bom Anaxágoras (é), para mim, azedo para se conversar,/ detestando o riso e não tendo aprendido a fazer gracejos nem com vinho,/mas tudo o que escreve tem um sopro de mel e das Sereias.” O poeta, ao dizer que Eurípides era “azedo para se conversar”, provavelmente emprega o adjetivo num sentido metafórico, aludindo ao pessimismo e à gravidade de Eurípides. Contudo, os biógrafos podem tê-lo compreendido literalmente quando incluíram essa passagem nas biografias (ou o fizeram deliberadamente, conservando o humor).

As origens do poeta também parecem ser coloridas pelos insultos de Aristófanes. A mãe de Eurípides Cleito é chamada de verdureira em quatro das cinco biografias. Entre elas, somente a *Suda* discute a veracidade do fato. Na de Sátiro, a única que não menciona a sua “progenitora verdureira”, perdeu-se o trecho que narra o nascimento de Eurípides, sendo assim possível que também fizesse menção às origens “hortaliças”. Há duas prováveis fontes para essa história. Aulo

Gélio cita Teopompo.<sup>6</sup> Mas também encontramos várias referências a Cleito como verdureira em Aristófanes. A primeira delas está nas *Acarnenses* (v. 475-478):

Dicaiópolis – Eurípidzinho, ó mais querido e mais doce, (...) me dê a salsinha que tiver pegado com sua mãe.  
Eurípides – O homem (nos) insulta! Feche as portas das moradas!  
Dicaiópolis – Ó ânimo, sem salsinha devemos passar.

6. Não se sabe se Teopompo seria o comediógrafo do século V a.C. ou o historiador do século IV a.C.

Em seguida, nos *Cavalheiros* (v. 18-20):

Níquiias – Mas não (há) nada de ousado em mim. Como, então, eu gostaria de dizer algo semelhante assim às evasivas do Eurípides!  
Demóstenes – Não! Comigo não! Não seja salsinhante comigo!

Ainda, em *As mulheres que celebram as Tesmofórias* (v. 455-6): “Segunda mulher- Pois conosco, ó meninas, ele faz coisas ruins e e selvagens, /as quais são mais selvagens que as ervas entre as quais ele foi criado.” E, por fim, em *As Rãs* (v. 840): “Ésquilo - (Fala) verdadeiramente, ó filho da deusa hortaliçeira.”

Murray propõe que a piada sobre suas origens volte à tragédia *Melanipa*, em que a personagem que dá nome à peça e sua mãe são autoridades em ervas (Murray: 1946, p. 14). A mãe de Melanipa teria sido confundida com a mãe do autor, e as ervas medicinais seriam substituídas por verduras, com artifício cômico. No verbete sobre Eurípides na *Suda* (E 3695, 2), o autor se refere a uma demonstração de Filócoro, com ares mais históricos que cômicos, que refuta tais rumores e garante que a mãe do tragediógrafo era de uma família muito nobre.

Mesmo depois da morte do tragediógrafo, Aristófanes não abandonou sua campanha difamatória contra Eurípides. Logo em seguida, escreveu as *Rãs*, em que vai buscar o poeta trágico no Hades. Dessa vez, contrapõe Eurípides, representante de uma nova arte poética, a Ésquilo, ícone da antiga arte poética. Cita extensamente as tragédias de Eurípides, para ilustrar suas críticas. Episódios como o de sua traição e de sua impiedade, referidos na peça, são sustentados a partir de analogias entre o poeta e os seus personagens. Algumas dessas passagens serão igualmente incorporadas nos registros biográficos.

## VI. COMENTÁRIOS FINAIS

Nesta introdução, procurei evidenciar tensões entre filosofia e vida, história e ficção, tragédia e comédia na *Vida de Eurípides* de Sátiro. Ao apontar algumas das fontes incorporadas à narrativa, espero ter mostrado como a composição a partir de textos tão diferentes introduz, na biografia helenística, uma riqueza de informações que abrange vida, obra, influência literárias, caráter, fortuna crítica. Tais informações foram adquirindo o estatuto de cultura geral e se cristalizando na apreensão crítica. Contaminaram a leitura da obra do tragediógrafo. O levantamento das fontes permite, assim, elucidar as relações que a biografia antiga tinha com os mais variados gêneros literários.

O estabelecimento dessas relações textuais poderá também favorecer uma compreensão melhor da maneira como a tradição biográfica se transmitiu na Antiguidade. Em versões ulteriores da biografia de Eurípides, essas tensões encontram-se um tanto diluídas. Como sugere Mary Lefkowitz, nas vidas mais tardias as fraquezas do poeta foram enfatizadas, alguns episódios foram duplicados e a composição de fontes variadas resultou em narrativas incoerentes, provavelmente devido ao longo processo de condensação e degradação que pelo qual passou a narrativa biográfica (Lefkowitz: 1981). É por essas e outras que, apesar de seu estado fragmentário e lacunar, a biografia de Sátiro guarda especial interesse no *corpus* das biografias de Eurípides e na formação do gênero biográfico na Antiguidade.

7. Esta tradução foi feita a partir de duas edições do texto grego, publicadas por David Kovacs (1994, p. 15-27) e Tovar (1995, vol. 1). O texto é bastante lacunar, tendo-se perdido uma extensa parte da biografia. Por isso não se encontram nela partes recorrentes nas biografias de poetas, como nascimento, família, formação, produções dramáticas, vitórias em concursos.

8. Na tradução de *lógois*, escolheu-se “discursos” como opção mais neutra, uma vez que a ausência de contexto dificulta a identificação de sentido mais preciso. Kovacs o traduz por “partes em diálogo de suas peças”.

### TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS DA *VIDA DE EURÍPIDES* DE SÁTIRO (PAPIRO DE OXIRINCO 1176)<sup>7</sup>

Fr. 1:

...em outras partes, era mui[to re]tóríc[o n]os discurso[s],<sup>8</sup> sendo] loqu[az e,] para imitar...

Fr. 8, Col. II:

... [rivalizando, m]as também [cresc]eu e a[per]feiçãoou-se de forma a não deixar os seus sucessores ultrapassá-lo. Então, em relação à arte, o homem (foi) assim, e, por isso, Aristófanes deseja medir-lhe a língua,

“Pela qual conformava as palavras l[i]geiras.”<sup>9</sup>

[E, além disso, era] também grande de [al]ma,<sup>10</sup> quase tão grande quanto em seus poemas. [P]ois luta[va], como [já] disse, [. . . .]n n[a] assembleia<sup>11</sup> [c]ontra ...

Fr. 37, Col. I:

... [não] sendo [al]tivo [sobre] as [pr]óprias qualidades, [n]em pela [cen]sura dos [ou]tros humilhando-se. E, em [segu]ida, [admi]r[ou Ana]xágoras<sup>12</sup> [divin]amente ...

Fr. 37, Col. II:

“ ... criança,  
a vo[cê] que se engendrou [por si mesma], a que no éte[r]  
com um disco tendo e[n]trecido a natureza de t[od]os,  
em torno de si tanto o dia, como a [tenebrosa]  
noite fu[lgida e] a multidão con[fusa de a]s[ros]...”<sup>13</sup>

Fr. 37, Col III:

... e, [em O]s [Cretenses?], p[or meio d]a can[ção]:

“[A] si, ó guar[diã]o de t[ud]o, ervas<sup>14</sup>  
e uma l[i]bação<sup>15</sup> lhe trag[o], se Zeus o[u] Hades  
chamar-se,”<sup>16</sup>

Com toda precisão, circunscreveu o universo de Anax[á]goras [em] três perí[odos] e, em outra parte, de certo [modo], at[é] duvid[a] sobre o que preside sobre os céus:

“Zeus, seja a necessidad[e] da [naturez]a, sej[a] a mente dos mortais.”<sup>17</sup>

9. Novo fragmento de Aristófanes. Como aponta Gallo, ao cotejá-lo com um verso das *Rãs* (v. 828), provavelmente Sátiro torna em elogio o que era originalmente uma crítica à arte de Eurípides (Gallo: 1967, p. 139).

10. Observe-se como a apreciação do caráter de Eurípides está imbricada com a valorização de sua arte.

11. O *agón* pode se referir à assembleia, aos jogos e ao local onde se realizavam concursos. Pelo que se sabe da vida de Eurípides, qualquer uma das três acepções faria sentido, pois, além de ter se defendido nas assembleias, ele participou de concursos de tragédia e, na juventude, lutou o pancrácio.

12. Trata-se de referência a um dos autores que influenciou Eurípides: Anaxágoras. Na sequência serão citados outros, como Sócrates (fr. 39, I) e Demóstenes. Nas vidas de poetas e de filósofos, esse é um tema recorrente.

13. Clemente de Alexandria atribuiu estes versos ao sofista Crítias (fr. 19 Diels-Kranz).

14. A menção a ervas nessa passagem pode ser mais um dos elementos que deram origem à lenda de que a mãe de Eurípides era uma verdureira.

15. *Pelanós* era uma mistura de mel, óleo e grãos moídos que se queimava nos altares como oferenda aos deuses e aos mortos.

16. Fragmento 912 Nauck.



Fr. 38, Col. I:

... o mais ... ter esboç[ado] Hércules [bem] como Auge, brotada sobre o que foi mencionado acima, quando diz:

17. *Troianas* 886. Nesta passagem, Sátiro provavelmente introduz uma discussão sobre a suposta impiedade de Eurípides.

18. Fr. 913 Nauck, atribuído à peça *Auge* por Willamowitz. Nele, condenam-se os que duvidam da existência das divindades.

19. Dois fragmentos de Eurípides. O primeiro é também citado de forma abreviada em Plutarco (*Alexandre*, 63); o segundo é novo.

20. Em Estobeu (Flor. 18) encontra-se uma citação da passagem à qual Sátiro provavelmente está se referindo: “Mais forte do que as riquezas não nasceu senão um homem; quem ele é, não direi.”

“Que [sacrí]lego e [de]safortunad[o] (é) o que, contempl[and]o estas coisas, não apren[d]e de antemão a [to]mar sua alma por divina, e (não) lança para lon[ge os retorcido]s ard[is] daqueles com [cabe]ças nas nuvens, [cuja] atre[vida lí]ngua ta[gare]la [sobre as coisas que não] se rev[elam ...”<sup>18</sup>

Fr. 38, Col. II:

... mergulha, havendo de rea[li]zar. Pois a labuta é possível: seja o que for o labutar, está próximo dos que são chamados bons; e, sendo amigo, seja dito amigo meu. Por que vocês, mortais, em vão tendo já [so]frido muitas cois[as], acreditam que, com a riqueza, hão de [al]cança[r] a virtude? E se vocês tiverem alguma rocha do Etna, ou uma pedra encrustada em ouro de P[ar]os que adqu[i]riram nas alcovas dos antepassados? De fato, [e]ntão, não tendo brotado...

Fr. 38, Col. III:

“Além do [Bósfo]ro e do N[ilo] Navegam por riquezas com alegria, através de on[da]s[ma]rinhãs triplas, [con]templando os astros.”  
“Eu poderei [não] gostar que [ve]nha de lon[ge] no exterior, [nem] recebendo algo dourado [do] Istro ou do Bósforo.”<sup>19</sup>

Fr. 39, Col. I:

... pois, tanto o irr[acional] como o racional. [E] caiu em [de]sg[r]aça pera[n]te a] mu[l]tidão, por admi[ra]r Só[cra]tes muitíssimo [mes]mo, como (é) evidenciad[o em] *As Dânaides*, quando, (ao falar) sobre a ganân[ci]a, dentre todos, somente a [el]e, (Sócrates), fez isento (dela).<sup>20</sup>

Fr. 39, Col. II:

... [d]est[e m]od[o]:

“– Mas realizando estas coi[s]as [s]ecretamen[te], a quem você teme?

– Aos deuses que v[e]em melhor que os seres hu[m]anos.”<sup>21</sup>

Diodora<sup>22</sup> – Pode ser que esta suposição sobr[e] os deuses seja [so]crática, pois, na realidade, as coisas invisíveis para os mortais (são) bem visíveis para os imortais.

A – E também a “[mi]sotirania”;<sup>23</sup> e (o ódio [?]) [ à multi]dão e [aos pod]eres [dos pouc]os...

Fr. 39, Col. III:

A – ... ten[d]o [di]to. E, além disso, (não se deve) colocar ne[nhum] dos cidadão[s] nas [e]stre[las] para [alé]m d[a] medi[da, n]em fazer tira[no] e nem dar aos [cid]adãos insignificantes acesso a posições honradas. Pois a maior ferida de uma cidade (é) um mau retor, demagogo que avance além do (seu) valor. Mas então, ó Diodora, sobre a comum [a]bu[lia] dos [a]te[niense]s...

Fr. 39, Col. IV:

“... não desse [m]odo:

mas fazemos uso [d]a malda[de de] outro

[e] acre[di]tamos em tudo que ele disser,

não diz[en]do maldades (nós mesmos), mas faz[en]do m[uitas].

E, em seguid[a], ca[da] um de nós [a]cusa [a] assembleia da qual era (membro).”<sup>24</sup>

Diodora – Também (há) muitas coisas nos poetas cômicos, ao que parece, que são ditas ao mesmo tempo severa e politicamente.<sup>25</sup>

A – Pois como não? Em contrapartida, pelo menos nesse momento, Eurípides novamente conclama os jovens à força e à coragem, lançan[an]do-os contra as investidas dos espartanos e animan[do] a multid[ã]o assim:

“Adquiram, nos tempos vindouros, toda a glória, suportando a [la]buta [durante] todo o dia, nos ânimos, ...”<sup>26</sup>

21. Fragmento novo.

22. A partir deste fragmento, a forma de diálogo surge mais claramente. Provavelmente se dava entre duas personagens: (i) o interlocutor A, quiçá o próprio Sátiro que, a exemplo de Aristóteles, introduziu-se em seu diálogo; e (ii) Diodora Eucleia, uma erudita. A introdução de uma mulher no diálogo é duplamente interessante – é uma resposta à misoginia que se atribui ao tragediógrafo e reflete o maior grau de emancipação intelectual das mulheres no período alexandrino. Alguns autores, como Leo e Hunt, consideram que o diálogo se dá entre três personagens: Diodoro (provavelmente o escritor da Comédia Nova do século IV a.C.), Eucleia, e o terceiro interlocutor não nomeado.

23. O verbo substantivado *tò misotyranneîn*, o odiar os tiranos, é um *hapax* de Sátiro, sendo atestado como adjetivo em Heródoto, Ésquines e Plutarco.

24. Fragmento cômico novo.

25. Sátiro reconhece o papel político sério desempenhado pelos autores cômicos por meio de suas críticas. Sérios ou não, como se discutiu na introdução, todas as biografias de Eurípides incorporaram muito da comédia.

26. Novo fragmento de Eurípides.

Fr. 39, Col. V:

“... Nas [trif]urcações [sor]riem para [você] as tocadoras de flautas.”

“Quem são os magistrados?, perguntaria ao [am]igo.

Você fala dos que cortam as a[sas à] liberdade.”

Ó Pánfilo, jamais tinha considerado que a proprie[dade] (pode) não (ser) riqueza mas (sim) autoridade, [quando, por ventura,] vem a ser?”<sup>27</sup>

27. Novo fragmento cômico. O jogo de palavras entre *ousia* (propriedade) e *exousia* (autoridade) se perde na tradução.

Nisso, de um lado, o pobre ...

28. Esta advertência aos jovens já foi atribuída tanto ao próprio Eurípidés (Leo, Hunter, von Arnim), como a algum poeta cômico (Gerstinger).

Fr. 39, Col. VI:

“...v]aticinando, hostilíssimos [ao] p[a]i que os ger[ou]. Pois tendo surgido um desejo de govern[a]r as m<o>radas, confirm[a]m-se os maiores inimigos dos (que lhe são) mais queridos. As crianças pequenas (são) mais doces para o pai velho.”<sup>28</sup>

29. Gallo assinala que as colunas VII-XXI do fragmento 39 apresentam uma notável correspondência (inclusive de expressões) com a biografia anônima, cuja leitura pode então nos auxiliar na especulação sobre o provável conteúdo das lacunas (Gallo, 1967, f. CXIII).

Diodora – Alguém diria, sem dúvida, pr[o]fetizando so[b]re os mal-conduzidos, que são maioria [ago]ra. Pois estes mesmos anseiam faze[r] as exéqu[ias] do pai rapidamente para as propriedades...

30. Na *Poética* (1454 19-25), Aristóteles discorre sobre as quatro formas de reconhecimento. Considera ser “menos artística e inventiva” a que se dá por meio de de marcas exteriores. Entre seus exemplos, cita o reconhecimento que graças a sinais exteriores ao corpo, como os colares.

Fr. 39, Col. VII:<sup>29</sup>

<do marido> em relação à m[u]lher, do p[a]i em relação ao f[il]ho e do ser[vo] em relação ao s[en]hor; ou as coisas correspondentes às r[evi]ravoltas, às v[i]o]lações das virg[e]ns, às trocas de criancinhas, aos reconhecimentos por meio de anéis e colares.<sup>30</sup> Pois, sem dúvida, são estas coisas que compõem a Comédia Nova, a qual Eurípidés condu[z]iu ao cume, [es]tando Homero no princípio do arranjo dos versos em estilo oral. E Fi[l]êmon, nes[ta] passagem, com [r]azão, testemuh[a] isso sobre ele:

“Eurí[pi]des, este [que] (é) o único ca[pa]z de f[a]la[r], em alguma parte diz ...”<sup>31</sup>

31. Novo fragmento de Filêmon.

Fr. 39, Col. VIII:

32. Entenda-se aqui representação teatral. Uma das acepções do verbo *hypokríno* é “falar em diálogo”, que também caberia nessa passagem.

... em relação à representação<sup>32</sup> de Eurípidés, como faz aqui, acusando Aristogítton por sua maldade:

“– Então o que ele é?  
 – Por Z[eus], um cão do povo, dizem alguns.  
 – De que espécie?  
 – (De uma espécie) tal que, por um lado, não morde os que acusa de serem lobos e, por outro, devor[a] os que diz guardarem rebanhos.  
 – Porventura ele jamais [con]de[nou] alguém (por ser) retor?  
 – (Não), nin[guém].”<sup>33</sup>

33. Demóstenes XXV, 40 (cf. Aristogit. I).

Fr. 39, Col. IX:

... tendo [adqui]rido aqui [mes]mo uma caverna que tem a boca voltada para o mar,<sup>34</sup> e nela passava o dia consigo mes[m]o, sempre meditando alg[o] e escrevendo, tendo simplesmente des[pre]zado tudo que não (fosse) grandioso ou venerável. Pelo [me]nos, Aristóf[an]es diz isso sobre ele, como se tivesse sido convocado (a se pronunciar):

“Ele é {t}a[l] qual c[om]põe o falar (dos personagens)”.

[Ma]s, assist[in]do a uma com[é]dia certa vez, d[iz-se] que...

34. Esta caverna também será mencionada por outros biógrafos. É bem provável que a tradição historiográfica mais tardia a recolha aqui ou em Filócoro. Aulo Gélio cita o último ao mencionar a “caverna pestilenta e horrível” que ele próprio teria conhecido.

Fr. 39, Col. X:

... todos o odiavam: de um lado, os homen[s], por (ser) anti-social; [de outro,] a[s] mulhere[s, em] razão das c[e]nsuras, as nos poemas. E passou por grande perigo por conta de cada um dos sexos. Pois, como já mencionamos, fugiu da pena de impiedade dada pelo demagogo Cléon; enquanto as mulheres conspiraram contra ele durante as Tesmofórias<sup>35</sup> e, reunidas, fo[r]am até o [lu]gar em que, por acaso, ele se encontr[ava d]escansando. [Mas], estando [di]vididas, poup[ar]am o ho[me]m. Primeiro, porque admiravam as Musas ...

35. As Tesmofórias eram festas dedicadas à deusa Deméter, celebradas exclusivamente pelas mulheres. É também o título de uma das peças de Aristófanes que zomba de Eurípidés.

Fr. 39, Col. XI:

... [re]cu[sando] ... um[as às outras labutas] ...v[ergo]nha te[m ...] a mulher [e]xpulsa. Distribuem as casas e guardam as coisas [que vêm pelo] mar de[ntro] das moradas; na ausência de mulheres a casa (não é) nem limpa, nem afortunada. Por sua vez, em relação às coisas dos deuses

36. Este trecho, que faria parte da peça *Melanipa*, também se encontra no papiro Berol. 9772. Há divergências entre as duas citações (*apud* Gallo: 1967, f. CXIII).

37. Aristófanes, *Tesmofórias*, 374-5. Na peça, porém, o nome da mulher que presidia é Timócleia e não Arquicleia, como na citação.

38. Aristófanes, *Tesmofórias*, 335-7.

39. Na defesa de seu sexo, Diodora provavelmente está se referindo à *República*, de Platão.

(pois as considero em primeiro lugar), temos uma parte ma[io]r. Pois, nos templos de Febo, as mulheres interpretam a [men]te de Lóxias e, em torno das fundações sagradas dos te<m>plos [de Dodona] ...<sup>36</sup>

Fr. 39, Col. XII:

“... [a da]s mu[lhe]res. Ar[quic]leia pre[si]dia, Lisi[la] s]ecretariava, Sóstrata falava.”<sup>37</sup>

“Se alguém trama algo ruim contra a população das mulheres ou envi[a] arautos a Eurípide<e aos persas>, [a fi]m de (provocar) algum dano...”<sup>38</sup>

A – Você claramente já adivinhou o que di[g]o e me livrou [de] uma explicaç[ã]o. Irri[to]u-se com o [s]exo (feminino) em razão destas coisas: havia, ao que parece, na c[a]sa dele um rapaz nascido em sua casa, cujo nome (era) Cefisofonte. [Com] ele, então, [s]urpreendeu [su]a própria mulher se por[tan]d[o mal] ...

Fr. 39, Col. XIII:

... tendo sup[or]tado a injúria, como l[em]bra[m], u[r]g[i]u [a] m[u]lher a mor[a]r c[om] o] jovem, [u]ma vez que [e]la (o) pre[fer]ia:

“A fim de que e[st]e n[ão] tenha [a] minha (esposa),” ele diz, “mas eu a dele: pois é justo, se assim eu deseja[r]”.

E, nos poemas, c[on]tinuava combatendo todo o sexo (feminino).

Diodora – Com certeza, risivelmente. Pois por que (seria) mais razoável alguém censurar as mulhe[re]s, por conta da que foi seduzida, do que os homens, por conta do que (a) seduziu? E depois, como dizia Sócrates, [os] mesmos vícios e virtudes [são] encontrados [em] ambos. Mas va[le] e[xa]minar...<sup>39</sup>

Fr. 39, Col. XIV:

... tendo sido ela [acusada] pois ... [de envene[n]ar Histaspes<sup>40</sup> com filtr[o]s. E tendo sido a mulher chamada, quando ela entrou, ao ve[r] seu porte e sua beleza, (Histapes) disse:

“Salve, mulher. Então as [ac]usações e[r]am falsas. Pois você tem o veneno [em] s[eu] r[o]sto e n[os] o[l]hos.”

A - Muito bem, ó mais poderosa dentre todas e, por isso, (chamada) Eucleia, por[q]u[e] tem de memória essas coisas [relativas] aos caracteres e ...

Fr. 39, Col. XV:

... por certo tempo, prevaleceram ao lut[a]r contra os adversários. [E]ntão, para mim, isso [d]eve ser tomado como uma vitória das mulheres. Pois os homens eram inferiores em quanto (dependesse) deles.

A - Provavelmente, ó Diodora. Mas retornemos ao Eurípides novamente, (indo) além destas coisas que são defendidas pelas m[u]lheres. Pois tendo eles se irritado com a costumeira má-vontade dos cidadãos e, ao mesmo tempo, se incomodado por ser associado muit[as] vezes com Acesto[r], Dorilau[,] Mórismo [e] Melântio ...

Diodora - Mas [por] Zeus, de [quem] (são) os nome[s] (que você) [d]iz? São po[eta]s?

A - Poe[tas certamente,] os ...<sup>41</sup>

Fr.39, Col. XVI:

“... tomando Sófocl[es], da pa[rte] de [É]squilo, quanto n[é]ctar ..., um Eurípides inteiro e, em seguida, jogar sal neles, mas lembrando-se contudo que (é) sal (*bálas*) e não tagarelas (*lálas*).”<sup>42</sup>

Diodora – (Estas chacotas) parecem ser de um homem [dentre o]s seus [com]petidores, conforme você disse. Toda[v]ia, o poeta cômico mor[de]u Eur[í]pides maliciosamente também aí.

A – E no inverna[o] [se]guinte, outras [...] . outros ...

40. Sátiro evoca essa referência para contrapor a reação de Eurípides à aceitação de Histaspes da traição de seu marido, o rei persa. Plutarco também relata a história em *Conselho aos noivos*, 141B.

41. Alusão à injustiça que as peças de Eurípides teriam sofrido nos concursos trágicos. Poucas foram premiadas, muitas vezes perdendo para poetas obscuros como os aí listados, desconhecidos de Diodora.

42. Fragmento cômico. O trocadilho entre sal (*bálas*) e tagarelas (*lálas*) se perde na tradução.

Fr. 39, Col. XVII:

43. Eur. Fr. 403 Nauck  
(*Ino*).

“...mora na parte do corpo que (lhe foi) aquinhoada, onde quer que seja,  
nas mão[s, n]as entranh[as] ou junto dos [o]lhos”.<sup>43</sup>

44. O advérbio *kbleuastikos*  
é um *hapax* de Sátiro.  
Como adjetivo é atestado  
em Fílon o Mecânico.

Acrescentou a estes, em zombaria:<sup>44</sup>

“onde quer que, dormindo, a cadela ponha o nariz”.

45. difícil estabelecer se  
Eurípides teria partido  
para a Macedônia para se  
defender das críticas  
mordazes dos comedió-  
grafos ou do processo  
lendário que sofreu por  
impiedade. No âmbito  
dessa biografia, há  
elementos que apontam  
para o processo judicial,  
mencionado também no  
fr. 39, X.

Então, este[s], como eu disse, governavam em favor dos  
muitos. Porém, aquele, conforme o juramento que fez no  
tribunal, renunciou a Atenas.<sup>45</sup>

Diodora – Qual juramento?

A – Neste estásimo, ele foi bem registrado:

“Asas douradas sobre minhas costa[s e] sand[á]lias al[ad]as [das]  
Sereias [estã]o [ajusta]das, [mont]arei [ao éter, a]lto [flutuando,  
misturando-me com Zeus ...”

46. Provável alusão ao  
monarca Arquelau, que  
acolheu Eurípides em seu  
exílio.

Fr. 39, Col. XVIII:

... iniciava as melo[di]a[s]. Ou você não [sabe] que tamb[ém]  
is]to é [o que] el[e] di[z]?

Diodora – Como assim?

A - Dizend[o] “Com Zeus havendo de mistu[ra]r o impulso”,  
alude metaforicamente ao monarca e, <ao> mesmo tempo,  
[au]menta a proeminência do homem.<sup>46</sup>

Diodora – Parec[e-me] falar com [m]a[i]s elegância qu[e]  
verdade.

A – (Essas coisas) estão <aí> para que as apreenda como  
quis[e]r. Mas então, tendo partido, envelheceu na Macedônia,  
sendo tratado com muito honra por parte do senhor. E, em  
relação ao resto, também é l[e]mbrad[o q]ue ass[im] ...

Fr. 39, Col. XIX:

A – Você não falou mal. Pois [nã]o val[e a pena] dizer as (opiniões) dos [a]te[n]{i}enses: estes só apreciaram o poeta de tal porte na velhice, mais tarde do que os macedônios e os siciliotas. Então, conta-se que, quando Nícias avançou com o exército sobre a Sicília e mui[t]os dos atenienses tornaram-se prisioneiros, muitos deles se salvaram graças aos poemas de Eurípides: tantos quantos, guardando (de cor) alguns dos versos, porventura os ensinasse aos filhos dos ... que os capturaram e subjugarão. Assim, t[od]a a Sicíl[i]a ad[mirav]a Eurípides. [E] também [po]r Arquelau ...

Fr. 39, Col. XX:

“... te[m] a boca também ex]tremament[e fedorenta.]”

E ele, r[etrucando,] disse: “Não vai se [ca]lar, ó menino? Qual boca já veio a ser ou poderia vir a ser mais doce [d]{o} que {es}ta mesma? Pela qual passaram tais canções e versos?”<sup>47</sup>

Diodora – Ele se assemelha, conforme você já disse, (a alguém) que foi in[spirado] divin[am]ente pel[o] poeta.

A – Então, estas coisas ocorreram a Eurípides enquanto vivia. Mas, um fim muito difícil e peculiar por acaso (lhe) aconteceu, como relatam os mais velhos dentre os letrados maced[ô]nios.

Diodora – O que con[tam]?

A – Há, n[a] Macedônia, ...

Fr. 39, Col. XXI:

... e intercedeu (por eles). [Mas] algum tem[po] d]epoi[s, acon]tece[u de] Eurí[pi]des estar vagando sozinho num bosque [mais] a[fas]tado da cidade, enquanto Arquelau saía para a caça. Os caçadores estavam fora dos portões quando soltaram os cães filhotes, que foram na frente, enquanto ele[s se d]emorara[m] atrás. Então, [os] cães encontraram Eurípides, que estava só, despedaçaram-no e el[es] (os caçadores) chegaram à cena muito tarde. A partir de então, e ainda hoje, se fala um ditado entre os Ma[c]edônios, o

47. Paráfrase dos versos trímetros de Alexandre da Etólia que se referem à gravidade de Eurípides, “azedo para conversar”, embora seus escritos tivessem “um hálito de mel e das Sereias”. Esses versos são retomados pelo autor da *Vida e Origem de Eurípides* (28) e por Aulo Gélío (8).



48. Sátiro narra o episódio do despedaçamento de Eurípides pelos filhotes da cadela mollosa de Arquelau que fora morta por aldeões. Os aldeões deveriam ter expiado o crime pagando uma multa, mas Eurípides intercedeu por eles, sendo a multa perdoada. Anos depois, os filhotes da cadela teriam vingado a morte da mãe. Por isso, fala-se aqui em justiça mesmo para os cães.

49. Foi adotada a sugestão de Kovacs. Esta coluna oferece ainda assim uma leitura difícil e truncada.

50. Embora possa nos parecer estranha essa alusão a Timóteo depois da morte de Eurípides, sabe-se pela *Biografia anônima* (14) que teria sido ele (ou Tucídides) o escritor do epigrama de Eurípides: “Toda a Hélade (é) um monumento a Eurípides. Mas a terra dos macedônios guarda seus ossos, pois nela recebeu o termo da vida. A sua pátria (era) a Hélade da Hélade, Atenas. Tendo agradado muitas vezes com seus poemas, de muitos recebe elogio.” Sátiro provavelmente esclareceu a relação de Timóteo com Eurípides ao transcrever seu epigrama.

51. Eufemismo para suicídio.

provérbi[o] segundo o qual “H[á jus]tiça mesmo para os cães.” Poi[s, a partir] dos cães <que eram descendentes><sup>48</sup>

Fr. 39, Col. XXII:

... <que foi criticada a obra><sup>49</sup> de Timóteo<sup>50</sup> entre os gregos, em virtude da inovação [n]a mú[si]ca, e que ele estava extremamente desanimado, de sorte que decidira lançar as mãos contra si mesmo.<sup>51</sup> Mais uma vez, somente Eurípides ridicularizou os espectadores, per[ce]bendo como Timóteo era grande em seu gênero, e o encorajou, dirigindo-lhe, assim, discursos os mais incen[t]ivadores possíveis. E, então, teriam co-escrito o proêmio dos *Persas* também e, <com> a vitó[r]ia, imediatamente, Ti[móteu] deix[ou de ser desp[r]e[zado]...

#### BIBLIOGRAFIA

ARIGHETTI, Graziano, “Da Aristotele agli Alessandrini” em *Poeti Eruditi e Biografi*, Pisa: Biblioteca di Studi Antichi, 1987.

ARISTOPHANES, *Aristophanes: vol. 1-3* (trad. de Benjamin Bickley Rogers), Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1982.

ARISTOTE, *Art Rhétorique et Art Poétique* (trad. J. Voilquin e J. Capelle), Paris: Garnier, 1944.

ARISTÓTELES, *A constituição de Atenas*, (trad. de Francisco Murari Pires), São Paulo, Hucitec, 1998.

EURIPIDE, *Tome I–VII* (tradução de Louis Meridier), Paris, Belles Lettres, 1965-75.

GALLO, Italo, *La Parola del Passato*: “La Vita di Euripide de Satiro e gli studi sulla Biografia Antica”, f. CXIII, Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, 1967.

GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*, Amsterdam: J.C. Gieben Publisher, 1988.

JAEGER, Werner, *Paidéia*, São Paulo: Martins Fontes, 1979.

- KOVAKS, David, *Euripidea*, Leiden: E. J. Brill, 1994.
- LEFKOWITZ, Mary, *The Lives of the Greek Poets*, London, Duckworth, 1981.
- MISENER, Geneva, "Iconistic Portraits", *Classical Philology*, vol. 19, nº 2, Abril de 1924.
- MOMIGLIANO, Arnaldo, *The development of Greek biography*, Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MURRAY, Gilbert, *Euripides and His Age*, London: Oxford University Press, 1946.
- PÒRTULAS, Jaume, "Vida y muerte del poeta", *Reyta de Occidente* 158/9, Julho/Agosto 1994.
- SOUSA e SILVA, Maria de Fátima, *Crítica Literária na Comédia Grega*, Coimbra: 1983.
- STUART, Duane Reed, *Epochs of Greek and Roman Biography*, New York: Biblo and Tannen, 1928.
- TOVAR, A.: *Eurípides. Tragedias*. Vol. I, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científicas, 1955.
- UNTERSTEINER, Mario. "Le biografie dei Filosofi: Il Bios". *Problemi di filologia filosofica* (ed. L. Sichirrollo e M. Venturi Femólo). Milano: Cisalpino-Goliardica, 1980.
- VALDÉS, Manuela García, "La lengua grega en la *Vida de Eurípides* de Sátiro": *Emerita: Revista de Linguística y Filología Clasica*, t. LIX, f. 2, p. 359-369, Madrid, 1991.
- VILLARI, Elisabetta, Une hypothèse sur les sources d' Athénée et de la *Vita Sophoclis*: Aristoxène, musicien et biographe: *Revue des Études Grecques* 109/2, 1996, p. 696-706.
- WALBANK, Frank W., *Polybius, Rome and the Hellenistic World*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- WHITTEMORE, Reed, *Pure Lives: The Early Biographers*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988.

Enviado em janeiro de 2014

Aprovado em abril de 2014.

# AUTOBIOGRAFIA DE NICOLAU DE DAMASCO – BREVE APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO

Profa. Dra. Mary de Camargo Neves Lafer\*

\* Universidade de São  
Paulo  
marylafer@hotmail.com

**RESUMO:** A primeira autobiografia da tradição grega de que se tem notícia traz importantes elementos para a reflexão sobre este tipo de *bios*. Neste texto, Nicolau de Damasco (séc.I a.C.) escreve sobre si mesmo em 3ª pessoa, com a provável preocupação de apresentar sua vida com aparente objetividade para que sirva de exemplo moral. Além de uma breve introdução apresentamos a tradução de boa parte dos fragmentos até aqui disponíveis (do *Suda* e do *Codex Turensis*).

**PALAVRAS-CHAVE:** Nicolau de Damasco; autobiografia; literatura e história no período helenístico.

## NICOLAUS OF DAMASCUS' AUTOBIOGRAPHY: SHORT INTRODUCTION AND TRANSLATION

**ABSTRACT:** The first autobiography in Greek Tradition, the one of Nicolaus of Damascus (sec.I BC) conveys important elements for the analytical reflections regarding this type of *bios*. In this text Nicolaus of Damascus refers to himself in the third person, with probable concern of presenting his life as a moral paradigm and of doing it with a certain degree of objectiveness. A brief introduction is followed by the translation of a major part of the existing available fragments contained in *Souda* and in the *Codex Turensis*.

**KEYWORDS:** Nicolaus of Damascus; autobiography; literature and history of the hellenistic period.

## APRESENTAÇÃO

Para esta breve apresentação do historiador Nicolau de Damasco e de seu texto *Autobiografia*, fizemos uso das informações contida nos fragmentos traduzidos, e em dois ou três ensaios de estudiosos contemporâneos, dentre os quais destacamos Ben Zion Wacholder, cujo livro *Nicolaus of Damascus*, de 1962, muito concorreu para a produção deste pequeno ensaio. Realçamos, ainda, por sua contribuição, o trabalho de Édith Parmentier e Francesca Prometea Barone, que introduz a tradução por elas feita no volume *Nicolas de Damas*, em edição bilíngue de 2011. O título completo da *Autobiografia* é: *A respeito de sua vida e sua educação* (*Perí toú idiou bíou kai tês heautoú agogês*), em conformidade com os títulos biográficos do período helenístico. Nicolau teve uma educação aristotélica e foi sempre muito fiel a esta escola, descrevendo as próprias virtudes e as de Augusto de acordo com esses valores éticos. Segundo Arnaldo Momigliano<sup>1</sup> (1971-1986), seu aristotelismo, entretanto, era superficial e ele escreveu muito mais com preocupação encomiástica do que observando os hábitos eruditos dos aristotélicos.

1. Momigliano, A. “De Aristóteles a los Romanos”, in *Génesis y desarrollo de la biografía em Grecia*, 1986.

2. Walcholder, B.Z. *Nicolaus of Damascus*, 1962.

Ao fazer sua autobiografia, Nicolau se preocupou em se distinguir dos perfis encontrados nos *hypomnemata* (ou nos *Commentari de vita sua* dos romanos), concentrando-se em dados familiares, em sua formação e seus princípios éticos, tendo como objetivo dar ao leitor um modelo de vida. Escreveu sobre Augusto e Herodes e, como paradigma do homem ideal, ele escreveu sobre si mesmo. Provavelmente o melhor modo por ele encontrado para apresentar-se aparentando objetividade foi o emprego do pronome de terceira pessoa do singular, excluindo, ao mesmo tempo, qualquer preocupação com o pudor da modéstia,<sup>2</sup> tendo como objetivo, sempre, a edificação moral.

Os fragmentos de sua autobiografia (*Souda* e *Codex Turonensis*) tratam, resumidamente, do seguinte:

F 131 *Suda* Fala de suas origens familiares, detendo-se, principalmente, na figura de seu pai, Antípatros e de sua mãe, Estratonice, evidenciando seus notáveis talentos e sua excelente reputação. O pai foi um grande orador e

encarregado de embaixadas e gestões diplomáticas, sendo aqui apresentado como homem piedoso e observante dos rituais religiosos.

F 132 *Suda* Trata do período de formação de Nicolau, onde se destacam sua paixão pela cultura e seus extraordinários talentos naturais, o que o distinguia dos demais desde tenra adolescência, tendo tido grande frequência das Letras e do conjunto das artes poéticas. Foi grande admirador de Aristóteles e de seus múltiplos conhecimentos. Nicolau, entretanto, não dispunha de seu conhecimento para ganhar dinheiro ou para fazer comércio dele.

F 133 Trata-se de um fragmento muito pequeno, cujo sentido é impossível de ser reestabelecido.

F 134 Este fragmento narra o episódio da inadvertida chegada, à noite, de Júlia, filha de Augusto e esposa de Agripa, em Ílion por ocasião de uma enchente do rio Escamandra, durante violentas tempestades. Júlia e seus acompanhantes correram risco de vida e não foram socorridos pelos locais. Agripa aplicou-lhes uma grande multa, que, a pedido dos penalizados, foi negociada por Herodes, graças à intervenção de Nicolau. A argumentação para conseguir a anistia dessa punição baseou-se no fato de os troianos não terem sido prevenidos sobre a chegada de Júlia e pelo fato de isso ter acontecido à noite.

F 135 Neste fragmento Nicolau relata o afastamento de Herodes da Filosofia e seu novo interesse pela Retórica. Porém, em seguida, o rei interessa-se pela História, sempre com o auxílio do damasceno, a quem Herodes solicita uma obra de fôlego. Nicolau reúne elementos para construir uma obra de História Geral, o que lhe custou um trabalho hercúleo.

F 136 Neste longo fragmento é relatada a expedição que Herodes fez à Arábia sem a autorização de Augusto, fato que provocou uma carta duríssima levada a Herodes pelos embaixadores de Augusto. Nicolau intercedeu em favor do

rei e teve sucesso. Este episódio mostra, exemplarmente, não só a competência de Nicolau na diplomacia, mas também quão grande era a consideração de Augusto por ele. Em seguida são narrados os problemas familiares de Herodes. Uma grande discórdia entre o filho mais velho do rei e seus irmãos mais jovens, que acaba por resultar em uma condenação à morte dos dois. Nicolau, ao voltar de Roma, aconselha Herodes a não matar os filhos e a aprisioná-los em um forte até que o tempo o orientasse melhor. Antípater trama uma conspiração para matar Herodes, que, tendo descoberto o complô, sem pedir orientação a Nicolau, manda matar seus filhos mais moços, acreditando que eles eram os responsáveis. Antípater finalmente descoberto acaba por ser objeto do ódio de todos até dos romanos, nenhum herdeiro de Herodes sobrevive à onda de assassinatos, a não ser o próprio Antípater. Nicolau, escolhido por Herodes, conduz o processo contra o fratricida e ele, julgado, é, por sua vez, condenado à morte. Nicolau foi, então, elogiadíssimo pela brilhante peça requisitória. Em seguida é relatada a morte do próprio rei e após uma insurreição de mais de dez mil e os gregos vencem e Roma designa Arquelaus como o novo rei. Os gregos e os judeus dominados pelos romanos colocam-se contra Arquelaus e Nicolau o aconselha a não contrariar o desejo de liberdade deles. Arquelaus é defendido pelo damasceno e acaba por receber o título de etnarca de Augusto.

F 137 Os princípios defendidos por Nicolau eram aplicados em sua própria vida e acima do dinheiro sua conduta era colocada sempre. Ele tinha uma natureza austera e pouco atraída pelo prazer. Elogiava inúmeras vezes aqueles que levavam uma vida simples e que não eram dependentes dos outros. Não era mesquinho nem avaro. Na juventude como na velhice, ele sempre se pautou pelo esforço e pela coragem.

Conduzia-se com retidão e não se deixava seduzir pelas adulações e julgava sem desprezar as leis. Nicolau nunca se interessou em obter a cidadania de outras cidades, como faziam os sofistas.

F 138 Neste fragmento Nicolau faz o elogio da modéstia. Ele, frequentemente, era censurado por não guardar o dinheiro que recebia dos amigos e também por não conviver com os romanos ricos e poderosos e dedicar o seu tempo para estudar a filosofia. Para ele, o homem melhor era aquele que levava uma vida mais sábia, sociável e generosa; este homem não se deixava aprisionar por nenhuma regra de conduta, a não ser a de sempre indagar as pessoas virtuosas, sendo que estes se encontravam mais entre a gente modesta do que entre os abonados.

F 139 Neste fragmento ele diz que era um mestre generoso, pois dava a seus servidores uma completa educação, tratando-os tão bem quanto a seus amigos.<sup>3</sup>

3. Conforme a nota 46 de E. Parmentier, 2011, aqui Nicolau parece ser um precursor de Sêneca, que escreveu “Vive com teu inferior como gostarias que teu superior vivesse contigo.”

#### TRADUÇÃO DA *AUTOBIOGRAFIA* DE NICOLAU DE DAMASCO

F 131 *Souda*, s.u. Antípatros

– Família –

- (1) Antípatros era o pai de Nicolau de Damasco. Ele e sua mulher, Estratonice, mãe de Nicolau, tinham boa reputação em Damasco por conta de sua sabedoria e do conjunto de seus notáveis talentos. Eram também muito ricos, porém, disso não se vangloriavam minimamente e, mesmo gozando de grande renome, nenhum ganho auferiam disso.
- (2) Antípatros se destacava como excelente em seus discursos, entretanto, longe de prejudicar quem quer que fosse, valia-se deste seu talento para ser útil não apenas a sua comunidade, mas a muitos de seus cidadãos. Ele exercia a Justiça melhor do que qualquer outro e arbitrava um grande número de contendas entre uns e outros de seus concidadãos e, ainda, entre sua pátria e os governos vizinhos; por conta disso, ele obteve o respeito e a consideração de todos. Foi-lhe confiado uma grande quantidade de embaixadas e gestões e ele se encarregou ainda de todas as magistraturas da região.

- (3) Próximo do final da vida, ele apenas recomendou a seu filho, Nicolau, e a seu irmão, Ptolomeu, que, após sua morte, fizessem uma oferenda de incenso a Zeus, conforme ele mesmo havia prometido ao deus. Ao que me parece, ele, desta maneira, mostrava que é necessário ser piedoso e guardar observância em relação aos deuses, sendo isso necessário mesmo àqueles que, próximos do fim, não mais têm esperança de qualquer gozo tirar da vida.

F 132 Souda, s.u. Nikólaos

– Formação –

- (2) Nicolau recebeu uma magnífica educação, graças ao zelo de seu pai, que, ele mesmo, havia se tornado rico e bem afamado por conta de sua educação, a qual ele muito aumentou devido a sua extraordinária paixão pela cultura e também devido aos seus excepcionais talentos naturais. Por isso, antes que tivesse barba, já era bem conhecido na sua pátria, distinguindo-se muito dos jovens da mesma idade. Acima de tudo, exercitou-se nas Letras e e no conjunto da Arte Poética, tendo, ainda, composto tragédias e comédias que alcançaram muito boa reputação. Aumentou de tal forma os seus conhecimentos que desenvolveu competência nos domínios da Retórica, da Música, dos estudos das Ciências e de toda a Filosofia.
- (3) Tornou-se um admirador convicto de Aristóteles e tinha grande atração pela enorme variedade de conhecimentos deste homem; dizia sempre que era grato às Ciências, pois elas detinham grande parte do que necessitava o homem livre, aquilo que útil ao longo da vida e, acima de tudo, e que era adequado tanto à juventude quanto à velhice. Ele dizia também que as Musas eram muitas, segundo a tradição daqueles que escreveram as teogonias, porque muita é a variedade de conhecimentos que se tem e do emprego que deles se faz em cada domínio particular da vida. Ele achava também que exercitar as Musas ou deixá-las de lado, não é o mesmo que praticar ou abandonar os ofícios comuns e que, ao



contrário, um homem comum que as ignore e conheça apenas o ofício dos artesãos, deve ser repreendido. E, certamente, Nicolau não era homem de usar seus conhecimentos para ganhar dinheiro ou para dele fazer comércio.

- (4) Nicolau dizia que a Educação no seu conjunto era como uma viagem, pois em viagem, acontece aos viajantes e também aos que percorrem um longo caminho, de passar uma única noite em um lugar ou de tomar uma refeição em outro, e há também lugares que eles apenas admiram sem, entretanto, desviar-se de seus caminhos quando já estiverem próximos de seus próprios lares. Assim também para percorrer todo o conhecimento é preciso é preciso empregar mais tempo em certos assuntos e menos em outros e aprender o que for necessário, quer seja a totalidade, quer, a parte. Depois, então, aprender o que for necessário para alcançar aquilo que é verdadeiramente o lar primeiro de cada um, isto é, o filosofar.

F 133 Exc.*De Virtutibus I*,p.326,5 (Turonensis, f.222)

– Uma reputação –

< ... > buscando nele, ao mesmo tempo, o filósofo e o homem sem ressentimentos, atraía muito mais honra e benevolência.

F 134 Exc.*De Virtutibus I*, p.326,5 (Turonensis, f.222)

– Nicolau defende os habitantes de Ílion –

Nicolau realizou um feito de grande magnanimidade: a Ílion chegou durante a noite Júlia, filha de Augusto e mulher de Agripa, justamente por ocasião da grande cheia do Rio Escamandra, avolumado por inúmeras chuvas e tempestades. Ela, junto com seus acompanhantes, ao fazer a travessia, correu perigo de vida e os habitantes locais não se deram conta do acontecido. Por causa disso Agripa enfureceu-se ao saber que os habitantes de Ílion não lhes haviam prestado socorro, puniu-os, então com uma multa de cem mil dinheiros. Não podendo prever nem as tempestades nem a vinda da filha de

Augusto, eles não sabiam o que fazer e não tinham coragem de dizer o que quer que fosse a Agripa. Então, indo até Nicolau, que estava presente, pediram-lhe que conseguisse que Herodes fosse seu defensor e protetor. Nicolau, de bom grado, encarregou-se disso, em deferência a essa famosa cidade e transmitiu a súplica ao rei, expondo-lhe o assunto desta maneira: a fúria de Agripa contra esses habitantes era injustificada, uma vez que ele não os havia avisado que enviaria sua mulher até eles e, de sua parte, eles não puderam perceber que ela estava chegando, pois era noite. Por fim, o homem (Herodes) aceita ser protetor deles e obtém o perdão da multa, além de uma carta dispondo sobre esse assunto. Enquanto os habitantes voltavam para suas casas, sem acreditar que conseguiriam o perdão da dívida, Herodes entregava a carta para Nicolau que, por sua vez, partia para Quios e Rodas, onde estavam seus filhos, enquanto acompanhava Agripa na viagem a Paflagônia. Nicolau navegou de Amisos até Bizâncio, de onde ele alcançou Ílion, passando pela Tróade e entregou a carta de perdão da dívida aos habitantes de Ilion, que a ele próprio prestaram muitas homenagens e, mais ainda, ao rei.

F 135 Exc. *De Virtutibus I*, p.327,3 (*Turonensis*, f.222)

– Filósofo e Historiador de Herodes –

Herodes deixou de lado seu antigo amor pela Filosofia (como habitualmente acontece com aqueles que estão em posição superior e se distraem com a quantidade de coisas boas). E foi tomado por uma nova paixão: a Retórica. Daí recorreu a Nicolau para juntos se exercitarem na Retórica e eles juntos, então, nisto exercitaram-se.

Depois, uma paixão pela História assenhorou-se dele; a respeito deste assunto Nicolau teceu inúmeros comentários elogiosos, explicando-lhe que se tratava da maior das ciências da *pólis*, e que era útil a um rei conhecer os acontecimentos e também os atos do passado. Ele, Herodes, direcionou-se para a História com grande empenho, instigando Nicolau para que se ocupasse em realizar uma obra histórica. Nicolau ocupou-se dessa atividade com afincamento ainda maior, reunindo os fundamentos para realizar uma obra de História Geral. Teve um trabalho demorado e árduo; quando o terminou,

comentou que se essa empreitada tivesse sido atribuída por Euristeu a Hércules, ele o teria severamente exaurido. Então, Herodes, indo a Roma para encontrar Augusto,<sup>4</sup> levou Nicolau em seu navio e juntos eles foram exercitando a Filosofia.

4 Augusto não é o nome que aparece em grego e, sim, César (*kaisara*).

F 136 Exc. *De Insidiis*, p.1,3 (*Scorialensis*, ff.74-75)

– Missões políticas e diplomáticas –

(Não traduzido)

F 137 Exc. *De Virtutibus I*, p.327, 18 (*Turonensis*, ff.222-223)

– Princípios éticos –

(Não traduzido)

F 138 Exc. *De Virtutibus I*, p.328,26 (*Turonensis*, f.223)

– Elogio da Modéstia –

(Parcialmente traduzido)

Nicolau era muito repreendido por não guardar a maior parte do dinheiro doado por seus amigos e de passar mais tempo em companhia de pessoas comuns do que com romanos poderosos e ricos.

F 139 Exc. *De Virtutibus I*, p.329, 12 (*Turonensis*, f.223)

– Um Mestre Generoso –

A propósito de seus empregados domésticos, ele lhes proporcionava uma completa educação e como estivessem muito tempo em sua companhia, ele os tratava tão bem quanto a seus amigos.

## BIBLIOGRAFIA

Baslez-Hoffmann-Pernot- L.Pernot (éd.) *L'invention de la autobiographie – De Hésiode à Saint Augustin*, Paris, 1993.

Jacoby, Felix – *Die fragmente der Griechischen Historiker (FGrHist)* E.J.Brill, Leiden, 1986.

Momigliano, A. *Génesis y desarrollo de la biografía em Grecia*, trad. Do inglês por María Teresa Galaz, Fondo de Cultura Económica, México, 1986 (1ª ed. em inglês,1971)

Momigliano, A. “Greco, Juifs et Romains” in *Sagesses Barbares –les limites de la Hellénisation*, trad.do ingles pr Marie-Claude Roussel, François Maspero, Paris, 1980 (1ª ed.em inglês, 1976)

Parmentier, Édith et Barone, Francesca Prometea, tradução e comentários para *Nicolas de Damas- Histoires, recueil de coutumes. Vie d'Auguste et Autobiographie*. Les Belles Lettres, Paris, 2011.

Wacholder, Ben Zion *Nicolaus of Damascus*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1962.

Enviado em janeiro de 2014

Aprovado em abril de 2014

A *VIDA DE AUGUSTO*, DE NICOLAU DE  
DAMASCO: TRADUÇÃO ACOMPANHADA  
DE BREVE INTRODUÇÃO

Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha\*

\* Universidade de Brasília  
sandralu@unb.br

**RESUMO:** A *Vida de Augusto*, de Nicolau de Damasco (séc. I a.C.), é uma das mais antigas biografias de um rei na tradição helenística. Seu valor como fonte para o estudo do gênero *bíos* impõe-se por si só. Neste trabalho, apresento uma breve introdução à primeira metade da obra em sua atual forma fragmentária, assim como uma tradução dos respectivos fragmentos para o Português.

**PALAVRAS-CHAVE:** biografia antiga; *Vida de Augusto*; Nicolau de Damasco.

NICOLAUS OF DAMASCUS' LIFE OF AUGUSTUS:  
SHORT INTRODUCTION AND TRANSLATION

**ABSTRACT:** Nicolaus of Damascus' *Life of Augustus* (sec. I BC) is one of the most ancient biographies of a king in the Hellenistic tradition. Its value as a source for the study of the genre *bíos* stands by itself. In this work, I present a short introduction to the first half of the work in its present fragmentary form as well as a translation of the respective fragments into Portuguese.

**KEYWORDS:** ancient biography; *Life of Augustus*; Nicolaus of Damascus.

1. Cf. HALL, 1923, p. iii.

2. Encontra-se apenas um problema de continuidade na passagem do capítulo 12 para o 13 (entre o final do fragmento 127 e início do 128), em que realmente há prejuízo do sentido, por se tratar de lacuna grande entre os dois fragmentos.

3. Isso se percebe também pela longa extensão do fragmento 127, que contém os capítulos de 3 a 12.

4. HALL, 1923, p. 81 (15, nota 2).

5. Em geral, Nicolau utiliza *Kaïsar* (César) para referir-se tanto a Otávio Augusto, quanto a Júlio César, pressupondo, de certo modo, que o leitor saberá distinguir se está a falar de um ou de outro. Apenas em poucas ocasiões, trata Augusto como “o jovem César” – o que deve ter inspirado o compilador de Constantino a delimitar sua seleção do texto de Nicolau com essa expressão. Na tradução, mantivemos a expressão “o jovem César” para designar Augusto quando em Grego se encontrou *néos Kaïsar*; nas demais ocorrências indistintas de *Kaïsar*, para evitar ambiguidade, utilizamos em Português “Augusto” para um e “César” somente para o outro, Júlio César.

A tradução parcial aqui apresentada da *Vida de Augusto*, de Nicolau de Damasco, baseia-se nos fragmentos reunidos por Felix Jacoby (*FGrHist* 90) sob os números de 125 a 129. A obra completa inclui o fragmento 130, que contém, só ele, dezesseis capítulos; ao todo, é constituída de trinta e um capítulos. Os capítulos de 1 a 15, a seguir traduzidos, provêm todos de uma única fonte – o *Codex Turensis* – e abordam a infância e os primeiros anos da juventude de Augusto. Trata-se de excertos encomendados pelo imperador bizantino Constantino Porfirogeneto (séc. X), sob o título *Sobre Virtude e Vício*. A outra metade dos fragmentos, não traduzidos nesta publicação, são do *Codex Escorialensis*.<sup>1</sup>

No conjunto dos fragmentos que aqui se traduzem, é possível identificar uma unidade da narrativa,<sup>2</sup> como é de se esperar de excertos selecionados a partir do filtro temático “virtude e vício”. Os quinze capítulos desses fragmentos formam um todo coeso,<sup>3</sup> organizado cronologicamente, de acordo com as experiências e os feitos de Augusto durante sua infância e juventude. Nicolau discorre sobre o nascimento e linhagem de Augusto; sua aparência deslumbrante; o cuidado dos pais para com ele; a iniciação às atividades da vida civil na adolescência; a proteção de Júlio César; e a incipiente participação política de Augusto como intercessor junto a César. Apesar de inseridas pelo autor da seleção encomendada por Constantino Porfirogeneto,<sup>4</sup> as seguintes palavras, ao final do capítulo 15, confirmam que, até ali, temos uma unidade temática já no próprio texto de Nicolau: “Fim da história de Nicolau de Damasco e da vida do jovem César”.<sup>5</sup>

Este é, porém, um fim parcial, uma vez que, abstraídas essas palavras, temos a continuidade da *vida* até o capítulo 31, como já foi dito. O fato que atua como marco divisor das duas porções da narrativa é a morte de Júlio César: antes dela, Nicolau apresenta o jovem Augusto ainda à sombra política de César (capítulos de 1 a 15), descrevendo seu comportamento como extraordinariamente exemplar e como que moldado para a liderança que o espera no futuro; logo após a morte do ditador, Augusto obriga-se a iniciar propriamente sua maioridade política para vingar o tio morto, o que culminará em sua ascensão política imediata (capítulos de 16 a 31).

Nicolau (nascido em 64 a.C.) viveu na mesma época em que Augusto (nascido em 63 a.C.) e privou de relações políticas com o imperador (*FGrHist* 90 F 136), tendo desfrutado do ambiente fértil e estimulante para as artes em geral da Roma imperial. Não é de estranhar, portanto, que *A Vida de Augusto* de Nicolau, como se verá, seja um panegírico, um encômio a Augusto, retomando a tradição de *Agésilau*, de Xenofonte (séc. V a.C.), e de *Evágoras*, de Isócrates (séc. IV a.C.), ainda que, com relação a estes, se distinga por tratar de líder político ainda vivo na época do biógrafo. Os primeiros capítulos apresentam o *êthos* do biografado, destacando-o com superlativos e qualidades especiais que já informam o *tópos* da exemplaridade:

F 125 (1): tendo alcançado o mais alto grau de poder e inteligência, este homem governou sobre o maior número de pessoas de que se tem memória

F 126 (2): De fato, sobre esse homem é possível mostrar quão grande era o poder tanto de sua inteligência quanto de sua virtude

Seguindo a orientação peripatética de Nicolau, a seleção de fatos que compõem a *Vida de Augusto* prioriza uma dicotomia do tipo virtude/vício,<sup>6</sup> em que a virtude aparece sempre como característica constante do biografado, em contraponto eventual a vícios de outrem. Talvez por isso a obra tenha sido utilizada para a coleção de excertos de Constantino. Nesse sentido, destoa consideravelmente da biografia homônima de Suetônio, em que há espaço para a descrição de atos violentos de Augusto, bem como referência ao ódio que muitos lhe nutriam (cf. *Vida de Augusto*, Suetônio, 17-19). Quanto à aderência de Nicolau às ideias peripatéticas, Momigliano considera o aristotelismo de Nicolau superficial, ainda que este descreva as qualidades de Augusto segundo a ética aristotélica.<sup>7</sup> Com efeito, o excessivo tom laudatório permeia o texto do início ao fim, o que compromete qualquer princípio de moderação e sensatez, tão caras ao Perípatos, e põe sob suspeição a intenção inicialmente declarada por Nicolau de dar a seu leitor a verdade (cf. F 126: *E eu mesmo narrarei seus feitos, a partir dos quais será possível a todos conhecer a verdade*).

6. Momigliano menciona o interesse dos Peripatéticos em selecionar anedotas – um componente tradicional do gênero *bios* – para ilustrar, em monografias, as virtudes e vícios de certos indivíduos (MOMIGLIANO, 1993, p. 69).

7. MOMIGLIANO, 1993, p. 86.

8. GOODMAN, 1997, p. 38.

9. HALL, 1923, p. iii.

10. Particular ênfase quanto a esse aspecto encontra-se em suas notas aos capítulos 10-12 (HALL, 1923, p. 80 (12 n.1))

11. HALL, 1923, p. 80 (12 n.1). Essa conclusão pode corresponder, realmente, à realidade, se lembrarmos que moedas com a imagem de Augusto apresentavam-no com aparência mais do que humana e enfatizavam o nome César e a origem divina de seu pai, reconhecida formalmente pelo senado e pelo povo romano em 42 a.C. (GOODMAN, 1997, p. 36).

12. MOMIGLIANO, 1993, p. 86.

13. A sistematização dessas diversas classificações, assim como uma crítica às suas limitações, encontra-se em IPIRANGA JÚNIOR, no artigo “Fragmentos e *tópoi* biográficos nos séc. V e IV a.C.”, que integra o presente dossiê.

14. Cf. IPIRANGA JÚNIOR, “Fragmentos e *tópoi* biográficos nos séc. V e IV a.C.”, neste dossiê.

Cogita-se que não só muitas informações da *Vida de Augusto* de Nicolau mas também o tom adotado por ele sejam tributários das memórias de Augusto, publicadas em 25 a.C.,<sup>8</sup> às quais o biógrafo teria tido acesso. Hall considera que elas tenham sido a fonte principal, senão a única, dos capítulos de 1 a 18,<sup>9</sup> e, comparando algumas informações do texto com outras fontes, conclui que determinados fatos mencionados por Nicolau só podem ter sido extraídos das memórias de Augusto, além do próprio viés extremamente encomiástico da biografia.<sup>10</sup> Quanto a esse aspecto, Hall sugere que Nicolau pode ter simplesmente se servido das mesmas palavras encontradas nas memórias de Augusto e invoca os termos nada modestos da inscrição da *Res Gestae Divi Augusti* como possível evidência por comparação.<sup>11</sup>

Por outro lado, considerada por Momigliano o melhor exemplar preservado de biografias de reis da tradição helenística,<sup>12</sup> a *Vida de Augusto*, de Nicolau, revela a recorrência de *tópoi* tradicionais na constituição do gênero *bíos*. Presta-se, com efeito, a diversas classificações propostas por estudiosos do gênero: biografia peripatética, com apresentação cronológica dos fatos e foco nas virtudes morais do biografado (Leo, Klaus Berger); encômio de líder político (Wehrli); biografia contemporânea-definida (Smith).<sup>13</sup> Seguem alguns exemplos de *tópoi* discursivos biográficos encontrados no *bíos* de Nicolau, na esteira do que propõe Ipiranga Júnior para uma classificação mais abrangente dos elementos constituintes do gênero *bíos*:<sup>14</sup>

b) *tópos* relativo a aspectos ou fases da existência – e.g., ascendência/linhagem/origem e nascimento e circunstâncias da infância:

F 126 (2): Por certo, seu pai era Caio Otávio, homem de estatuto senatorial. Seus antepassados, célebres por causa de sua riqueza e seu senso de justiça, legaram-no seu dinheiro quando ficou órfão. Porém, tendo-lhe sido indicados tutores, estes o roubaram.

F 127 (3): Quando morreu sua avó, passou a ser criado pela mãe, Ácia, e pelo marido desta, Lúcio Filipe, que era descendente dos que haviam subjugado Filipe, o Macedônio.



d) *tópos* referente a contextos socioculturais – *e.g.*, o estatuto do herói (filósofo, político, general, homem santo etc.):

F 127 (4): Admirado pelo povo inteiro, pela sua aparência nobre e pelo seu esplendor, [começou a fazer sacrifícios aos deuses], foi inscrito para concorrer a pontífice no lugar de Lúcio Domício, que havia morrido. E o povo, com muito entusiasmo, elegeu-o para essa função. Ele, embelecido com a nova toga e, ao mesmo tempo, com a mais bela honraria, fazia sacrifícios <aos deuses>.

e) *tópos* concernente à paideia – *e.g.*, treino físico e mental e exercícios ascéticos e ligados ao cuidado de si:

F 127 (3): Pois ele exercitava tanto o espírito com as mais belas práticas quanto o corpo com exercícios nobres e de guerra, e mais rápido do que seus mestres ele demonstrava em ações o que tinha aprendido, de modo que com isso também angariava muito prestígio em sua pátria.

F 128 (13): nem partilhava da companhia de jovens embriagados; nem se demorava muito tempo em banquetes depois do entardecer; nem, por outro lado, jantava antes das dez horas, exceto na casa de César ou de Filipe ou de Marcelo, casado com sua irmã – homem muito prudente e dentre os Romanos de mais nobre ascendência.

f) *tópos* diegético – *e.g.*, narrativas de combate e de estratégias de guerra:

F 127 (10): Em seguida, partiu do solo pátrio para a expedição militar, de acordo com as ordens do tio. Pois era assim que chamava a César. E, quando muitos homens ficaram ansiosos para partir com ele por causa da grande expectativa que havia sobre si, após ter afastado a todos, mesmo a sua própria mãe, escolheu os mais rápidos e mais fortes de seus servos e começou a comandar a marcha impacientemente; com incrível velocidade, percorreu o longo caminho e chegou próximo de onde estava César, que já tinha concluído a guerra inteira em sete meses.

A importância do texto de Nicolau para a tradição biográfica, portanto, em que pese seu tom repetitivo de louvor a Augusto, está justamente em ser um dos representantes mais antigos e talvez mais bem acabados, com fragmentos de considerável extensão, do gênero *bíos*, particularmente de orientação peripatética. Sua influência

em autores posteriores é, sem dúvida, uma via de pesquisa bastante frutífera, talvez pouco explorada ainda pelo fato de haver tão poucas traduções disponíveis em línguas modernas, tanto de sua autobiografia quanto de sua biografia de Augusto.<sup>15</sup> Espera-se que a tradução a seguir possa colaborar para minimizar esse problema.

15. Momigliano cogita mesmo ter Nicolau influenciado Plutarco em suas técnicas biográficas (MOMIGLIANO, 1993, p. 86).

16. O título que antecede o fragmento 125 é “Sobre a vida de César, o Augusto, e sua educação”. Optou-se aqui pela denominação tradicional e sintética “A vida de Augusto”, frequentemente utilizada na bibliografia especializada.

17. Segundo Hall, esta nota entre parênteses é de quem recolheu os excertos para Constantino Porfirogeneto (HALL, 1923, p. 76 (1 n.5)).

## A VIDA DE AUGUSTO<sup>16</sup>

### F 125. Sobre a primeira fase da educação de César, o Augusto.

1. Por imposição de sua honra, assim o denominaram os homens; espalhados por ilhas e continentes, com templos e sacrifícios o veneram, bem como por cidades e tribos, em retribuição à magnificência de sua virtude e a seus bons serviços para com eles. Pois, tendo alcançado o mais alto grau de poder e inteligência, este homem governou sobre o maior número de pessoas de que se tem memória, e tornou muito mais distantes as fronteiras da dominação dos Romanos, e deixou em situação extremamente estável não somente os povos de Helenos e Bárbaros, mas também seus desígnios. Primeiro com armas, depois igualmente sem armas, atraindo homens voluntários, por destacar-se por sua generosidade, ele convenceu-os a obedecer-lhe. Quanto a esses homens, antes nem seus nomes eram conhecidos, nem a ninguém tinham sido subordinados, segundo se tem memória, pois foi ele quem subjugou todos quantos habitam às margens do rio Reno e além do mar Jônico e dos povos da Ilíria – chamam-nos Panônios e Dacos. (Veja a obra *Sobre os Bravos Feitos*).<sup>17</sup>

### F 126

2. De fato, sobre esse homem é possível mostrar quão grande era o poder tanto de sua inteligência quanto de sua virtude – por um lado, com base no governo que exerceu em sua pátria, e, por outro, em face de seus serviços como general em grandes guerras tanto locais quanto com outros povos, objeto de debate que se propõe para homens falarem e escreverem, de modo que possam obter renome com belas obras. E eu mesmo narrarei seus feitos, a partir dos quais será possível a todos conhecer a verdade. Mas antes farei uma exposição sobre seu nascimento e linhagem, e sobre seus pais, de quem descendia, e sobre a criação e educação de que usufruiu desde pequeno para tornar-se um tal homem. Por certo, seu pai era Caio Otávio, homem de estatuto senatorial.

Seus antepassados, célebres por causa de sua riqueza e seu senso de justiça, legaram-no seu dinheiro quando ficou órfão. Porém, tendo-lhe sido indicados tutores, estes o roubaram. Ele, evitando processá-los em justa causa, contentava-se com os bens restantes.

#### F 127

3. Augusto, aos nove anos de idade aproximadamente, propiciou aos Romanos um espetáculo nada desprezível, ao mostrar uma habilidade superior de sua natureza em tal idade: discursou para uma grande multidão, provocando muitos aplausos entre os homens. Quando morreu sua avó, passou a ser criado pela mãe, Ácia, e pelo marido desta, Lúcio Filipe, que era descendente dos que haviam subjugado Filipe, o Macedônio. Junto a Filipe, Augusto, como se fosse criado pelo pai, dava sinais promissores e revelava-se altamente apreciado por seus companheiros, os meninos bem nascidos. Reuniam-se com ele em grande número – e não poucos também dos mais jovens que tinham esperança de envolver-se com política. Acompanhavam-no diariamente todos – rapazes, homens, meninos de sua idade –, quer quando ele fosse praticar exercícios equestres, fora da cidade, quer quando fosse visitar seus parentes ou quaisquer outras pessoas. Pois ele exercitava tanto o espírito com as mais belas práticas quanto o corpo com exercícios nobres e de guerra, e mais rápido do que seus mestres ele demonstrava em ações o que tinha aprendido, de modo que com isso também angariava muito prestígio em sua pátria. Cuidavam dele ambos, sua mãe e o marido desta, Filipe, todo dia informando-se, junto aos mestres e tutores que acompanhavam o menino, do que tinha feito ou aonde tinha ido ou como tinha passado o tempo e com quem tinha estado.

4. Durante o tumulto que tomou conta da cidade (49 a.C.),<sup>18</sup> sua mãe Ácia e Filipe enviaram Augusto secretamente para um dos sítios de seu pai na área rural. Augusto começou a frequentar o Fórum quando tinha em torno de quatorze anos, de modo a deixar de lado já a toga pretexta,<sup>19</sup> e a usar a toga sem adereços, marca de seu registro como homem adulto. Admirado pelo povo inteiro, pela sua aparência nobre e pelo seu esplendor, [começou a fazer sacrifícios aos deuses],<sup>20</sup> foi inscrito para concorrer a pontífice no lugar de Lúcio Domício, que havia morrido. E o povo, com muito entusiasmo, elegeram-o para essa função. Ele, embebecido com a nova toga e, ao mesmo tempo, com a mais bela honraria, fazia sacrifícios <aos deuses>.<sup>21</sup> Entretanto, apesar de registrado como homem adulto de acordo com a lei, sua mãe não o deixava sair para fora da porta de casa, salvo para onde ele costumasse ir antes, quando era menino, e o obrigava a manter o

18. Guerra civil provocada por Júlio César em 49 a.C. (cf. *OCD*, p. 1326).

19. Toga branca com barra de cor púrpura usada pelos jovens de famílias patrícias.

20. Texto corrompido.

21. Texto restaurado.

22. Para elucidar a passagem, Hall cita Valesius sobre o costume de jovens e senadores vestirem-se com vestes orientais no tempo de Cícero (HALL, 1923, p. 77, 4 n.7).

23. Como prefeito da cidade, informação que, segundo Hall, parece certa somente em Nicolau, entre outras fontes sobre o fato, e é confirmada, indiretamente, por Estrabão (5, C, 229) e Dio (49, 42), que afirmam que o costume de indicar jovens para essa função foi mantido por Augusto (HALL, 1923, p. 78, 5 n.2). Augusto teria na ocasião dezesseis anos.

mesmo modo de vida ali e a ficar no mesmo quarto de criança. Era homem adulto somente segundo a lei; quanto ao resto, era tratado como se fosse uma criança. E nem um detalhe de sua vestimenta ele alterara, mas continuava sempre a usar as vestes romanas.<sup>22</sup>

5. E costumava ir aos templos nos dias habituais à noite, por causa de sua beleza, porque enlouquecia muitas mulheres com sua bela aparência e com o esplendor de sua linhagem. Mas, quando era alvo de desígnios femininos, não parecia, de forma alguma, fácil de seduzir: por um lado, sua mãe afastava-o de tais circunstâncias, porque o vigiava e não o deixava ir a lugar algum; por outro, porque ele mesmo estava já cauteloso, por estar ficando mais velho. Durante o festival latino, quando também os côsules deviam subir ao monte Alba por causa dos sacrifícios tradicionais, e os sacerdotes sucediam-nos na jurisdição, Augusto sentou-se à tribuna, no centro do Fórum.<sup>23</sup> E vários homens começaram a se aproximar dele por causa da jurisdição; muitos, porém, iam também sem motivo algum, apenas para contemplar o jovem. Pois era digno de ser contemplado por todos. E, sobretudo nessa ocasião, superou-se em honra e majestade.

6. Quando César já tinha subjugado os inimigos na Europa, vencido também Pompeu na Macedônia, ocupado o Egito, e saía da Síria e do Ponto Euxino com a intenção de avançar até a Líbia, para conquistar as demais regiões rebeladas durante a guerra, o jovem César desejou juntar-se a ele na campanha militar, a fim de que também se tornasse experiente em trabalhos de guerra; mas, ao perceber que Ácia, sua mãe, se opunha a isso, aquietou-se sem nada lhe contestar. Da mesma forma, César, o mais velho, por afeição a ele, claramente ainda não queria que ele fosse para a guerra, para que não negligenciasse toda a sua condição física, ao mudar os hábitos de vida de um corpo fraco. Era por isso que Augusto era dispensado das campanhas militares.

7. Quando César, porém, tendo obtido sucesso também naquela guerra, voltou a Roma, após ter perdoado pouquíssimos homens dos que haviam sucumbido como prisioneiros, por não terem aprendido a agir com moderação nas guerras precedentes, aconteceu o seguinte. César, o jovem, tinha relações pessoais de alto grau e amizade com Agripa, tanto por terem sido educados no mesmo lugar, quanto por serem ótimos companheiros. O irmão de Agripa estava com Cato, porque lhe respeitava muito, por amizade, e porque juntos tinham participado da guerra da Líbia, quando então fora tomado como prisioneiro. Augusto queria que ele fosse perdoado, embora não tivesse perdido nada a César; hesitava, por vergonha e também porque via como César

agia em relação àqueles que haviam sido capturados naquela guerra. Então certa vez, criando coragem, fez o pedido e foi bem sucedido. Por causa disso, Augusto ficou muito contente com o fato de ter salvo o irmão de seu amigo. E foi, de fato, elogiado pelos outros, por ter dispensado sua atenção e ter intercedido, em primeiro lugar, para a salvação de um amigo.<sup>24</sup>

8. Logo em seguida, César começou a conduzir as comitivas de honra pelo triunfo na guerra da Líbia e nas demais guerras que travara. E, já tendo adotado como filho ao jovem César, o que este era, de certo modo, também por natureza, por ser de família muito próxima, ordenou-lhe seguir em seu próprio carro de guerra, e enfeitou-o com adereços de general, como se já tivesse sido seu companheiro na guerra. Da mesma forma, nos sacrifícios e procissões para os templos divinos, colocava-o mais perto de si e ordenava aos demais ceder espaço a Augusto. César já recebia honras de imperador, que eram as mais importantes segundo o costume dos Romanos, e era admirado na pátria. O jovem, estando com ele nos teatros e em festas, e vendo que César conversava com ele de modo gentil tal como com um filho, e já com um pouco mais de coragem, quando muitos amigos e cidadãos começaram a lhe pedir que intercedesse junto àquele para obterem, cada um, o que necessitassem, Augusto, observando as boas oportunidades, com todo o respeito, fazia as solicitações e tinha êxito em seus pedidos. E tornou-se bastante estimado por muitos de seus conterrâneos, pois tomava cuidado para não invocar César abruptamente e em momentos inoportunos. E não poucas eram as centelhas do brilho de generosidade e inteligência natural que ele exibia.

9. César, desejando que Augusto se tornasse também experiente na função de presidir a exibição de coros públicos – pois havia dois teatros, o Romano, do qual ele próprio se encarregava e cuidava, e o outro, o Helênico –, confiou-lhe a função com relação a este teatro. E Augusto, empenhando-se seriamente para demonstrar zelo e generosidade, em dias longos e muito quentes, sem afastar-se do posto para lugar algum até que acabasse o espetáculo, caiu doente, por ser jovem e não ter o hábito do trabalho cansativo. Como estava mal, todos ficaram temerosos, angustiados com o fato de que uma tal constituição como a dele pudesse sofrer algum infortúnio – e de todos principalmente César. Por isso, todos os dias animava-o, indo ele mesmo até Augusto ou enviando-lhe amigos e não permitindo que médicos se afastassem dele. Um certo dia, enquanto César jantava, alguém anunciou-lhe que Augusto estava debilitado e que seu estado era

24. Hall, com base em várias outras fontes, ressalta o exagero de Nicolau nessa passagem, já que César, em circunstâncias similares, permitia a cada um de seus subordinados garantir a liberdade de um prisioneiro (cf. HALL, 1923, p. 78, 7 n. 2)

grave. César deu um pulo e foi descalço lá onde o doente era tratado; começou a rogar aos médicos muito emocionado, tomado de angústia, e sentou-se ele mesmo junto ao enfermo. Após reanimá-lo, César encheu-se de alegria.

25. Pompeu havia sido derrotado por César em Farsalo, em 48 a.C. (cf. *OCD*, p. 1216).

10. Quando Augusto tinha se recuperado da doença e escapado do perigo, ainda com o corpo frágil, foi necessário que César partisse em campanha militar em que antes pensara levar consigo também o jovem. Mas este não estava em condições para tanto, por causa da doença que lhe tinha acometido. Assim, César, tendo deixado muitos oficiais seus junto a Augusto, para que este fosse mantido sob cuidados, em regime bem regrado, deu-lhes ordens de que, caso Augusto se fortalecesse, escoltassem-no até ele; e foi para a guerra. Pois o filho mais velho de Pompeu, o Grande, como tivesse reunido grande exército em pouco tempo contra a expectativa de todos, planejava socorrer o pai e lutar para reverter a derrota deste,<sup>25</sup> se possível. Augusto, que havia sido deixado em Roma, em primeiro lugar, cuidou de deixar seu corpo em pleno vigor, e rápido recobrou sua força física. Em seguida, partiu do solo pátrio para a expedição militar, de acordo com as ordens do tio. Pois era assim que chamava a César. E, quando muitos homens ficaram ansiosos para partir com ele por causa da grande expectativa que havia sobre si, após ter afastado a todos, mesmo a sua própria mãe, escolheu os mais rápidos e mais fortes de seus servos e começou a comandar a marcha impacientemente; com incrível velocidade, percorreu o longo caminho e chegou próximo de onde estava César, que já tinha concluído a guerra inteira em sete meses.

11. Ao chegar, porém, a Tarraco, mostrou insegurança para entrar em tamanho tumulto de guerra. Como não encontrara César ali, ficava mais aflito e em perigo. Então, foi para a Ibéria e encontrou César perto da cidade de Calpe. E este, abraçando Augusto como a um filho, porque o tinha deixado doente e o via agora inesperadamente a salvo de tantos inimigos e piratas, saudava-o alegremente. Não o deixava ir a lugar algum e mantinha-o como conviva. César elogiava tanto sua disciplina quanto seu esforço, porque fora o primeiro a chegar dos que haviam partido de Roma; e dedicava-lhe atenção, enquanto ele conversava, para interrogá-lo sobre muitos assuntos, pondo seu raciocínio à prova. E, vendo que era direto, perspicaz e sucinto e que lhe respondia da forma mais adequada possível, afeiçoava-se-lhe e alegrava-se ainda mais.

Depois, foi preciso que navegassem para Cartago Nova. E, tendo sido ordenado a Augusto que embarcasse junto a César, na mesma nau, com cinco escravos, ele, por amizade, fez embarcar também três

companheiros seus além dos escravos; e temia que César, ao saber disso, o reprovasse. Mas aconteceu o contrário. Pois César alegrou-se com o fato de Augusto tratar seus amigos com afeto e elogiou-o por sempre querer ter junto de si homens que seriam observadores de tudo e que se preocupariam com a excelência; e por ele já dedicar, em sua pátria, não pouca atenção a ter uma reputação valiosa.

12. César chegou a Cartago Nova a fim de encontrar-se com quem dele necessitasse. E muitos dirigiam-se a ele – uns, por causa de sua jurisdição, para tratar de questões em disputa com alguns cidadãos; outros, por causa da administração da cidade; e outros, para que pudessem receber os prêmios de guerra por seus atos de coragem. Com estes se encontrou, e um grande número de líderes de outros grupos reuniu-se com ele. Buscam auxílio junto a Augusto os habitantes de Jacinto, porque tinham muitas acusações contra si e precisavam de ajuda. Este os protegeu e, tendo ponderado com César muito bem e abertamente, livrou-os das acusações e mandou-os para casa alegres, celebrando-o em cantos para que todos ouvissem e chamando-o de salvador. Dali em diante, muitos corriam a ele, necessitados de proteção, para os quais passava a ser de grande valia: de uns removía as acusações; para outros conseguia recompensas; e outros ainda conduzia a cargos do governo. E todos comentavam sua cortesia, generosidade e ponderação nos pronunciamentos. O próprio César <sup>\*\*\*26</sup>

26. Lacuna no texto.

## F 128

13. \*\*\* de prata,<sup>27</sup> de acordo com os costumes ancestrais; nem partilhava da companhia de jovens embriagados; nem se demorava muito tempo em banquetes depois do entardecer; nem, por outro lado, jantava antes de dez horas, exceto na casa de César ou de Filipe ou de Marcelo, casado com sua irmã – homem muito prudente e dentre os Romanos de mais nobre ascendência. Pudor – que alguém de tal idade deveria considerar conveniente, pelo fato de ter sido concedido a essa virtude, pela natureza, lugar prioritário em relação às outras – muito claramente e também em ações Augusto manifestava, durante toda a sua vida. De fato, especialmente por causa disso, César o tinha em alta estima – e não, como muitos pensam, somente por causa de seu parentesco. Tinha mesmo antes decidido declará-lo como filho, mas, temendo que se tornasse arrogante com a expectativa de tamanha sorte – o que é do agrado dos que são criados em ambiente próspero – e que se esquecesse completamente da virtude e do modo de vida disciplinado, ocultou sua decisão. Inscreveu-o, porém, como filho em seu testamento, pois não

27. Adoto aqui a leitura restaurada de Mueller: <ar>guroú.

tinha filhos do sexo masculino, e declarou-o herdeiro de toda a fortuna. Mas deixou uma quarta parte do dinheiro com outros amigos e concidadãos, o que mais tarde ficou manifesto.

28. Texto corrompido.

29 Texto restaurado.

14. Augusto pediu a César que lhe concedesse retornar à pátria para ver sua mãe; quando César deu-lhe permissão, partiu. Enquanto Augusto chegava, não longe de Roma, a Janículo, encontrou-o, com um grande número de pessoas, o chamado filho de Caio Mário, que estava ansioso para inscrever-se como membro da família de Augusto e tinha levado consigo algumas mulheres parentes de César, que davam testemunho de sua nobre origem. Contudo, não persuadiu nem a Ácia, nem a irmã desta, a darem uma falsa declaração sobre sua família. Pois [a família]<sup>28</sup> de César era relacionada <à><sup>29</sup> de Mário, mas de fato não havia parentesco algum com aquele jovem. Ele, então, tendo ido atrás do jovem César com uma grande multidão, esforçava-se por conseguir também a confiança deste para sua inscrição como membro daquela família. E muito apoio havia dos cidadãos que estavam com ele, por estarem persuadidos de que ele era filho de Mário. Augusto, em terrível dificuldade a respeito da situação, avaliava o que devia fazer. Pois cumprimentá-lo como parente – que ele não sabia de onde era e cujo parentesco nem sua mãe tinha testemunhado – era difícil, assim como repelir o jovem e a multidão de cidadãos que o acompanhava. Por outro lado, Augusto, tomado de pudor, estava muito constrangido. Assim, afastando o homem, respondeu gentilmente dizendo que César era o líder de sua família e dirigente de toda a pátria e do governo dos Romanos; que o jovem devia ir até César e dar-lhe evidências do parentesco; e que, se o persuadisse, ele teria imediatamente também outros familiares persuadidos; que, do contrário, nenhuma ligação haveria da parte deles com ele; e que, nesse ínterim, antes de César decidir sobre isso, o jovem não se aproximasse dele, Augusto, para buscar uma prova legal de parentesco. Após ter-lhe respondido assim sensatamente, os presentes o louvaram; mas o jovem, ainda assim, o seguiu até a sua casa.

15 a). Quando chegou a Roma, alojou-se perto da casa de Filipe e de sua mãe. E não fazia nada sem os dois, salvo se alguma vez desejasse banquetear-se com alguns dos rapazes de sua idade. Mas isso era raro. Enquanto estava na cidade, o senado declarou-o patricio.

F 129

15 b) O jovem César não bebia e vivia com moderação. Também um outro aspecto extraordinário seus amigos sabiam sobre ele: durante um ano inteiro – nessa idade em que os jovens estão no



seu máximo vigor, sobretudo os abastados –, ele mantivera abstinência dos prazeres sexuais, preocupando-se, nesse período, com sua voz e força física.

Fim da história de Nicolau de Damasco e da vida do jovem César.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOODMAN, Martin. *The Roman World. 44BC-AD180*. London and New York: Routledge, 1997.

HALL, Clayton Morris. *Nicolaus of Damascus' Life of Augustus. A Historical Commentary Embodying a Translation. Smyth College Classical Studies*, IV, 1923, iii-iv, 1-97.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (ed.). *The Oxford Classical Dictionary (OCD)*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. *Fragmentos e τόποι biográficos nos séc. V e IV a.C. Clássica*, presente dossiê.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker (FGrHist)*. Leiden: E. J. Brill, 1986, p. 324-430.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography*. Cambridge, London: Harvard University Press, 1993.

PRIETO, Maria Helena de Teves Costa Ureña; PRIETO, João Maria de Teves Costa Ureña; PENA, Abel de Nascimento. *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

SUETONIUS. *The Lives of the Twelve Caesars; An English Translation, Augmented with the Biographies of Contemporary Statesmen, Orators, Poets, and Other Associates*. Suetonius. Publishing Editor. J. Eugene Reed. Alexander Thomson. Philadelphia: Gebbie & Co., 1889.

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.



## OS FRAGMENTOS DE ARTÁPANO: INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO

Cesar Motta Rios\*

\* Doutor em Literaturas Clássicas e Medievais (UFMG), realiza atualmente pós-doutorado junto ao grupo de pesquisa em Filosofia Antiga da UFMG. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

**RESUMO:** Artápano é personagem consideravelmente inusitado da tradição judaica, justamente por quase completamente desconhecido e não ser unanimemente considerado judeu. Sua obra, contudo, da qual nos restam somente três trechos, deixa vestígios sobre seu projeto literário e o liga inevitavelmente à história das narrativas bíblicas, uma vez que consiste em uma ampliação (e transformação) criativa dos relatos de *Gênesis* e *Êxodo* sobre as vidas de “heróis” hebreus. Esses três trechos são apresentados aqui em uma tradução anotada, que é antecedida por uma introdução, na qual se discutem brevemente questões importantes para uma leitura informada desses fragmentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artápano; Judaísmo; reescrita da Bíblia.

### THE EXCERPTS OF ARTAPANUS: INTRODUCTION AND TRANSLATION

**ABSTRACT:** Artapanus is a considerably peculiar character of the Jewish tradition, since he is almost completely unknown and not unanimously taken as a Jew. His works, of which only three excerpts arrived to our time, however, let leads of his literary project and unavoidably connects him to the history of biblical narratives, because it consists in an creative amplification (and transformation) of the accounts of *Genesis* and *Exodus* on the Hebrew heroes' lives. These three excerpts are presented here in a translation with notes, which is preceded by an introduction, in which important questions are briefly discussed in order to promote an informed reading.

**KEYWORDS:** Artapanus, Judaism; rewritten Bible.

## INTRODUÇÃO

Os fragmentos de Artápano que nos chegaram e que figuram traduzidos aqui foram preservados sobretudo na obra de Eusébio de Cesareia, que os toma, por sua vez, de Alexandre Poliístor. São três pequenos trechos dedicados respectivamente a Abraão (*Praep. Evang.* 9.18.1), José (*Praep. Evang.* 9.23.1-4) e Moisés (*Praep. Evang.* 9.27.1-37). O último deles, referente ao legislador dos judeus, tem uma pequena parte conservada também por Clemente de Alexandria (*Stromata* 1.23.154.2-3).

Não é surpreendente que um texto preservado dessa forma, em pequenas porções e em terceira mão, suscite mais hipóteses que certezas a respeito de suas origens. Além da precária transmissão, outras peculiaridades do texto intrigam: são fragmentos relacionados com a tradição literária judaica, que se referem a eventos acontecimentos que têm o Egito como palco, e escritos por um enigmático autor de nome persa. O fato é que não temos qualquer informação sobre o autor ou sobre as características de sua obra como um todo, nada além dos próprios fragmentos que nos chegaram como seus.

O primeiro desses fragmentos é referido por Eusébio como constando nas *Judaicas* (ἰουδαϊκῶν – *ioudaikoîs*) de Artápano, enquanto os dois seguintes são de *Sobre os Judeus* (περὶ ἰουδαίων – *perì ioudaion*), o mesmo título usado por Clemente para o trecho que conserva. Não obstante, o conteúdo leva a pensar que os três fragmentos sejam parte de uma única obra, que trataria de diferentes personagens da história judaica, com ênfase sobre Moisés (BARBU: 2009, 11).<sup>1</sup> Essa ênfase é sugerida pelo volume da narrativa sobre Moisés preservada por Eusébio e, possivelmente, Alexandre Poliístor. Certamente, contudo, essa diferença quantitativa pode ter sido (em alguma medida) fruto da seleção dos transmissores, e não (somente) da composição do autor.

Esse autor, como assinaí, tem nome persa. Afirma-se que seria do Egito, justamente por referir-se somente aos acontecimentos relacionados com tal região, como se tivesse selecionado da história judaica e da vida dos

1. Daniel Barbu afirma que “não é impossível pensar que as citações feitas ali [em Eusébio/Poliístor] sejam de fato representativas do conteúdo e da estrutura da obra da qual foram tiradas” (BARBU: 2009, 11). Como o conjunto de citações apresenta um trecho menor para Abraão, outro um pouco maior para José e um visivelmente mais amplo para Moisés, de forma crescente conforme a cronologia da narrativa canônica, Barbu sugere que a obra de Artápano se trataria de uma forma de *Vita Mosis* (vida de Moisés), e que os eventos anteriores só figurariam como preparação para a narrativa da história do legislador. De minha parte, embora reconheça que “não é impossível” essa relação direta entre citações e texto fonte citado, ressalto que é incerta, e que conclusões tiradas a partir de tal hipótese deveriam permanecer como possibilidade de reconstrução e não como pretensa descrição da obra perdida.

patriarcas somente o que teria relação direta com seu lugar de residência e de seu público leitor imediato. Por isso Abraão e José figurariam em sua obra, mas não Jacó, que pouca relação tem com as terras do Nilo. Mais uma vez, observo que não me parece seguro deduzir a estrutura completa da obra com base no pouco que temos. As intervenções de Alexandre e Eusébio podem ter sido decisivas em muitos aspectos. Ainda assim, Artápano tem sido reconhecido como habitante do Egito, ou, mais precisamente, como um judeu helenístico habitante dessa região. Inclusive, as modificações que realiza na narrativa canônica não seriam feitas de modo impensado mas com o objetivo único de “prover um contexto histórico para a vida dos judeus no Egito, reforçando sua posição e status ali” (JOHNSON: 2004, 99).

Se a localização geográfica do autor se deve a um (suposto) recorte topológico de sua narrativa, sua inserção no âmbito dos escritores judeus helenísticos, um quase consenso desde o século XIX, se dá pelo fato de se dedicar a contar a história de personagens da tradição literária judaica, expondo seus feitos de modo positivo. Em linhas gerais, a lógica se resume no fato de que se um escritor fala dos judeus, dependendo ainda que em parte da tradição “bíblica” e sem motivação antisemita, ele deve ser judeu. Já o motivo que levava muitos leitores a recusarem a inscrição de Artápano no rol dos judeus reside no fato de que, embora promova uma visão vitoriosa dos patriarcas judeus, seu texto os associa a práticas religiosas não-judaicas e trata o politeísmo de modo pouco crítico. Em linhas gerais, então, um autor não é visto como judeu se não segue uma certa ortodoxia judaica. Em princípio, o problema persiste, porque essa ortodoxia não necessariamente era imperativa no entorno cultural mais próximo de Artápano no tempo em que produziu sua obra. Todavia, não deixa de ser significativa a falta de paralelo em textos de outros escritores judeus helenísticos que chegaram a nosso tempo. Nenhum outro autor apresenta orgulhosamente o legislador do judaísmo – a religião monoteísta (e desprovida de imagens) daqueles tempos – como instaurador do culto de animais no Egito.<sup>2</sup>

2. Uma tentativa de explicação para essa excentricidade do texto de Artápano se embasa na consideração de um contexto apologético para a obra. Artápano estaria se contrapondo a acusações de desrespeito para com os deuses (e até mesmo ateísmo) frequentemente levantadas contra os judeus. Ao estabelecer Moisés como instaurador do cultos aos animais sagrados no Egito, ele desfaria tal acusação (cf. JACOBSON: 2006, 215). Contudo, ainda que essa suposta finalidade apologética seja capaz de suscitar uma harmonia teleológica, a estranheza diante da radicalidade da estratégia arquitetada pelo autor, se considerado judeu, permaneceria por sua remarcada peculiaridade. Collins procura demonstrar que a apreciação de Artápano do culto aos animais não é simples, uma vez que ele apresenta tais deuses como inventados por Moisés, enquanto “não compromete a superioridade do Deus dos judeus” (COLLINS: 1985, 893). Todavia, se a superioridade não é comprometida, a unicidade da divindade e a exclusividade de culto (cf. Dt 4:16ss; Dt 6:4) são certamente abaladas.

3. Em Filon de Alexandria, escritor judeu helenístico que nos legou considerável volume de textos, por exemplo, o culto aos animais é criticado como mais absurdo que as também criticáveis outras formas de politeísmo, uma vez que continha um paradoxo intragável: seres civilizados cultuando incivilizados, racionais cultuando irracionais, líderes, os subalternos (Cont. 9). Em outro trecho, reconhece como natural que os egípcios aceitassem a divinização de seres humanos, por cultuarem até mesmo animais (Legat. 138-139). A atribuição do título de “deus” a animais revela o pouco valor que os egípcios dão ao mesmo (Legat. 164).

Pelo contrário, é comum encontrar críticas ferrenhas a esse tipo de culto.<sup>3</sup>

Então, embora reconheça como em alguma medida *possível* a atual tendência de reconhecer Artápano como judeu, concordo com as ressalvas de Howard Jacobson (JACOBSON: 2006), que colocou novamente em questão a certeza sobre a identidade judaica do autor. Quanto à apresentação positiva de feitos de heróis judaicos, ele observa:

Havia vários “filo-semitas” (por assim dizer) no mundo greco-romano. Nós deveríamos esperar que um filósofo grego insinuasse que o grande Platão era de fato devotor de Moisés? Numênio o fez. Em resumo, uma obra de admiração e louvor a um povo é dificilmente um argumento para o pertencimento do autor a tal povo. E, ainda, esse é o único argumento que pesquisadores realmente usam para sustentar que Artápano era um judeu. (JACOBSON: 2006, 218.)

Quanto à época da produção do texto, ao menos um *terminus ante quem* nós temos ao certo. Artápano precisa ter escrito antes de Alexandre Poliístor para ter sido citado por ele. Ou seja, na segunda metade do século I a.C., a obra de Artápano já circulava e estava disponível a Alexandre, um investigador não-judeu, interessado, entre tantos outros assuntos, na história judaica. Quanto ao *terminus post quem*, há mais dificuldades. Certas semelhanças lexicais entre o texto dos fragmentos e o da *Septuaginta* sugerem, em princípio, que Artápano teria utilizado essa tradução da *Torah*, tradicionalmente atribuída ao período de Ptolomeu II Filadelfo (309 – 246 a.C.), como fonte de sua narrativa. Mas há também diferenças consideráveis entre seu texto e o da LXX, além da possibilidade de que outras traduções do texto mosaico circulassem em grego antes da produção da tradução “oficial” que veio a ser conhecida como *Septuaginta/LXX*. Há, ainda, uma diversidade de hipóteses de localização temporal mais precisa para a obra, elaboradas a partir de uma suposta relação genética e de espelhamento entre o texto e determinados acontecimentos experimentados pelos judeus em reinados de diferentes Ptolomeus no Egito (cf. BARBU: 2009, 16-18; COLLINS: 1985, 890-891). Embora interessantes como exercícios intelectuais, parece-me que essas

propostas não são verificáveis, nem se embasam em evidências suficientes a ponto de ultrapassarem o *status* de hipóteses (e mais: são hipóteses que tomam como pressupostos outras hipóteses improvas, como a autoria judaica do texto).

O fato de pouco sabermos sobre as características da obra ou sobre o autor não torna desinteressante a leitura da narrativa. A bem da verdade, um elemento atrativo desses fragmentos é justamente o potencial que têm para suscitar as mais diferentes leituras. Eles poderiam provir, como entende Jacobson, de um não-judeu interessado na tradição judaica e favorável aos judeus. Por outro lado, é considerável a já comum proposta de se ler Artápano como intelectual judeu envolvido na historiografia competitiva do período helenístico, escrevendo em oposição a Maneto ou outro historiador egípcio semelhante (COLLINS: 1985, 891-892). O autor poderia ser inclusive um judeu que se disfarça de não-judeu, no nome e na forma como se refere a práticas religiosas alheias, como queria E. W. Hengstenberger, com vistas a ser melhor considerado no contexto não-judaico (cf. BARBU: 2009, 6). Mas cobra atenção também a hipótese quase oposta de que o texto reflita o sincretismo da tradição religiosa praticada popularmente e não pensada por um intelectual a partir das tradições letradas (cf. BARBU: 2009, 20-23). E é igualmente mencionável a interpretação de Erich Gruen, que considera Artápano um judeu, porque, segundo ele, “nenhum gentio teria tido motivação para fazer isso [recontar e reescrever histórias bíblicas]” (GRUEN: 2004, 201), um pressuposto um tanto preconcebido e pouco desenvolvido. A diferença no tratamento dado por Gruen aos fragmentos, porém, está no fato de que ele considera que o conteúdo bíblico do texto impede a identidade não-judaica não somente do autor, mas também do público leitor almejado:

Quantos gentios consumiriam escritos de um judeu (mesmo um judeu que usa pseudônimo) que reproduziam ou amplificavam histórias bíblicas que recontavam as proezas dos patriarcas hebreus? Como propaganda, a narrativa ganharia poucos convertidos. Os leitores de Artápano eram, com toda probabilidade, judeus que gostavam de um bom conto. (GRUEN: 2004, 202)<sup>4</sup>

4. Essa ideia de que não se podia esperar que gentios se dedicassem à leitura de obras relacionadas à tradição judaica não é consistente. Além de evidências literárias, inclusive arroladas por Jacobson no artigo supracitado, deve-se considerar que a existência de numerosas conversões ao judaísmo na Antiguidade (FELDMAN: 2006) atesta a existência de um interesse dos não-judeus pela tradição judaica. Esse interesse, que resultava em conversões em muitos casos, em mais casos ainda resultaria em uma busca pelo conhecimento a respeito das origens daquela tradição. Os judeus, ainda que não fossem proselitistas, também não guardavam seus textos em segredo, mas informavam os que se aproximavam com curiosidade (cf. COHEN: 2010; ORRIEUX; WILL: 1992; DONALDSON: 2007). Cabe observar que, depois da publicação do artigo de Jacobson, Erich Gruen volta a utilizar-se de Artápano como autor judeu. Na ocasião, reconhece certo valor no referido artigo, inclusive acatando o argumento de que a identidade judaica não é atestada simplesmente pela visão positiva dos judeus, mas refere-se ao trabalho criativo a partir das fontes escritas para concluir que “um público leitor culto e perspicaz para tal obra incluiria *poucos* gentios” (GRUEN: 2011, 326). Pois bem, seria essa quantidade reduzida de um público leitor real e realmente apto

a ler um texto um parâmetro para a possibilidade de surgimento desse texto em determinado contexto na Antiguidade?

5. Considere-se também GRUEN: 2002, 160.

6. Como especulação, parece-me sensato imaginar que, ainda na Antiguidade, um leitor judeu informado teria duas possíveis reações a esse texto. Se o levasse a sério e fosse zeloso com sua tradição religiosa, provavelmente o acusaria de desvirtuado. Por outro lado, mesmo sabendo das variações, poderia divertir-se de modo semelhante ao de um leitor atual, que se entretém com adaptações de personagens históricos com elementos de diferentes épocas e dados deliberadamente fora de lugar. Se ao menos uma parte dos judeus não fosse capaz de se divertir com a história dos patriarcas contada de forma não tão precisa, obras como a *Eksagoué* de Ezequiel não seriam concebíveis.

7. O termo só aparece em Artápano, pelo que se supõe que ele o tenha cunhado.

8. A ida de Abraão ao Egito é narrada em Gn 12:10-20. O fato de ele ter ido ao Egito é praticamente a única concordância entre a narrativa canônica e a de Artápano. No mais, as histórias narradas não têm correlação, a não ser pelo fato de que em ambas o patriarca parece gozar do favor do governante egípcio.

Contudo, no *Gênesis* o motivo do privilégio é um tanto reprovável: Abraão finge que sua esposa é sua irmã, de modo que o

Gruen, então, propõe que os fragmentos sejam lidos como fruto de um escritor criativo, dedicado à produção de contos sem qualquer pretensão apologética, séria ou historiográfica destinada a um embate com intelectuais não-judeus, mas sim destinados ao prazer de leitores judeus, contendo aspectos fortemente jocosos inclusive.<sup>5</sup>

Ao leitor da presente tradução caberá discernir entre as diferentes possibilidades aquela que lhe parece mais razoável. Nas páginas que seguem, Abraão será professor de astrologia do Faraó, José solicitará ajuda dos Árabes para que o levem ao Egito (e não será vendido como escravo pelos irmãos, como em Gn 37:27-28), e Moisés será professor de Orfeu e chamado de Hermes pelos sacerdotes egípcios. Ainda que o texto em si não tenha sido composto com fins de deleite, como quer Gruen, ele certamente possibilita não somente uma leitura interessada em desvendar com exatidão ou razoabilidade seus dilemas, mas também uma apreciação diversa e (por que não?) divertida, pela degustação dos detalhes que oscilam entre semelhanças e diferenças, e passeiam entre diferentes tradições (a saber, grega, egípcia e judaica).<sup>6</sup>

## TRADUÇÃO

### FRAGMENTO 1 (*PRAEP. EVANG.* 9.18.1)

1. Artápano diz nas *Judaicas* que os judeus eram chamados *hermiuth*,<sup>7</sup> o que seria “judeus” traduzido para a língua helênica; mas que se chamaram hebreus a partir de Abraão. E diz que este foi ao Egito,<sup>8</sup> para junto do rei dos egípcios, Farethothes,<sup>9</sup> e lhe ensinou a astrologia. E que, tendo permanecido ali por vinte anos, partiu novamente para as regiões da Síria. E que, dentre os que haviam ido com ele, muitos permaneceram no Egito por causa da prosperidade do país.<sup>10</sup>



FRAGMENTO 2 (*PRAEP. EVANG. 9.23.1-4*)

1. Artápano diz em *Sobre os Judeus* que José era descendente de Abraão, filho de Jacó. Ao superar os outros em inteligência e entendimento, foi vítima de um plano tramado pelos irmãos. Tendo previsto o levante, pediu aos vizinhos árabes que o levassem ao Egito. Eles fizeram o solicitado, pois os reis dos árabes são descendentes de Israel,<sup>11</sup> filhos de Abraão, irmãos de Isaque.

2. E tendo ido ao Egito e tendo sido apresentado com recomendações ao rei, tornou-se administrador de todo o país. Antes, os egípcios se ocupavam da agricultura de modo desordenado, pelo fato de o país não ser dividido. Então, os mais fracos eram tratados com injustiça pelos superiores. Ele foi o primeiro a dividir a terra e demarcá-la com fronteiras. Muita terra que era deixada estéril ele tornou cultivada, e algumas das aráveis ele concedeu aos sacerdotes.

3. Ele também inventou as medidas.

E por essas coisas foi grandemente amado pelos egípcios. Casou-se com Assenete, filha do sacerdote de Heliópolis,<sup>12</sup> a partir da qual gerou filhos. Depois dessas coisas, vieram até junto dele tanto seu pai quanto seus irmãos trazendo muitas propriedades, e foram estabelecidos na cidade do Sol e em Saís.<sup>13</sup> E os sírios se tornaram numerosos no Egito.

4. [Artápano] diz que esses chamados *hermiuth* fundaram o templo em Athos e em Heliópolis. Depois disso, morreram José e o rei dos Egípcios.

Então, sendo governante do Egito, José reservou o trigo de sete anos, que era abundante em cada colheita, e tornou-se senhor do Egito.<sup>14</sup>

FRAGMENTO 3 (*PRAEP. EVANG. 9.27.1-37*)

1. Artápano diz em sua obra *Sobre os Judeus*: Tendo morrido Abraão e seu filho Mempasstenot,<sup>15</sup> e igualmente também o rei dos egípcios, a dominação passou para o filho dele Palmanothos. 2. E este agiu mal para com os judeus. Antes, havia edificado Tessan,<sup>16</sup> e ali estabelecido o templo, e, em seguida, construído o templo em Heliópolis. 3. Ele gerou uma filha, Mérris, a qual ele prometeu em casamento

Faraó a toma como mulher e retribui com notáveis propriedades.

9. O nome não é identificado com o de nenhum rei egípcio conhecido. Pode tratar-se de um nome real, variante de "Faraó", utilizado como se fosse nome próprio (cf. BLOCH: 2009, 26). Pode, de fato, derivar da mesma raiz de Faraó com a adição do nome divino Thoth, mas não necessariamente se trata de um nome ficcional como quer COLLINS: 1985, 897).

10. A permanência de pessoas ligadas a Abraão no Egito não é mencionada ou sugerida pela narrativa canônica. Essa tradição favorece a concepção de uma inter-relação precoce entre judeus e egípcios, e da antiguidade da presença judaica naquelas terras.

11. Sugere-se que o texto foi corrompido por erro de um copista, que teria trocado *Ismael* por *Israel* (cf. COLLINS: 1985, 897; BLOCH: 2009, 27). De fato, como os árabes são tidos como descendentes de Ismael já na narrativa bíblica, assim o texto traria um sentido mais harmônico.

12. No texto bíblico, Heliópolis é chamada de On (cf. Gn 41:45).

13. Na narrativa canônica, a localidade em que se instalaram Jacó e os seus é chamada Gessen (Gn 45:10).

14. Essa última frase parece mal colocada ao final do trecho, o que suscitou a hipótese de que não se tratasse do texto de Artápano mesmo, mas de

acrécimo de Alexandre Poliistor (cf. BLOCH: 2009, 29).

15. Visando maior harmonia com a cronologia da narrativa canônica, Collins apresenta a hipótese de que o nome “Abraão” tenha sido colocado no lugar do de “José” possivelmente por Poliistor. Mempassthenot seria, nesse caso, nome de um filho de José e Asseneth. Como alternativa, Collins sugere que o correto seria “Jacó” no lugar de “Abraão” e que Mempassthenot esteja no lugar do nome dado a José pelo Faraó em Gn 41:45, Safanet-Fanec, na *Septuaginta*, ψονθομφανηχ (COLLINS: 1985, 898). Bloch sugere, por sua vez, que o nome seja forjado com vistas a se assemelhar a nomes faraônicos (BLOCH: 2009, 29). Essa referência a um filho de nome desconhecido para a narrativa canônica me sugere que o fragmento a respeito de Abraão (se mantivermos o nome como possível aqui) possa fazer parte (ou resumir) um trecho maior da obra de Artápano. Isso nos faria suspeitar de nossa capacidade de reconstrução hipotética da estrutura do texto original.

16. Com Bloch, sigo os manuscritos (e não a correção por *te Saïn* de Mras), considerando que se trataria de uma transliteração do nome Tanis (BLOCH: 2009, 29). Não obstante, considerando que o nome Tanis (do hebraico תַּנִּיִּס – *tsó’an*) é transliterado justamente como Τάνις na LXX, considero também plausível, tanto pelo sentido quanto pela forma,

para um certo Khenefres, que era rei das terras além de Méfnis; pois naquele tempo muitos reinavam sobre o Egito. Essa filha, sendo estéril, tomou para si o filhinho de um dos judeus, o qual era chamado Moisés.<sup>17</sup> (Mas pelos gregos, quando se tornou homem crescido, foi chamado Museu.) 4. Esse Moisés foi professor de Orfeu.<sup>18</sup> Tendo se tornado homem crescido, muitas coisas úteis transmitiu aos seres humanos, pois inventou as embarcações, máquinas para colocação de pedras, os armamentos egípcios, instrumentos de irrigação e batalha. E ainda dividiu o país em 36 distritos, e a cada uma das províncias definiu o deus<sup>19</sup> a ser cultuado, bem como as letras sagradas aos sacerdotes, e também que seriam gatos, cães e íbis. E determinou também para os sacerdotes um lugar especial. 5. Ele fez tudo isso com vistas a resguardar firme a monarquia para Khenefres. Pois, antes, estando as multidões desorganizadas, ora expulsavam, ora estabeleciam reis; muitas vezes as mesmas multidões, mas algumas vezes multidões diferentes. 6. Então, por isso, Moisés foi amado pelas multidões e, considerado digno de honra igual a de um deus, pelos sacerdotes foi chamado “Hermes”, por causa da interpretação<sup>20</sup> das letras sagradas.

7. Ao ver a excelência de Moisés, Khenefres o invejou, e procurou destruí-lo por meio de uma causa razoável.<sup>21</sup> Assim, quando os etíopes fizeram guerra contra o Egito, Khenefres supôs ter encontrado o momento conveniente para enviar Moisés contra eles como general com uma hoste. E designou-lhe uma multidão de agricultores supondo que ele seria facilmente morto pelos inimigos por causa da fraqueza dos soldados. 8. E tendo ido à província chamada Hermopolites com cerca de dez dezenas de milhares de agricultores, ali acampou. E enviou generais que ocupassem a região adiante, os quais obtiveram notáveis vantagens em cada batalha. [Artápano] diz que os Heliopolitas afirmam que essa guerra durou dez anos. 9. Então, os homens de Moisés, por causa do tamanho do exército, estabeleceram uma cidade nesse lugar, e nela erigiram a íbis em dedicação, pelo fato de que ela aniquila os animais que ferem os seres humanos. E a chamaram cidade de Hermes.

10. É assim, pois, que os etíopes, mesmo sendo inimigos, tiveram afeição por Moisés, de modo que, inclusive, aprenderam com ele a circuncisão das partes pudendas. E não somente eles, mas também todos os sacerdotes. 11. Quando a guerra terminou, Khenefres recebeu Moisés favoravelmente com palavras, enquanto que com ações tramava [contra ele]. Tendo retirado dele as multidões, enviou alguns para as fronteiras da Etiópia com vistas a montarem guarda, aos outros mandou destruírem o templo da cidade de Zeus, construído com tijolos queimados, e construir outro de pedra, escavando a montanha mais próxima. Ele colocou Nakherota como superintendente da construção.

12. E tendo ido junto com Moisés a Mênfis, inquiriu-lhe se havia alguma outra coisa útil aos seres humanos. E [Moisés] disse: “A raça dos bois, pelo fato de que a terra é arada com eles.” E Khenefres, tendo chamado o touro Ápis, mandou as multidões estabelecerem seu templo, e mandou que, trazendo ali os animais que haviam sido declarados sagrados por Moisés, os sepultassem, querendo ocultar os pensamentos de Moisés. 13. Quando os egípcios mostraram aversão a ele, fez com que os amigos jurassem não anunciar a Moisés a trama arranjada contra ele, e propôs os que haveriam de matá-lo. 14. Como ninguém obedecia, Khenefres censurou Kanethothes, o que mais havia sido incitado por ele. O censurado consentiu com o atentado, para quando tivesse oportunidade.

15. Por esse tempo, quando Mérris morreu, Khenefres incumbiu Moisés e Khanethothes de sepultarem o corpo, depois de levá-lo a um lugar além do Egito, supondo que Moisés seria morto por Khanethothes. 16. Mas enquanto eles estavam a caminho, um dos que sabiam anunciou a Moisés a trama. Guardando-se, sepultou Mérris, e o rio e a cidade que há ali chamou de Meroé. E essa Mérris foi honrada pelos locais não menos que Isis.<sup>22</sup>

17. E Arão, irmão de Moisés, tomando conhecimento da trama, aconselhou o irmão a fugir para a Arábia. Convencido, tendo navegado desde Mênfis pelo Nilo,

a sugestão por Γεσην, que Strugnell fez em particular a Collins (COLLINS: 1985, 898). Quanto ao conteúdo, a proposta é favorecida por ter sido essa região um centro da presença israelita no Egito conforme o *Gênesis*. A menção serviria de preparação para o prosseguimento da narrativa, que contaria a libertação das multidões de israelitas do Egito. Quanto à forma, é considerável a possibilidade de confusão entre o *tau* e o *gama* no alfabeto grego uncial, o que seria simples e praticamente suficiente para a transmissão do termo *Tessam*.

17. Não há, como se vê, qualquer menção à perseguição sofrida pelos israelitas. Moisés não é adotado em meio a uma mortandade de infantes. E outros motivos para adoção não são apresentados do lado da família hebraica que abre mão de seu filho, mas somente do lado da filha do faraó, que seria estéril, algo não mencionado, por outro lado, na Bíblia hebraica.

18. A identificação entre Moisés e Museu aparece também em trecho de Numênio citado por Eusébio no mesmo livro (*Praep. Evang.* 9.8). A proximidade fonética certamente favoreceu a associação entre Moisés e Museu, mas Artápano não quer reproduzir a ordem conhecida da tradição grega, que tem Orfeu como mestre de Museu. Portanto, trata de invertê-la. Colocando Moisés como instrutor de Orfeu, ele faz com que o herói judeu seja responsável não somente

pela cultura egípcia, como narra, mas também pela grega/helenística.

19. A leitura mais imediata me sugere que Moisés teria definido um deus a ser cultuado em cada localidade. Reconheço, contudo, a partir de nota de Bloch, que poder-se-ia tratar de uma ambiguidade proposital, com “o deus” podendo referir-se ao deus do monoteísmo judaico exclusivamente (que seria cultuado em cada um dos lugares) ou como na leitura que proponho, um deus para cada (BLOCH: 2009, 31).

20. Em grego, ἑρμηνείαν – *hermeneían*.

21. Com esse desenrolar, que faz lembrar a narrativa canônica de Saul e Davi, Artápano obscurece da narrativa qualquer referência à deterioração da relação entre os povos (judeus e egípcios) como grupos. O motivo da saída de Moisés do centro do poder e do Egito não será mais o sofrimento de seu povo de origem (cf. Ex 2:11), mas uma intriga pessoal.

22. Tal Mérris é desconhecida da história. Ao que parece, Artápano sugere que o nome de Meroé se deve a ela. Nessa localidade, Isis era de fato cultuada, motivo pelo qual a comparação é feita.

23. Localizado imediatamente antes da fuga para a Arábia, o assassinio desse egípcio por parte de Moisés parece reproduzir o narrado em Ex 2:12. O contexto e a cena são, contudo, completamente diferentes. Inclusive, embora do

escapou para a Arábia. Mas Khanethothes, inteirado da fuga de Moisés, espreitava como haveria de matá-lo. 18. E, ao vê-lo chegar, desembainhou o sabre contra ele, mas Moisés antecipando-se, segurou sua mão e, desembainhando a espada, matou Khanethothes.<sup>23</sup> 19. Então, debandou para a Arábia, e habitou junto com Ragüel, o governante daqueles territórios, tomando [como mulher] a irmã dele.

Ragüel quis fazer guerra contra os egípcios, querendo restaurar a Moisés e preparar um reino para a irmã e o genro. Mas Moisés o dissuadiu, pensando em favor dos de seu próprio povo.<sup>24</sup> Ragüel conteve os árabes de fazerem guerra, mas comandou assaltarem o Egito.

20. Por volta desse mesmo tempo, também, Khenefres morreu, sendo o primeiro de todos os seres humanos a ter elefantíase. Ele caiu nesse sofrimento por ordenar os judeus a se cingirem de veste de linho, e a não se cobrirem com vestimentas de lã, de modo que, estando bem identificáveis, fossem castigados por ele.<sup>25</sup>

21. Moisés fez uma prece a Deus, para que daquele momento adiante os povos cessassem de sofrer males. Quando Deus se mostrou propício, de repente – diz – um fogo se acendeu desde a terra e queimou não havendo no lugar nem madeira nem algum outro tipo de lenha.<sup>26</sup> Moisés, temendo o que se sucedia, fugiu. Mas uma voz divina disse a ele para fazer guerra contra o Egito e, libertando os judeus, conduzi-los para a antiga pátria.

22. Tendo se enchido de coragem, determinou-se a conduzir uma força bélica contra os egípcios. Mas, primeiro, foi para junto de Arão, o irmão. O rei dos egípcios, inteirado da presença de Moisés, chamou-o para junto de si e inquiriu o motivo de haver ido para lá. Ele disse que o senhor do mundo lhe havia ordenado livrar os judeus.

23. Inteirado, lançou-o na prisão. Mas, ao cair da noite, todas as portas da prisão se abriram por si mesmas, e alguns dos guardas morreram, enquanto outros caíram de sono e tiveram as armas quebradas.

24. Tendo saído, Moisés foi aos aposentos reais. Encontrando as portas abertas, entrou e, lá dentro, como os guardas estavam adormecidos, despertou o rei. Aterrorizado pelo sucedido, este mandou Moisés dizer o nome do deus que o havia enviado, zombando dele.<sup>27</sup> 25. Inclinando-se para perto do ouvido [do rei], [Moisés] disse. Ao ouvi-lo, o rei caiu afônico, mas ao ser sustentado por Moisés novamente reviveu.<sup>28</sup>

26. Tendo escrito [o nome] em uma tabuinha, a selou, e um dos sacerdotes que tratou com desdém as letras escritas na tabuinha morreu com uma convulsão.

27. E o rei disse que lhe fizesse algum sinal. Jogando o cajado que levava, Moisés fez uma serpente. Enquanto estavam todos assustados, aproximando-se, agarrou-a pela cauda e novamente se fez cajado. 28. Um pouco depois, golpeou o Nilo com o cajado, e o rio se tornou por demais caudaloso e inundou todo o Egito. – Desde então, passou a acontecer a sua “cheia” – Tendo se acumulado, a água passou a feder, os animais fluviais foram dizimados, e os povos pereceram por causa da sede.

29. Depois de terem ocorrido essas maravilhas, o rei disse que depois de uma lua liberaria os povos, caso restaurasse o rio. E Moisés, golpeando a água novamente com o cajado, diminuiu a corrente.

30. Depois disso acontecer, o rei chamou os sacerdotes de além de Mênfis e disse que os mataria e destruiria o templo caso eles também não operassem alguma maravilha. Nesse momento, por meio de alguns encantos e feitiços, fizeram uma serpente e mudaram a cor do rio.

31. Tendo se tornado insolente com o ocorrido, o rei maltratou os judeus com todo tipo de vingança e castigo. Vendo isso, Moisés realizou outros sinais. E golpeando a terra com o cajado, liberou um animal alado para afligir os egípcios, e todos tiveram chagas nos corpos. Os médicos não podiam curar os doentes. Assim, novamente, aconteceu de os judeus receberem suavização no tratamento.

ponto de vista cronológico haja alguma relação, do ponto de vista funcional a cena aqui tem uma coloração diferente. No relato do *Êxodo*, é a morte do egípcio que desencadeia a fuga. Em Artápano, Moisés já está em fuga, por outro motivo, e sendo perseguido pelo egípcio que é assassinado.

24. Essa atitude de Moisés se contrapõe à história narrada por Ápion e Kheremon (cf., de Flávio Josefo, *Apion* I.264; I.291-292).

25. A punição de um governante por meio de enfermidades terríveis é um tema recorrente (cf. 2Mc 9:9 e At 12:23).

26. No Êxodo, o milagre reside no fato de o arbusto não se queimar. Aqui, no fato de não existir arbusto ou coisa parecida. Um episódio tão presente na tradição hermenêutica judaica não poderia ser mudado por lapso por alguém experiente nos textos dos judeus. Ou Artápano o altera deliberadamente ou o conhece de modo precário. Embora a primeira opção seja bastante plausível, a segunda não é impossível.

27. É difícil compreender como o rei pode estar aterrorizado e, simultaneamente, querer zombar de Moisés (ou do deus de Moisés). Talvez seu terror se deva somente ao fato de Moisés estar ali a despertá-lo. Ele teme, mas sua posição de poder ainda lhe permite zombar do inferior que lhe oferece ameaça. Moisés havia dito que o “senhor do mundo”

lhe mandara livrar os judeus. Ele duvida e quer saber quem é o tal “senhor do mundo”.

28. Esse é o episódio preservado também por Clemente de Alexandria, que se encontra traduzido em seguida.

29. Aqui se encerra a narração das pragas, que no texto de Artápano não são dez como no *Êxodo* e, ademais, diferem em diversos pontos das descritas no texto canônico. O terremoto, por exemplo, é uma novidade muito perceptível acrescentada por Artápano.

30. Esse recurso a versões (no presente caso, provavelmente ficcionais) transmitidas por habitantes de certos lugares pode ser visto como modo de escrever à maneira da historiografia de Heródoto (JOHNSON: 2004, 98). A primeira versão traz uma explicação livre de intervenções sobrenaturais, mas ainda assim favorável a Moisés. A segunda, como se verá, reproduz o milagre bíblico de Ex 14, mas não com precisão. Quanto à primeira versão, vale considerar e comparar com Ex 13:18.

31. Se a narrativa canônica permite calcular a idade de Moisés durante o êxodo em oitenta anos (120 de sua morte menos 40 de sua peregrinação pelo deserto), é inevitável questionar o motivo de Artápano indicar outra idade. Se não tinha conhecimento exato desse dado da tradição canônica, pode ter acrescentado uma idade específica para simular precisão, e essa

32. E, novamente, Moisés liberou o sapo pelo cajado, e, somando-se a esses, gafanhotos e piolhos. – E por isso também os egípcios dedicaram um cajado em todo templo, e de modo semelhante também para Isis, pelo fato de ser Isis a terra, que liberava as maravilhas quando era golpeada com o cajado. – 33. Como o rei ainda permanecia em sua tolice, Moisés produziu granizo e terremoto durante a noite, de modo que os que fugiam do terremoto eram destruídos com o granizo, e os que evitavam o granizo eram arruinados pelo terremoto. Nessa ocasião, ruíram todas as casas e a maioria dos templos.<sup>29</sup>

34. Por fim, tendo caído nessas desventuras, o rei libertou os judeus. E tendo eles tomado dos egípcios muitos copos, não pouca vestimenta e mais um vasto tesouro, e tendo cruzado os rios da região da Arábia e uma considerável área, chegaram ao Mar Vermelho no terceiro dia.

35. Os Memphitas, então, dizem que Moisés, que era experiente naquela região, aguardando a maré baixa, fez a multidão passar pelo chão seco do mar. Já os Heliopolitas<sup>30</sup> dizem que o rei saiu em perseguição com uma grande força, também com os animais sagrados, pelo fato de os judeus terem partido tomando a propriedade dos egípcios. 36. E uma voz divina veio a Moisés para que ele golpeasse o mar com o cajado e este se separasse. E, tendo ouvido, Moisés tocou com o cajado sobre a água, e assim o líquido se separou, enquanto a hoste avançou por um caminho seco.

37. Diz que quando os egípcios adentraram e continuavam na perseguição, fogo se acendeu diante deles, e o mar novamente inundou o caminho. E todos os egípcios foram destruídos pelo fogo e pela cheia do mar. E os judeus, tendo escapado do perigo, passaram quarenta anos no deserto, enquanto Deus fazia chover para eles um tipo de pão semelhante a milhete, com cor muito próxima da de neve. E diz que Moisés era grande, bronzeado, grisalho, de cabelos longos e cheio de dignidade. E realizou essas coisas quando tinha por volta de oitenta e nove anos.<sup>31</sup>

FRAGMENTO 3 (*STROMATA* 1.23.154.2-3)

Então, Artápano, na sua obra *Sobre os judeus* registra que Moisés foi trancado na prisão por Khenephres, rei dos egípcios, quando pediu que libertasse o povo para fora do Egito. E quando, durante a noite, a prisão foi aberta conforme a vontade de Deus, tendo saído e ido aos aposentos reais, postou-se junto do rei que estava adormecido e o despertou. [O rei] aterrorizado pelo ocorrido mandou Moisés dizer o nome do deus que o havia enviado. Tendo se inclinado ao ouvido [do rei], disse. Tendo ouvido, o rei caiu afônico, e voltou à vida ao ser sustentado por Moisés.

idade pode ser avançada para impressionar ou mesmo para harmonizar com a informação genérica e imprecisa que tivesse da tradição judaica.

REFERÊNCIAS

BARBU, Daniel. Artapan: Introduction historique et historiographique. In: BORGEAUD, Philippe; RÖMER, Tomas; VOLOKHINE, Youri. *Intéprétations de Moïse: Égypte, Judée, Grèce et Rome*. Leiden: Brill, 2009. p. 1-24.

BLOCH, René; BORGEAUD, Philippe; RÖMER, Thomas; SMYTH, Matthieu; VOLOKHINE, Youri; ZAMAGNI, Claudio. Les Fragments d'Artapan Cités par Alexandre Polyhistor dans la *Préparation Évangélique* d'Eusèbe. Traduction et Commentaire. In: BORGEAUD, Philippe; RÖMER, Tomas; VOLOKHINE, Youri. *Intéprétations de Moïse: Égypte, Judée, Grèce et Rome*. Leiden: Brill, 2009. p. 25-39.

COHEN, Shaye J. D.. Was Judaism in Antiquity a Missionary Religion? In: \_\_\_\_\_. *The Significance of Yavneh and other Essays in Jewish Hellenism*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010. p. 299-308.

COLLINS, J. J.. *Artapanus*: translation and introduction. In: CHARLESWORTH, James H.. *Old Testament Pseudepigrapha*. Volume 2: Expansions of the "Old Testament" and Legends, Wisdom and Philosophical Literature, Prayers, Psalms, and Odes, Fragments of Lost Judeo-Hellenistic Works. New York: Doubleday, 1985. p. 889-903.

DONALDSON, Terence L. *Judaism and the Gentiles: Jewish patterns of Universalism (to 135 C.E.)*. Waco (Texas): Baylor University Press, 2007.

FELDMAN, H. Louis. Conversion to Judaism in Classical Antiquity. In: \_\_\_\_\_. *Judaism and Hellenism Reconsidered*. Leiden / Boston: Brill, 2006. p. 205-252.

GRUEN, Erich S. *Heritage and Hellenism: The Reinvention of Jewish Tradition*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1998.

\_\_\_\_\_. *Diaspora: Jews amidst Greeks and Romans*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Rethinking the Other in Antiquity*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2011.

JACOBSON, Howard. Artapanus Judaeus. In: *Journal of Jewish Studies*, Vol. LVII, N° 2. Oxford: Oxford Centre for Hebrew and Jewish Studies: 2006. p. 210-221.

JOHNSON, Sara Raup. *Historical Fictions and Hellenistic Jewish Identity: Third Maccabees in its cultural context*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2004.

WILL, Edouard, ORRIEUX, Claude. "Proselytisme Juif"? Histoire d'une erreur. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.



## FACES FEMININAS NAS BIOGRAFIAS DE PLUTARCO

*Maria Aparecida de Oliveira Silva\**

\* Doutora pela  
Universidade de São Paulo

**RESUMO:** Embora tenha escrito mais de cinquenta biografias, Plutarco de Queroneia não compôs sequer uma que tratasse da vida de uma mulher ilustre. Portanto, nosso objetivo neste artigo é sistematizar informações esparsas sobre o papel das mulheres na sua obra biográfica de Plutarco.

**PALAVRAS-CHAVES:** Plutarco; biografia antiga; gênero.

### WOMEN IN THE BIOGRAPHIES OF PLUTARCH

**ABSTRACT:** Although Plutarch of Chaeronea had written over fifty biographies, not even one has been written about the life of an illustrious woman. Therefore, our aim in this paper is to systematize sparse information about the role of women in his biographical work.

**KEYWORDS:** Plutarch, ancient biography, gender.

A ausência de biografias femininas na obra de Plutarco evidencia o desinteresse dos antigos pelos feitos de uma mulher em especial, demonstrando que a política é um espaço reservado exclusivamente ao homem, ainda que encontremos mulheres que de alguma forma interferiram nos assuntos citadinos (Buszard: 2010, 83-83). Desse modo, as mulheres aparecem em segundo plano em sua narrativa, como notou Le Corsu (1996, 32). Nosso autor pouco fala sobre elas, porém isso não significa que as mulheres não tenham desempenhado um papel importante no desenrolar de certos acontecimentos. Quem são essas mulheres e qual a participação delas na narrativa das cinquenta biografias preservadas de Plutarco? Essas são as indagações que norteiam este artigo.

## AS CORAJOSAS

É interessante notar que Plutarco narra breves episódios em que as mulheres foram decisivas em momentos importantes das biografias de suas personagens. A atuação delas surge então como demonstração de coragem, muitas vezes advinda de um sentimento de superação de sua própria condição inferior dentro de um contexto dominado por homens. Como veremos, tais mulheres são tomadas por um sentimento de compaixão, outras levadas por um sentimento de justiça, mas todas trazem em comum o ímpeto de proteção, quer de si mesmas, quer de um homem em perigo, quer de sua cidade.<sup>1</sup>

Ao ser capturado por Alexandre, o tirano de Feras, Pelópidas, recebeu a visita de uma mulher chamada Tebe, filha de Jasão e esposa do tirano, encontro que Plutarco assim descreve:

1. Loman analisa a participação feminina em campanhas militares, mulheres que atuam somente na defesa de seus territórios (Loman: 2004, 34-54).

Tebe, filha de Jasão, mulher de Alexandre, quando ouviu junto aos guardas sobre o desafio e a nobreza de Pelópidas, desejou conhecer o homem e conversar com ele. Após ter ido até ele, como mulher, não percebeu logo a magnitude de seu caráter e por sua condição reconheceu a precariedade e que não lhe convinha sofrer por sua glória, quando caiu em prantos. Primeiro, ignorando quem seria a mulher, Pelópidas ficou admirado. Quando soube, chamou-a pelo nome do pai, pois foi companheiro e amigo de Jasão. E aquela lhe dizia: “Apiedo-me por tua mulher”, pelo que ele respondeu: “também eu por ti que, não estando acorrentada, suportas Alexandre”. Assim, o discurso, de algum modo, tocou a mulher, pois estava pressionada pela crueldade e violência do tirano, depois de outra licenciosidade, e de ter feito seu favorito o irmão mais novo dela. Por isso, continuamente frequentava Pelópidas e falava-lhe abertamente sobre as coisas que sofria, preenchendo o peito de desprezo e animosidade contra Alexandre. (*Vida de Pelópidas*, XXVIII, 5-10)

O registro de Plutarco sobre a morte do tirano é rico em detalhes, assemelhando-se a uma pequena peça teatral dentro de sua narrativa, em que os sentimentos das personagens recebem colorações mais intensas para a dramaticidade da cena, ao mesmo tempo em que envolve o

leitor no relato e o torna convicto de que o ato foi motivado mais pelo senso de justiça que pela traição. É interessante notar que Plutarco também enfatiza a limitação de raciocínio de Tebe, “como mulher”, pois sua compreensão dos acontecimentos está relacionada à sua percepção sensorial em detrimento da lógica racional. Igualmente, Plutarco demonstra que a mulher é fortemente influenciável pelo discurso, pois revela que, além de ser comandada pelo sentimento de ódio nutrido por ele, Tebe também seguiu o conselho dado por Pelópidas, de que ela não deveria temer a tirania. Após esclarecer os motivos que levaram ao complô de Tebe com seus irmãos para o assassinato de Alexandre,<sup>2</sup> Plutarco interpreta o ocorrido como resultado de um castigo divino, em virtude do tratamento que o tirano dispensou a Pelópidas, como se tratasse da nêmesis divina, muito comum nas tragédias (*Vida de Pelópidas*, XXXV, 5).

Na campanha malsucedida de Pirro contra Esparta, nosso autor destaca a coragem de Arquidâmia, a espartana que se recusa a fugir para Creta, unindo-se às demais mulheres: todas permanecem ao lado dos homens e atuam na escavação de um fosso para proteger a cidade; depois de findo o trabalho, elas se juntam a eles na linha de frente da batalha (Mossman: 2005, 498-517). Segundo Plutarco, citando Filarco e Jerônimo, as mulheres exortavam os homens à batalha com as seguintes palavras: “como é doce vencer sob os olhos da pátria, e glorioso morrer nas mãos das suas mães e mulheres, dignamente tombando por Esparta” (ὡς ἦδὺ μὲν νικᾶν ἐν ὀφθαλμοῖς τῆς πατρίδος, εὐκλεῆς δὲ θνήσκειν ἐν χερσὶ μητέρων καὶ γυναικῶν, ἀξίως τῆς Σπάρτης πεσόντας) (*Vida de Pirro*, XXVII, 4-7). Com esse episódio, Plutarco reafirma a coragem das espartanas, que ele já assinalara em *Ditos das Mulheres Espartanas* (240C-242D), onde as mulheres demonstram seriedade e rigor no cumprimento de seus deveres, amor à cidade acima de qualquer laço de parentesco, uma administração equilibrada do seu lar, sem luxos ou futilidades, e grande apreço por sua liberdade.<sup>3</sup>

Na biografia de Alexandre, Plutarco relata o saque dos trácios em Tebas, destacando que alguns soldados e o seu general invadiram a casa de Timocleia e que, por ela ser

2. Jacquín redigiu um interessante artigo sobre o papel da mulher em governos tirânicos (2011, 1-22).

3. A coragem e a determinação das mulheres espartanas são analisadas por Redfield (1977-1978, 146-161).

4. Mossman sugere que a história de Timocleia é mais um elemento trágico que Plutarco insere em sua narrativa sobre a destruição de Tebas (1988, 86).

5. Sobre esse episódio da biografia de Coriolano, consultar Russell, 1963, 21-28.

6. Note-se que há duas Valérias, uma irmã e a outra filha de Públicola, ambas corajosas.

muito bela e de atraente porte, logo foi violada pelo seu comandante.<sup>4</sup> Após concluir o ato desonroso, o general lhe perguntou onde escondia seu ouro e sua prata, quando foi atraído por ela para a borda de um poço, sob a alegação de que ali escondera sua riqueza; então ela o empurrou para dentro do poço e o cobriu de pedras. Por isso, foi acorrentada e levada à presença de Alexandre para que fosse julgada. Ao vê-la, Alexandre percebeu que se tratava de uma mulher de boa estirpe e muito corajosa, pois não demonstrava qualquer medo; tais qualidades o levaram a admirá-la e a absolvê-la (*Vida de Alexandre*, XII, 1-6).

Na biografia do romano Públicola, nosso autor relata o episódio em que Tarquínio planeja atacar Valéria, filha de Públicola, que se banhava ao lado de Clélia e outras moças. Embora as moças tenham sido socorridas por Porsena e seu filho, elas demonstraram coragem e resistiram bravamente correndo entre os soldados em luta (*Vida de Públicola*, XVIII, 3 e XIX, 1-9).

Coriolano decide atacar Roma, mas é interceptado por algumas mulheres que lhe suplicam para abandonar o seu intento. A primeira é a esposa de Coriolano, irmã de Públicola, que Plutarco assim descreve: “Valéria tinha reputação e honra na cidade, parecendo em vida que não desonrava sua origem” (ἡ δὲ Οὐαλέρια δόξαν εἶχεν ἐν τῇ πόλει καὶ τιμὴν, δοκοῦσα τῶ βίῳ μὴ καταισχύνειν τὸ γένος). Segundo nosso autor, tomada por uma inspiração divina (κατ’ ἐπίνοιαν οὐκ ἀθείαστον) (*Vida de Coriolano*, XXXIII, 1-3),<sup>5</sup> Valéria<sup>6</sup> convoca as mulheres para defender a cidade, implorando a Coriolano a não invadir Roma. Plutarco cita ainda os nomes de Volúmnia, mãe de Coriolano, e de Virgília, sua irmã. Elas então ao lado dos filhos do general e de outras mulheres formam uma linha de frente e passam a suplicar com palavras e gestos de carinho para que Coriolano e os volscos não tomassem a cidade, de tal sorte que a invasão não ocorreu (XXXIII a XXXVII).

Apesar de os dois exemplos a seguir não serem de mulheres que demonstraram coragem no aspecto guerreiro, elas são corajosas pelas suas virtudes. Segundo Plutarco, Fócion teve duas mulheres, mas não cita o nome de nenhuma delas. Sobre a primeira, sabia-se apenas que era irmã do escultor

Cefisodoro; já sobre a segunda, afirma que “os atenienses tinham um discurso sobre sua temperança e simplicidade” (σωφροσύνη καὶ ἀφελεία λόγος ἦν παρὰ τοῖς Ἀθηναίοις) (*Vida de Fócion*, XIX, 1-2).

Árato sobreviveu ao morticínio promovido por Abântida, aspirante à tirania, que eliminou todos os seus prováveis concorrentes, incluindo seus filhos. Árato contava então com sete anos de idade, quando em fuga entrou por acaso na residência da irmã de Abântida e esposa de Profanto, Sosa, descrita por Plutarco como uma mulher generosa; crente que um deus o tinha conduzido a sua casa, ela o socorreu e o enviou para Argos (*Vida de Árato*, II, 1-4).

## AS MÃES

As figuras femininas que exercem sua maternidade aparecem em episódios nos quais trazem em comum a tentativa de proteção de seus filhos, ou seja, não se trata de mulheres passivas, mas que atuam e interferem nos acontecimentos. Há ainda as mães que são dotadas de uma certa premonição sobre as características físicas ou morais de seus rebentos, revelações que lhes são mostradas por intermédio de sonhos.<sup>7</sup>

Na biografia do herói fundador ateniense, aparece a personagem feminina de Etra, sua mãe, que “ocultava a verdadeira origem de Teseu” (ἐκρυπτεν Αἴθρα τὴν ἀληθινὴν τοῦ Θεσέως γένεσιν).<sup>8</sup> Somente na sua adolescência, o jovem soube por Etra que era filho de Egeu, rei de Atenas, no célebre episódio da retirada da espada e das sandálias de seu pai escondidas em uma pedra. Então, portando os objetos de reconhecimento deixados por seu pai, Teseu decide viajar para Atenas e reivindicar seu direito ao trono (*Vida de Teseu*, VI, 1-3).

Agariste, neta de Clístenes e mãe de Péricles, sonhou que dava à luz a um leão com cabeça alongada; conforme nosso autor, para esconder seu defeito físico, o político ateniense sempre era retratado usando seu capacete, e que, por essa característica peculiar de sua aparência, “os poetas áticos o chamavam de cabeça de cebola” (οἱ δ' Ἀττικοὶ ποιηταὶ σχινοκέφαλον αὐτὸν ἐκάλουν) (*Vida de Péricles*, III, 1-4).

7. Conforme notou Bremmer, Plutarco se esforça por revelar os nomes das mães de suas personagens, em especial, nas biografias gregas; no entanto sua dificuldade está na tradição dos antigos gregos de evitar citar os nomes das mulheres (1981, 425-426).

8. Russell afirma que os heróis de Plutarco trazem características muito semelhantes às dos homéricos, como a proteção das mães, um caráter corajoso e violento (1982, 24-34).

A jovem mãe de Alexandre, o Grande, sonhou que trovejava muito e que um raio caía sobre o seu ventre formando um grande fogo que se espalhava por todo o quarto. Passado um tempo, Filipe também tivera a visão de que Olímpia trazia em seu ventre um selo com a marca de um leão; desde então, os adivinhos da corte o aconselharam a vigiar sua esposa.<sup>9</sup> Telmesso foi o único adivinho a dizer que Olímpia estava grávida e que daria à luz a “um filho corajoso e com a natureza de um leão” (παῖδα θυμοειδῆ καὶ λεοντώδη τὴν φύσιν) (*Vida de Alexandre*, II, 3-6). Ada é a mulher a quem Alexandre tratava como mãe; de tanto honrá-la, tornou-a rainha da Cária. Nosso autor conta ainda que ela enviava acepipes e guloseimas diariamente a Alexandre, e que certa vez ofereceu-lhe cozinheiros de várias especialidades, mas a frugalidade do rei o fez recusar a oferta, dando-lhe como resposta que os melhores cozinheiros já estavam em seu grupo de serviçais (XXII, 7-10).

9. Nas biografias plutarquianas, Filipe é o único pai a ter tido uma visão sobre o filho antes de nascido; talvez isso se explique por uma possível influência do sonho de Olímpia sobre ele.

10. De acordo com Carawan, a biografia plutarquiana de Marcelo é devedora da narrativa de Titio Lívio (1984-1985, 131-141).

A vestal Ília ou Sílvia é a mãe de Rômulo e Remo, dado que explica a exposição de seus filhos na floresta e sua criação por uma loba (*Vida de Rômulo*, III, 1-6). Nos capítulos IV e V, nosso autor afirma que alguns romanos cultuavam Larência, por acreditarem que ela teria criado os gêmeos, não a loba.

No último capítulo da biografia de Marcelo,<sup>10</sup> nosso autor afirma que sua família sustentou a glória de seu nome, contando que “para sua honra e memória, sua mãe Otávia lhe dedicou sua biblioteca, e que Augusto deu o nome de Marcelo ao teatro” (εἰς δὲ τιμὴν αὐτοῦ καὶ μνήμην Ὀκταβία μὲν ἡ μήτηρ τὴν βιβλιοθήκην ἀνέθηκε, Καῖσαρ δὲ θέατρον ἐπιγράψας Μαρκέλλου) (*Vida de Marcelo*, XXX, 11).

## AS DOMINADORAS

A dominação feminina nas biografias de Plutarco acontece por duas formas: a primeira ocorre por conta do poder econômico, pois são mulheres ricas que exercem influência sobre os homens públicos detentores de cargos importantes no cenário político. Outra forma de dominação se estabelece pelo amor, mais relacionado a uma paixão desenfreada que retira o raciocínio do amante e o torna uma

espécie de súdito da mulher amada, sendo um mero coadjuvante na execução de todos os seus desejos.<sup>11</sup>

O rei Agesilau desposou Cleora, com quem teve duas filhas, Eupólia e Preuga (*Vida de Agesilau*, XIX, 6); sua irmã Cinisca foi vencedora de uma corrida de quadrigas em Olímpia, fato que evidencia a riqueza particular dela, assim como a projeção de uma mulher espartana no cenário grego.<sup>12</sup> Sobre a vitória de Cinisca, Plutarco comenta “que não foi própria de nenhuma virtude, mas a vitória da riqueza e do dinheiro gasto” (ὡς οὐδεμιᾶς ἐστὶν ἀρετῆς, ἀλλὰ πλοῦτου καὶ δαπάνης ἢ νίκης) (XX, 1).

O rei Ágis de Esparta, pelas informações de nosso autor, foi criado na riqueza, uma vez que sua mãe Agesístrata e sua avó Arquidâmia eram “as que mais riquezas haviam adquirido dentre os lacedemônios” (αἱ πλεῖστα χρήματα Λακεδαιμονίων ἐκέκτηντο) (*Vida de Ágis*, IV, 1-2). Nosso autor lembra que os espartanos sempre consultaram suas mulheres, permitindo-as participar dos assuntos públicos mais que eles nos domésticos. Assim, durante o reinado de Ágis, as mulheres exerciam grande influência por tradição e também porque a maior parte das riquezas da Lacedemônia estava em poder delas.<sup>13</sup> Como as mulheres eram contrárias à proposta do rei de reinstaurar as leis licúrgicas, a cidade permaneceu no caos social, com grandes desigualdades entre ricos e pobres (VII, 1-8). Cleômenes, por sua vez, conseguiu estabelecer algumas mudanças graças à sua mãe Cratesicléia, que aliciou muitos cidadãos com sua riqueza, até mesmo os éforos (*Vida de Cleômenes*, VI, 1).

Marco Antônio teria sido ultrajado por Dolabela por causa de sua esposa, sua prima, filha do cônsul Caio Antônio (*Vida de Antônio*, IX, 2);<sup>14</sup> note-se que Plutarco não cita seu nome. Em seguida, Marco Antônio desposa Fúlvia,<sup>15</sup> ex-mulher de Clódio, que, segundo nosso autor, “não fiava nem se preocupava com o serviço feminino de cuidar da casa, não julgava digno dominar um homem particular, mas queria governar um governante e comandar um general” (οὐ θαλασίαν οὐδ’ οἰκουρίαν φρονοῦν γυναῖον οὐδ’ ἀνδρὸς ἰδιώτου κρατεῖν ἀξιοῦν, ἀλλ’ ἄρχοντος ἄρχειν καὶ στρατηγούντος στρατηγεῖν βουλόμενον). Plutarco ironiza a situação lembrando Cleópatra, pois esta era devedora daquela pelas lições de submissão à mulher que Marco

11. Notamos que a paixão avassaladora é alvo de acirradas críticas do nosso autor. Para uma visão mais aprofundada do tema em Plutarco, consultar: Walcot, 1998, 166-187.

12. Para mais detalhes sobre as biografias espartanas e o lugar da mulher em Esparta, consultar: Silva: 2006.

13. Mossé afirma que essa é uma época revolucionária em Esparta, que se inicia com o rei Ágis no século III a.C. e se encerra no II a.C., com a morte de Nábis. Um período no qual a mulher espartana desempenha importante papel político ao lado dos homens. (1991, 138-153).

14. Para uma leitura mais aprofundada da biografia de Antônio, consultar: Wet: 1990, 80-90.

15. Sobre os casamentos de Marco Antônio, consultar: Huzar: 1985-1986, 97-111.

Antônio recebeu (X, 4-6).

Na visão de Plutarco, “o amor de Cleópatra o atacou, despertou nele ainda muitas paixões escondidas e silenciadas, e o deixou em êxtase báquico” (ὁ Κλεοπάτρας ἔρωσ ἐπιγενόμενος καὶ πολλά τῶν ἔτι κρυπτομένων ἐν αὐτῷ καὶ ἀτρεμούντων παθῶν ἐγείρας καὶ ἀναβακχεύσας) (*Vida de Antônio*, XXV, 1-4), completamente entregue aos desejos da rainha do Egito.<sup>16</sup> Não obstante o amor que nutria por Cleópatra, Marco Antônio retornou a Roma; como era viúvo de Fúlvia, desposou Otávia, irmã de Júlio César, segundo Plutarco, para combater o amor nutrido pela rainha egípcia (πρὸς τὸν ἔρωτα τῆς Αἰγυπτίας μαχόμενος) (XXXI, 1). Mas de nada adiantou, pois, depois da guerra contra os partos, Marco Antônio encontrou-se com Cleópatra e se rendeu ao seu amor (LI, 1-3). Quando soube do ocorrido, indignado, Júlio César iniciou os preparativos para a guerra e lutou junto ao Senado pela aprovação da batalha em Ácio; com tudo pronto, avançou contra as tropas de Marco Antônio e Cleópatra,<sup>17</sup> impingindo-lhes a mais fragorosa derrota.<sup>18</sup>

16. Plutarco conta os episódios amorosos ocorridos entre Marco Antônio e Cleópatra, dos capítulos XXV ao XXX.

17. Embate narrado dos capítulos LXI ao LXXXVI.

18. Após a derrota, Cleópatra comete suicídio (LXXI, 6-8). Há um artigo interessante sobre esse episódio de Marasco: 1995, 317-325.

#### AS ARDILOSAS

Como veremos a seguir, os episódios envolvendo mulheres ardilosas estão relacionados a sentimentos de ambição, paixão, ódio e ciúme desmedidos. Nosso autor nos mostra que as mulheres são guiadas não apenas por sentimentos bons como os de compaixão e proteção, mas também por sentimentos maus, e que, quando por eles movidas, realizam atos reprováveis, interferindo no curso dos acontecimentos.

Plutarco narra episódio de Licurgo com sua cunhada, cujo o nome não revela, apenas afirma que ela estava grávida de Carilau, “alegria do povo”, o futuro rei de Esparta. Por estar apaixonada pelo legislador, propõe-lhe eliminar o filho de seu irmão, a fim de que se tornar rei em seu lugar. Então, para garantir seu nascimento, Licurgo finge aceitar o plano dela e assim que o menino nasceu, anuncio o nascimento do novo herdeiro ao povo, garantindo o trono para o seu sobrinho (*Vida de Licurgo*, III, 1-5).



Filipe desposou Cleópatra já em idade bastante avançada, estimulado por Átalo, o tio da jovem (*Vida de Alexandre*, IX, 6-9); ambos, segundo Plutarco, vilipendiaram Pausânias, fato que o incitou a assassinar Filipe por pensar que ele fora o responsável por seu prejuízo. Contudo, tal ardil foi imputado à Olímpia, a primeira mulher de Filipe, e Plutarco afirma que até mesmo Alexandre acreditava na culpa de sua mãe. A desconfiança dele levou Olímpia a tratar Cleópatra com muita crueldade, provocando a indignação de seu filho (X, 5-6). Mais tarde, na ausência de Alexandre que estava lutando na Ásia, ambas travaram uma disputa por territórios, cabendo Epiro à Olímpia e a Macedônia à Cleópatra; ao saber disso, Alexandre felicita a mãe pela boa escolha, afirmando que os macedônios não suportavam ser governados por uma mulher (LXVIII, 3-5). Plutarco não dá prosseguimento ao seu relato, mas a resposta de Alexandre nos leva a crer que Cleópatra foi deposta ou morta.

Plutarco conta que Roxane estava grávida quando Alexandre morreu; por isso era venerada pelos macedônios. No entanto, durante sua campanha militar na Ásia, Alexandre havia desposado Estatira, filha de Dario. Enciumada, Roxane envia uma carta a Estatira, fingindo uma aproximação; quando ela e sua irmã chegam, com a cumplicidade de Pérdicas, a mulher ordena a execução das irmãs (LXXVII, 6-7).

Plutarco afirma que a guerra travada por Júlio César contra o Egito era desnecessária, que foi movido somente pelo amor que sentia por Cleópatra. No início, para evitar cair nos braços dela, bebia todas as noites, porém não resistiu e mandou buscar Cleópatra do exílio. Não tardou muito para que a rainha do Egito concebesse um plano para impressionar e conquistar o amor de Júlio César, fato que é descrito assim:

E ela, acompanhada somente de um amigo, o siciliano Apolodoro, embarcou em um pequeno barco ligeiro e chegou ao palácio já anoitecendo; não havendo recurso para passar despercebida, ela mergulhou em roupas de cama e estendeu-se por inteiro, e Apolodoro prendeu as roupas de cama com uma tira de lã e atravessou a porta indo até César. E diz-se que esse foi o primeiro artifício de Cleópatra o apanhou, mostrando-se para ele brilhante,

e ele foi ainda conquistado por sua conversa e graça, reconciliou-a com o irmão, que com ela partilhou o reino. (*Vida de César*, XLIX, 1-4)

Porque o irmão de Cleópatra uniu-se aos seus inimigos, Júlio César os combateu e, após a sua vitória, entregou o reino a Cleópatra, grávida de seu filho Cesário, partindo para a Síria (*Vida de César*, XLIX, 9-10).

Nosso autor conta que Parisátis, esposa de Artaxerxes, rivalizava com Estatira, sua outra esposa, visto que a relação deles estava pautada no amor e na confiança. Para saciar seu ódio e sua sede de vingança, Parisátis concebe um plano para envenenar a segunda rainha (*Vida de Artaxerxes*, XIX, 1-10). Contudo, Artaxerxes sentia uma imensa paixão por sua filha Atossa; quando sua mãe percebeu seu sentimento, por interesses escusos, passou a tratá-la com mais afeição, estimulando o casamento do pai com a filha – Plutarco acrescenta que pai e filha já haviam se relacionado em segredo, bem antes do casamento. No entanto, Artaxerxes se enamorara de sua outra filha, Amétris, com quem se casou, mas manteve seu casamento com Atossa, mesmo quando ela contraiu lepra (XXIII, 1-7).

## AS CORTESÃS

Várias personagens biografadas por Plutarco sofreram a influência de mulheres que desempenhavam a função de cortesã.<sup>19</sup> Excetuando Aspásia de Mileto, que exerce seu poder sobre Péricles não apenas pelas suas qualidades femininas, mas também por seus atributos intelectuais, as demais cortesãs apresentadas tiram proveito mais de sua beleza física. Nosso autor descreve as cortesãs como mulheres voluntárias que não medem esforços para a realização de seus caprichos, além de deterem grande poder sobre seus amantes e as cidades que governam. Em contrapartida, Plutarco também nos mostra que alguns homens aproveitaram essa ascensão que as cortesãs tinham sobre governantes e líderes militares para manipulá-las, obtendo benefícios com essa relação.

Aspásia de Mileto<sup>20</sup> surge como a personagem

19. Pomeroy afirma que as cortesãs atingiram grande popularidade na Atenas clássica, que provinham de diferentes cidades e origens sociais. Havia as que eram escravas e conseguiam comprar sua liberdade, as que eram de camadas inferiores da própria cidade de Atenas, mas a maioria era composta por estrangeiras, sendo Aspásia de Mileto a mais famosa delas. Consultar: Pomeroy: 1995, 57-92.

feminina mais importante na biografia de Péricles; segundo Plutarco, acreditava-se que ela tinha forte ascendência sobre as ações do governante ateniense. Assim, Péricles teria organizado uma expedição militar contra Samos para cessar sua guerra contra Mileto, a cidade natal de sua amada. Nosso autor afirma que Aspásia concorria com Targélia, uma cortesã da Jônia, que influenciou muitos governantes e filósofos, o que inspirou a cortesã de Mileto a fazer o mesmo. No entanto, havia uma diferença entre elas: Targélia, ao unir-se aos mais poderosos, conseguia impor-se pela força deles, já a cortesã milésia influenciava Péricles porque era “um tanto sábia e conhecia a arte política” (ὡς σοφὴν καὶ πολιτικὴν). Plutarco relata ainda que Sócrates costumava frequentar a casa de Aspásia, que por sua vez formava novas cortesãs, mas o curioso é que as esposas de seus amigos íntimos também frequentavam a sua casa. No entanto, tamanho poder de Aspásia sobre as decisões do político ateniense se explica pelo amor que este nutria por ela,<sup>21</sup> pois, conforme afirma Plutarco “parece, todavia, que a afeição de Péricles por Aspásia era mais por amor” (φαίνεται μόντοι μᾶλλον ἐρωτικὴ τις ἢ τοῦ Περικλέους ἀγάπησις γενομένη πρὸς Ἀσπασίαν) (*Vida de Péricles*, XIV, 1-8).

Durante os preparativos de sua guerra contra Dario,<sup>22</sup> Alexandre organiza um banquete com muitas cortesãs, sendo Taís era a mais famosa delas. Conforme Plutarco, a cortesã ateniense era amante de Ptolomeu e muito influente entre os soldados, a ponto de discursar para animá-los a combater com todo empenho, discurso que foi vivamente aplaudido pelos presentes. Em suas palavras, Taís afirmara que os macedônios compensariam suas perambulações pela Ásia, assim como vingariam a sua cidade natal pelo incêndio provocado por Xerxes (*Vida de Alexandre*, XXXVIII, 1-6).

Na biografia de Fócion, Plutarco conta que um certo Harpálo apaixonou-se por uma cortesã chamada Fitonice e que, após a sua morte, erigiu um suntuoso túmulo para a sua amante, gastando trinta talentos na construção do monumento (*Vida de Fócion*, XXII, 1-2).

Demétrio envolveu-se com a cortesã ateniense Lâmia, a quem Plutarco afirma que ele entregou a quantia de duzentos e cinquenta talentos, fato que desagradou em muito os atenienses. E nosso autor segue seu relato descrevendo

20. Para a contribuição de Aspásia para a história da retórica na Grécia antiga, consultar: Glenn: 1994, 180-199.

21. Aspásia se relacionou com Péricles em um período em que as leis de cidadania em Atenas eram muito rígidas; talvez isso explique parte do preconceito percebido contra ela na escrita dos autores gregos dessa época, em especial, os cômicos. A respeito dessas leis atenienses, consultar: Osborne: 1997, 3-33.

22. Cagnazzi nos informa que “L’aggettivo μέγας accanto al nome di Alessandro sembra essere stato utilizzato per la prima volta da Efilippo di Olinto, uno degli storici di Alessandro (FGrHist 126), contemporaneo del giovane re e piu attento alla trasformazione del cerimoniale di corte sotto l’influsso della monarchia persiana, all’indomani della sconfitta di Dario III nella battaglia di Gaugamela, il 1 ottobre del 331” (Cagnazzi: 2005, 132).

cenar de ciúme e de conquista ocorridas entre Lâmia e Demétrio em um suntuoso banquete, assim como relatando cenas em que ela demonstra o seu poder sobre ele (*Vida de Demétrio*, XXVII, 1-14).

Plutarco relata que em Roma houve Flora, uma cortesã que em sua velhice conservava boas lembranças de Pompeu, que ela se recusara a fazer um bom casamento para permanecer fiel aos bons tempos que passara ao lado do general romano (*Vida de Pompeu*, II, 3).

Nosso autor nos relata ainda que, para obter vantagem estratégica na acirrada guerra contra Mitridates, Luculo cooptou a bela Précia, uma cortesã persuasiva e influente da Cilícia, região vizinha à Capadócia, pois ela exercia grande influência entre os comandantes locais. No entanto, quando Luculo obteve o poder necessário na região, ele a ignorou (*Vida de Luculo*, VI, 3-5).<sup>23</sup>

#### AS INFIÉIS

23. Para uma análise mais aprofundada da biografia de Luculo, consultar: Lavery: 1994, 261-273.

Mulheres infiéis também figuram na narrativa biográfica de Plutarco, mas é curioso perceber que algumas traíram seus companheiros de bom grado, mas outras parecem ter sido acusadas de traição por conveniência, embora nosso autor não se pronuncie abertamente sobre essa possibilidade. Contudo, quando um biografado alega traição, Plutarco logo conta que esse contrai matrimônio em seguida, às vezes, com uma mulher mais rica ou mais jovem, como se o ato de repudiar uma mulher também fosse utilizado como uma manobra do homem para estabelecer novas alianças.

Após sofrer diversos reveses políticos e militares em Atenas, Alcibíades se refugia em Esparta e lá seduz Timeia, a esposa do rei Ágis, com quem tem um filho chamado Leotíquidas (*Vida de Alcibíades*, XXIII, 7), acontecimento que Plutarco registra também na biografia de Agesilau (*Vida de Agesilau*, III, 1).

Júlio César era casado com Pompeia, por quem Públio Clódio era apaixonado; segundo Plutarco, a mulher não lhe era indiferente, mas a mãe de Júlio César fazia-lhe a vigilância, impedindo a aproximação dos dois. Como Pompeia era a

responsável daquele ano pela organização da Gineceia, um festival exclusivamente feminino, Clódio, um jovem rapaz ainda, planejou participar do festival trajando-se de mulher, então fingindo ser uma tocadora de harpa. No entanto, ele foi descoberto por uma serva e seu nome foi difamado por toda a cidade, sob a alegação de ter cometido um ato sacrílego ao violar a cerimônia considerada sagrada. Um dos tribunos da plebe o processou por impiedade, sendo acusado ainda de uma relação incestuosa com sua irmã, mulher de Luculo. Tal processo serviu de argumento para que Júlio César repudiasse Pompeia, ao passo que Clódio foi absolvido (*Vida de César*, IX, 3-8 e X, 1-11).<sup>24</sup>

Catão, o Jovem desposou Atília, filha de Serrano, mas ela não foi a sua única mulher,<sup>25</sup> e Plutarco acrescenta “como Laio, companheiro de Cipião; mas aquele foi o mais afortunado, nos muitos anos vividos, teve uma única mulher com quem se casou desde quando a conheceu (καθάπερ Δαίλιος ὁ Σκιπίωνος ἑταῖρος· ἀλλ’ εὐτυχέστερος ἐκείνος, ἐν πολλοῖς οἷς ἐβίωσε χρόνις μίαν ἦν ἔγημεν ἐξ ἀρχῆς γνούς γυναικῶν) (*Vida de Catão*, 7, 3). Atília foi repudiada por Catão que a acusava de traição, em seguida ele desposou Márcia, filha de Filipo (XXIV, 6 e XXV, 1).

#### AS CONVENIENTES

Plutarco nos mostra que as mulheres, por seus laços de parentesco e suas riquezas, eram importantes às aspirações políticas e econômicas dos homens. O modo mais comum de obtenção desses privilégios então era o casamento com uma mulher de origem nobre;<sup>26</sup> por isso era uma mulher conveniente para se estabelecer uma união proveitosa.

O casamento de Alcibíades é descrito por Plutarco como uma manobra do ateniense para iniciar a sua carreira política, pois sua esposa era filha de Hipônico, homem “com grande fama, poder pela sua riqueza e de origem nobre” (καὶ δόξαν ἔχοντι μεγάλην καὶ δύναμιν ἀπὸ πλούτου καὶ γένους). Hipareta, a esposa de Alcibíades, é apresentada como uma mulher infeliz no casamento que tenta, sem sucesso, a dissolução de sua união matrimonial junto ao arconte, sob a alegação de que seu esposo somente frequentava as cortesãs.

24. Plutarco também conta esse episódio na *Vida de Cícero*, XXVIII, 1-4.

25. Para mais informações sobre as esposas e a família de Catão, o Jovem, consultar: Means & Dickison: 1974, 210-215.

26. A respeito do casamento como uma transação financeira, consultar: Lyons: 2003, 93-134.

Apesar disso, Hipareta gostava de seu marido e lhe tinha devoção, e se manteve casada com Alcibíades até a morte de seu marido em Éfeso (*Vida de Alcibíades*, VIII, 1-6).

“Por pragmatismo e mais poder, desposou muitas mulheres após a morte de Antígono” (Γυναῖκας δὲ πραγμάτων ἔνεκα καὶ δυνάμεως πλείονας ἔγημε μετὰ τὴν Ἀντιγόνου τελευτήν), assim Plutarco explica as uniões de Pirro; sem dizer o nome da primeira, afirma que se casou com a filha de Audoleonte, rei dos peônios; Bircena, filha do rei dos ilírios e Lanassa, filha de Agatócles, que lhe trouxe como dote a cidade de Corcira (*Vida de Pirro*, XIX, 1-2).

Alexandre envolveu-se com Roxane após um festim, encontro que resultou em casamento. De acordo com Plutarco, Alexandre tinha interesse de se unir a ela para concretizar mais um de seus projetos. O seu intento era conquistar a confiança dos bárbaros, plano que funcionou, dado que passaram a olhá-lo com mais simpatia por haver desposado uma mulher da Bactria. Nosso autor destaca ainda que Roxane foi a única mulher que despertou o interesse de Alexandre e que ele também agiu por amor (καὶ τὰ περὶ Ῥωξάνην ἔρωτι μὲν ἐπράχθη) (*Vida de Alexandre*, XLVIII, 7-8). Apesar disso, ao vencer a batalha contra Dario, Alexandre desposa sua filha, Estatira, celebrando suas núpcias em Susa (LXX, 3).

Nosso autor conta que Demétrio foi casado com várias mulheres ao mesmo tempo, mas que prezava apenas uma: Fila, filha de Antípatro, por ela ter antes desposado Crátero, o sucessor de Alexandre, honrado pelos macedônios; e acrescenta que Demétrio era muito jovem e Fila era muito mais velha, e ainda que o casamento foi uma imposição de seu pai (*Vida de Demétrio*, XIV, 2-3). Seleuco articulou um casamento de seu filho com a filha de Demétrio e Fila, Estratonice; sua finalidade era de anexar mais territórios aos seus e expandir o seu poder (XXXI, 5-6).<sup>27</sup>

Quando instituído o seu reinado, Rômulo promove o rapto das sabinas (*Vida de Rômulo*, XIV, XV e XVI) para a fusão dos povos, e Plutarco descarta uma relação afetiva entre Rômulo e Hersília<sup>28</sup> relatada por Zenódoto de Trezena (XIV, 7-8).

Plutarco relata que Paulo Emílio desposou Papíria, filha de Masão, com quem teve dois filhos, Cipião e Fábio Máximo,

27. A respeito da imagem que Plutarco faz de Demétrio, consultar: Tatum: 1996, 135-151.

romanos ilustres. No entanto, sem detalhar os motivos, nosso autor afirma que, após muitos anos de casamento, Paulo Emílio repudia Papíria e entrega suas filhas em casamento, uma para o filho de Catão e a outra para Élio Túbero, ambos de famílias notáveis; e ainda nos esclarece que Cipião e Fábio Máximo foram entregues à adoção para as famílias homônimas (*Vida de Paulo Emílio*, V, 1-8).

Sula, nas palavras de nosso autor, também realizou um casamento brilhante ao se unir à Cecília, filha do pontífice máximo Metelo. No entanto, ela era a sua quarta esposa, antes havia se casado com Ília, Élia e Clélia, esta última repudiada por esterilidade (*Vida de Sula*, VI, 10-12). Em outra ocasião, quando foi assistir a um espetáculo de gladiadores, Sula sentou-se ao lado de Valéria, uma mulher de grande beleza e de nobre família; após trocar muitos olhares e sorrisos, resolveu desposá-la. Plutarco descreve assim o encontro dos dois: primeiro, ela passou por Sula e lhe tirou um fiapo de sua túnica, então ele se virou e ouviu dela que queria apenas ter um pouco da sorte que o acompanhava, isso à época em que era permitido que homens e mulheres sentassem juntos no teatro (XXXV, 3-5).

Segundo nosso autor, Luculo desposou duas romanas: Clódia, que “por ser licenciosa e maldosa” (οὔσης ἀσελγούς καὶ πονηρᾶς), ele a abandonou, e Servília, irmã de Catão, sobre a qual recaía a “acusação de ser incestuosa com o irmão; quanto ao resto, era igualmente repugnante” (ἢ ἐπὶ τῷ ἀδελφῷ διαβολή· τᾶλλα δὲ βδελυρὰν ὁμοίως οὔσαν), mas Luculo a suportava porque era irmã de Catão (*Vida de Luculo*, XXXVIII, 1).

Júlio César entregou sua filha Júlia a Pompeu e desposou Calpúrnia, filha de Pisão, e com seu apoio ele foi eleito cônsul, sob o protesto de Catão que acusava Júlio César de usar o expediente do casamento para obter cargos públicos (*Vida de César*, XIV, 8-10).

Plutarco conta que Cícero dispunha de várias propriedades, de uma considerável herança e ainda de um dote valioso de sua esposa Terência; “por isso, com liberdade e moderação, passava o tempo convivendo com os literatos gregos e romanos” (ἀπὸ τούτων ἐλευθερίως ἅμα καὶ σωφρόνως διῆγε μετὰ τῶν συμβιούντων Ἑλλήνων καὶ Ῥωμαίων φιλολογῶν) (*Vida de Cícero*, VIII, 3-4).

28. Wiseman analisa esse fragmento de Zenódoto de Trezena citado por Plutarco, comparando-o com outros autores; consultar: Wiseman: 1983, 445-452.

## AS CASUAIS

Na biografia de Teseu, duas personagens femininas se relacionam casualmente com o herói: são mulheres que ele encontra durante suas jornadas; dessas relações nascem alguns filhos. Plutarco não nos traz detalhes sobre o destino dessas crianças, mas podemos inferir que suas mães as criaram sozinhas.

Durante a sua jornada, Teseu foi eliminando os seres monstruosos que impediam a circulação dos viajantes, mas um especial, Sínis, chama a atenção por conta de Períone, sua filha, com quem Teseu manterá relações sexuais, após eliminá-lo, e dela nascerá seu filho Melanipo, que será o pai de Ioxo, o herói fundador da Cária (*Vida de Teseu*, VIII, 4-5). Na luta contra as Amazonas, uma em particular, Antíope ou Hipólita, desperta a paixão de Teseu com que gerará Hipólito, personagem da famosa peça homônima de Eurípides (XXVI e XXVII).<sup>29</sup>

## AS APAIXONADAS

Encontramos duas mulheres que se preocuparam com o destino de seus companheiros, ajudando-os dentro de suas possibilidades. A primeira é Ariadne,<sup>30</sup> a filha do rei Minos, a terceira personagem feminina de destaque na *Vida de Teseu*, que se enamora por ele. Graças à sua intervenção, o herói consegue derrotar o Minotauro e vencer os caminhos sinuosos do Labirinto de Creta (*Vida de Teseu*, XIX, 1-6).<sup>31</sup>

Bruto era filho de Servília, irmã de Catão; depois seu tio tornou-se seu genro (*Vida de Bruto*, II, 1). Plutarco afirma que César agradava Servília, que era muito apaixonada por ele, por imaginar que Bruto era seu filho natural (V, 1-4). O nome de Pórcia, a filha de Catão, que Plutarco descreve como uma mulher amorosa e atenciosa com seu marido, surge quando Bruto está angustiado com o seu segredo e ela o estimula a seguir em frente com seu plano de assassinar César (XIII, 3-11). O nome dela reaparece no dia do assassinato, descrita como ansiosa e muito nervosa após Bruto sair para cumprir sua missão (XV, 6-7), e novamente nas últimas linhas

29. Outros nomes femininos surgem, mas de menor importância, pois são apenas relacionamentos amorosos que não resultam em filhos ilustres. Há ainda um breve relato sobre a mítica história do rapto de Helena e a busca dos Dióscuros, quando, segundo Plutarco, Teseu já havia completado cinquenta anos; talvez esse dado sirva para explicar sua derrota para os irmãos gêmeos de Helena (XXXI).

30. Sobre a associação que Plutarco faz de Ariadne com Afrodite, consultar: Cueva: 1996, 473-484.

31. Sobre as várias versões do destino de Ariadne, a de Plutarco inclusive, ler o vigésimo capítulo dessa biografia.



da biografia de Bruto, quando Plutarco conjectura sobre o sofrimento de Pórcia com a morte do marido (LIII, 6-7).

## CONCLUSÕES

As mulheres aparecem nas biografias plutarquianas como um grupo dependente da história de suas personagens masculinas. No entanto, não podemos considerar que elas ocupem um lugar marginal em sua narrativa, pois, como vimos, há momentos em que elas são decisivas. Assim, a condição dessas mulheres resulta em um papel econômico, social e político muito distinto do reservado aos homens, porém as mulheres não desempenham uma posição marginal ou submissa na narrativa de Plutarco. Nem ao menos percebemos em seu discurso uma mentalidade misógina, embora tenhamos características notadamente femininas como seu instinto de proteção de sua prole ou de sua pólis. É interessante perceber ainda que Plutarco não trata as mulheres como um grupo homogêneo, nem nos traz a imagem de uma sociedade em que há a segregação do feminino; pelo contrário, vemos uma integração entre o feminino e o masculino. Sob outra perspectiva, Plutarco também não nos apresenta uma sociedade matriarcal.

Apesar de não participar diretamente da vida política da cidade, a mulher integra o jogo político, ela é uma peça importante neste tabuleiro: o casamento surge como um expediente masculino para sua projeção social. Contudo, notamos que é através da legislação que o universo feminino se limita, com as leis que permitem o repúdio da companheira que favorecem o homem, tornando-o livre para desposar quantas mulheres lhe for conveniente. No entanto, esse jogo não reduz a mulher ao anonimato; ela se faz ver nos atos religiosos, nos adultérios, nas cenas de resistências, quando denuncia seu violador ou defende sua cidade do ataque inimigo. Em suma, Plutarco não revela um mundo em que há antagonismo, segregação ou conflito entre os gêneros; o que notamos é a integração entre eles: ainda que estejam em condições de desiguais, tais diferenças revelam que cada um tem o seu papel a desempenhar na sociedade. Portanto, visto que as sociedades são heterogêneas e seus

contextos históricos também são distintos, Plutarco nos mostra mulheres com perfis muito diferentes, sem mostrá-las apenas sob um ponto de vista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### EDIÇÕES

PLUTARCH. *Life of Aemilius Paulus. Lives. Vol. VI.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/ London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Agesilaus. Lives. Vol. V.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Agis. Lives. Vol. X.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Life of Alexander. Lives. Vol. VII.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Antony. Lives. Vol. IX.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Artaxerxes. Lives. Vol. XI.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Life of Aratus. Lives. Vol. XI.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Life of Brutus. Lives. Vol. VI.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Cato the Younger. Lives. Vol. VIII.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Cicero. Lives. Vol. VII.* Translated by

Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Cleomenes. Lives. Vol. X.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Life of Coriolanus. Lives. Vol. IV.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Life of Demetrius. Lives. Vol. IX.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Julius Caesar. Lives. Vol. VII.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Lucullus. Lives. Vol. II.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Life of Lycurgus. Lives I.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Marcellus. Lives. Vol. V.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Pericles. Lives. Vol. III.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Life of Pelopidas. Lives. Vol. V.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Phocion. Lives. Vol. VIII.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Pompey. Lives. Vol. V.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Life of Publicola. Lives. Vol. I.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Pyrrhus. Lives. Vol. IX.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Romulus. Lives. Vol. I.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Life of Sulla. Lives. Vol. IV.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Life of Theseus. Lives. Vol. I.* Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London, Harvard University Press, 2005.

#### LIVROS, ARTIGOS E CAPÍTULOS DE LIVRO

BREMMER, J. "Plutarch and the Naming of Greek Women". *The American Journal of Philology*, vol. 102, n. 4, 1981, pp. 425-426.

BUSZARD, B. "The Speech of Greek and Roman Women in Plutarch's *Lives*". *Classical Philology*, vol. 105, n. 1, 2010, pp. 83-115.

CAGNAZZI, S. "Il grande Alessandro". *Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 54, H. 2, 2005, p. 132-143.

CARAWAN, E. M. "The Tragic History of Marcellus and Livy's Characterization". *The Classical Journal*, vol. 80, n. 2, 1984-1985, pp. 131-141.

CUEVA, E. P. "Plutarch's Ariadne in Chariton's Chaereas and Callirhoe". *The American Journal of Philology*, vol. 117, n. 3, 1996, pp. 473-484.

GLENN, C. "Sex, Lies, and Manuscript: Refiguring Aspasia in the History of Rhetoric". *College Composition and Communication*, vol. 45, n. 2, 1994, pp. 180-199.

HUZAR, E. G. "Mark Antony: Marriages vs. Careers". *The Classical Journal*, vol. 81, n. 2, 1985-1986, pp. 97-111.

JACQUIM, C. "Woman between the Tyrant and the Polis: The Role of Women in Tyrannical Regimes", *Classic@: An Online Journal*, Homepage: <http://chs.harvard.edu/wal/pageR?tn=ArticleWrapper&bdc=12&mn=1304>, 2011, 1-22.

Gerard B. Lavery, "Plutarch's Lucullus and the Living Bond of Biography", *The Classical Journal*, vol. 89, 3, 1994, pp. 261-273.

LE CORSU, F. *Plutarque et les femmes dans les Vies paralleles*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

LYONS, D. "Dangerous Gifts: Ideologies of Marriage and Exchange in Ancient Greece", *Classical Antiquity*, vol. 22, n. 1, 2003, pp. 93-134.

LOMAN, P. "No Woman No War: Women's Participation in Ancient Greek Warfare". *Greece & Rome*, vol. 51, n. 1, 2004, pp. 34-54.

MARASCO, G. "Cleopatra e gli esperimenti su cavie umane". *Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 44, H. 3, 1995, pp. 317-325.

MEANS, T. & DICKISON, S. K. "Plutarch and the Family of Cato Minor". *The Classical Journal*, vol. 69, n. 3, 1974, pp. 210-215.

MOSSÉ, C. "Women in teh Spartan Revolution of the Third Century B.C.", in: *Women's History & Ancient History*, Sarah B. Pomeroy (ed.), Chapel Hill/New York, The University of North Carolina Press, 1991, pp. 138-153.

MOSSMAN, J. "Taxis Ou Barbaros: Greek and Roman in Plutarch's Pyrrhus". *The Classical Quarterly*, vol. 55, n. 2, 2005, pp. 498-517.

\_\_\_\_\_. "Tragedy and Epic in Plutarch's Alexander". *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 108, 1988, pp. 83-93.

OSBORNE, R. "Law, the Democratic Citizen and the Representation of Women in Classical Athens". *Past & Present*, n. 155, 1997, pp. 3-33.

POMEROY, S. B. *Goddesses, Whores, Wives, and Slaves. Women in Classical Antiquity*, New York, Schocken Books, 1995.

RUSSELL, D. A. "Plutarch and the Antique Hero". *The Yearbook of English Studies*, vol. 12, Heroes and the Heroic Special Number, 1982, pp. 24-34.

\_\_\_\_\_. "Plutarch's Life of Coriolanus". *The Journal of Roman Studies*, vol. 53, 1963, pp. 21-28.

REDFIELD, J. "The Women of Sparta". *The Classical Journal*, vol. 73, n. 2, 1977-1978, pp. 146-161.

SILVA, M. A. O. *Plutarco Historiador: Análise das Biografias Espartanas*. São Paulo, Edusp, 2006.

TATUM, W. J. "The Regal Image in Plutarch's Lives", *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 116, 1996, pp. 135-151.

WALCOT, P. "Plutarch on Sex". *Greece & Rome*, vol. 45, n. 2, 1998, pp. 166-187.

WET, B. X. "Contemporary Sources in Plutarch's Life of Antony". *Hermes*, 118. Bd., H. 1, 1990, pp. 80-90.

WISEMAN, T. P. "The Wife and Children of Romulus", *The Classical Quarterly*, vol. 33, n. 2, 1983, pp. 445-452.

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.

## SUETÔNIO, *DOS GRAMÁTICOS*

Marcos Martinho\*

\* Universidade de São Paulo

**RESUMO:** O *Dos gramáticos* de Suetônio divide-se em duas partes: na primeira, o autor narra a introdução, desenvolvimento, florescimento e declínio da gramática em Roma (1-4); na segunda, expõe a biografia de vinte professores de gramática, que ensinaram na Cidade entre o início do séc. I a.C. e meados do século seguinte (5-24). Quanto à primeira parte, procuro mostrar que Suetônio adota conceitos fisicistas ou naturalistas para narrar a história da gramática em Roma, de modo que aquela se possa comparar à vida de um ser vivo. Assim, a exposição de Suetônio revela-se, na verdade, antes biográfica que historicista. Quanto à segunda parte, procuro mostrar que o Biógrafo se interessa por gramáticos que não só escreveram sobre sua arte no ócio, mas a ensinaram por ofício, isto é, por professores de gramática. Daí, seleciono e comento os elementos narrativos relacionados à docência, a saber: os métodos de ensino, o lugar de ensino, o número e qualidade dos alunos, os preços e honorários dos professores. Por fim, apresento tradução anotada do texto de Suetônio.

**PALAVRAS-CHAVE:** gramáticos latinos; história da gramática; biografia; Suetônio.

## SUÉTONE, *DE GRAMMATICIS*

**RÉSUMÉ:** Le *De grammaticis* de Suétone peut être divisé en deux parties: dans la première, l'auteur raconte l'introduction, développement, fleurissement et déclin de la grammaire à Rome (1-4); dans la deuxième, il expose la biographie de vingt professeurs de grammaire qui ont enseigné dans la Ville entre le début du I<sup>er</sup> s. av. J.-C. et le milieu du siècle suivant (5-24). Quant à la première partie, j'essaie de montrer que Suétone adopte des concepts physiques ou naturalistes pour raconter l'histoire de la grammaire à Rome, de manière que celle-là

puisse être comparée à la vie d'un être vivant. De la sorte l'exposé de Suétone se révèle être plutôt biographique que historique. Quant à la deuxième partie, j'essaie de montrer que le Biographe s'intéresse aux grammairiens qui non seulement ont écrit sur leur art dans le loisir, mais l'ont enseigné par devoir, c'est à dire, aux professeurs de grammaire. Alors je repère et examine les éléments du récit qui sont en rapport avec l'enseignement, à savoir : les méthodes pédagogiques, le lieu de l'enseignement, le nombre et la nature des élèves, les prix et les salaires des professeurs. Finalement je présente une traduction annotée du texte de Suétone.

**MOTS-CLEFS:** grammairiens latins; histoire de la grammaire; biographie; Suétone.

## APRESENTAÇÃO

**O** *Dos gramáticos* de Caio Suetônio Tranqüilo (c. 69 - 126/141 d.C.) divide-se claramente em duas partes: na primeira, o autor narra a introdução, desenvolvimento e florescimento da gramática em Roma (1-4); na segunda, expõe a biografia de vinte professores de gramática, que ensinaram na Cidade entre o início do séc. I a.C. e meados do século seguinte (5-24).<sup>1</sup> Se na segunda parte narra a vida dos gramáticos, talvez se possa dizer, de modo figurado, que, na primeira, narra a vida da gramática mesma. Seja como for, é a segunda parte que dá nome à obra, a qual, não por acaso, é de longe a mais longa.

1. A divisão é bem assinalada pelos termos com que Suetônio abre cada parte: a primeira, com a palavra *grammatica* “gramática” (1, 1), a segunda, com a expressão *clari professores* “professores ilustres” (4, 11).

### A) A VIDA DA GRAMÁTICA

Na primeira parte, pois, Suetônio conta que o primeiro a introduzir em Roma o estudo da gramática foi Cratete de Malo, que lá fez audições e dissertações e, assim, aos romanos serviu de exemplo para imitarem; daí, porém, observa que a imitação foi parcial (2). Em seguida, conta que a gramática foi aparelhada e desenvolvida sob todo aspecto por Élio Estilão e Sérvio Clódio, um e outro de grande e vária experiência no ensinamento (3, 1). Enfim, conta que o prestígio da arte gramatical e o cuidado com ela cresceram



mais e mais, de modo que ela tenha atraído o interesse dos varões mais ilustres, e as escolas de gramática se tenham multiplicado em Roma e também nas províncias (3, 4-6).

Assim, Suetônio parece narrar o aperfeiçoamento da gramática em Roma, dividindo-o em três tempos. No primeiro tempo, o estudo da gramática foi introduzido na Cidade, mas os romanos acolheram-no de modo parcial; no segundo tempo, a gramática foi aparelhada e desenvolvida de modo integral; no terceiro tempo, o prestígio da arte gramatical e o cuidado com ela cresceram de tal modo que as escolas de gramática se alastraram por toda parte em Roma e também nas províncias. Demais, Suetônio parece esboçar um quarto tempo, ao notar que certos exercícios, por meio dos quais o gramático outrora preparava os alunos para as aulas do rétor, já se omitem em seu tempo pela indolência e falta de facúndia de alguns; pois alunos houve que, nos tempos da juventude de Suetônio, declamassem num dia, disputassem no outro e, nos tempos dos pais dele, passassem imediatamente do estabelecimento do gramático ao fórum (4, 6-10).

Em suma, Suetônio parece conceber a história da gramática em Roma como um caminho para o aperfeiçoamento que se divide em três tempos, senão em quatro, isto é, em três tempos consumados: o tempo da introdução da gramática, o do desenvolvimento, o do florescimento, e num tempo incipiente: o tempo do declínio.

Ora, antes de tudo, essa maneira de conceber a história de uma arte é comum a outros autores; em latim, antes de Suetônio, é comum a Cícero e também Quintiliano. De fato, Cícero (106-43 a.C.), no *Bruto*, trata o aperfeiçoamento das artes,<sup>2</sup> dividindo-o em três tempos; não da arte gramatical, porém, senão de outras: escultura, pintura e poesia. Diz que é a mesma a razão nestas,<sup>3</sup> porque nelas todas nada foi, a um tempo só, tanto descoberto como aperfeiçoado.<sup>4</sup> Pois, na escultura, como ensina, as imagens de Cânaco são demasiado rígidas para imitarem a verdade; em seguida, as de Calâmide são duras, mas mais maleáveis que as de Cânaco, e as de Mirão ainda não são suficientemente chegadas à verdade, mas já não hesitamos em chamá-las belas; por fim, as de Policlito são ainda mais belas e já plenamente perfeitas. Assim também, na pintura, Zêuxis,

2. cf. 18, 69: *et quaerendum esse aliquid perfectius*; 18, 70: *et iam plane perfecta*; ib.: *iam perfecta sunt omnia*; 18, 71: *nihil est enim simul et inventum et perfectum*; 19, 76: *perfectior*.

3. 18, 70: *Similis in pictura ratio est*.

4. 18, 71: *Et nescio an reliquis in rebus omnibus idem eveniat: nihil est enim simul et inventum et perfectum*.

Polignoto, Timante não empregam mais que quatro cores, mas são louváveis pelas formas e linhas; todavia, em Equião, Nicômaco, Protógenes, Apeles, tudo já está aperfeiçoado. Na poesia, a *Odisséia* de Lívio é assim tal como alguma obra de Dédalo, e as peças dele não são suficientemente dignas de serem relidas; todavia, a *Guerra púnica* de Névio deleita como se fora obra de Mirão; é para admitir, porém, que Ênio seja mais perfeito que Névio (18, 70 - 19, 76). Em suma, no primeiro tempo, estão as imagens de Cânaco, bem como a epopéia de Lívio, muito rígidas ainda; no segundo, as imagens de Calâmide ou de Mirão, bem como a epopéia de Névio, já mais maleáveis, mas algo duras ainda; no terceiro, as imagens de Policlito, bem como a epopéia de Ênio, já plenamente perfeitas.

Quintiliano (c. 30 - c. 96 d.C.), por sua vez, pretende mostrar como quadros, estátuas e discursos oratórios diferem entre si pelo gênero,<sup>5</sup> de modo que cada gênero de obra tenha seus autores, e por isso não haja autor perfeito.<sup>6</sup> Ao expor, porém, os gêneros de pintura, escultura e oratória, distingue três deles, mostrando como cada um despontou ao seu tempo<sup>7</sup> de modo que acrescentasse à arte algo seu. Na pintura, as obras de Polignoto e Aglaofonte são quase rudimentos e como que primórdios da arte que logo havia de existir (XII 10, 3). Depois, Zêuxis e também Parrásio acrescentaram muitíssimo à arte (XII 10, 4). Foi, porém, cerca de Filipo e até aos sucessores de Alexandre que a pintura floresceu; pois Protógenes é o que mais sobressai no cuidado, Pânfilo e também Melântio na racionalidade, Antífilo na facilidade, Teão de Samo na concepção das visões que se chamam *phantásiai*, Apeles no engenho e graça (XII 10, 6). Na escultura, estátuas mais duras fizeram Calão e Hegésias; em seguida, já menos rígidas, Calâmide, e ainda mais maleáveis que as anteriores, Mirão; por fim, a diligência e decoro sobressaem em Policlito, a que mais de um atribui a palma, ainda que pensem que lhe falta peso; o que faltou a Policlito, porém, se dá a Fídias e Alcâmenes, de que aquele sobressai pela beleza; chegam-se à verdade Lisipo e Praxíteles, ao passo que Demétrio foi mais amante da verossimilhança que da beleza (XII 10, 7-9). No discurso oratório, houve, primeiro, gêneros de discurso que fossem mais rugosos, mas apresentassem grande vigor de engenho,

5. XII 10, 1: *Plurimum tamen inuicem differunt: nec solum specie, ut signum signo et tabula tabulae et actio actioni, sed genere ipso*; 10, 7: *Similis in status differentia*; 10, 10: *In oratione uero si species intueri uelis [...]. Sed fuere quaedam genera dicendi.*

6. XII 10, 2: *Suos autem haec operum genera quae dico, ut auctores [...] atque ideo nondum est perfectus orator.*

7. XII 10, 2: *partim condicione uel temporum uel locorum*; 10, 10: *Sed fuere quaedam genera dicendi condicione temporum*; 10, 11: *non multum inter se distantium tempore oratorum*; 10, 12: *suorum homines temporum.*

de onde saíram Lélío, Escipião o Africano, Catão e os Gracos, que corresponderiam a Polignoto ou Calão. Depois, detiveram a forma intermediária Crasso, Hortênsio. Enfim, floresceu enorme produção de oradores, onde encontramos o vigor de César, a índole de Célio, a sutileza de Calídio, a diligência de Polião, a dignidade de Messala, a sacralidade de Calvo, a gravidade de Bruto, a agudeza de Sulpício, o acerbo de Cássio (XII 10, 10-1). Assim, também Quintiliano parece tratar o aperfeiçoamento das artes, dividindo-o em três tempos: o tempo dos rudimentos e primórdios;<sup>8</sup> o tempo intermediário,<sup>9</sup> ou tempo dos acréscimos;<sup>10</sup> o tempo do florescimento.<sup>11</sup>

Em grego, Políbio (c. 210 - c. 126 a.C.) distingue princípio, desenvolvimento e florescimento e também deterioração; não de artes, porém, mas de constituições políticas. Na verdade, tendo distinguido seis gêneros destas (VI 4, 1-6; cf. VI 3, 5-12), e tendo daí explicado o modo como uns são gerados dos outros, uns nascem dos outros (VI 4, 7-10), Políbio adverte de que só quem contempla o modo como cada constituição nasce é capaz de contemplar o desenvolvimento, florescimento e transformação e, daí, o fim de cada uma (VI 4, 11-2). Por isso, estende-se num excurso (VI 6, 1 - 9, 9), em que expõe o arrazoado relativo ao modo como as constituições políticas se transformam umas nas outras segundo a natureza,<sup>12</sup> ou ainda, o ciclo das constituições políticas,<sup>13</sup> a economia natural<sup>14</sup> segundo a qual estas se transformam umas nas outras, são substituídas umas pelas outras.

Ora, chama a atenção que Políbio insista na noção de natureza, ora empregando o verbo *phýesthai* “nascer” (VI 4, 8. 12; 5, 4. 10), p. ex., ao perguntar-se de onde nascem as constituições políticas; ora empregando o substantivo *phýsis* “natureza” (VI 9, 10; 57, 1), p. ex., ao expor a economia natural segundo a qual as constituições políticas se transformam; ora empregando a expressão *katà phýsin* “segundo a natureza” (VI 4, 9. 11. 13; 5, 1; 6, 2. 7; 9, 13 bis; 10, 3. 4; 51, 4), p. ex., ao explicar como as constituições políticas se transformam segundo a natureza; ora empregando o advérbio *phýsikôs* “de modo natural” (VI 10, 2), p. ex., ao contar que Licurgo entrevira que as transformações das constituições eram levadas a cabo de modo natural. Pois,

8. cf. XII 10, 3: *ut illa prope rudia ac uelut futurae mox artis primordia.*

9. cf. XII 10, 10: *Mediam illa formam.*

10. cf. XII 10, 4: *plurimum arti addiderunt.*

11. cf. XII 10, 6: *Floruit*; 10, 11: *efflorescat.*

12. cf. VI 5, 1: ὁ περὶ τῆς κατὰ φύσιν εταβολῆς τῶν πολιτειῶν εἰς ἀλλήλας διευκρινεῖται λόγος.

13. cf. VI 9, 10: πολιτειῶν ἀνακύκλωσις.

14. cf. VI 9, 10: φύσεως οἰκονομία.

15. VI 51, 4: ἐπειδὴ γὰρ παντός καὶ σώματος καὶ πολιτείας καὶ πράξεως ἐστὶ τις αὔησις κατὰ φύσιν, μετὰ δὲ ταύτην ἀκμὴ, καίπειτα φθίσις.

16. VI 57, 1: Ὅτι μὲν οὖν πᾶσι τοῖς οὐσιν ὑπόκειται φθορὰ καὶ μεταβολὴ σχεδὸν οὐ προσδειλόγων· ἰκανὴ γὰρ ἡ τῆς φύσεως ἀνάγκη παραστήσαι τὴν τοιαύτην πίστιν.

17. Arstt. An. II 415 a 23-5: ἡ γὰρ θρεπτικὴ ψυχὴ καὶ τοῖς ἄλλοις ὑπάρχει, καὶ πρώτη καὶ κοινοτάτη δύναμις ἐστὶ ψυχῆς, καθ' ἣν ὑπάρχει τὸ ζῆν ἅπασιν; cf. III 432 b 8-11.

18. Arstt. An. II 415 b 26-7: οὐδὲν γὰρ φθίνει οὐδ' αὔξεται φυσικῶς μὴ τρεφόμενον, τρέφεται δ' οὐθὲν ὁ μὴ κοινωνεῖ ζωῆς.

19. Arstt. An. III 434 a 22-6: Τὴν μὲν οὖν θρεπτικὴν ψυχὴν ἀνάγκη πᾶν ἔχειν ὅτι περὶ αὐτὴν καὶ ψυχὴν ἔχει, ἀπὸ γενέσεως καὶ μέχρι φθορᾶς· ἀνάγκη γὰρ τὸ γενόμενον αὔξεισιν ἔχειν καὶ ἀκμὴν καὶ φθίσις, ταῦτα δ' ἄνευ τροφῆς ἀδύνατον· ἀνάγκη ἄρα ἐνεῖναι τὴν θρεπτικὴν δύναμιν ἐν πᾶσι τοῖς φουμένοις καὶ φθίνουσιν; cf. I 411 a 29-30: γίνεται δὲ καὶ ἡ κατὰ τόπον κίνησις τοῖς ζώοις ὑπὸ τῆς ψυχῆς, ἔτι δ' αὔξη τε καὶ ἀκμὴ καὶ φθίσις.

20. Arstt. An. II 412 a 14-5: ζῶν δὲ λέγομεν τὴν δι' αὐτοῦ τροφὴν τε καὶ αὔξεισιν καὶ φθίσις.

destarte, Políbio equipara o modo como as coisas humanas nascem umas das outras à maneira como as coisas naturais são geradas umas das outras. De fato, diz que, após deteriorarem-se todos os ofícios e artes, a multidão dos homens cresce de novo como que de sementes, assim como ocorre aos outros seres vivos (VI 5, 4-7). Assim também, ao comparar a constituição dos romanos com a dos cartagineses (VI 51-6), lembra que, de todo corpo, constituição política, ação, existe o desenvolvimento segundo a natureza; depois deste, o florescimento; e, em seguida, a deterioração.<sup>15</sup> Daí, tendo concluído a comparação, justifica-se, dizendo que não é necessário insistir em que para todos os seres há deterioração e transformação, pois basta a necessidade natural para sustentar essa crença.<sup>16</sup>

Logo, a maneira como Políbio, Cícero, Quintiliano e, daí, Suetônio concebem a história de artes e ofícios humanos revela-se fisicista ou naturalista, uma vez que a descrevem como a vida dos seres vivos que primeiro nascem, e daí crescem, e daí florescem, e enfim perecem. De fato, é assim que Aristóteles (384-322 a.C.), no *Da alma*, descreve a vida de qualquer ser vivo, homem, animal ou vegetal, como a sucessão do nascimento, desenvolvimento, florescimento e deterioração. Antes de tudo, vincula a vida à alma nutritiva, que, como ensina, é a primeira e a mais comum potência da alma, por meio da qual o viver subsiste em todos.<sup>17</sup> Pois nada se deteriora nem se desenvolve de modo natural que não tenha sido nutrido; nada se nutre, porém, que não comungue na vida.<sup>18</sup> Daí, vincula à alma nutritiva o que é próprio do ser vivo, isto é, o desenvolvimento, florescimento e deterioração. Pois, como argumenta, é necessário que o que é gerado tenha desenvolvimento, florescimento, deterioração; isso, porém, é impossível sem nutrição; logo, é necessário que a potência nutritiva resida em todos os que nascem e se deterioram.<sup>19</sup> Por isso, ao distinguir entre os corpos naturais que têm vida, e os que não têm, Aristóteles chama vida a nutrição do ser por ele mesmo, o florescimento, a deterioração.<sup>20</sup>

Assim, pode-se concluir que Políbio, Cícero, Quintiliano e, daí, Suetônio se valem de conceitos fisicistas ou naturalistas para expor a história de artes ou ofícios humanos. De acordo com tal concepção, a história destes é

um caminho para o aperfeiçoamento que se divide em quatro tempos, a saber: 1º no tempo do início (gr. *arkhé*; lat. *initium*) ou descoberta (gr. *heúresis*; lat. *inuentio*); 2º no tempo do desenvolvimento (gr. *aúxesis*; lat. *augmentum*); 3º no tempo da perfeição (gr. *télos*; lat. *perfectio*) ou florescimento (gr. *akmé*; lat. *flos*); 4º no tempo da deterioração (gr. *phthorá*; lat. *corruptio*). De acordo com tal concepção, pois, a história das artes e ofícios humanos avança assim como a vida dos seres vivos, de maneira que a exposição de tal avanço seja antes biográfica que histórica. Por isso, não é só de modo figurado, como antes se sugeriu, mas já de modo próprio que se pode dizer que Suetônio expõe o *bíos* “vida ou biografia” da gramática em Roma.

#### B) A BIOGRAFIA DOS GRAMÁTICOS

Na segunda parte da obra, por sua vez, Suetônio expõe a biografia de vinte gramáticos. A expressão com que abre aquela, porém, é mais precisamente a de *clari professores* “professores ilustres” (4, 11). Logo, Suetônio expõe a biografia de vinte gramáticos que não só escreveram sobre sua arte no ócio, mas a ensinaram por ofício. De fato, no fim da primeira parte, tendo já narrado a introdução, desenvolvimento e florescimento da gramática em Roma, Suetônio ensina que já então estavam discriminadas as “profissões” do gramático e do rétor (cf. 4, 7: *iam tum discretis professionibus*), de modo que aquele ensinasse até ao ponto de entregar os meninos a este (4, 7). Daí, na segunda parte, expõe, mais precisamente, a biografia dos gramáticos que foram “professores de gramática” (cf. 9, 2: *professores*; 9, 7: *grammaticum professorem*), isto é, que “professaram” gramática (cf. 9, 1: *professus*), exerceram a “profissão de gramático” (cf. 8, 1: *in professione grammatica*).

Não é por outra razão que Sévio Nicánor é o primeiro biografado, senão porque, justamente, foi o primeiro a alcançar a fama e dignidade “por meio da ação de ensinar” (cf. 5, 1: *docendo*). Daí, não é por acaso que o verbo *docere* “ensinar” ocorra em quinze das vinte biografias (5, 1; 6, 1; 7, 2. 3; 9, 1. 5; 10, 3; 11, 2; 13, 1; 15, 1; 16, 1; 17, 2; 18, 2. 3; 19; 20, 2; 23, 2; 24, 4), a designar a ação distintiva

dos gramáticos biografados. Na verdade, já na primeira parte, o verbo *docere* ocorre quatro vezes (1, 2; 3, 5. 6; 4, 6) – duas vezes, aliás, ao lado de um derivado seu, o substantivo *doctor* “docente”, e uma vez, ao lado do substantivo *grammaticus* “gramático” –. Pois, ao esboçar o início da gramática em Roma, Suetônio refere-se ao ensino dos mais antigos dos “docentes” (cf. 1, 2: *antiquissimi doctorum* [...] – *docuisse*) e, ao narrar o florescimento da gramática na Cidade, refere-se ao ensino dos mais conhecidos “docentes” (cf. 3, 6: *nonnulli de notissimis doctoribus* [...] *docuerunt*); assim também, ao distinguir entre as profissões do gramático e do rétor, refere-se ao ensino dos antigos “gramáticos” (cf. 4, 6: *Veteres grammatici* [...] *docebant*). Em contrapartida, aquele que recebe os ensinamentos do gramático é chamado *discens* “aprendiz” (7, 1; 17, 1) ou *discipulus* “discípulo” (7, 5; 9, 3; 17, 2; 24, 4; cf. 19), e a relação entre um e outro, *disciplina* “aprendizado” (13, 2).

Outro termo com que Suetônio designa a ação do gramático é o verbo *praecipere* “preceituar” (10, 3; 16, 2; cf. 22, 3), de modo que chame ao resultado da ação *praeceptum* “preceito” (7, 3; 10, 6), e ao gramático mesmo, *praeceptor* “preceptor” (10, 2; 11, 2; 17, 2); daí, usa do verbo *audire* “ouvir”, quando se refere àquele que recebe os preceitos do gramático (10, 3; 20, 1; cf. 10, 2: *auditor atque praeceptor*). Na primeira parte da obra, porém, emprega o verbo *praelegere* “lecionar” (1, 2; cf. 16, 3) e a expressão *legere apud aliquem* “ler junto a alguém” (2, 4), para designar respectivamente a ação do docente e a do discente. De resto, Suetônio ainda alude ao papel de *magister* “mestre” (cf. 24, 4: *magistri personam*), desempenhado pelo gramático, e cita, ademais, uns versos de Fúrio Bibáculo, em que o termo é aplicado a Valério Catão (11, 4), e a tirada de um anônimo, em que é referido a Rêmio Palêmão (23, 6).

Ora, nesse contexto eminentemente pedagógico, alguns gramáticos chamam a atenção, justamente porque nem sempre exerceram o ofício de ensinar. Pompílio Andronico, após ter ensinado em Roma, mudou-se para Cumas e lá viveu no ócio, compondo muitas coisas (8, 2). Valério Probo, por sua vez, nunca ensinou de modo que fizesse o papel de mestre, e assim teve não tanto discípulos quanto seguidores (24, 4). Assim também, alguns

gramáticos sobressaem entre outros justamente por seus métodos de ensino. Orbílio Pupilo sobressai por ter exagerado no método tradicional, isto é, na palmatória..., como testemunham Horácio e Domício Marso, citados por Suetônio – aquele, a chamar Orbílio de “palmatório”, e este, a rememorar aqueles que o gramático castigava com a fêrula e o açoite (9, 3) –. Vérrio Flaco, por sua vez, sobressai por ter instituído um método inovador de ensino; pois, para exercitar os engenhos dos aprendizes, costumava lançar os de mesma idade uns contra outros, após ter-lhes proposto não só a matéria sobre a qual deveriam escrever, mas também o prêmio – em geral, algum livro raro – que o vencedor receberia (17, 1).

Suetônio também menciona o local de ensino. Ora, uma vez que, em regra, foram libertos, os gramáticos biografados exerceram a docência, primeiro, em casa de algum senhor e, depois, em casa sua; Antônio Gnifão, por exemplo, ensinou primeiro em casa de Júlio César, depois em sua própria casa (7, 2). Porém, embora um e outro ilustre, salta à vista a diferença entre a casa do senhor e a do gramático – aquela, em geral, ilustre, e esta, humilde –. Pois, de um lado, conta-se que Pompeio Lenéio ensinou em Carinas junto ao templo de Telúrica, lá onde estivera a casa dos Pompeios (15, 1), e Vérrio Flaco ensinou no átrio da casa de Cátulo que era então parte do Palácio (17, 2). De outro lado, conta-se que Orbílio Pupilo habitou debaixo de telhas (9, 1), e Valério Catão viveu recolhido a uma choça (11, 4), e Lúcio Crassício ensinou numa edícula (18, 2). Não poucos gramáticos, porém, foram bem-sucedidos, tanto que chegaram a abrir escola (cf. 16, 2: *scholam aperuit*). A palavra com que Suetônio designa o local de ensino é, em regra, *schola* “escola”, palavra de origem grega, que ocorre em oito das vinte biografias (6, 2; 7, 4; 8, 1; 15, 1; 16, 2; 17, 2; 18, 3; 23, 1. 5). Na primeira parte, porém, emprega uma vez aquela (3, 4), e outra, *ludus* “estabelecimento”, palavra propriamente latina (cf. 4, 10: *e grammatici [...] ludo*). Mais que isso, ao narrar o florescimento da gramática em Roma, Suetônio conta que as escolas se multiplicaram dentro e fora da Cidade e, ademais, atraíram a atenção dos varões mais ilustres, de modo que se produzisse a carestia dos preços e dos honorários dos gramáticos – bem

entendido, do preço dos escravos, e dos honorários dos libertos – (3, 4-6). Em suma, segundo Suetônio, os sinais do florescimento do estudo da gramática em Roma são, de um lado, a qualidade e o número dos ouvintes e, de outro, os preços e os honorários dos preceptores.

Ao dizer quão ilustres e quão numerosos foram os ouvintes dos gramáticos, Suetônio emprega expressões tais como: *multi et clari* “muitos e ilustres” e *multi et nobiles* “muitos e nobres”, como complemento de verbos tais como: *praecipere* “preceituar” (cf. 10, 3: *praecepisse autem multis et claris iuuenibus*) e *docere* “ensinar” (cf. 11, 2: *docuit multos et nobiles*; 18, 3: *et doceret [...] multos ac nobiles*). Às vezes, nomeia os varões ilustres que seguiram as lições do gramático, a saber: Cícero, que freqüentou a escola de Antônio Gnifão (7, 4); Ápio Cláudio e Pulcro Cláudio, de que Ateio Filólogo foi preceptor (10, 3); Bruto e Cássio, que foram ensinados por Estabério Erote (13, 1); a esposa de Marco Agripa, que foi ensinada por Cecílio Epirota (16, 1); os netos de Augusto, dos quais Vérrio Flaco foi eleito preceptor (17, 2); Iulo Antônio, que foi ensinado por Lúcio Crassício (18, 3). Quanto ao número dos alunos, alguns gramáticos chamam a atenção, porque, graças a alguma condição privilegiada, puderam abster-se de ensinar o grande número. Cecílio Epirota foi preceptor de poucos, e tão-só de adolescentes, de nenhum pretextado, a não ser que não pudesse negar seu ofício ao pai de algum (16, 2-3); Vérrio Flaco mudou-se para o Palácio a fim de ensinar os netos de Augusto, sob a condição de não receber mais nenhum discípulo (17, 2); Valério Probo costumava admitir um e outro ou, quando muito, três ou quatro nas horas vespertinas e, deitado, ler alguma coisa em meio a conversas longas e ademais banais, e isso bem raramente (24, 4). Alguns, porém, apesar de outros encargos, não se furtaram a ensinar o grande número; é o caso de Júlio Higino, que, apesar da incumbência de presidir à Biblioteca Palatina, não deixou de ensinar muitíssimos (20, 2).

Quanto aos preços e honorários, Suetônio explica que o valor venal do gramático escravo oscilava de acordo com a competência gramatical deste (4, 5). Daí talvez se pode inferir que isso de Caio Melisso ter sido dado de presente como gramático a Mecenas, significa que o senhor do escravo tinha



alto apreço por este (21, 2). Por outro lado, os honorários do gramático liberto nem sempre eram elevados e, ademais, estavam sujeitos à inadimplência dos pais dos alunos... Orbílio Pupilo teria mesmo escrito um livro em que se queixasse dos prejuízos sofridos pelos professores por causa da negligência e rodeios dos pais (9, 2). Alguns, porém, dotados de alguma natureza superior, não obrigavam os pais a pagar. Antônio Gnifão, de natureza cordata e fácil, nunca ajustou os seus honorários, e por isso, na verdade, conseguiu mais, graças à generosidade dos aprendizes (7, 1); Estabério Erote fora dotado de tão grande honestidade que, nos tempos de Sula, teria recebido no aprendizado, de graça e sem honorários, os descendentes dos proscritos (13, 2). Alguns, porém, recebiam somas elevadas por seu ensino. Pompeio Lenéio sustentou-se com a sua escola, de tal modo que pôde devolver ao seu senhor o preço que este havia pago por ele (15, 1-3); Vétrio Flaco mudou-se para o Palácio com a escola inteira e recebeu 100.000 sestércios por ano (17, 2); Rêmio Palêmão tirava 400.000 sestércios por ano da sua escola (23, 5).

## TRADUÇÃO

A seguir, apresenta-se tradução anotada do *De grammaticis*. A tradução foi elaborada a partir do texto latino estabelecido por Marie-Claude Vacher (SUÉTONE. *Grammairiens et rhéteurs*. Paris: Les Belles Lettres, 1993). O texto da tradução apresenta acréscimos: a) entre colchetes: a.1) palavra ou expressão que ou se subentende no original, e se explicita na tradução, ou se admite lá, e se acrescenta aqui; a.2) tradução de palavra ou expressão grega empregada no original e reproduzida na tradução; a.3) subtítulo ausente no original; b) entre parênteses: indicação completa de obra citada de modo parcial no original. As notas, por sua vez, procuram informar, quanto possível, o nome completo das personagens ou a datação destas e também dos eventos, ações e governos mencionados na obra. Além disso, remetem às seções em que o nome de uma personagem eventualmente se repete na obra.

[A GRAMÁTICA EM ROMA]

1. A gramática em Roma não estava sequer em uso outrora, nem em apreço nenhum, cidade ainda então rude e ademais belicosa, e que ainda não tinha muito tempo, bem entendido, para as disciplinas liberais. Também o início dela se mostrou modesto, se é que os mais antigos dos docentes, que eram eles mesmos tanto poetas como semigregos – falo de Lívio<sup>21</sup> e Ênio,<sup>22</sup> que, sabe-se, em casa e fora ensinaram em ambas as línguas –, nada mais faziam que traduzir os gregos ou, se algo eles mesmos tivessem composto em latim, lecioná[-lo]. Pois, quanto àquilo que não poucos contam: que foram editados por Ênio dois livros sobre as letras e sílabas, bem como sobre os metros (frg. Funaioli, 101-3), Lúcio Cota argumenta com justiça, dizendo que não são do poeta, mas de um Ênio posterior, de que se referem ainda uns volumes sobre a disciplina do augúrio (frg. Funaioli, p. 411).

2. O primeiro, pois, a introduzir na cidade o estudo da gramática foi, quanto podemos opinar, Cratete de Malo, contemporâneo de Aristarco,<sup>23</sup> que, enviado ao senado<sup>24</sup> pelo rei Átalo entre a segunda e a terceira guerra púnica quando da morte mesma de Ênio,<sup>25</sup> como tivesse fraturado a perna ao escorregar numa boca de bueiro na região do Palácio, fez sucessivamente o maior número de *akroáseis* [“audições”] e dissertou assiduamente por todo o tempo de sua delegação, assim como de sua convalescência, e daí aos nossos serviu de exemplo para imitar. Imitaram[-no], todavia, ao ponto tão-só de refundir com alguma diligência os carmes ainda pouco divulgados quer de amigos falecidos quer de outros, dos quais tivessem apreciado [os carmes], e também fazê-los conhecidos dos demais ainda por meio de leitura e comentário – como Caio Otávio Lampadião<sup>26</sup> [refundiu] a *Guerra púnica* de Névio,<sup>27</sup> a qual, apesar de ter sido exposta num único volume e em escrita contínua, ele dividiu em sete livros; como posteriormente Quinto Vargunteio [fez conhecidos] os *Anais* de Ênio, os quais ele proferia em meio a grande freqüência em dias certos; como

21. Lívio Andronico (c. 284 c. - 204 a.C.).

22. Quinto Ênio (239-169 a.C.); cf. “Seções 2 e 8”.

23. Aristarco de Samotrácia (c. 217 - c. 145 a.C.).

24. 168 a.C.

25. cf. “Seções 1 e 8”.

26. fl. c. 135 a.C.

27. Cneio Névio (c. 270 - c. 200 a.C.).

Lélio Arquelau e Vécio Filócomo [fizeram conhecidas] as *Sátiras* de Lucílio,<sup>28</sup> familiar seu, as quais Pompeio Lenéio<sup>29</sup> declara ter lido junto a Arquelau, [e] Valério Catão,<sup>30</sup> junto a Filócomo (frg. Funaioli, p. xiii, 51-2, 142, 403).

3. Aparelharam e desenvolveram sob todo aspecto a gramática Lúcio Élio Lanuvino<sup>31</sup> e o genro de Élio, Sérvio Clódio,<sup>32</sup> um e outro cavaleiro romano e de grande e vária experiência tanto no ensinamento como na coisa pública. Élio foi de duplo cognome; pois era chamado tanto Preconino, porque o pai dele exercera o preconício, como Estilão, porque soía escrever para cada um dos mais nobres os discursos oratórios [destes], tão partidário dos aristocratas que acompanhou até o exílio<sup>33</sup> Metelo Numídico.<sup>34</sup> Sérvio, como tivesse tomado emprestado por fraude o livro ainda não editado do genro e, por ter sido repudiado por isso, se tivesse retirado da Cidade por vergonha e desgosto, foi acometido pela doença da gota e, por não suportá-la, ungiu-se os pés com veneno e necrosou[-os] de modo que vivesse com essa parte do corpo como que semimorta.

Depois disso, tanto o prestígio da arte [gramatical] como o cuidado com ela cresceram mais e mais, de modo que nem sequer os varões mais ilustres se tenham abtido de eles mesmos escrever algo sobre ela, e de modo que na cidade tenham existido, conta-se, mais de vinte escolas concorridas em certos momentos. Na verdade, tamanhos [eram] os preços dos gramáticos, e tão grandes os honorários, que consta que Lutácio Dáfnide,<sup>35</sup> que Lévio Melisso diz *Panòs agápema* [“objeto de estima de Pã”] por chalaça do nome, foi comprado por Quinto Cátulo<sup>36</sup> por 700.000 moedas e daí foi rapidamente alforriado; que Lúcio Apuleio foi alugado por 400.000 [moedas] anuais por Efcio Calvino, cavaleiro romano mui rico, para que ensinasse em Osca (frg. Funaioli, p. xiii-xiv). Pois também nas províncias a gramática penetrara, e daí não poucos dentre os mais conhecidos docentes ensinaram no exterior, sobretudo na Gália togada, entre os quais Otávio Teucro e Sescênio Iaco e Ópio Carete – este, na verdade, até o fim da vida e quando já não só no andar desfalecesse, mas também na visão –.

4. A designação de *grammatici* [“gramáticos”] prevaleceu pelo costume grego, mas no início eram chamados [em latim] *litterati* [“letrados”]. Também Cornélio

28. Caio Lucílio (c. 180 - c. 102 a.C.); cf. “Seção 14”.

29. cf. “Seção 15”.

30. cf. “Seções 4 e 11”.

31. c. 154 - c. 74 a.C.

32. m. c. 60 a.C.

33. 100 a.C.

34. Quinto Metelo Numídico (c. 160 - 91 a.C.).

35. n. c. 130 a.C.

36. Quinto Lutácio Cátulo (n. c. 150 a.C.); cf. “Seção 17”.

37. c. 100 - c. 25 a.C.  
 38. Marco Valério Messala Corvino (c. 64 a.C. - c. 8 d.C.).  
 39. Marco Fúrio Bibáculo (n. 103 a.C.); cf. “Seções 9 e 11”.  
 40. cf. “Seção 11”.  
 41. cf. “Seções 2 e 11”.  
 42. cf. “Seções 8, 9 e 19”.

Neto,<sup>37</sup> no livrinho em que distingue *litteratus* [“letrado”] de *eruditus* [“erudito”], afirma que vulgarmente, na verdade, são designados *litterati* [“letrados”] os que podem ou dizer ou escrever algo com cuidado e com agudeza e ciência; por outro lado, que propriamente é para designar assim os intérpretes dos poetas, que são nomeados *grammatikoi* [“gramáticos”] pelos gregos (frg. Funaioli, p. 410). Messala Corvino<sup>38</sup> revela em certa epístola que esses mesmos foram freqüentemente chamados *litteratores* [“letradores”], ao dizer que ele nada tem que ver com Fúrio Bibáculo,<sup>39</sup> nem tampouco com Tícidas<sup>40</sup> ou com o letrador Catão – alude, sim, indubitavelmente, a Valério Catão,<sup>41</sup> conhecidíssimo poeta e ao mesmo tempo gramático – (frg. Funaioli, p. 506-7). Há os que distingam *litteratus* [“literato”] de *litterator* [“letrador”], como os gregos [distinguem] *grammatikós* [“gramático”] de *grammatistés* [“gramatista”] e aquele, na verdade, têm na conta de absolutamente douto, este, de modestamente. A opinião de tais Orbílio<sup>42</sup> confirma-a ainda com exemplos. Pois, de fato, afirma que, entre os antepassados, quando a famulagem de alguém era posta à venda, não sem mais soíam inscrever *litteratus* [“letrado”] na placa de um, mas *litterator* [“letrador”], como que não perfeito nas letras, mas imbuído [nelas] (frg. Funaioli, p. 135).

Os antigos gramáticos ensinavam retórica também, e assim se referem comentários de muitos [deles] sobre ambas as artes. Calculo que foi segundo tal costume que os pósteros também, ainda que já então discriminadas as profissões [do gramático e do rétor], quer retiveram quer instituíram eles mesmos, não obstante, certos gêneros de adestramento para preparar a eloquência, como problemas, paráfrases, alocações, etiologias e ainda outras desse gênero, para que, bem entendido, os meninos não fossem entregues aos rétores de todo secos e também áridos. Tais [gêneros de adestramento], na verdade, vejo que já se omitem pela indolência de certos [meninos] e pela falta de facúndia, pois por fastio eu não pensaria. Lembro-me de que, na verdade, sendo eu juvenzinho, certo [menino], de nome Príncipe, soía num dia declamar, no outro disputar; em não poucos dias dissertar na verdade de manhã, declamar depois do meio-dia após afastar o púlpito. Eu ainda ouvia que, à época

dos [meus] pais, certos [meninos] haviam passado imediatamente do estabelecimento do gramático ao fórum e, ademais, haviam sido aceitos no número dos mais distintos patronos.

Os professores ilustres, e de que, ao menos por nós, possa ser apresentado algo, foram aproximadamente os seguintes.

[OS GRAMÁTICOS EM ROMA]

5. Sévio Nicánor foi o primeiro a alcançar a fama e dignidade ensinando e fez, além de comentários, de que todavia a maior parte, diz-se, fora tomada emprestada, uma sátira também, em que indica por meio destas palavras que era liberto e ademais de cognome duplo:

Sévio Nicánor, liberto de Marco, negará;  
Sévio . . . Nicánor . . ., o mesmo que Marco, ensinará (frg. Baehrens, p. 294).

Há os que contem que ele se retirou para a Sardenha por causa de certa má fama e lá findou seus dias.

6. Aurélio Opilo, liberto de certo epicureu, ensinou primeiro filosofia, depois retórica, por último gramática. Após ter deixado porém a [sua] escola, seguiu para a Ásia com Rutílio Rufo<sup>43</sup> após este ter sido condenado;<sup>44</sup> lá mesmo, em Esmirna . . . e envelheceu ao mesmo tempo [que Rutílio Rufo], e compôs uns tantos volumes de erudição vária, dos quais nove de um único conjunto. Tais [livros], pois que teria julgado os escritores [prosaicos] e também os poetas sob a clientela das Musas, afirma que foi a partir do número e designação das divindades que, não absurdamente, tanto os fez como denominou (frg. Funaioli, p. 86-8). Advirto de que o cognome dele está escrito com uma única letra [“l” (*Opilus*)] em mais de um catálogo e título; na verdade, ele mesmo o expressa com duas [letras “l” (*Opillus*)] no acróstico de um livrinho denominado *Pinax* [“*Prancha*”] (frg. Funaioli, p. 87).

7. Marco Antônio Gnifão,<sup>45</sup> nascido livre na Gália, mas exposto, após ter sido alforriado e formado por seu

43. m. post 78 a.C.

44. 92 a.C.

45. cf. “Seções 8 e 10”.

46. Caio Júlio César (101-44 a.C.); cf. “Seção 20”.

47. Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.); cf. “Seções 9, 14 e 16”.

48. 66 a.C.

49. cf. “Seção 10”.

50. cf. “Seções 7 e 10”.

51. cf. “Seções 1 e 2”.

52. cf. “Seções 4, 9 e 19”.

53. n. 113 a.C.; cf. “Seções 4, 8 e 19”.

criador – em Alexandria, na verdade, na intimidade de Dionísio Escitobraquíão, como contam alguns, o que, na verdade, eu não creia sem mais, já que mal coincide a conta dos tempos –, foi, diz-se, de grande engenho, de singular memória, não menos douto em grego que em latim; além disso, de natureza cordata e fácil; e nunca ajustou os [seus] honorários, e por isso conseguiu mais, graças à generosidade dos aprendizes. Ensinou primeiro na casa do divino Júlio,<sup>46</sup> ainda menino [este]; depois, na sua [casa] particular. Ensinou, porém, retórica também, de modo que ministrasse os preceitos da eloquência cotidianamente, não declamasse, na verdade, senão nos dias de feira. Afirmam que a escola dele foi freqüentada por varões ilustres também – entre esses, por Marco Cícero,<sup>47</sup> ainda quando [este] se desempenhasse da pretura<sup>48</sup> –. Escreveu muito, ainda que não tenha ultrapassado o quinquagésimo ano de vida – aliás, Ateio Filólogo<sup>49</sup> conta que ele deixou tão-só dois volumes acerca da língua latina, pois os demais escritos seriam dos discípulos dele, não dele mesmo, nos quais se encontraria algures o nome seu também, como este . . . (frg. Funaioli, p. 99, 137).

8. Marco Pompílio Andronico, de nacionalidade síria, era tido por algo indolente na profissão de gramático, pela [sua] dedicação ao grupo epicureu, e pouco idôneo para tutelar uma escola. E assim, como visse que na Cidade era posto abaixo não só de Antônio Gnifão,<sup>50</sup> mas dos demais, ainda piores, mudou-se para Cumas e lá viveu no ócio e compôs muitas coisas – na verdade, tão sem recursos e indigente, que foi obrigado a vender a alguém por 16.000 moedas aquele opúsculo seu dos *élegkhoi* [“refutações”] dos *Anais* de Ênio<sup>51</sup> (frg. Funaioli, p. 101), os quais livros, após terem sido abafados, Orbílio<sup>52</sup> diz que os comprou e cuidou para eles serem divulgados sob o nome do autor (frg. Funaioli, p. 134) –.

9. Lúcio Orbílio Pupilo,<sup>53</sup> de Benevento, abandonado com a morte dos pais, assassinados em emboscada de inimigos num único e mesmo dia, primeiro foi ordenança de magistrados, depois serviu na Macedônia no cornículo, logo na cavalaria, e, após ter-se desempenhado do serviço militar, retomou os estudos, que abordara não superficialmente já desde menino, e daí, após ter sido

professor por muito tempo na [sua] pátria, no [seu] quinquagésimo ano enfim, mudou-se sob o consulado de Cícero<sup>54</sup> para Roma e [lá] ensinou com fama maior que o provento. Pois, de fato, já mui velho, confessa em certo escrito ser pobre e habitar debaixo de telhas (frg. Funaioli, p. 134). Editou ainda livro que tem por título . . ., que contém queixas sobre os prejuízos a que os professores seriam suscetíveis pela negligência ou rodeios dos pais (frg. Funaioli, p. 135). Foi, porém, de natureza acerba, não só contra os *antisophistai* [“adversários sofistas”], que dilacerou em toda ocasião, mas ainda contra os discípulos, como aludem tanto Horácio,<sup>55</sup> ao designá-lo como “palmatório” (Hor. *Ep.* II 1, 69-71), quanto Domício Marso,<sup>56</sup> ao escrever:

os que Orbílio acaso com fêrula castigou e com açoite (frg. Baehrens, p. 346).

E nem mesmo varões importantes se absteve de insultar, se é que, ainda desconhecido, como desse testemunho num julgamento freqüentado, após ter sido perguntado por Varrão,<sup>57</sup> o advogado da parte contrária, sobre o que então fazia, e de que arte usava [para viver], respondeu que levava corcundas do sol à sombra, porque Murena era corcunda. Viveu quase até o centésimo ano de vida, tendo já perdido a memória muito antes, como ensina o verso de Bibáculo:<sup>58</sup>

onde, pois, está Orbílio, das letras oblvio? (frg. Baehrens, p. 318).

Exibe-se em Benevento uma estátua dele, no Capitólio, do lado esquerdo, em mármore, à maneira de [alguém] sentado e também paliado, com dois escrínios postos ao lado. Deixou um filho, Orbílio, também este professor de gramática.

10. Lúcio Ateio Filólogo,<sup>59</sup> liberto, nasceu em Atenas. Ateio Capitão,<sup>60</sup> jurisconsulto conhecido, afirma que esse foi rétor entre gramáticos, gramático entre rétores. Acerca do mesmo, Asínio Polião,<sup>61</sup> no livro em que repreende os escritos de Salústio<sup>62</sup> de estarem impregnados de demasiada afetação de palavras arcaicas, conta isto: “Para isso, prestou-lhe ajuda sobretudo certo Ateio Pretextado, [primeiramente] nobre gramático latino, depois ouvinte e ademais preceptor

54. 63 a.C.; cf. “Seções 7, 14 e 16”.

55. Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C.).

56. cf. “Seção 16”.

57. Aulo Terêncio Varrão Murena (n. c. 56 a.C.).

58. cf. “Seções 4 e 11”.

59. c. 105 a.C. - post 29 a.C.; cf. “Seção 7”.

60. Caio Ateio Capitão (c. 30 a.C. - 22 d.C.); cf. “Seção 22”.

61. Caio Asínio Polião (76 a.C. - 4 d.C.).

62. Caio Salústio Crispo (86-35 a.C.); cf. “Seção 15”.

dos que declamavam, em suma nomeado por si mesmo Filólogo” (frg. Funaioli, p. 495-6). Ele mesmo escreveu a Lélío Hermas que possuía grande progresso nas letras gregas, e não pouco nas latinas; que ouvira Antônio Gnifão<sup>63</sup> . . . ; que fora preceptor, porém, de muitos e ilustres jovens, entre os quais, dos irmãos Cláudios também: Ápio e Pulcro, dos quais ainda teria sido companheiro na província<sup>64</sup> (frg. Funaioli, p. xx, 136). Parece que adotou a designação de Filólogo porque, assim como Eratóstenes,<sup>65</sup> que foi o primeiro a reivindicar para si esse cognome, era considerado de ensinamento múltiplo e vário, o que absolutamente se vê dos comentários dele, ainda que restem pouquíssimos, a cuja opulência, todavia, outra epístola ao mesmo Hermas alude assim: “Lembrar-te-ás de recomendar a outros a nossa *Hyle* [“*Selva*”], que reunimos em 800 livros, como sabes, de todo gênero” (frg. Funaioli, p. 136-7). Cultivou posteriormente grande familiaridade com Caio Salústio e, após este falecer, com Asínio Polião, os quais, tendo-se arrojado a compor história, ele aparelhou: um, com um breviário de todas as coisas romanas, das quais elege-se as que quisesse; o outro, com preceitos relativos à regra da escrita. Pelo que, mais me admira que Asínio tenha crido que ele soesse palavras antigas e figuras colher de Salústio, já que sabe que lhe não aconselhava nada senão usar de linguagem conhecida, civil e própria, e evitar sobretudo a obscuridade de Salústio e a audácia [deste] nas metáforas (frg. Funaioli, p. 137).

63. cf. “Seção 7 e 8”.

64. Ensinou os irmãos Cláudios entre 80 e 75 a.C., a saber: Ápio (97-48 a.C.) e Pulcro (m. 52 a.C.), dos quais ainda teria sido companheiro na província entre 55 e 51 a.C.

65. Eratóstenes de Cirene (c. 276 - c. 196 a.C.).

66. n. c. 95 a.C.; cf. “Seções 2 e 4”.

67. 82-80 a.C.; cf. “Seção 13”.

11. Públio Valério Catão,<sup>66</sup> como não poucos contaram, liberto de certo *Bursenus*, oriundo da Gália – ele mesmo, num livrinho que tem por título *Indignação*, afirma ter nascido livre e ter sido abandonado pequenino e, por isso, mais facilmente despojado do [seu] patrimônio com a licenciiosidade dos tempos de Sula<sup>67</sup> (frg. Funaioli, p. 141-2) –, ensinou muitos e nobres [varões], e pareceu mui idôneo preceptor, sobretudo para os que visavam à poética, como, na verdade, se pode ver, por exemplo, destes versos:

o gramático Catão, Siren latina,  
o só a ter lido e ademais fazer poetas (frg. Baehrens, p. 317).



Ele ainda escreveu, a par de livrinhos de gramática, poemas, de que se apreciavam sobretudo a *Lidia* e a *Diana* (frg. Funaioli, p. 142). A *Lidia* é citada por Tícidas:<sup>68</sup>

o livro, dos doutos o maior cuidado, da *Lidia* (frg. Baehrens, p. 325);

a *Diana*, por Cina:<sup>69</sup>

permaneça por séculos a *Dictina* do nosso Catão (frg. Baehrens, p. 324).

Viveu até extremada velhice, mas em suma pobreza e quase falta de recursos, à [sua] choça humildemente recolhido, depois que cedera aos credores a [sua] vila de Túsculo, como assegura Bibáculo:<sup>70</sup>

Se acaso vêm a casa do meu Catão,  
as telhazinhas pintadas de vermelho e aqueles  
jardinzinhos do guardião Priapo,  
admiram-se: “Graças a que disciplinas  
conseguiu tamanha sabedoria aquele  
que três repolhozinhos, meia libra de farinha,  
dois cachos sob um único teto  
quase nutram até a suma velhice?” (frg. Baehrens, p. 317-8),

e ainda:

Há pouco, um tusciano, ó Galo, de Catão  
o credor, estava a vender na cidade inteira.  
Admirou-nos que o mestre único,  
o sumo gramático, o ótimo poeta  
pudesse resolver todas as questões,  
fosse difícil desembaraçar-se de uma única letra.  
Eis o coração de Zenódoto, eis o fígado de Cratete! (frg. Baehrens,  
p. 317).

12. Cornélio Epícado, liberto do ditador Lúcio Cornélio Sula<sup>71</sup> e porta-voz no sacerdócio augural, foi muito benquistado também do filho dele, Fausto;<sup>72</sup> por isso, nunca deixou de se apresentar como liberto de ambos. O livro, por sua vez, último, que acerca de suas coisas Sula deixara inacabado, ele mesmo o completou (frg. Funaioli, p. 103).

68. cf. “Seção 4”.

69. Caio Hélvio Cina (n. c. 90 a.C.).

70. cf. “Seções 4 e 9”.

71. 138-78 a.C.

72. Fausto Cornélio Sula (81-46 a.C.).

13. Estabério Erote . . ., comprado do estrado e alforriado por causa do estudo das letras, ensinou, entre outros, Bruto<sup>73</sup> e Cássio.<sup>74</sup> Há os que contem que ele fora dotado de tão grande honestidade que, nos tempos de Sula,<sup>75</sup> teria recebido no aprendizado, de graça e sem honorários, os descendentes dos proscritos.
73. Marco Júnio Bruto (85-42 a.C.).
74. Caio Cássio Longino (ante 85 - 42 a.C.).
75. cf. “Seção 11”.
76. Cneio Pompeio o Grande (106-48 a.C.); cf. “Seção 15”.
77. m. 49 a.C.
78. cf. “Seções 7, 9 e 16”.
79. Públio Cornélio Dolabela (70-43 a.C.).
80. Tito Pompônio Ático (c. 112 - c. 32 a.C.); cf. “Seção 16”.
81. cf. “Seção 2”.
82. fl. c. 54 a.C.
83. Pompeio Lenéio (c. 100 a.C.); cf. “Seção 2”.
84. cf. “Seção 15”.
85. Pompeio faleceu em 48 a.C., e os filhos dele, em 35 a.C.
86. cf. “Seção 10”.
14. Cúrcio Nícias ligou-se a Cneio Pompeio<sup>76</sup> e a Caio Mêmio;<sup>77</sup> mas, como à esposa de Pompeio tivesse levado cartõezinhos de Mêmio sobre concúbito, entregue por ela, ofendeu Pompeio, e interditou-se-lhe a casa [deste]. Foi familiar de Marco Cícero<sup>78</sup> também, em cuja epístola a Dolabela<sup>79</sup> lemos acerca dele isto:
- Nada se empreende em Roma que eu pense que cuides em saber, a não ser que acaso queiras saber que atuo como juiz entre o nosso Nícias e Vídio. Um profere em dois versinhos, creio, uma pendência [financeira] de Nícias; o outro, [qual] Aristarco, põe-lhes *obelós* [“óbelo”]. Quanto a mim, como antigo crítico, hei de julgar se são *toû poietoû* [“do poeta”] ou *parembebleménoi* [“interpolados”]... (Cic. *Fam.* IX 10, 1);
- assim também, [em cuja epístola] a Ático:<sup>80</sup>
- O que acerca de Nícias escreves, se eu me portasse de modo que pudesse usufruir da humanidade dele, quereria antes de tudo ter aquele comigo, mas tenho por província a solidão e o retiro. Além disso, conheces a fragilidade, a delicadeza, os costumes de vida do nosso Nícias. Por que, pois, eu quereria ser molesto àquele, já que aquele me não pode ser encantador? A boa vontade dele, todavia, me é benquista (Cic. *Att.* XII 26, 2).

Os livros dele sobre Lucílio<sup>81</sup> apreciou-os ainda Santra<sup>82</sup> (frg. Funaioli, p. 383).

15. Lenéio,<sup>83</sup> liberto de Pompeio o Grande<sup>84</sup> e companheiro de quase todas as expedições [deste], após ele e os filhos dele falecerem,<sup>85</sup> sustentou-se com a [sua] escola e ensinou em Carinas junto ao templo de Telúrica, na qual região estivera a casa dos Pompeios. E ademais mostrou-se de tão grande amor para com a memória do patrono que ao historiador Salústio,<sup>86</sup> porque [este] o teria descrito como de rosto pudico sob ânimo desavergonhado, dilacerou com uma sátira muito acerba, designando[-o] como *lástauros*

[“dissoluto”], comilão, frívolo e pau-d’água, e monstruoso pela [sua] vida e escritos, além disso, ladrão incultíssimo das palavras dos arcaicos e de Catão (frg. Funaioli, p. 403-4). Conta-se, porém, que, menino ainda, após ter sido arrancado das cadeias, se refugiou na pátria<sup>87</sup> e, após ter recebido as disciplinas liberais, devolveu ao [seu] senhor o seu preço,<sup>88</sup> alforriado, na verdade, de graça pelo engenho e também pelo ensinamento.

16. Quinto Cecílio Epirota, nascido em Túsculo, liberto de Ático,<sup>89</sup> cavaleiro romano, para quem são as epístolas de Cícero,<sup>90</sup> como ensinasse a filha do [seu] patrono, casada com Marco Agripa,<sup>91</sup> por ter sido suspeito de algo com ela e por isso afastado, dirigiu-se a Cornélio Galo<sup>92</sup> e viveu junto [com este] do modo mais familiar, o que Augusto<sup>93</sup> objetou, entre as mais graves incriminações, ao próprio Galo. Em seguida, após a condenação e morte de Galo, abriu uma escola, mas de modo que fosse preceptor de poucos e tão-só de adolescentes, de nenhum pretextado, a não ser se não pudesse negar esse ofício ao pai de algum. Foi o primeiro, diz-se, a ter disputado em latim de improviso, e o primeiro a ter começado a lecionar Vergílio<sup>94</sup> e outros poetas novos, o que ainda o versículo de Domício Marso<sup>95</sup> indica:

Epirota, de tenros vates nutriz (frg. Baehrens, p. 347).

17. Marco Vérrio Flaco,<sup>96</sup> liberto, foi ilustre sobretudo pela maneira de ensinar; pois, de fato, para exercitar os engenhos dos aprendizes, soía lançar os de mesma idade uns contra outros, após ter[-lhes] proposto não só a matéria sobre a qual escreveriam, mas também o prêmio que o vencedor arrebataria – esse era algum livro, antigo, belo ou meio raro –. Por ter sido, por isso, eleito por Augusto<sup>97</sup> também preceptor dos netos dele,<sup>98</sup> mudou-se para o Palácio com a escola inteira, de modo que, na verdade, não aceitasse mais nenhum discípulo depois disso, e ensinou no átrio da casa de Cátulo<sup>99</sup> que era então parte do Palácio, e recebeu 100.000 sestércios por ano. Partiu quando de idade avançada, sob Tibério.<sup>100</sup> Possui estátua [sua] em Preneste na parte superior do fórum perto do *hemikýklion* [“hemicíclio”], em que publicara os fastos, ordenados por ele e talhados na parede de mármore.

87. 87 a.C.

88. 80-77 a.C.

89. cf. “Seção 14”.

90. cf. “Seções 7, 9 e 14”.

91. Marco Vipsânio Agripa (c. 63 - 12 a.C.).

92. Caio Cornélio Galo (c. 69 - 26 a.C.).

93. 63 a.C. - 14 d.C.; cf. “Seções 17, 19, 20 e 21”.

94. Públio Vergílio Marão (70-19 a.C.); cf. “Seção 23”.

95. cf. “Seção 9”.

96 c. 60/50 a.C. - c. 22/37 d.C.

97 cf. “Seções 16, 19, 20 e 21”.

98 Isto é, de Caio (20 a.C. - 4 d.C.) e Lúcio (17 a.C. - 2 d.C.).

99 cf. “Seção 3”.

100 Tibério Cláudio Nero (42 a.C. - 37 d.C.; *princeps* 14-37 d.C.); cf. “Seções 22 e 23”.

101. fl. c. 10 a.C.
102. Iulo Antônio (n. 44 a.C.), filho de Marco Antônio (83-30 a.C.).
103. cf. “Seções 4, 8 e 9”.
104. Escribônia (68 a.C. - c. 16 d.C.), filha de Lúcio Escribônio Libão (*praetor urbanus* 80 a.C.), que fora a primeira esposa de Augusto (cf. “Seções 16, 17, 20 e 21”) entre 40 e 39 a.C.
105. n. c. 60 a.C.
106. cf. “Seções 16, 17, 19 e 21”.
107. cf. “Seção 7”.
108. 47 a.C.
109. Alexandro de Mileto (n. c. 105 a.C.), que esteve em Roma até 40 a.C.
110. A biblioteca foi fundada em 28 a.C.; então, Pompônio Macro foi encarregado de organizá-la, e a ele sucedeu Higino na presidência da biblioteca.
111. Públio Ovídio Nasão (43 a.C. - 17/18 d.C.).
112. *consul suffectus* 4 d.C.
113. Caio Mecenas Melisso.

18. Lúcio Crassício,<sup>101</sup> de raça tarentina, da classe dos libertos, de cognome Pásicles, logo mudou seu nome para Pansa. Esse inicialmente circulou na cena, enquanto ajuda os mimógrafos; em seguida, ensinou numa edícula, até que, após ter editado o [seu] comentário à *Esmirna* (frg. Funaioli, p. 524), se tornou de tal modo ilustre que escrevessem isto sobre ele:

Unicamente em Crassício Esmirna provou que acreditava; desisti, indoutos, de pedi-la em matrimônio. Somente com Crassício disse que queria casar-se, ao qual, somente, se mostraram conhecidas as suas intimidades (frg. Baehrens, p. 348).

Mas, como . . . e ensinasse já muitos e ademais nobres – entre esses, a Iulo Antônio, filho do triúnviro<sup>102</sup> –, de modo que fosse comparado a Vérrio Flaco também, após ter deixado repentinamente a [sua] escola, mudou-se para o grupo do filósofo Quinto Séxtio.

19. Escribônio Afrodísio, escravo e ademais discípulo de Orbílio,<sup>103</sup> logo resgatado e alforriado por Escribônia, filha de Libão, que fora a primeira esposa de Augusto,<sup>104</sup> ensinou no tempo em que Vérrio [ensinou], em réplica a cujos livros sobre ortografia ainda escreveu, não sem perseguir os estudos e os modos dele (frg. Funaioli, p. 524-5).

20. Caio Júlio Higino,<sup>105</sup> liberto de Augusto,<sup>106</sup> de nação hispânica – não poucos pensam que foi alexandrino e por César<sup>107</sup> conduzido a Roma em menino após a captura de Alexandria<sup>108</sup> –, tanto ouviu como imitou estudiosamente o gramático grego Cornélio Alexandro,<sup>109</sup> que, por causa do conhecimento da antigüidade, muitos chamavam Poliístor; alguns, História. Presidiu à Biblioteca Palatina,<sup>110</sup> e nem por isso deixou de ensinar muitíssimos, e foi muito familiar do poeta Ovídio<sup>111</sup> e do cônsul, historiador Clódio Lícino<sup>112</sup>, que conta que ele partiu sobremodo pobre e foi sustentado, quanto viveu, por generosidade sua. Liberto desse foi Júlio Modesto, que seguiu as pegadas do patrono nos estudos e também no ensinamento.

21. Caio Melisso,<sup>113</sup> nascido livre em Espolécio, mas exposto por causa de desentendimento dos pais, recebeu estudos mais aprofundados graças aos cuidados e empresa

do seu educador, e daí foi dado de presente como gramático a Mecenas.<sup>114</sup> Embora de tal [Mecenas] visse que fosse benquisto e recebido à maneira de amigo, ainda que com a mãe a pleitear [a liberdade para ele], permaneceu todavia no estado de escravidão e pôs à frente da [sua] origem verdadeira a condição presente. Cedo alforriado por isso, passou ainda para o seio de Augusto.<sup>115</sup> Por delegação de tal [Augusto], encarregou-se do cuidado de organizar as bibliotecas no Pórtico de Otávia.<sup>116</sup> E, ademais, como ele mesmo conta, no sexagésimo ano de idade, decidiu compor os livrinhos das *Inépcias*, agora denominados *Jocosidades*, e completou cento e cinqüenta [deles], a que adicionou posteriormente outros também de obra diversa (frg. Funaioli, p. 538). Fez novo gênero de togadas também e denominou[-as] trabeadas (ib.).

22. Marco Pompônio Marcelo, inquisidor exigentíssimo da língua latina, em certa advocatura – pois às vezes defendia causas também –, a tal ponto perseverou em argüir o solecismo feito pelo adversário que Cássio Severo,<sup>117</sup> após ter interpelado os juízes, pediu adiamento [da causa] para que o seu litigante empregasse outro gramático, “uma vez que ele pensa que há de ter controvérsia com o adversário, não acerca de direito, mas de solecismo”. Esse mesmo, como tivesse repreendido uma palavra proveniente de um discurso oratório de Tibério,<sup>118</sup> ao afirmar Ateio Capitão<sup>119</sup> não só que aquela [palavra] era latina, mas que, se não fosse, havia de ser certamente dali em diante, “Capitão” insiste “mente; pois tu, César, podes conceder cidadania a homens, a uma palavra não podes”. Que tenha sido outrora pugilista, Asínio Galo<sup>120</sup> revela-o neste epigrama contra ele:

Aquele que aprendeu o “cabeça à esquerda”, *glossémata* [“palavras raras”] nos

preceitua. Com que cara? Com nenhuma – ou antes, [com a] de pugilista... – (frg. Baehrens, p. 360).

23. Quinto Rêmio Palêmão, de Vicência, criado de uma mulher, aprendeu primeiro, como contam, a tecelagem; depois, enquanto o filho do amo ele acompanha até a escola, as letras. Alforriado depois disso, ensinou em Roma e, ademais, ocupou o primeiro lugar entre os gramáticos, ainda

114. Caio Cílnio Mecenas (70-8 a.C.).

115. cf. “Seções 16, 17, 19 e 20”.

116. *conditus* post 23 a.C.

117. Tito Cássio Severo (*exsul* 12 d.C.; m. 34 d.C.).

118. cf. “Seções 17 e 23”.

119. cf. “Seção 10”.

120. Caio Asínio Galo Salonino (41 a.C. - 33 d.C.).

121. cf. “Seções 17 e 22”.
122. Tibério Cláudio Druso (10 a.C. - 54 d.C.; *princeps* 41-54 d.C.).
123. Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.).
124. cf. “Seção 16”.
- que mal-afamado por todos os vícios, e tanto com Tibério<sup>121</sup> como, logo, com Cláudio<sup>122</sup> a apregoarem publicamente que a ninguém era menos para entregar a formação de meninos ou jovens [que a ele]. Mas cativava os homens, se já pela memória das coisas, ainda mais pela facilidade da linguagem, e não só: ainda poemas fazia de improviso – escreveu, na verdade, em metros vários e invulgares – (frg. Mazzarino, p. 72-3). De tamanha arrogância foi que designasse Marco Varrão<sup>123</sup> como porco; se jactasse de com ele as letras tanto haverem nascido como haverem de morrer, de o seu nome haver sido posto não sem mais nas *Bucólicas*, mas por Vergílio<sup>124</sup> pressagiar que algum dia havia de haver o juiz de todos os poetas e também poemas Palêmão (Verg. B. 3, 49-54). Vangloriava-se ainda de ladrões o haverem poupado, certa vez, por causa da celebridade do [seu] nome. Foi de tal modo indulgente com a luxúria que se lavasse mais de uma vez por dia, e lhe não fossem suficientes os [seus] gastos, ainda que recebesse 400.000 sestércios por ano da [sua] escola e, ademais, não muito menos dos bens familiares, em que era muito diligente, já que tanto dirigia oficinas de roupas prontas, como cultivava de tal modo os [seus] campos que consta assaz bem que uma vide, emparreirada pela mão dele, deu 360 uvas. Mas, sobretudo, abrasava-se nos desejos por mulheres até às infâmias da boca. Foi notado também pelo dito não desprovido de facécia, relatam, de certo [homem] que, em meio à turba, como não pudesse evitar, ainda que a fugir, o beijo que lhe dirigia [Palêmão], “Queres tu,” insiste “mestre, sempre que vês alguém apressado, lambê[-lo]?”...

24. Marco Valério Probo, de Berito, pleiteou o cargo de centurião por muito tempo, até que se entregou aos estudos por desgosto. Lera na província certos velhos livrinhos junto ao gramatista, por perdurar lá, ainda então, a memória das antigüidades, e ainda não ter sido de todo abolida, como em Roma. Como esses desejasse repassar com maior diligência e, ademais, conhecer outros continuamente, embora advertisse em que todos [esses livrinhos] fossem desprezados e servissem mais de opróbrio aos que [os] liam do que de glória e fruto, permaneceu no [seu] propósito, não obstante, e cuidou de emendar e também pontuar e anotar, após reuni-los, muitos exemplares, tendo-se

dedicado a essa só, e além disso a nenhuma parte da gramática. Esse possuiu não tanto discípulos quanto uns tantos seguidores; nunca, sim, ensinou de modo que fizesse o papel de mestre; sóia admitir um e outro ou, quando muito, três ou quatro nas horas vespertinas e, deitado, ler alguma coisa em meio a conversas longas e ademais banais, e isso mui raramente. Editou demasiado poucas e exíguas coisas sobre algumas diminutas questiúnculas; deixou, porém, não modesta selva de observações acerca da língua antiga.

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.





## DE RHETORIBUS DE SUETÔNIO

Artur Costrino\*

\* Doutorando na  
University of York em  
Medieval Studies.

**RESUMO:** O artigo visa apresentar ao leitor uma tradução inédita em português da vida dos rétores (que é parte da obra *De Grammaticis et Rhetoribus*) de Suetônio. Como introdução, discute-se o lugar do gênero *Vita* em relação ao gênero *Historia*. Ainda há uma explanação sobre o “prefácio” da obra, o qual Suetônio divide em: história da declamação e *praeexercitamina*, de modo que o “prefácio”, então, não se enquadra no gênero *Vita*.

**PALAVRAS-CHAVE:** biografia; gêneros; exercícios retóricos; declamação.

### THE RHETORIBUS OF SUETONIUS

**ABSTRACT:** The article aims to provide the reader with an unprecedented Portuguese translation of the life of rhetoricians (which is part of the work *De Grammaticis et Rhetoribus*) of Suetonius. As an introduction, we discuss the place of genre *Vita* in relation to the genre *Historia*. There is still an explanation of the “Preface” of the work, which Suetonius divides into: history of declamation and *praeexercitamina*, so the “Preface,” then, does not fit the genre *Vita*.

**KEYWORDS:** biography; genre; rhetorical exercises; declamation.

Suetônio, autor da passagem do século I para o II da nossa era, escreveu, dentre muitas obras que não chegaram até nós, biografias ou, como eram chamadas pelos latinos, *uitae*. A obra traduzida aqui, *De Rhetoribus*, na verdade é a segunda parte de uma única obra, *De Grammaticis et Rhetoribus*, que, por sua vez, fazia parte de um projeto maior do autor de narrar as vidas dos homens

ilustres de seu tempo. Suetônio escreveu a vida dos gramáticos e a vida dos rétores em conjunto, assim, unidas, essas obras circularam na Antiguidade e na Idade Média; assim também encontramos essas obras traduzidas neste mesmo volume. Suetônio não foi o primeiro a narrar vidas na Antiguidade e antes dele já havia um debate para posicionar o gênero ou subgênero *uita* entre as práticas letradas tanto romanas como gregas. Para um entendimento mais embasado do texto, vale a pena prestarmos atenção ao que diziam os comentadores antigos sobre o (sub)gênero da “biografia”, ou melhor *uita*, e como podemos distingui-lo dos demais subgêneros da historiografia.

## 1. DISTINÇÃO ENTRE OS GÊNEROS

A *historiografia* antiga pode dividir-se em subgêneros distintos, tais como os *anais*, os *comentários*, a *história universal*, a *monografia* etc. Apesar das semelhanças, a *vida* ou *biografia* não se configura como um subgênero historiográfico, mas como um gênero confim, próximo a esse. Cornélio Nepo propõe uma distinção particular entre história e vida, assim:

O tebano Pelópidas é mais conhecido pelos historiadores do que pelo vulgo; hesito de que modo exporei suas virtudes, pois temo que, se começar a explicar as ações (*res explicare*), parecerei não narrar a vida dele (*uitam enarrare*), mas escrever história (*historiam scribere*) (Cornélio Nepo. Pelópidas, I).

Assim também, Plutarco, contemporâneo de Suetônio e igualmente biógrafo, diz:

Escrevendo neste livro a vida (*bion*) do rei Alexandre e a de César, por quem Pompeu foi derrotado, em vista da abundância das ações implicadas, não diremos nada como preâmbulo, apenas suplicando ao leitor que não nos denigra por não relatarmos tudo que foi celebrado, nem abordamos cada coisa a fundo, abreviando a maioria dos fatos. É que não escrevemos histórias, mas vidas (*oúte gàr historías gráphomen, allà bíous*) – e não é nas ações mais célebres, em absoluto, que está a demonstração de virtude (*aretés*) ou do vício (*kakías*), mas, muitas vezes, um breve

feito, uma palavra, uma brincadeira dão ênfase ao caráter mais que os combates mortais, as maiores batalhas e os assédios de cidades. Portanto, como os pintores salientam as semelhanças a partir do rosto e das formas visíveis em que se manifesta o caráter, preocupando-se menos com as partes, assim também deve-se permitir-nos penetrar antes nos sinais da alma e, através disso, desenhar a vida de cada um, deixando as grandezas e os combates (*kai dià toúton eidopoieîn tòn hekástou bíon, edsantas hetérois tà megéthe kai toús agónas*) (Plutarco. *Vida de Alexandre* 1, 1-3, trad. Jacyntho Lins Brandão).

Notemos, pois, a clara distinção entre o “narrar uma vida” e “explicar ações” ou “escrever história” presente tanto no pequeno excerto de Nepo, quanto na passagem de Plutarco, nas quais se distingue justamente a “unidade” que cada obra possui. Assim, se para a história é próprio o “explicar grandes ações”, para a vida, ao contrário, é próprio o “narrar uma vida”, expor um “caráter” através da descrição de pequenas ações empreendidas pela pessoa a ser biografada. Aristóteles, no “sexto capítulo” da *Poética*, alude a uma distinção entre a unidade de ação e a unidade de caráter:

Sem ação não poderia haver tragédia, mas poderia havê-la sem caracteres. As tragédias da maior parte dos modernos não têm caracteres, e, em geral, há muitos poetas desta espécie. Também entre os pintores, assim é Zêuxis comparado com Polignoto, porque Polignoto é excelente pintor de caracteres e a pintura de Zêuxis não apresenta caráter nenhum. (Aristóteles, *Poética*, cap. 6; par. 33, trad. Eudoro de Sousa).

A observação de Aristóteles, destinada à tragédia, pode ser tomada de modo a abarcar narrativas poéticas apenas e não “históricas”. Todavia, assim como Aristóteles prescreve que a unidade de uma obra poética deve ser a ação, os poetas poderiam não seguir tal conselho, pois houve poemas em que a unidade fora não a ação (como a *Iliada*), mas o caráter (como a *Teseida* ou a *Heracleida*); ou seja, a prática poética diferenciava-se das preferências aristotélicas. O mesmo vale para a *história*, pois, para Aristóteles, a unidade desse tipo de obra é a de tempo. Porém, o único subgênero da história que tem como unidade o tempo são os *anais*. Logo, para Aristóteles, tal

subgênero seria o único a ser admitido como *História*. Contudo, assim como as práticas poéticas, as práticas historiográficas também são diferentes das preferências de Aristóteles, pois os historiadores nem sempre usaram da unidade de tempo prescrita pelo Estagirita para a *História*, mas, ao contrário, *os autores de História* valeram-se da unidade prescrita para a poesia, ou seja, usaram da unidade de ação, enquanto os autores de biografias usaram a unidade de caráter, e nenhum deles usou a unidade de tempo. É importante notarmos que Aristóteles, no trecho em questão, cita dois pintores, um pintor de caracteres (Polignoto) e outro, de ações (Zêuxis). Ora, assim também Plutarco escreve que a obra dele é como aquela dos pintores que “salientam as semelhanças a partir do rosto e das formas visíveis em que se manifesta o caráter, preocupando-se menos com as partes”, de modo que ratifica a analogia aristotélica entre pintura e escrita e se inscreve junto a Polignoto como pintor de caracteres.

Ainda é necessário assinalar outra característica comum a ambos os gêneros. Plutarco escreve que “desenhar a vida de cada um” se faz por meio da “demonstração de virtude ou de vício”; ora, virtude e vício são justamente as palavras pelas quais se define o discurso epidítico da retórica, o qual, justamente, tem como finalidade o elogio da virtude e o vitupério do vício; portanto, Plutarco estaria a assinalar o caráter epidítico do gênero biográfico.

Enfim, Políbio, que tanto praticou a história quanto a “vida”, diz:

Se eu não tivesse escrito sobre Filopêmen uma obra à parte, onde revelo quem era ele e de que família provinha, e a natureza de sua formação quando jovem, ser-me-ia necessário expor todos esses aspectos agora. Mas, considerando que já lhe dediquei anteriormente uma obra em três livros (...), onde exponho a sua formação desde menino e enumero seus feitos mais famosos, é óbvio que na presente narrativa o procedimento adequado é omitir detalhes relativos à sua formação inicial e às ambições de sua juventude, e em vez disso acrescentar detalhes à exposição resumida que fiz nessa obra à parte acerca de seus feitos na maturidade, pois assim o caráter próprio a cada obra poderá ser preservado. De fato, assim como o tratamento anterior, escrito em forma encomiástica, impunha uma exposição sumária e um

tanto exagerada de seus feitos, a presente História, onde são distribuídos imparcialmente louvores e censuras, impõe um relato rigorosamente verídico, no qual é apresentado o fundamento de cada louvor e de cada censura, acompanhado em cada caso dos comentários pertinentes (Políbio. *Histórias* X, 21, trad. Mário da Gama Kury)

Neste trecho, mais uma vez, podemos observar as diferenças entre os gêneros biográfico e historiográfico. Políbio nos informa que escrevera uma obra a respeito somente de Filopêmen, que continha informações como a família, a formação, feitos de juventude do biografado; em contrapartida, na obra historiográfica que está a escrever, o autor omite isso que já narrara, mas “acrescenta detalhes à exposição resumida” de tal modo que se mantenha o caráter próprio de cada obra, ou seja, aquilo que cada obra deve conter. O autor vai além ao reportar que a obra “biográfica” tinha forma “encomiástica” onde eram descritos os feitos do biografado de modo breve e exagerado, enquanto na história zela-se pela “credibilidade”, ao tentar atingir a maior imparcialidade possível, não só por narrar, mas, principalmente, por detalhar cada louvor e cada vitupério contidos na obra.

Podemos notar que, do mesmo modo que Plutarco, Políbio indica que o gênero biográfico se filia ao gênero epidítico da retórica, de modo que sua obra biográfica fora escrita de modo a exagerar os feitos do biografado. Todavia, também a história faz parte do gênero epidítico, pois, segundo Políbio, a história é o gênero “onde são distribuídos imparcialmente louvores e censuras”, que justamente são os modos do gênero demonstrativo da retórica.

Assim, podemos agora resumir em que diferem e em que se assemelham a vida e a história. Parece-nos, pois, por esses testemunhos antigos de biógrafos e historiadores e também de filósofos, que ambos os gêneros se inscrevem no gênero laudatório da retórica, embora a história procure demonstrar imparcialidade, e diferem pela “unidade”, uma vez que a história possui uma unidade de ação, e a vida, unidade de caráter.

## 2. ANÁLISE DO PREFÁCIO

Passemos agora ao exame do prefácio do *De rhetoribus*. O que primeiro notamos é que não há uma discussão a respeito do gênero biográfico ou, como acontece no prefácio do livro de Cornélio Nepo, uma explicação dos diferentes costumes de outros povos, que alerte o leitor sobre as biografias dos líderes e costumes desses. Na verdade, o autor começa seu texto por nos explicar os inícios da retórica em Roma, como foi aceita com dificuldade e, por duas vezes, legalmente banida. Para comprovar o banimento, aliás, Suetônio relata dois documentos oficiais, a saber: um senato-consulto e um édito dos censores. Depois, Suetônio mostra como a retórica adquiriu seu lugar de destaque na vida romana e, para isso, dá exemplos de homens ilustres, gerais e príncipes, que se dedicaram a ela.

Ora, nessa primeira parte do prefácio, não é escrita uma única palavra a respeito do gênero ao contrário do que se vê de obras similares; de fato, mais do que um prefácio, Suetônio parece escrever uma “introdução”, pois em uma obra que se presta a narrar a vida (*enarrare uitam*), o autor começa por explicar a matéria (*explicare rem*), e não propriamente a matéria de que tratará, isto é, as vidas dos rétores, mas a matéria da qual trataram aqueles dos quais Suetônio tratará, isto é, da introdução, desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino da retórica em Roma. Porém explicar como a retórica adentrou em Roma e lá se desenvolveu não é matéria própria de um biógrafo. Além disso, Suetônio dedica um parágrafo inteiro a exercícios retóricos que em grego recebera o nome de *progymnasmata*, ou seja, exercícios preparatórios. Tal parágrafo deve ser visto com certo estranhamento, pois, se a discussão anterior, sobre a inserção da retórica em Roma, já não seria, a princípio, matéria para uma “vida”, mas sim para uma “história”, menos então uma exposição dos exercícios aplicados pelos professores de retórica. Pois, segundo Quintiliano e o próprio Suetônio, em Roma, os responsáveis por aplicar tais exercícios não eram os rétores, mas sim os gramáticos.

Mas a maneira de ensinar nem sempre foi uma para todos nem única a mesma para cada um, pois que cada qual exercitou seus discípulos de modo vário. Pois se acostumaram a expor tanto aquilo que foi dito de modo ilustre, quanto os apólogos, de uma e outra maneira por meio de todas as figuras, e a explicar as narrações não só com brevidade e precisão, mas ainda também com mais vigor e mais riqueza, entrementes, a traduzir os escritos dos gregos e a elogiar ou vituperar homens ilustres; a mostrar também que algumas coisas instituídas ao uso da vida comum são, por um lado, úteis e necessárias, por outro lado, perniciosas e supérfluas; freqüentemente a confirmar ou tirar a credibilidade de umas histórias, o qual gênero de tese os gregos chamam tanto de *anaskeuai* quanto de *kataskeuai*. Até que estes exercícios se esvaeceram imperceptivelmente e se chegou à controvérsia. (Suetônio. *Dos rétores*. 25, 8).

Suetônio expõe o que consta em cada exercício, sem, muitas vezes, explicitar-lhes os nomes técnicos que possuem; se, porém, nos basearmos nos nomes latinos mencionados por Quintiliano, podemos identificar: 1º *usus, sententia*: “Pois se acostumaram tanto a expor aquilo que foi dito de modo ilustre (...)”; 2º *fabula*: “(...) apólogos (...)”; 3º *narratio*: “explicar as narrações (...)”; 4º “*conuerto*”: “traduzir os escritos dos gregos”; 5º: *laus ac uituperatio*: “elogiar ou vituperar homens ilustres”; 6º *legis latio/positio*: “mostrar também que algumas coisas instituídas ao uso da vida comum são, por um lado, úteis e necessárias (...) por outro lado, perniciosas e supérfluas”; 7º: *confirmatio et refutatio*: “confirmar ou tirar a credibilidade de umas histórias, o qual gênero de tese os gregos chamam tanto de *anaskeuai* quanto de *kataskeuai*.”

De todos os manuais sobre *progymnasmata* escritos, o mais antigo que chegou até nós foi o de Élio Teão de Alexandria, que viveu durante a primeira metade do século I da nossa era; todos os demais manuais de *progymnasmata* são posteriores ao século II, e, portanto, posteriores a Suetônio. Esses manuais expunham os exercícios não em uma ordem aleatória, mas em ordem de dificuldade crescente. Do manual de Teão, em particular, podemos assinalar que: 1º é o único que não distingue *chria* de *gnóme*, ou, em latim, *usus* de *sententia*; 2º é o único que começa com a *chria* (*usus/sententia*), em vez de começar pelo *mythos*

(*fabula*). Ora, Suetônio parece, justamente, não distinguir *usus* de *sententia*, e começa, em sua enumeração, também pelo *usus/sententia*, assim como Teão. Poderíamos apontar também que o restante da ordem da exposição de Suetônio segue de perto a ordem de Teão, embora não enumere todos os exercícios que este discute e, além disso, exponha um exercício que não consta nem em Teão, nem em nenhum outro: o exercício da tradução.

Isso tudo nos dá algumas indicações de quais tenham sido as fontes de Suetônio para escrever essa parte do prefácio: provavelmente o texto de Teão ou algum texto do qual esse dependa ou que dependa desse, sobretudo porque Suetônio nos informa que em Roma tais exercícios eram ministrados pelos gramáticos, e não pelos rétores, ao passo que em Atenas eram justamente os rétores que os aplicavam. Em suma, a fonte de Suetônio teria sido, aqui, não um outro biógrafo ou mesmo um historiador, mas sim um manual de exercícios preliminares, muito provavelmente grego. De resto, Suetônio ainda relata o surgimento das *controuersiae* e dá exemplos de duas delas.

Assim, podemos concluir que as características do gênero biográfico, a saber: a unidade de caráter e o elogio e o vitupério, são ausentes do prefácio de Suetônio.

## DOS RÉTORES

XXV – 1 A retórica também foi recebida entre nós do mesmo modo que a gramática, tardiamente e ainda com um pouco mais de dificuldade, com efeito, essa consta, não raro, até ter sido proibida de ser exercida. Para que isso a ninguém seja duvidoso, acrescentarei um antigo senato-consulta, e também um édito dos censores: “no consulado de C. Fânio Estrabão e M. Valério Messala,<sup>1</sup> o pretor M. Pompônio consultou o senado. Uma vez que a pauta foi feita a respeito dos filósofos e dos rétores, sobre este assunto assim decidiram que o pretor M. Pompônio repreendesse e cuidasse de que do ponto de vista do bem da república e da sua fidelidade lhe parecesse que não devessem estar em Roma”.

1. 161a.C.



Sobre os mesmos, transcorrido um tempo, os censores Cn. Domício Aenobarbo e L. Licínio Crasso assim proclamaram este édito:<sup>2</sup> “Foi relatado a nós haver homens que instituíram um novo gênero de disciplina, aos quais a juventude se reuniria em uma escola: estes se autodenominaram rétores Latinos. Lá os jovens ainda rapazinhos passam dias inteiros desocupados. Os nossos antepassados instituíram o que gostariam que os seus descendentes aprendessem e a quais escolas freqüentassem, estas inovações, que se fazem contra o hábito e o costume dos antepassados, nem agradam e nem parecem corretas; por isso, tanto para estes que possuem estas escolas, quanto para aqueles que se acostumaram a ir para lá, parece que o que se deve fazer é anunciar a nossa sentença: a nós não agradam”.

2. 92a.C.

2 Paulatinamente, a própria retórica mostrou-se útil e honesta, e muitos a procuraram tanto por causa de defesa quanto de glória. 3 Cícero até a pretura declamou continuamente ainda em grego, em latim, de certo, também até mais velho, e seguramente com os cônsules Hircio e Pansa, aos quais ele chamava de ‘discípulos e grandes pretextados’. 4 Certos historiadores contaram que Cn. Pompeu, sob a própria guerra civil, para que mais facilmente contradissesse o jovem muito desembaraçado C. Curião, que defendia a causa de César, voltou ao hábito de declamar; 5 que M. Antônio, assim como Augusto, não se omitiram nem mesmo durante a guerra Mutinense. 6 O César Nero declamou no primeiro ano de império, também em público, duas vezes antes. 7 Além disso, a maior parte dos oradores editou também as declamações. Por isso, incutido nos homens um grande interesse, também uma grande abundância de professores e de doutos jorrou, e a tal ponto floresceu, que não poucos teriam avançado da mais ínfima fortuna à ordem senatorial e às sumas honras.

8 Mas a maneira de ensinar nem sempre foi uma para todos nem única a mesma para cada um, pois que cada qual exercitou seus discípulos de modo vário. Pois se acostumaram tanto a expor aquilo que foi dito de modo ilustre, quanto os apólogos, de uma e outra maneira por meio de todas as figuras, e a explicar as narrações não só com brevidade e precisão, mas ainda também com mais

vigor e mais riqueza, entrementes, a traduzir os escritos dos gregos e a elogiar ou vituperar homens ilustres; a mostrar também que algumas coisas instituídas ao uso da vida comum são, por um lado, úteis e necessárias, por outro lado, perniciosas e supérfluas; freqüentemente a confirmar ou tirar a credibilidade de umas histórias, o qual gênero de tese os gregos chamam tanto de *anaskeuai* quanto de *kataskeuai*. Até que estes exercícios se esvaeceram imperceptivelmente e se chegou à controvérsia.

9 As antigas controvérsias eram extraídas ou das histórias, assim como certamente não poucas até hoje, ou da verdade e das coisas, se talvez por acaso algo recente tivesse ocorrido. Deste modo costumavam ser apresentadas com a adição dos nomes dos lugares. E assim, de certo, coligidas e editadas se apresentam as controvérsias, dentre as quais não terá sido inoportuno referir a uma e outra, à guisa de exemplo, palavra por palavra: “Como durante o tempo estivo adolescentes citadinos tivessem chegado a Óstia, depois de terem entrado na praia, se aproximaram aos pescadores que puxavam com a rede e estabeleceram quanto vale cada lance de rede; pagaram o dinheiro; Por muito tempo esperaram, até que as redes fossem puxadas. Finalmente puxadas para fora, não havia peixe dentro, mas uma alcofa de ouro fechada. Então os compradores dizem ser seu o lance, os pescadores, ser seu.” “Como um comerciante tirasse da nau uma grei de escravos em Brundúcio, porque temia os aduaneiros, colocou em um menino formoso e precioso uma bula<sup>3</sup> e uma toga pretexta.<sup>4</sup> Facilmente a falácia ocultou. Chegou-se a Roma, o caso foi descoberto, o menino é requerido à liberdade, porque teria sido libertado pela vontade do dono.”

Outrora, porém, os gregos chamavam estas também pelo nome de syntasis, logo controvérsias, certamente, mas ou forjadas ou judiciais. 10 Outros ilustres professores, dos quais também alguma memória subsista, serão descobertos não ao acaso; essa memória acerca desses referirei.

XXVI - 1 L. Plócio Galo. Sobre esse, Cícero, na epístola<sup>5</sup> a M. Titínio, assim se refere: “certamente tenho na memória, em nossa meninice, que um certo Plócio foi o primeiro a começar a ensinar em Latim. Como junto a este se fizesse um assédio, porque homens estudiosíssimos se

3. Essa *bullā* era também uma marca da condição de liberdade de quem a portava.

4. Essa era a vestimenta de uma jovem livre.

5. Essa epístola não chegou até nós dentro da correspondência de Cícero; este é o único fragmento que temos dela.

exercitassem junto a ele, lamentava que a mim não fosse lícito fazer o mesmo. Porém eu era detido pela autoridade dos mais doutos dos homens, que julgavam que os engenhos pudessem alimentar-se melhor com os exercícios gregos”.

2 M. Célio, no discurso que fez em sua defesa <no processo> de violência, declara que esse mesmo – pois viveu por muitíssimo tempo – “ditou a ação a Atratino, seu acusador”, e subtraído o nome, o chama de “retor que come pão negro”, escarnecendo-o como “inchado”, “fraco” e “sujo”.

XXVII – 1 L. Voltacílio Piluto, diz-se, foi escravo e ainda porteiro preso em cadeias, de acordo com o antigo costume, até que libertado por causa do engenho e do estudo das letras, ajudou o seu patrono durante uma acusação. 2 Daí após ter sido professor de retórica, ensinou Cn. Pompeu, o Grande, e expôs as gestas do pai deste, e não menos do próprio, em muitos livros; “o primeiro de todos os libertos”, como opina Cornélio Nepo, “que começou a escrever a história, habituada naquele tempo a ser escrita por ninguém menos que os mais honestos”.

XXVIII - 1 M. Epídio, acusado de caluniar, abriu uma escola de discurso e ensinou entre outros Marco Antônio e Augusto; outrora para estes, adversários entre si, Canúcio, porque na administração da república seguisse mormente o partido do consular Isaurício, respondeu: “prefere ser discípulo de Isaurício a do caluniador Epídio”. 2 Este Epídio anunciava-se descendente de C. Epídio Nucérino, que disseram que outrora foi jogado na fonte do rio Sarno e não teria reaparecido imediatamente, um pouco depois emergiu com chifres dourados e foi contado no número dos deuses.

XXIX - 1 Sexto Clódio, da Sicília, professor de eloquência em latim e também em grego, mordaz e de má vista, dizia ter esmigalhado os dois olhos na amizade de M. Antônio, o triúmviro. Disse que a esposa do mesmo, Fúlvia, que tinha uma das bochechas mais inflada, afiava a ponta do estilo, e nem assim ele foi por isso mais ou menos grato a Antônio. 2 Dele, logo cônsul, recebeu também um presente, como a ele Cícero objetas nas Filípicas: “Admites um mestre por causa do joguete, rétor pelo teu voto e dos teus companheiros de bebida, para o qual consentiste que dissesse contra ti o que desejasse, de todo, um homem acre,

mas é matéria fácil dizer ditos oportunos contra ti e contra os teus. Mas quão grande foi o pagamento dado ao rétor! Escutai, escutai, Padres Conscritos, e conheci as chagas da república: duas mil geiras do campo Leontino assinaste ao rétor Sex. Clódio, e certamente livre de impostos, de tal modo que aprendesses a saber nada com tamanho pagamento.”

XXX - 1 C. Albúcio Silo, o novariense, como exercesse a edilidade na pátria, como acaso falasse o direito, foi arrastado pelos pés do tribunal por aqueles contra os quais se pronunciava. 2 Isso suportando indignamente, instantaneamente marchou até a porta e de lá até Roma, e, recebido no grupo do orador Planco, para o qual era praxe, quando ia declamar, primeiro chamar alguém que discursasse antes, aceitou esta participação, e de tal modo a desempenhou que impôs o silêncio a Planco, que não ousava expor-se à comparação.

3 Mas famoso por isso, inaugurou auditórios; habituado, proposta uma controvérsia, a começar sentado, e, impelido em fim pelo calor, a levantar e perorar, a declamar então por variados gêneros: ora de modo esplêndido e adornado, às vezes, para que em nenhuma parte fosse reconhecido como estudado, de modo sujo e entrecortado, mas tão somente com palavras não triviais. 4 Atuou também em causas, porém meio raramente, na medida em que busca a de maior importância, e em nenhuma busca lugar outro que o de perorar.

5 Posteriormente renunciou ao fórum em parte por pudor, em parte por medo: pois quando em um certo litígio afrontava alguém qual ímpio para com os pais, com um adversário centunviral, assim teria apresentado como por figura o juramento: “jura pelas cinzas do teu pai e da tua mãe que jazem insepultos”, e outras coisas neste modo, o outro aceitando a condição e sem o repúdio dos juízes, concluiu o negócio não sem sua grande desgraça.<sup>6</sup> 6 Em seguida, defendendo um réu no processo de assassinato em Mediolano, perante o pró-cônsul L. Pisão, como os lictores coibissem as desmedidas vozes dos que louvavam, e de tal modo se tivesse exaltado que, deplorado o estado da Itália, como se outra vez fosse reduzida a forma de província, invocasse ainda por cima M. Bruto, cuja estátua estava à

6. Para maiores detalhes a respeito dessa história ver Sêneca, o rétor. *Controuersiae* 7, Praefatio, 7.

vista, autor e defensor das leis e da liberdade, quase pagou as penas.

7 Já então mais velho, voltou para Novária por causa de um tumor, e convocado o povo, apresentadas, longamente e à maneira de contendor, as causas pelas quais estivesse destinado a morrer, absteve-se de comer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### I. FONTES:

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad., intro. e comentários de Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. Intro. M.A. Júnior. Trad. M.A. Júnior, P.F. Alberto, A. N. Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

CORNÉLIUS NEPOS. *Ouvres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris : Les Belles Lettres, 1923.

POLÍBIO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1985.

SUÉTONE. *Grammairiens et Rheteurs*. Texte établi et traduit par Marie-Claude Vacher. Paris: Société d'Éditions “Les Belles Lettres”, 1993.

SUETONIUS. *De grammaticis et rhetoribus*. Giorgio Brugnoli. Lipsae: Teubner, 1963. V. I, p.27-37.

\_\_\_\_\_. With an English translation by J.C. Rolfe in two volumes. London: The Loeb Classical Library, 1979. V. I-II.

TEÓN/HERMÓGENES/AFTÔNIO. *Ejercicios de retórica*. Introducción, traducción y notas de M.<sup>a</sup> Dolores Reche Martínez. Madri: Editorial Gredos, 1991.

### II. ESTUDOS

AMBROSIO, Renato. *De rationibus exordiendi: função e elaboração dos exórdios de Cornélio Nepos e Salústio Crispo*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2005.

AILLOUD, Henry. *Suétone: Vies des Douze Césars*. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1954. Tomo I.

ATKINS, J.W.H. *Literary Criticism in Antiquity*. London: Methuen & Co. Ltd, 1952. V. II.

CLARK, Donald Lemen. *Rhetoric in Greco-Roman Education*. New York: Columbia University Press, 1957.

INTRODUCTION in SUÉTONE. *Grammairiens et Rheteurs*. Texte établi et traduit par Marie-Claude Vacher. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1993. p. VII – LXXXVII.

KENNEDY, George. *The Art of Rhetoric in the Roman World*. New Jersey: Princeton University Press, 1972.

MACE, Alcide. *Essay sur Suetone*. Paris: Ancienne librairie Thorin et Fils, 1900.

Enviado em janeiro de 2014

Aprovado em abril de 2014.

*VIDA HERODOTEANA DE HOMERO:*  
APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO

Christian Werner\*  
Luiz Guilherme Couto Pereira\*\*

\* Professor Livre Docente  
de Língua e Literatura  
Grega da Universidade de  
São Paulo  
Email: crwerner@usp.br

\*\* Graduado em Letras-  
Grego pela Universidade  
de São Paulo.  
Email: luiz.guilherme.  
pereira@usp.br

**RESUMO:** apresenta-se brevemente, focando-se a constituição da tradição biográfica em torno de Homero no período arcaico, e traduz-se para o português a *Vida herodoteana de Homero*

**PALAVRAS-CHAVE:** Homero; biografia; *Vida Herodoteana*; Recepção.

*THE HERODOTEAN LIFE OF HOMER:*  
INTRODUCTION AND PORTUGUESE  
TRANSLATION

**ABSTRACT:** *The Herodotean life of Homer* is here given a translation in Portuguese and offered an introduction focusing on the constitution of the biographical traditions around Homer in Archaic Greece.

**KEYWORDS:** Homer; biografia; *Vita Herodotea*; Reception.

APRESENTAÇÃO

Sete cidades queriam ser seu lugar de nascença;  
agora o lobo o rasgou, e cada uma tem seu naco.  
(J. W. Goethe, *Xênia* 264)

**E**sse bem humorado epigrama de Goethe debocha do fundador da filologia homérica moderna, Friedrich August Wolf (em alemão, “Wolf” é “lobo”), que defendeu a chocante – para seus contemporâneos, entre os quais Schiller e Goethe – tese de que não só Homero não era o autor dos poemas que foram transmitidos em seu

nome, mas de que esses seriam o resultado da reunião de composições de diversos poetas (Porter: 2011). Dúvidas acerca de Homero, porém, permeiam a tradição exegética e biográfica já na antiguidade, por exemplo, no que diz respeito a seu nome.

Nada impede que “Homero” tenha sido o nome de um indivíduo histórico (Graziosi: 2002, p. 52-54; *contra* West: 1999), mas, desde muito cedo no mundo greco-romano, gerou tradições biográficas conscientemente criadas e recriadas (Graziosi: 2002; Bassino: 2012). Quando Luciano de Samósata, no século II d.C., faz o poeta afirmar ao narrador, entre outras coisas, que não é cego e nasceu na Babilônia, a referência é a histórias bastante antigas com componentes que remontam provavelmente ao período arcaico (*Das narrativas verdadeiras*, II.20):<sup>1</sup>

1. Tradução inédita de Lucia Sano a ser publicada em um volume com textos de Luciano de Samósata organizado por Jacyntho L. Brandão para a editora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ainda não haviam decorrido nem dois ou três dias quando me dirigi ao poeta Homero (...) e informei-me entre outras coisas de onde ele era, dizendo-lhe que isso entre nós é ainda agora o mais investigado. Ele declarou que nem ele próprio ignorava que alguns julgavam que ele fosse de Quios, outros de Esmirna e muitos de Cólofon. Disse, entretanto, ser Babilônio e que, junto aos seus concidadãos, não de Homero, mas de Tigranes era chamado, mas que mais tarde tendo se tornado um refém entre gregos, trocou seu nome. Ainda perguntei-lhe acerca dos versos espúrios, se por ele haviam sido escritos. Declarou que todos eram seus. Percebi então a grande tolice dos gramáticos seguidores de Zenódoto e Aristarco. (...) Além disso, eu desejava saber se primeiro havia escrito a *Odisseia*, antes da *Iliada*, como muitos dizem. Ele negou. Que nem cego era, algo que também dizem a seu respeito, eu soube imediatamente, pois o via, de tal forma que não tive necessidade de questionar.

Em *Trabalhos e dias*, poema atribuído pelo menos desde o fim do século VI a.C. a Hesíodo (Cingano: 2009, p. 99), o narrador nos conta como foi vitorioso sobre um outro poeta em Cálquis (*Trabalhos e dias* 650-59):

Pois nunca, com barco, naveguei pelo amplo mar, exceto de Áulis à Eubeia, onde um dia os aqueus, esperando no inverno, grande tropa reuniram para ir da sacra Hélade a Troia belas-mulheres.



Lá eu, atrás de prêmios pelo aguerrido Anfidamas,  
até Cálquis cruzei – em profusão esses anunciados  
prêmios fixaram os filhos do enérgico –, onde afirmo eu  
com um canto ter vencido e trazido tripode orelhuda.  
Essa eu mesmo às Musas do Hélicon dediquei  
onde no início puseram-me na via do canto soante.  
(Werner: 2013, p. 71)

A tradição cedo considerou ser Homero o poeta derrotado, do que testemunha uma outra narrativa biográfica igualmente valiosa de Homero (e Hesíodo), o *Certame entre Homero e Hesíodo* (Graziosi: 2001; Torrano: 2009; Bassino: 2013).

Ao passo que a biografia de Hesíodo foi, pelo menos em parte, controlada por elementos “autobiográficos” contidos nos próprios poemas (Koning: 2010, p. 129-60), como o encontro entre o jovem pastor e as Musas (*Teogonia* 1-34), a situação de Homero é diferente pois nada é, explicitamente, informado pela *Iliada* e *Odisseia*. Uma exceção é o *Hino homérico a Apolo*, versos 165-73, que, ainda por Tucídides, era atribuído a Homero (*História da guerra do Peloponeso* 3, 104), o que só veio a mudar muito posteriormente (Faulkner: 2011, p. 175-81):

Vamos, que Apolo, junto com Ártemis, seja propício,  
e vós todas sede felizes; de mim, também no futuro,  
lembrai-vos, sempre que algum dos homens terrestres,  
estrangeiro muita-provação, ao chegar aqui, perguntar:  
“Jovens, quem é, para vós, o mais prazeroso dos cantores  
que frequenta aqui, e com quem vós vos mais deleitais?”  
Vós todas muito bem respondi em unísono:  
“Um homem cego, e mora na escarpada Quios,  
e todas as suas canções, no futuro, serão as melhores.”<sup>2</sup>

Esse trecho, no qual o narrador do poema, idealmente Homero, se manifesta em primeira pessoa, permite formular-se a hipótese de que faz parte da tradição hexamétrica – e, mais amplamente, da cultura grega arcaica – o vínculo entre um poema transmitido e recebido em certas condições e a autoridade da *persona* ligada a ele. A cegueira é um desses sinais de autoridade, e dela também é vítima o mais famoso cantor-personagem de Homero, o aedo Demódoco da *Odisseia*. Assim, não surpreende que, nos textos biográficos

2. Minha tradução do texto grego de N. J. Richardson (Richardson: 2010).

de Homero que chegaram até nós, todos datados dos períodos romano e bizantino, ecoem elementos dos próprios poemas, ou seja, lugares, personagens e resquícios de suas condições de *performance* e transmissão (Nagy: 2010).

A data da *Vida herodoteana de Homero*, a mais extensa biografia de Homero transmitida, pode ser situada entre 50 e 150 (West: 2003, p. 301). Em que pese a utilização do estilo e dialeto de Heródoto, trata-se de uma imitação (*idem ibidem*). Salta aos olhos do leitor, desde o início, que uma das fontes para a composição da biografia são os próprios poemas, ou seja, algumas personagens da *Iliada* e da *Odisseia* são pensadas como oriundas de fatos da vida de seu compositor (Kelly: 2011, p. 129-30). Assim, Fêmio, o poeta que canta para os pretendentes de Penélope, é aqui o nome do pai adotivo de Homero.

As localidades por onde passa o poeta refletem diferentes tradições sobre seu lugar de nascimento mas também um aspecto importante da vida dos poetas gregos, a de que a regra era serem itinerantes, ou seja, não estarem ligados a um só local de trabalho (Hunter & Rutherford: 2009), o que já se afirma na própria *Odisseia*, poema no qual os aedos também aparecem ligados a um só lugar de atuação (*Odisseia* 17, 382-86):

Quem é que vai ele próprio chamar outro, um estrangeiro,  
de outra terra, a não ser que se trate de um demiurgo:  
um vidente, um médico, um carpinteiro de madeira,  
ou um aedo divino, que com o seu canto nos deleita?  
Esses homens são sempre convidados na terra ilimitada.  
(Lourenço: 2011, p. 247)

A biografia contém uma série de epigramas que a maioria dos críticos localiza entre os séculos VI e V a.C. (West: 2003, p. 304). Que eles tenham sido absorvidos por tradições biográficas da época clássica que, posteriormente, serviram de base para a presente biografia, é uma possibilidade. Até que ponto tais histórias podem ser traçadas a uma prática – popular – de origem jônia homóloga àquela que alguns propõem para Esopo (Kurke: 2011) ou são criações sofisticadas (West: 2003, p. 304), essa é uma discussão que ainda está em aberto.

O que é certo é que muito do modo como a poesia épica, sobretudo heroica, foi conceitualizada durante sua recepção está codificado nas tradições biográficas de Homero, como demonstrado pelo trabalho seminal de Barbara Graziosi (Graziosi: 2002). Ao contrário do que defenderam muitos críticos anteriores, portanto, não se trata de um material inútil. Assim, Homero não é cego nas suas biografias porque Demódoco o é, mas porque a cegueira de um aedo épico corporifica sua dependência da Musa para ver e tornar visível o que só é acessível a ele e a seu público por meio do veículo de comunicação que é a própria *performance* épica.

## TRADUÇÃO

A tradução abaixo segue o texto grego estabelecido por Martin. L. West (West 2003); na sua edição, numera a vida em questão como 2.

1] Heródoto de Halicarnasso isto pesquisou sobre a origem, data e vida de Homero, tendo procurado alcançar as conclusões mais exatas.

Quando a antiga Cime eólica estava sendo fundada, nela reuniu-se todo tipo de povo helênico e, entre outros que vieram da Magnésia, Melanopo, filho de Itagenes, filho de Créton; ele não era rico, mas de condição modesta. Esse Menalopo desposou em Cime uma filha de Omires, e da união nasceu-lhe uma filha, à qual deu o nome de Creteida. O próprio Menalopo e sua esposa chegaram ao fim da vida; a filha, porém, confiou a um homem com quem ele tinha estreitas relações, Cleánax, um argivo.

2] Tempo depois, ocorreu da moça unir-se secretamente a um homem e engravidar. No início passou despercebido. Quando Cleánax percebeu, irritou-se com a desgraça, chamou Creteida a sós, acusou-a de enorme crime e acrescentou a vergonha deles perante os cidadãos. Por isso planejou o seguinte acerca dela. Os cimeus então colonizavam a parte mais recôndita do Golfo de Hermeios; a cidade por eles colonizada recebeu o nome de Esmirna de Teseu, que desejava erigir um monumento comemorativo homônimo de sua mulher, cujo nome era Esmirna. Teseu

era dos primeiros tessálios fundadores de Cime, descendente de Eumelo filho de Admeto, e era homem de muitos recursos. Lá Cleánax colocou Creteida junto ao beócio Ismênias, a quem coube ser um dos colonizadores e que por acaso era muito seu amigo.

3] Tempo depois, Creteida, com outras mulheres, saiu para um festival junto ao rio chamado Meles. Estando na época de parir, gerou Homero, que não era cego mas enxergava. E dá à criança o nome de Melesígenes, adotando o nome do rio. Nessa época, Creteida estava com Ismênias. Tempo depois, partiu e começou a manter a criança e a si mesma com trabalho braçal, aceitando ora o trabalho de um ora de outro. E educou a criança a partir dos meios de que dispunha.

4] Naquele tempo havia alguém em Esmirna chamado Fêmio, que ensinava os meninos a ler e escrever e as letras todas. Ele, vivendo sozinho, contratou Creteida para trabalhar para ele a lã que recebia dos meninos como pagamento. Trabalhava para ele com muito bom comportamento e temperança e muito agradava Fêmio. Por fim, aproximou-se dela tentando convencê-la com discursos a morar com ele, falando muitas coisas com as quais acreditava que a conquistaria; entre elas, acerca do seu menino, que o tornaria seu filho, e que, criado e educado por ele, seria digno de nota, pois viu que o menino era inteligente e bem dotado. Por fim, convenceu-a a fazer isso.

5] O menino tinha boa natureza e, tendo-lhe sido dadas atenção e educação, de pronto começou a se destacar muito em relação aos outros. Tendo, com o tempo, se tornado um homem, não era em nada inferior a Fêmio em conhecimento. Assim, quando Fêmio chegou ao fim da vida, deixou tudo para o menino. Não muito depois também Creteida faleceu. Melesígenes se estabeleceu como professor. Estando por conta própria, foi mais notado por todos, e conquistou a admiração dos nativos e dos estrangeiros que chegavam. Esmirna era um centro comercial, e muito grão era exportado dali, pois era trazido até ela em abundância da região circunvizinha. Portanto os estrangeiros, quando tinham terminado o trabalho, passavam o tempo sentados junto a Melesígenes.

6] Nessa época havia entre eles um Mentis, dono de navio, da região em torno de Leucas, que viajara com seu navio atrás de grãos, um homem educado para aqueles tempos e muito erudito. Ele convenceu Melesígenes a fechar a escola e navegar consigo por um pagamento e todo o necessário, acrescentando que seria bom para ele ver países e cidades enquanto jovem. E me parece que o convenceu sobremodo com isso. De fato, talvez então já pensasse em se dedicar à poesia. Após fechar a escola, ele navegou junto com Mentis. E cada vez que chegava a um lugar informava-se, perguntando. É provável que tenha feito anotações de tudo.

7] Voltando da Etrúria e da Ibéria, chegaram a Ítaca. E ocorreu que Melesígenes adoeceu nos olhos e ficou muito mal. Para que ele fosse tratado, Mentis, que ia navegar para Leucas, deixou-o junto a um grande amigo, Mentor, filho de Alquimo, um itacense, tendo pedido enfaticamente que dele cuidasse. Ao navegar de volta, o pegaria. Mentor cuidou dele com muito zelo pois tinha meios suficientes e gozava de alta reputação entre os itacenses pela justiça e hospitalidade. Lá ocorreu a Melesígenes investigar e informar-se acerca de Odisseu. Os itacenses dizem que, entre eles, nessa época, Melesígenes ficou cego, mas eu afirmo que ficou saudável, vindo a ficar cego depois, em Colofão. E nisso os colofenses concordam comigo.

8] Retornando Mentis de Leucas, aportou em Ítaca e trouxe a bordo Melesígenes. Durante muito tempo navegou com ele. Chegando a Colofão, voltou a acometer-lhe a doença. Sem conseguir vencê-la, lá ficou cego. Vindo cego de Colofão, chegou em Esmirna e nessa situação se dedicou à poesia.

9] Tempo depois, em Esmirna, carente de recursos, decidiu ir a Cime. Atravessando a planície de Hermos, chegou a Fortaleza Nova (“Neonteicos”), uma colônia de Cime, fundada oito anos depois de Cime. Dizem que lá se deparou com um sapateiro e recitou estes versos como seus primeiros (Epigrama 1):

Respeitai quem é carente de hospitalidade e casa,  
vós que a elevada cidade de Hera, noiva de olho cheio,  
habitais, no sopé mais baixo do Sardene de altas florestas,  
bebendo a ambrosíaca água do divino rio,

o Hermos remoinhado, que Zeus imortal gerou.

O monte Sardene está situado acima do rio Hermo e de Fortaleza Nova. O sapateiro era chamado Tíquio (“Fortuito”) e, tendo ouvido seus versos, pensou em receber o homem, pois teve pena de um cego mendicante, e mandou-o ir à sua oficina e afirmou que compartilharia do que lá houvesse; e assim ele foi. Sentado na oficina do sapateiro, onde outros também estavam, declamou-lhes sua poesia, *A expedição de Anfiareu a Tebas*, e os hinos compostos por ele aos deuses, e, também apresentando opiniões sobre o que era dito pelos presentes, causou grande admiração entre quem o escutava.

10] O tempo passava e Melesígenes permanecia em Fortaleza Nova, tirando sustento de sua poesia. Os habitantes de Fortaleza Nova mostravam, ainda na minha época, o espaço onde ele se sentava para declamar seus versos e veneravam muito o lugar. Lá crescia um choupo que havia crescido, dizem eles, desde que Melesígenes até eles veio.

11] Tempo depois, passando por dificuldades e quase não tendo comida, decidiu retornar a Cime para melhorar sua situação. Quando ia por-se a caminho, disse esses versos (Epigrama 2):

Rápido os pés me levem a cidade de homens reverentes;  
desses, o coração é benevolente, e a sagacidade, a melhor.

Depois de ter partido de Fortaleza Nova, chegou a Cime, tendo feito o caminho por Larissa, por ser esse o mais fácil. Dizem os habitantes de Cime que compôs para Midas, o rei da Frígia, filho de Górdio, pelo casamento, a pedido de seus parentes, este epigrama, que, ainda hoje, está inscrito em sua estela comemorativa (Epigrama 3):

Enquanto a água fluir e as árvores crescerem altas,  
e o sol subir e brilhar, e a lua cintilante,  
aqui mesmo ficando sobre túmulo muito pranteado,  
anunciarei aos passantes que Midas aqui está sepultado.

12] Sentando-se nos salões dos anciãos em Cime, Melesígenes declamou os poemas por ele mesmo compostos e com seus discursos agradou os ouvintes, que se tornaram

seus admiradores. Tendo percebido que os cimeus acolhiam sua poesia e fazendo-se íntimo de seus ouvintes, submeteu-lhes as seguintes palavras, dizendo que, se desejassem patrociná-lo publicamente, faria de sua cidade a mais famosa. Isso agradou quem ouviu, e exortaram-no a ir ao conselho a fim de fazer a solicitação aos conselheiros; eles próprios disseram que colaborariam. Ele foi convencido por eles e, quando o conselho se reuniu, foi ao local e pediu ao encarregado para levá-lo ao conselho. E o encarregado aceitou a tarefa e no momento certo conduziu-o. Melesígenes postou-se e proferiu a fala sobre o patrocínio que proferira nos salões. Tendo falado, saiu e se sentou; 13] e eles deliberaram o que deveriam responder-lhe. O homem que o conduzira era-lhe favorável bem como os conselheiros que o ouviram nos salões, mas diz-se que um dos senhores se opôs a seu pedido, falando entre outras coisas que, se lhes parecesse bom cuidar de *homeroi*, teriam multidão grande e sem valor. Desde então o nome Homero prevaleceu sobre Melesígenes por conta de sua desgraça, pois os cimeus chamam os cegos de *homeroi*. Assim, se antes era chamado de Melesígenes, passou a chamar-se Homero, 14] e os estrangeiros o disseminaram quando se lembravam dele. O discurso do dirigente, portanto, concluiu contra o patrocínio de Homero, e de alguma forma isso pareceu bom para o resto do conselho. O líder do conselho foi e sentou-se a seu lado, e contou-lhe os argumentos contrários a seu pedido e o veredito do conselho. Ele, ao ouvir, lamentou e disse os seguintes versos (Epigrama 4):

Zeus-pai, de que destino me fizeste presa  
quando, criança, me criaste no colo de mãe respeitada.  
Ela a qual um dia, pelo plano de Zeus porta-égide, murou  
o exército de Frícon, ginetes de furiosos cavalos,  
mais enérgicos que fogo violento no decidir a batalha,  
Esmirna eólica, vizinha do mar, augusta costa,  
atravessada pela radiante água do sagrado Meles –  
de lá lançando-se as filhas de Zeus, radiante progênie,  
quiseram glorificar divino país, cidade de homens;  
e eles rejeitaram a sagrada voz, a letra do canto,  
por ignorância. Um deles, após sofrer, vai perceber,  
esse que planejou minha sina com seus insultos.

O destino que um deus me concedeu quando nasci suportarei, carregando reveses com espírito resistente, mas minhas queridas pernas não desejam mais ficar nas sacras vias de Cime; meu grande ânimo me faz partir para terra estrangeira, eu, enfraquecido.

3. Como nota Martin West, possível alusão à migração do pai de Hesíodo de Quime para a Beócia; para essa e outras referências abaixo às notas explicativas do autor, cf. sua edição e tradução das biografias (West: 2003).

15] Depois disso, se retirou de Cime para a Foceia, rogando uma praga nos cimeus que nenhum poeta digno de nota surgiria nessa terra para enaltecer os cimeus.<sup>3</sup> Após chegar a Foceia, viveu do mesmo modo, declamando poemas sentado nos salões. Naquele tempo, na Foceia, havia um Testorides que ensinava os meninos a ler e escrever, um homem desonesto. Após observar a composição poética de Homero, conversou com ele e disse estar disposto a recebê-lo, dele cuidar e a ele alimentar, se quisesse copiar as poesias que compusera e, ao compor outras, sempre trazê-las até ele. 16] Tendo ouvido, Homero decidiu que deveria fazer isso, pois estava carente do que era necessário e de cuidados. Passando seu tempo com Testorides, compõe a *Iliada Menor*, cujo começo é:

Canto Ílion e a Dardânia de bons cavalos,  
pela qual muito sofreram os dânaos servos de Ares,

e a chamada *Focaida*, que, dizem os foceios, Homero compôs quando estava entre eles. Depois que Testorides copiou a *Focaida* e tudo o mais com Homero ditando, planejou partir da Foceia, querendo se apropriar da poesia de Homero. Não cuidava mais do mesmo modo de Homero, que lhe proferiu os seguintes versos:

Testorides, embora muita coisa seja inesperada para os mortais,  
nada é mais incompreensível que a mente humana.

Testorides então deixou a Foceia rumo a Quios e lá estabeleceu uma escola. Declamando os poemas como sendo dele mesmo, obteve muitos elogios e recebeu benefícios. Quanto a Homero, continuava a viver do mesmo modo na Foceia, tirando seu sustento de sua poesia.

17] Não muito tempo depois, mercadores de Quios aportaram na Foceia. Após ouvir composições de Homero



que tinham ouvido de Testorides muitas vezes em Quios, contaram a Homero que em Quios alguém estava declamando esses versos, um professor de letras, que estava sendo muito elogiado. Homero compreende que seria Testorides, e desejou de todo o coração ir até Quios. Após descer ao porto, não encontra nenhum navio partindo para Quios, ao passo que alguns homens se preparavam para partir a Eritreia atrás de madeira. Agradava a Homero fazer a viagem passando por Eritreia, então foi até os marinheiros e pediu para ser aceito como passageiro com muitos argumentos encantadores que deveriam persuadi-los. Pareceu-lhes bom aceitá-lo e falaram para embarcar no navio. Então Homero agradeceu-lhes muito, embarcou e, após se sentar, disse os seguintes versos (Epigrama 6):

Ouve, Poseidon, poderoso sacudidor da terra,  
guardião de †terra-ampla† e do numinoso Hélicon,  
e bom vento e jornada segura proporciona  
aos navegantes, que são condutores e senhores de navio.  
E conceda, quando ao pé do Minas de pico elevado  
eu chegar, que eu ache respeitosos e pios mortais,  
e que eu puna o homem que iludiu minha mente  
e enfureceu Zeus dos Hóspedes e a mesa hospitaleira.

18] Tendo feito boa viagem e chegado a Eritreia, Homero passou uma noite no navio mas no dia seguinte pediu dos marinheiros que algum o conduzisse à cidade, e enviaram um único com ele. Enquanto Homero estava a caminho, quando se deparou com a paisagem acidentada e montanhosa de Eritreia, proferiu os seguintes versos (Epigrama 7):

Augusta Terra que tudo dá, doadora de fortuna que adoça o  
juízo,  
pois quão fértil és para alguns homens,  
mas, para outros, de quem tens raiva, estéril e áspera.

Chegando na cidade dos eritreus, perguntou da navegação para Quios. E quando alguém que já o tinha visto na Focéia se aproximou e o saudou, pediu-lhe que ajudasse a achar um navio para cruzar até Quios. 19] Eis

que não havia nenhum pacote no porto, e conduziu-o aonde os navios de pescadores estavam atracados e de algum modo se deparou com alguns que estavam em vias de navegar a Quios. Então o guia foi até eles pedir que levassem Homero. Eles não responderam e se puseram ao mar. E Homero proferiu os seguintes versos (Epigrama 8):

Marinheiros singrantes, semelhantes no destino odioso  
a timoratas gaivotas, levando vida que não se inveja,  
respeitai Zeus dos Hóspedes que reina nas alturas,  
pois terrível é no futuro o olhar de Zeus se um o ofende.

Após zarparem, veio um vento contrário, e foram levados de volta ao ponto de partida e encontraram Homero ainda sentado na praia. Quando soube que tinham sido trazidos de volta, disse isso (Epigrama 9):

Estrangeiros, vento contrário veio e pegou-vos;  
pois agora recebei-me, e haverá para vós uma viagem.

Os pescadores ficaram arrependidos por não o terem aceitado antes e, dizendo que não o deixariam para trás se desejasse navegar com eles, pediram que subisse a bordo. Assim o embarcaram, zarparam e o puseram na península. 20] Os pescadores então se dirigiram a seu trabalho. Homero permaneceu na praia aquela noite, mas, no dia seguinte, ele se pôs a caminho e, após vagar, chegou a esse lugar chamado Pinheiro. Como lá mesmo descansou à noite, caiu sobre ele o fruto do pinheiro que algumas pessoas chamam de estróbilo e outras de pinha. Homero então proferiu os seguintes versos (Epigrama 10):

Um outro pinheiro dá fruto melhor que o teu  
nos picos do Ida com muitas entrâncias ventosas,  
onde o ferro de Ares para os mortais terrenos  
haverá quando o possuírem os homens da Cebrênia.

Naquele tempo os cimeus se preparavam para colonizar a Cebrênia próxima ao Ida, e lá se produzia muito ferro.

21] Homero levantou-se dali e pôs-se a caminho guiado pelo som de cabras que pastavam. Quando os cães latiram para ele, gritou. Então Glauco, quando escutou sua voz (pois era esse o nome de quem pastoreava as cabras), avançou rapidamente, chamou de volta os cachorros e afugentou-os para longe de Homero. Por muito tempo ficou surpreso como um cego, estando sozinho, alcançou aqueles lugares, e com o que pretendia. Dirigiu-se a ele e perguntou quem era, de que modo alcançou aqueles lugares inabitados e sem trilhas e o que queria. Homero contou-lhe tudo que lhe acontecera, causando-lhe pena, pois, como parece, Glauco não era insensível. Pegou-o, conduziu até sua quinta e, depois de acender o fogo, Glauco preparou uma refeição, colocou-a na frente dele e pediu-lhe que jantasse. 22] Quando os cães, como costumavam fazer, se postaram e latiram para eles, que jantavam, Homero proferiu para Glauco os seguintes versos (Epigrama 11):

Glauco guardador de rebanho, uma palavra porei em teu juízo:  
primeiro aos cães dá comida nos portões do pátio,  
pois assim é melhor. Pois esse escuta por primeiro  
o homem que se aproxima e a fera que adentra o cercado.

Glauco ouviu isso, gostou do conselho e ficou admirado com o homem. Após o jantar, entretiveram-se conversando. Quando Homero contou suas andanças e as cidades que visitara, Glauco ficou impressionado ao ouvir. E só quando chegou a hora de dormir parou.

23] No dia seguinte, Glauco pretendeu ir a seu senhor informá-lo acerca de Homero. Confiou a um companheiro escravo o pastoreio das cabras e deixou Homero dentro da casa, dizendo-lhe que rapidamente retornaria. Desceu então até Bolissos, que é perto daquele lugar, e, após encontrar seu senhor, relatou toda a verdade acerca de Homero, o seu assombro com o modo de sua chegada, e perguntou-lhe o que deveria fazer acerca dele. Mas o senhor pouco aceitou do relato, condenando Glauco por ser tolo ao receber inválidos e cuidar deles. Mandou, ainda assim, que trouxesse o estrangeiro até ele.

24] Ao retornar até Homero, Glauco contou-lhe isso e mandou-o ir, pois ele se daria bem. E Homero quis ir. Então Glauco pegou-o e conduziu a seu senhor. O quioense, em razão da conversa com Homero, viu que ele era hábil e experiente em muitas coisas. Então o fez permanecer ali e educar seus filhos, pois as crianças já estavam na idade. Colocou-os então junto dele para que os educasse, e ele realizou isso. E os *Cércopes*, a *Batraquiomaquia*, a *Psaromaquia*, a *Heptapáctica*, as *Epicíclides* e todos os outros poemas jocosos de Homero, ele os compôs lá na casa do quioense em Bolissos, de forma que agora também se tornou famoso por sua poesia nessa cidade. E Testorides, tão logo ouviu que ele estava lá, partiu, navegando de Quios.

25] Tempo depois, após pedir ao quioense que o levasse a Quios, chegou à cidade. Abriu uma escola e começou a ensinar seus poemas às crianças. Ele pareceu ser muito hábil para os quioenses, e impressionou muitos. Depois de angariar suficiente cabedal, casou com uma mulher que deu a ele duas filhas. Delas, uma morreu sem se casar, e a outra deu em casamento a um homem de Quios.

26] Assim que se pôs a fazer a poesia, mostrou gratidão primeiro a Mentor, o itacense, na *Odisseia*, porque tratara de forma tão zelosa de seus olhos em Ítaca, e encaixou o nome dele no poema, declarando ser ele um dos companheiros de Odisseu, e compôs que, ao partir para Troia, Odisseu confiou sua propriedade a Mentor por ser o mais nobre e justo habitante de Ítaca. Em muitas outras passagens do poema também o honrou, fazendo Atena assemelhar-se a Mentor quando se punha a conversar com alguém. Também retribuiu, na *Odisseia*, a Fêmio, seu professor, pela sua criação e educação, em especial nestes versos (*Odisseia* 1, 153-155):

O mensageiro colocou a belíssima cítara nas mãos  
de Fêmio, o qual em muito superava a todos no canto.  
E ele, harpejando, pôs-se a cantar belamente.

E lembrou também do capitão, com quem navegou  
por todo lugar e viu muitas cidades e países, cujo nome era  
Mentes por meio destes versos (*Odisseia* 1, 180-181):

Mentes, filho do atilado Anquíalo, declaro  
ser, e governo os tálios que amam o remo.

Retribuí o favor também a Tíquio, o coureiro, que o  
recebeu em Fortaleza Nova quando foi a sua oficina, fixando-  
o nesses versos na *Iliada* (*Iliada* 7, 219-221):

Ájax aproximou-se, levando um escudo, qual uma torre,  
o de bronze com sete couros, que Tíquio com labor lhe fez,  
o melhor dos coureiros, que vivia em Hile.

27] {Por conta de sua poesia, Homero era famoso  
na Jônia e relatos sobre ele já chegavam à Hélade.} Vivendo  
em Quios e famoso por sua poesia, muitos iam até ele. Os  
que se encontravam com ele sugeriam que fosse para a  
Hélade. Ele aceitou o argumento e desejou muito viajar.  
28] Percebendo que compusera muitas passagens com elogios  
sobre Argos mas não sobre Atenas, inseriu no seu poema, a  
*Iliada Maior*, exaltando Erecteu no “Catálogo das naus”, os  
seguintes versos (*Iliada* 2, 547-548):

O povo do magnânimo Erecteu, a quem um dia  
Atena, filha de Zeus, nutriu e a terra fértil pariu.

E ao general deles, Menesteu, elogiou-o como sendo  
o melhor dentre todos na organização da infantaria e da  
cavalaria, dizendo os seguintes versos (*Iliada* 2, 552-554):

Por sua vez, a eles liderou o filho de Peteu, Menesteu.  
Nunca um homem igual a ele surgiu na terra  
no ordenar cavalos e varões guerreiros.

E Ájax, filho de Télamon, e os salamínios dispôs junto  
aos atenienses no “Catálogo das naus”, dizendo o seguinte  
(*Iliada* 2, 557-558):

Ájax de Salamina conduzia doze naus,  
e, levando-as, pôs onde estavam as tropas atenienses.

Na *Odisseia* ele compôs isto, como Atena, depois de  
ter um diálogo com Odisseu, chegou à cidade dos atenienses,

honrando aquela mais que as outras cidades (*Odisseia* 7, 80-81):

Alcançou Maratona e Atena de amplas vias,  
e entrou na sólida casa de Erecteu.

29] Após incluir esses versos na sua poesia e de se preparar, desejando viajar para a Hélade, alcançou Samos. Por acaso as pessoas de lá, nessa precisa época, festejavam a Apatúria. Um samoense, que assistira a Homero previamente em Quios, o viu chegar e foi contar aos homens de sua fratria, elogiando-o fartamente. Os homens pediram-lhe que o trouxesse, e ele, ao encontrar Homero, disse: “Estrangeiro, a Apatúria acontece na cidade e os homens da minha fratria o convidam a celebrar com eles”. Homero disse que o faria, e foi com quem o chamou. 30] No caminho, achegou-se de mulheres que ofereciam sacrifícios a Curotrofos (“Nutre-jovem”) em uma encruzilhada. A sacerdotisa disse-lhe, incomodada ao vê-lo: “Homem, afasta-te do sacrifício”. Homero lançou no ânimo o que lhe foi dito e perguntou a seu guia quem falara e a que deus se fazia sacrifícios. Ele explicou-lhe que era uma mulher sacrificando a Curotrofos. Ouvindo isso, ele proferiu os seguintes versos (Epigrama 12):

Escuta minha prece, Curotrofos, e concede que esta mulher  
rejeite o amor e o leito dos jovens  
e que venha a deleitar-se com velhos de cabelo grisalho  
cujo vigor embotou, mas cujo ânimo segue insistindo.

31] Quando chegou na reunião da fratria e ficou na entrada da casa onde estavam ceando, alguns dizem que o fogo luzia dentro da casa, enquanto outros afirmam que eles só o acenderam quando Homero disse estes versos (Epigrama 13):

A coroa de um homem são seus filhos, da cidade, suas torres;  
cavalos, a joia da planície, naus, dos mares;  
posses fazem crescer a casa; e reis majestosos,  
sentados, na ágora, uma joia ao povo que os fita:  
quando o fogo crepita, a casa é a visão mais majestosa.

Após entrar e reclinar-se, ceou com os membros da fratria, e eles o honraram e admiraram.

E lá Homero passou a noite. 32] No dia seguinte, quando partiu, foi chamado por alguns ceramistas, que o viram enquanto assavam peças delicadas no forno. Eles tinham ouvido que ele era sábio, e pediram que cantasse para eles, dizendo que dariam a ele alguma cerâmica e qualquer outra coisa que tivessem. Homero canta-lhes esta composição, chamada “O forno” (Epigrama 14):

Se vós me pagardes pelo canto, ceramistas,  
vem cá, Atena, e mantém a mão sobre o forno.  
Que bem enegreçam as taças e todos os pratos,  
que assem bem e alcancem o preço que merecem,  
muitos sendo vendidos na ágora, muitos, nas ruas,  
dêem muito lucro e beneficiem a mim assim como a eles.  
Caso vos volteis para a ignomínia e armardes mentiras,  
invocarei então os destruidores de fornos,  
Despedaçador bem como Quebrador, Torrador, Estilhaçador  
e Subcozidor, que muitos males traz a essa técnica.  
Conquistai a fornalha e as casas, e todo o forno  
esteja em total desordem, os ceramistas alto lamentando.  
Tal como a mandíbula do cavalo mastiga, mastigue o forno,  
fazendo toda a cerâmica dentro dele em pedacinhos.  
Que venha também a filha do Sol, Circe de muitas poções:  
lance venenos selvagens, e prejudique a eles e sua produção.  
E que para cá também Quíron conduza muitos centauros,  
os que escaparam das mãos de Héacles e os que pereceram:  
que cruelmente destruam essas peças, tombe o forno  
e eles, se lamentando, vejam a produção imprestável  
Eu rejubilarei, vendo sua técnica desventurada.  
E quem espiar por cima, que seu rosto todo se chamusque,  
para que todos saibam fazer o que é apropriado.

33] Passando o inverno em Samos, procurava na lua nova as casas mais abastadas e ganhava alguma coisa cantando estes versos, os quais são chamados de *Eiresione*;<sup>4</sup> sempre algumas das crianças da região estavam com ele e o guiavam (Epigrama 15):

Nós nos dirigimos à casa de um homem muito rico,  
o qual muito pode, muito ruge, sempre afortunado.  
Abri-vos sozinhas, portas, pois Riqueza entrará

4. West assinala que o termo se refere a um ritual de outono; trata-se de a um galho com frutas e bolos que meninos traziam para as casas em Atenas e provavelmente em outros lugares da Grécia.

5. Na sequência, como nota West, a referência é ao pedido das crianças durante a procissão.

aos montes e, com Riqueza, também o florescente Gáudio  
e a nobre Paz. Que todos os jarros estejam cheios,  
e a massa de pão transborde na vasilha de fermentar.  
Agora refeição de cevada polvilhada com gergelim

...

A mulher de vosso filho irá até vós num carro,  
mulas de cascos rijos a trarão a esta casa,  
e que ela teça no tear de pé sobre âmbar.  
Voltarei, todo ano voltarei qual andorinha:<sup>5</sup>  
estou no vestíbulo, pés nus. Vamos, traz algo rápido.  
Por Apolo, mulher, dê-nos algo.  
Se deres algo, bom; caso contrário, não ficaremos,  
pois não viemos aqui para morar contigo.

Esses versos por muito tempo foram cantados em Samos quando se reuniam no festival de Apolo.

34] Chegando a primavera, Homero seguiu viagem de Samos a Atenas. Após zarpar com alguns locais, foi redireccionado para Ios. Não aportaram na cidade, mas na costa. Sucedeu que Homero, ao navegar para lá, começou a adoecer. Depois que desembarcou do navio, enfraquecido, dormiu na praia. Por muitos dias permaneceram ancorados por causa do mau tempo, e sempre alguns habitantes da cidade desciam para passar o tempo com Homero e, ao ouvi-lo, ficavam impressionados.

35] Quando os marinheiros e também alguns habitantes da cidade estavam sentados com Homero, navegaram para lá alguns pescadores meninos, que, desembarcando do bote, foram até eles e disseram o seguinte: “Pois bem, estrangeiros, escutai-nos e vide se sois capazes de discernir o que vos diremos”. E alguém dos presentes pediu-lhes que falassem, e eles disseram: “Aquilo que pegamos, nós deixamos para trás; o que não pegamos, estamos carregando”. Uns dizem que falaram em verso:

O que pegamos, deixamos p'ra trás; o que não pegamos, levamos.

Como os presentes não foram capazes de entender o que foi dito, os meninos explicaram que não conseguiram pegar nada em sua pesca, mas, sentados no chão, cataram piolho, e, os piolhos que pegaram, deixaram lá, e o que não



pegaram, estavam levando para casa. E Homero, após ouvir isso, disse as seguintes palavras (Epigrama 16):

Pois nasceste do sangue de tais pais,  
que não tinham muita terra nem apascentavam rebanhos sem  
conta.

36] Devido a essa doença, ocorreu que Homero morreu em Ios, não por não ter entendido o que disseram os meninos, como pensam alguns, mas por causa de sua fraqueza. Tendo morrido, foi enterrado em Ios, lá mesmo na costa, pelos seus companheiros marinheiros e pelos cidadãos que com ele conversaram. E os habitantes de Ios inscreveram esta elegia muito tempo depois, quando sua poesia já se espalhara no exterior e era admirada por todos; não é de Homero:

Aqui a terra recobriu a sacra cabeça,  
ornador de varões guerreiros, o divino Homero.

37] Que Homero era um eólio e não jônio nem dório, isso é claro pelo que falei acima, para mim, e, além disso, dá testemunho do seguinte modo. É verossímil que, quando um homem que é um poeta de tal qualidade compõe costumes humanos na sua poesia, ou bem compõe os melhores que encontrou ou bem os que são de sua pátria. Pois de agora em diante vós mesmos julgareis ao ouvir seus versos. Ao compor um sacrifício ritual, ou bem buscou a melhor forma ou bem a que pertencia a sua própria pátria. Diz assim (*Iliada* 1, 459-461):

Primeiro puxaram cabeças p'ra trás, degolaram e esfolaram,  
deceparam as coxas e cobriram-nas de gordura,  
camada dupla, e sobre elas puseram peças cruas.

Sobre o lombo, nada se diz sobre como são usados nos sacrifícios. Pois a raça eólia é a única entre os helenos que não assam o lombo. Também evidencia nestes versos que, por ser um eólio, usa com correção seus costumes (*Iliada* 1, 462-463):

O ancião as assava sobre a lenha e nelas faiscante vinho  
aspergia; perto, jovens com garfos de cinco pontas nas mãos.

Pois só os eólios assam as vísceras sobre garfos com  
cinco pontas; os demais helenos usam os com três. E só os  
eólios usam *pempe* para “cinco” ao invés de *pente*.

38] Portanto, apresentei os dados sobre sua origem,  
morte e vida. Quanto à datação de Homero, a partir das  
seguintes observações alguém poderia calcular com precisão  
e correção. A partir da expedição a Ílion, que Agamêmnon  
e Menelau reuniram, passaram-se cento e trinta anos até a  
colonização de Lesbos com cidades, pois antes era desprovida  
delas. Vinte anos depois da colonização de Lesbos, fundou-  
se Cime, conhecida como eólia ou fricônia. Dezoito anos  
depois de Cime, Esmirna foi fundada pelos cimeus, e nisso  
Homero nasceu. Do nascimento de Homero são seiscentos  
e vinte e dois anos até a travessia de Xerxes, que realizou na  
sua expedição contra os helenos ao jungir o Helesponto e  
cruzar da Ásia para a Europa. Depois disso, para quem desejar  
investigar, é fácil calcular o tempo a partir dos arcontes dos  
atenienses. E o nascimento de Homero foi posterior à guerra  
de Troia em cento e sessenta e oito anos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSINO, P. Lesches and the contest between Homer and  
Hesiodmore. *Kyklos@Classics@* v. 1., 2012. Lido em <http://chs.harvard.edu/wa/pageR?tn=ArticleWrapper&bdc=12&mn=5189> (07/11/2013)

\_\_\_\_\_. *Certamen Homeri et Hesiodi: Introduction, critical  
edition and commentary*. Durham theses: Durham University,  
2013. Lido em <http://etheses.dur.ac.uk/8448/> (07/11/  
2013)

CINGANO, E. The Hesiodic corpus. In: MONTANARI,  
F.; RENGAKOS, A.; TSAGALIS, C. (Org.) *Brill's companion  
to Hesiod*. Leiden/Boston: Brill, 2009, p. 91-130.

FAULKNER, A. (Org.) The collection of Homeric Hymns: from the seventh to the third centuries BC. In: ᾠδῶν (Org.) *The Homeric Hymns: interpretative essays*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011, p. 175-205.

FINKELBERG, M. (Org.) *The Homer encyclopedia*. 3 vol. Malden: Wiley-Blackwell, 2011.

GOETHE, J. W. *Werke (Berliner Ausgabe)*. 22 vols. Berlin: Aufbau-Verlag, 1965-1978.

GRAZIOSI, B. Competition in wisdom. In: BUDELMANN, F.; MICHELAKIS, P. (org.) *Homer, tragedy and beyond: essays in honour of P. E. Easterling*. London: Society for the Promotion of Hellenic Studies, 2001.

\_\_\_\_\_. *Inventing Homer: the early reception of epic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HUNTER, R.; RUTHERFORD, I. (Org.) *Wandering poets in ancient Greek culture: travel, locality and pan-hellenism*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009.

KELLY, A. Biographies of Homer. In: FINKELBERG, M. (Org.) *The Homer encyclopedia*. 3 vol. Malden: Wiley-Blackwell, 2011, vol. 1, p. 129-30.

KONING, H. *Hesiod: The other poet. Ancient reception of a cultural icon*. Leiden: Brill, 2010.

KURKE, L. *Aesopic conversations: popular tradition, cultural and the invention of Greek prose*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

LOURENÇO, F. *Homero: Odisseia*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

NAGY, G. *Homer the preclassic*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2010.

PORTER, J. I. Wolf, Friedrich August. In: FINKELBERG, M. (Org.) *The Homer encyclopedia*. 3 vol. Malden: Wiley-Blackwell, 2011, vol. 3, p. 936-939.

RICHARDSON, N. J. *Three Homeric hymns: to Apollo, Hermes, and Aphrodite*. Introdução, edição e comentário. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TORRANO, J. A. A. O certame Homero-Hesíodo (texto integral). *Letras clássicas* IX, p. 215-24, 2009.

WERNER, C. *Hesíodo: Trabalhos e dias*. São Paulo: Hedra, 2013.

WEST, M. L. The invention of Homer. *Classical Quarterly* XLIX, p. 364-82, 1999.

\_\_\_\_\_. *Homeric hymns, Homeric apokrypha, lives of Homer*. Edição, tradução e introdução. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003.

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.

## AS RECENSÕES G E W DA *VIDA DE ESOP*

Adriane da Silva Duarte\*  
Pedro Ipiranga Júnior\*\*

\* FFLCH/USP.  
asduarte@usp.br

\*\* Universidade Federal  
do Paraná.  
junioripiranga7@hotmail.  
com

**RESUMO:** A *Vida de Esopo* é uma obra que apresenta traços de dois gêneros: gênero biográfico e gênero romanesco antigos. Neste trabalho, expomos, em caráter introdutório, algumas características peculiares desse tipo de narrativa e apresentamos uma tradução da parte inicial das duas recensões principais da obra: a recensão G e a recensão W.

**PALAVRAS-CHAVE:** biografia antiga; *Vida de Esopo*; romance antigo.

### THE G AND W RECENSIONS OF THE *LIFE OF AESOP*

**ABSTRACT:** The *Life of Aesop* is a work that shows traces of two genres: the ancient biography and the ancient novel. In this work, we expose, in an introductory way, some peculiar features of this kind of narrative and present a translation of the first part of the two main recensions of the work: the L recension and W recension.

**KEYWORDS:** ancient biography; *Life of Aesop*; ancient novel.

### PÉTROI PÉTROS EŪ PRÁTTEIN

**N**o multifacetado gênero do *bíos* na Antiguidade, há um corpus de narrativas, que de certa forma, compõem uma espécie de relato biográfico, cuja composição, constituição e transmissão indicam, senão um estatuto romanesco, pelo menos uma influência profunda do gênero romanesco antigo. Esse conjunto de obras tem

vários traços em comum, em especial, para a finalidade aqui buscada, a interrelação, cruzamento ou mesmo hibridismo dos gêneros do *bíos* e do romance antigo. A princípio, comporiam esse corpus as seguintes obras: a *Vida de Esopo*, o *Romance de Alexandre*, *A Vida de Apolônio de Tiana*, os cinco primeiros Atos Apócrifos dos Apóstolos e, de certa forma, *A Vida do Filósofo Segundo, o silencioso*. Ainda poderíamos acrescentar a *Vida Herodoteana de Homero* e o *Certame de Homero e Hesíodo*.

Dentro do que é proposto pelo dossiê *Bíos*, nosso objetivo é meramente expor de modo sumário uma avaliação crítica do *Romance de Esopo* ou *Vida de Esopo*, a título de introdução à obra, e oferecer ao público uma tradução da primeira parte do texto das duas recensões mais importantes: a recensão G, cuja tradução é de Adriane Duarte, e a recensão W, cuja tradução é de Pedro Ipiranga Júnior. Tomemos como exemplo o parágrafo inicial de cada recensão:

Recensão G:

1. Esopo, que é de grande serventia em todos os aspectos da vida, o autor de fábulas, por uma circunstância do destino foi escravo e por nascimento, frígio – de Amórios, na Frígia. Repugnante ao olhar, ele era asqueroso: pançudo, cabeçudo, de nariz achatado, corcunda, negro, baixote, de braços curtos, manco, estrábico, beijudo – uma aberração manifesta. E além disso tudo, tinha uma deficiência ainda pior que a deformidade, a mudez, pois era tanto banguela quanto incapaz de articular sons.

Recensão W:

1. Esopo, o compositor de fábulas, que se revelou de máxima utilidade por todo o seu gênero de vida, foi escravo, por questão de fortuna, e frígio, por sua origem, da cidade de Amório na Frígia. Era de aspecto medonho: testudo, entroncado no pescoço, de nariz acachapado, preto e beijudo, pançudo e de bracinhos cotós, vesgo, corcunda – um erro do dia! Além disso, tinha a fala travada, emitia um som de voz rouco, todo desmazelado e terrível em trapaça.

Esse início das duas resenções já revela o tipo de anti-herói que a figura de Esopo representa, estando presente um tipo de crítica social a partir do seu estatuto de escravo. Toda essa sobrecarga no aspecto externo, cuja extrema feiúra é enfatizada quer pelo narrador, quer pela reação dos outros à primeira vez que vêem Esopo, vai ser contrastada ao longo da obra com a sabedoria de caráter pragmático que ele exibe nas mais variadas circunstâncias e que é exemplificada, em momentos-chave pela enunciação de fábulas. A construção do personagem também aponta para uma contraposição entre uma sabedoria popular, por ele representada, e uma cultura letrada e aristocrática, representada pelo personagem do filósofo Xanto, o patrão de Esopo na segunda parte da obra. Xanto, a princípio, um estoico, não deixa de exemplificar a figura do filósofo presunçoso e, em certa medida, charlatão que era escarnecida por Luciano de Samósata em vários de seus textos, como em *O fim de Peregrino*, *Leilão de Vidas*, *Hermótimo* etc. Embora agraciado pelas Musas e por Ísis, na resenção G, e pela *Tykhe*, na resenção W, de forma semelhante, ele entra em conflito com a figura de Apolo, por ser o deus da bela forma e da alta cultura, segundo Jouanno.<sup>1</sup>

A pretensa figura histórica de Esopo é reportada por fontes antigas, a exemplo de Heródoto e Evagon de Samos, como tendo vivido na primeira metade do século VI a.C.<sup>2</sup> Pelo testemunho de Heródoto teria sido companheiro de servidão da cortesã Rodópis, escravo de um mestre de Samos e teria perecido nas mãos dos habitantes de Delfos. Outros autores antigos, mormente Aristóteles, Heráclides de Lembos, o comediógrafo do século V a.C. Platão e sobretudo Aristófanes, fornecem outras informações e completam o enquadramento biográfico de Esopo até essa época. Tais apontamentos biográficos levaram alguns autores, como Momigliano e Rosa Gianattasio Andria a conjecturarem sobre a possibilidade da existência de um *bíos* de Esopo já no século V a.C.<sup>3</sup>

Segundo Andria, nas resenções que nos chegaram, seria possível discernir uma matriz narrativa antiga que remontaria a esse pretenso *bíos* mais arcaico.<sup>4</sup> Por seu turno, segundo Adrados, o núcleo básico da obra seria propriamente helenístico, por questões de estilo e do modo de composição

1. Cf. JOUANNO, 2006, p. 34-41.

2. Cf. HERÓDOTO, *História*, e, 134-135; FgrHist 535, F4.

3. ANDRIA, 1995, p. 23-56; cf. MOMIGLIANO, 1991.

4. Cf. também NAGY, Gregory. *The Best of the Achaeans*. Baltimore : The Johns Hopkins University Press, 1979

das fábulas que aí aparecem, tendo sido acrescentados detalhes ou episódios posteriormente na época imperial. Não obstante, em se tratando de gênero, a presença de fragmentos e de dados esparsos sobre Esopo em fontes mais antigas adquirem apenas um caráter conjectural, não sendo possível comprovar sua existência. Na opinião de boa parte dos especialistas, a data provável de composição seria um período que abarca o final do século I d.C. até meados do século II d.C., data essa em que se constitui e se consolida o chamado romance ideal grego, os romances de autoria de Luciano, *Das Narrativas Verdadeiras* e *O Asno*, assim como a *Vida Herodoteana de Homero*, que partilha de alguns traços em comum com a *Vida de Esopo*.

Há três recensões importantes da obra: a recensão G, Grottaferrata, a recensão W, Westermaniana (que possui duas redações ligeiramente diferentes: a redação MORNLo e a redação BPTThSA) e a recensão Accursiana, esta redigida por Bonus Accursius em Milão em 1479-1480 e provavelmente obra de Máximo Planudes, no século XIII. Segundo Papatomopoulos, as recensões G e W do RE adviriam de um arquétipo comum do século I d.C. Para Perry, apenas a recensão G procederia do século I d.C., enquanto a W seria tardia, do século V d.C. Na perspectiva de Corinne Jouanno, nem a recensão G, muito menos a W seriam representantes da forma original da *Vida de Esopo*, em vista do cotejo com fragmentos da obra conservados sobre papiros. O mais antigo desses papiros, P. Berol. Inv. 11628, pressuporia uma data por volta do final do século I e início do século II, enquanto o arquétipo das duas recensões apareceria no século II ou III d.C. Isso aproxima o RE, pelo tratamento do tema e pela construção das figuras do narrador e do protagonista, das obras de escritores do século II d.C., mormente Plutarco, Luciano e Apuleio, assim como coincidiria com, como já havia sido dito, os primeiros exemplares dos romances antigos e com o movimento da Segunda Sofística.<sup>5</sup>

5. Cf. PERRY, 1952; PAPATHOMOPOULOS, 1999, p. 24-33; JOUANNO, 2006, p. 14-16.

6. Cf. GALLO, 2007, p. 47-51.

A VE, assim como o Romance de Alexandre, na acepção de Gallo,<sup>6</sup> em vez de se constituírem como autênticas recensões, teriam sofrido um processo de reescrita e revisões constantes ao longo dos séculos, em vista da maior liberdade dos copistas em fazerem intervenções, alterações



e mesmo longos acréscimos aos textos. Em vez de uma estética popular, na linha de argumentação de Hansen, talvez se possa falar de uma espécie de poética compilatória romanesco-biográfica num duplo registro. Por um lado, no composicional, em que o pretense autor ou autores (na maioria das vezes anônimos) estruturaria sua narrativa compilando obras mais antigas, como faz, por exemplo, Diógenes Laércio e o autor da VE;<sup>7</sup> por outro lado, no sentido das várias reescritas do texto, em que alterações, por vezes, significativas, impõem à narrativa uma dinâmica de absorção recorrente de segmentos textuais e diegéticos heteróclitos.

A despeito dessa poética compilatória e de uma estrutura compósita, verifica-se na VE, por exemplo, uma certa unidade literária, cujos diversos paralelismos ao longo da narrativa fazem pensar numa elaboração consciente da totalidade da obra. Papatomopoulos, a partir dessa ótica, divide a obra em três seções consoante os três lugares de atividade de Esopo: a primeira seção (capítulos 1-100) incluiria duas partes: α) as aventuras de Esopo enquanto escravo do primeiro senhor, aquisição da voz e sua exposição à venda; β) sua venda, sua estadia junto a Xanto, sua liberação, seu papel político mediador entre os sâmios e Cresos, a construção de uma estátua em sua honra. A segunda seção (capítulos 101-123) abarcaria as peripécias de Esopo junto ao rei da Babilônia Licurgo e ao faraó do Egito, Nectanebo, seção esta que constitui uma adaptação e reescrita da famosa narrativa oriental relativa a Ahicar. Na terceira seção (capítulos 124-142) é narrada a viagem de Esopo à Grécia e suas peripécias que terminam com sua morte ocasionada pelos habitantes de Delfos.<sup>8</sup>

A favor dessa unidade diegético-estrutural da obra, Niklas Holzberg apresenta duas colocações fundamentais: 1) no que diz respeito à relação do autor anônimo com suas fontes, o escritor não reúne as diversas partes de maneira aleatória e arbitrária, mas mostra um plano narrativo coeso, com paralelismos e outros recursos estilísticos, reunindo de forma coerente ditos e feitos de Esopo a partir das narrativas legendárias de Hesíodo, dos sete sábios, de Sócrates, de Diógenes, além, é claro, da antiga tradição biográfica sobre Esopo; 2) no que diz respeito à relação da narrativa com os

7. Emprego a partir de então a sigla VE para *Vida de Esopo* e R. Alex. para *Romance de Alexandre*.

8. PAPATHOMOPOULOS, 1999, p. 18-19.

discursos esópicos aí inseridos, monólogos, diálogos e fábulas, sua inserção é funcional e não artificial, prestando certa justificação em cada momento do contexto biográfico. Seriam, segundo ele, três os tipos do discurso esópico: tipo A, admoestação ou advertência direta; tipo B, resolução de um problema (missão complicada, pergunta, enigma); tipo C, fábula narrada por Esopo em uma situação difícil. Esses três discursos se distribuiriam de forma simétrica ao longo das unidades da obra, unidades que Holzberg divide em cinco: 1) na história inicial (capítulos 1-19), em que Esopo está mudo, tais discursos não se encontrariam; 2) parte de Esopo junto a Xanto (capítulos 20-91), onde aparecem os discursos tipo A e B; 3) na parte em que Esopo ajuda os sâmios (capítulos 92-100), presença do tipo C (com resultado positivo); 4) na parte em que Esopo auxilia o rei da Babilônia Licurgo (capítulos 101-103), novamente os tipos A e B aparecem; 5) na parte final, nas desventuras de Esopo junto aos délfios, aparece de modo simétrico o tipo C, com resultado negativo.<sup>9</sup> Por conseguinte, uma análise mais acurada do texto contradiz sua inorganicidade e relativiza seu caráter meramente compilatório.

9. Cf. HOLZBERG, Niklas (ed.). *Der Äsop-Roman. Motivgeschichte und Erzählstruktur*. Tübingen, 1992; cf. PPATHOMOPOULOS, 1999, p. 20-21; cf. JOUANNO, 2006, p.28.

10. O relato da *Vida* pode recuar, no entanto, até o século segundo de nossa era, como atestam os papíros mais antigos encontrados. Recentemente L. Kurke (2011) discute extensivamente a questão, passando em revista as hipóteses de que versões anteriores da *Vida de Esopo* tivessem circulado desde o século VI a.C., remontando, talvez, a um estágio oral de composição e transmissão e refletindo uma origem popular. Além da G, as outras recensões são a Westermanniana (W) e a Planudea (Pl.), datadas de XI e XIII d.C. respectivamente.

Das três versões conhecidas da *Vida de Esopo*, o mais antigo manuscrito, datando de X d.C.,<sup>10</sup> diz respeito, como visto, à recensão G, assim denominada por ter pertencido originalmente ao acervo da Abadia de Santa Maria de Grottaferrata (Itália). Transmitida através de um códice único, sua existência permaneceu ignorada até aproximadamente um século atrás quando foi descoberta em uma biblioteca de Nova Iorque (EUA), a Pierpont Morgan Library, e editada por Ben Perry em sua *Aesopica* (1952). Nos anos noventa, foi republicada nas edições de Manolos Ppathomopoulos (Ioannina: 1990) e Franco Ferrari (Milano: 1997), essa última adotada para a tradução desta recensão.

Embora as três versões (G, W e Pl) coincidam em grande parte quando aos episódios que compõem a vida de Esopo, a recensão G é mais longa que as demais e confere à linguagem um tratamento peculiar. Sem aparentar ter sofrido com censuras ou expurgos significativos, embora o manuscrito traga algumas lacunas dignas de nota (cf. início de 2), ora apresenta linguagem elevada, como por exemplo nos capítulos em que se narra o encontro de Esopo com a

sacerdotisa de Ísis e a epifania da deusa (5-7), ora descamba no seu contrário, abusando de detalhes escatológicos ou obscenos, como por exemplo a o episódio do vômito dos figos (3). Por seu turno, na recensão W, embora os sacerdotes sejam da religião isíaca, não aparecem Ísis e as Musas, mas a *Tykhe*, a figura da Fortuna personificada.

A maior parte de editores e tradutores costumam traduzir a recensão G, considerada a mais antiga, suplementando suas lacunas com passagens da recensão W. Em vista de oferecermos uma visão mais clara das duas recensões, optamos por fazer traduções separadas de cada uma, porém, em função do escopo desse dossiê, restringimos nossa tradução à primeira parte da primeira seção da obra. A posteriori, cada um dos autores publicará, separadamente, a tradução completa de cada uma das duas recensões.

### Recensão G:<sup>11</sup>

*O livro de Xanto, o filósofo, e de Esopo, seu escravo (ou Sobre a vida de Esopo)*

1. Esopo, que é de grande serventia em todos os aspectos da vida, o autor de fábulas, por uma circunstância do destino foi escravo e por nascimento, frígio - de Amorios, na Frígia. Repugnante ao olhar, ele era asqueroso: pançudo, cabeçudo, de nariz achatado, corcunda, negro, baixote, de braços curtos, manco, estrábico, beijudo - uma aberração manifesta.<sup>12</sup> E além disso tudo, tinha uma deficiência ainda pior que a deformidade, a mudez, pois era tanto banguela quanto incapaz de articular sons.

2. Seu senhor, julgando-o absolutamente detestável e incapaz para o trabalho na cidade, enviou-o ao campo. [...] <sup>13</sup> Um seu colega de servidão [Herma], vendo o companheiro [Agátoto] sofrer, disse-lhe: “Meu irmão de servidão, sei o que está pensando, que quer devorar os figos.” “Sim, por Zeus! Como você sabe?” “Pelo jeito do olhar conheço o que vai pela alma”, disse. “Dê então um conselho de como os comeremos, nós dois”. E ele: [...] <sup>14</sup> “Não é um bom conselho, pois quando o senhor procurar os figos e não pudermos dá-los, o que será?” E ele respondeu: “Diga que

11. Tradução de Adriane da Silva Duarte. De um total de 142 “capítulos”, traduzem-se aqui os primeiros 19, que narram as desventuras de Esopo no cativeiro na Frígia, a graça concedida a ele por Ísis, sua aquisição pelo mercador de escravos que o conduzirá a Samos, cenário de parte significativa de sua história.

12. Adoto aqui a correção de Perry: προσημαῖνον para a *crux interpretatio* προσηπιῖος.

13. Texto mutilado. Do cotejo com a recensão W depreende-se que o senhor de Esopo, em visita ao campo, é presenteado com os primeiros figos da colheita e os confia a seu escravo Agátoto. Este trama com um colega para comê-los e colocar a culpa em Esopo.

14. Lacuna no texto. Supressão do conselho?

Esopo encontrou a despensa aberta providencialmente, pulou para dentro e devorou os figos. Como Esopo não pode falar, será surrado e você terá satisfeito seu desejo”. Dito isso, sentaram-se ao redor dos figos e os devoraram, dizendo: “Dane-se Esopo! Ele é mesmo asqueroso e não presta para mais nada a não ser apanhar. Vamos combinar entre nós de uma vez por todas, sempre que alguma coisa quebrar, estragar ou derramar, dizemos que foi Esopo que fez e ficamos livres de qualquer ataque”. E eles devoraram os figos.

3. Na hora acordada, após ter se banhado e almoçado, e com apetite para os figos, o senhor mandou buscar o produto da colheita e disse: “Agátopo, entrega-me os figos!” E ele: “Herma, traga os figos!” O senhor, ao perceber que eles zombavam, ficou transtornado e, sendo informado que Esopo comera os figos, disse: “Que chamem Esopo!” E ele, ao ser chamado, apresentou-se. E o senhor lhe disse: “Diga, desgraçado, você me despreza tanto, para entrar na despensa e devorar os figos separados para mim?” Ele ouviu, mas sem poder falar devido sua língua travada e encarando diretamente seus acusadores manifestos, como estava prestes a apanhar, caiu aos joelhos de seu senhor e suplicou que esperasse um pouco. Ele acedeu e Esopo, vendo um jarro ao seu lado, pegou-o e com um sinal de cabeça pediu água morna. Após dispor uma bacia no centro do aposento e beber a água, colocou os dedos dentro da boca e, e forçando-a, devolveu a água morna que bebera. Nada de outro havia provado. Graças ao seu expediente, deu prova de inocência e exigiu que seus colegas de servidão fizessem o mesmo, para que fosse conhecida a identidade do devorador de figos. Admirado com o raciocínio dele, o senhor ordenou que também os outros bebessem e vomitassem. Os escravos disseram entre si: “O que faremos, Herma?” “Vamos beber, mas não vamos colocar os dedos lá no fundo, e, sim, para os lados”. Assim que eles beberam a água morna, os figos produziram bile e refluíram. E assim que tiraram os dedos, os figos saíram de um jato. E o senhor disse: “Ora vejam, como caluniaram o que não pode falar? Dispam-nos!” Ao serem surrados, eles descobriram que aquele que planeja o mal contra um outro, contra si próprio o faz sem perceber.<sup>15</sup>

15. Note-se que o episódio segue o modelo da fábula e se encerra pela moral (epimítio). Na recensão W, ela vem versificada: ὅστις καθ' ἕτερου δόλια μηχανεύεται, / αὐτὸς καθ' αὐτοῦ τοῦτο ποιῶν λανθάνει.

4. E eles então foram punidos em vista dos erros cometidos contra o que não podia falar. [...a cidade.]<sup>16</sup> Quando Esopo estava a lavar no campo, uma sacerdotisa de Ísis, por acaso, afastou-se do caminho público e ingressou no campo, onde Esopo estava a lavar. Ao ver que ele executava seu trabalho penosamente, e ignorando sua condição,<sup>17</sup> disse: “Moço, se tem piedade de almas mortais, mostre-me, que estou perdida, o caminho que conduz até a cidade”. Quando Esopo se voltou e contemplou um ser humano portando o emblema da deusa, porque era piedoso, prosternou-se e começou a sinalizar com a cabeça como que e a indicar: “Por que você abandonou o caminho público e ingressou nessa propriedade?” Percebendo que ele ouvia, mas não podia falar, ela começou a fazer sinais<sup>18</sup> para ele enquanto falava: “Sou uma estrangeira nesse lugar. Como você vê, sou sacerdotisa. Em vista da minha ignorância, peça-lhe, mostre-me o caminho, que estou perdida”. Pegando novamente a foice com a qual lavrava, Esopo tomou-a pela mão e conduziu-a até o arvoredo. Ali, de seu alforje, serviu pão e azeitonas, colheu e trouxe alface selvagem, e insistiu que ela compartilhasse o alimento. E ela compartilhou. Depois, conduziu-a até uma fonte de água e mostrou-a, caso também quisesse compartilhar dela. Tendo compartilhado o alimento e a bebida, dirigiu as preces mais belas em intenção de Esopo. E, por sinais, pediu-lhe novamente que pusesse fim aos favores e lhe mostrasse o caminho. E ele a conduziu até a estrada principal, por onde passavam carros, e, mostrando-a, afastou-se e concentrou-se no trabalho.

5. A sacerdotisa de Ísis, pegando novamente a estrada e lembrando-se da gentileza de Esopo, ergueu as mãos para o céu e disse: “Diadema do mundo habitado, Ísis dos mil nomes, tem pena deste trabalhador, que é sofredor, que é piedoso, em vista da piedade demonstrada, não para comigo, senhora, mas para com os teus emblemas. E se não queres tornar a sua vida digna de riquezas, do que outros deuses privaram-no, ao menos agracia-lhe com o dom da fala. Tu és poderosa para trazer o que jaz nas trevas de novo para a luz”. Após a sacerdotisa ter feito tal prece, Ísis, a soberana, ouviu. Rapidamente a palavra sobre a piedade alcança o ouvido dos deuses.

16. Lacuna no texto o manuscrito. O cotejo com a recensão W permite suplementar assim a frase: “No dia seguinte, o senhor sentou-se em seu carro e voltou para a cidade”.

17. Mais provável que a *condição* (τύχην) aqui referida seja a mudez e não à escravidão, embora em 1. leia-se: τὴν μὲν τύχην <ἦν> δούλος.

18. É de se estranhar que ela, tendo constatado que Esopo ouvia bem, usasse sinais ao falar com ele.

19. Texto corrompido de difícil leitura.

6. Como o calor estava forte, Esopo disse para si mesmo: “Tenho duas horas longe do capataz para um descanso. Vou dormir durante essas horas de calor ardente”. Escolheu na propriedade um lugar florido e tranquilo, arborizado e sombreado, no qual flores multicores cresciam da relva verdejante, envolvendo o lugar através da mata vizinha e do prado. Esopo, reclinando-se na relva e jogando por terra o forcado, o alforje e, sob a cabeça, colocando o gibão, descansou ali onde o rio murmurava rodeado pelas árvores. Zéfiro trazia um doce sopro e, sacudida, a verde folhagem bafejava uma brisa, doce e agradável, e muita cigarra sobre os ramos cantarolava e aves multicores, ruidosas, faziam eco à parolagem. Ali, onde estava o rouxinol de triste canto, os ramos de oliveira se condoíam, e sobre o pinheiro delgado o ímpeto aéreo devolvia a imitação de um melro.<sup>19</sup> E o eco, que imita sons, mesclando-se a tudo em uníssonos, plangia. Essa mescla de todos os sons resultava num murmúrio harmonioso. Sob seu efeito, seduzido, Esopo mergulhava em doce sono.

7. Ali a deusa, Ísis soberana, apresentou-se na companhia das nove Musas e então disse: “Olhem, filhas, a morada da piedade, este homem, que, apesar de deformado, derrota toda censura. Ele, um dia, quando estava perdida a minha serva, conduziu-a de volta a estrada. E estou aqui, com vocês, para recompensá-lo. Eu lhe devolvo a voz e, vocês, concedam a esta voz a graça da palavra excelente”. Após dizer isso, cortou o nódulo da língua, empecilho à fala, e Ísis pessoalmente agraciou-lhe com a voz. Em seguida, persuadiu cada Musa a conceder-lhe um dom específico e elas o agraciaram com a inventividade da palavra justa, com a intriga de fábulas gregas e sua composição. Depois de fazer votos para que ele se tornasse célebre, a deusa partiu para sua morada. E as Musas, após terem-no agraciado cada uma em particular, retornaram para o monte Hélicon.

8. E depois de dormir segundo o comando da natureza, Esopo despertou e disse: “Puxa, como dormi bem! Estou falando sem impedimento e dando nome ao que vejo: forcado, bolsa, gibão, alforje, boi, asno, ovelha. Estou falando, pelas Musas! De onde recebi o dom da fala? De onde? Já sei! Com certeza foi em troca de minha piedade

para com a sacerdotisa de Ísis, de modo que vale a pena ser piedoso! Espero agora que, da parte dos deuses, venham a se cumprir nobres esperanças”.

9. Muito contente com o acontecido, ele retomou o forçado e se pôs a lavrar. O capataz da propriedade, investindo contra os trabalhadores, açoitou um dos colegas de Esopo com uma vara. E Esopo, sem mais poder controlar-se, disse: “Homem, por que você maltrata assim cruelmente aquele que não cometeu erro algum e bate sem dó, logo você que a todo o momento comete erros mais numerosos sem ser castigado por ninguém?” E Zenas disse para si mesmo: “O que é isso? Esopo agora fala? Pelos deuses, mal começou a falar e já se bate comigo, que falo com ele e lhe dou ordens, e com nenhum outro. Se não o denuncio valendo-me de um pretexto, ele pode me destituir da administração da propriedade. Com efeito, quando ainda era banguela, deu a entender através de sinais que: ‘quando o senhor vier, vou tirar você da administração da propriedade, pois vou denunciá-lo através de sinais’. Se prometia fazê-lo com sinais, persuadirá muito mais falando. É melhor, portanto, tomar a dianteira”.

10. Montou sobre o cavalo e num ímpeto foi até a cidade. Chegando à casa do senhor, saltou do cavalo. Após prender a rédea na argola do portão, entrar na casa e encontrar o amo, disse: “Senhor!” E ele disse: “Zenas, por que você está tão perturbado?” E Zenas respondeu: “Uma coisa prodigiosa aconteceu em sua propriedade”. E ele disse: “Que alguma árvore não tenha dado fruto fora da estação!” E ele disse: “Não, meu senhor”. “Será, então, que um quadrúpede deu à luz um humanoide”, disse o senhor, “ou algo assim?” E Zenas responde: “Não, meu senhor”. E ele: “Então, o que você chama prodigioso? Conte logo a verdade.” E Zenas disse: “Esopo, o asqueroso, que você despachou para o campo, para lavrá-lo, o pançudo...” E o amo: “O quê? Pariu?!” E ele: “Não! Mas ele, que era banguela, falou”. E o senhor: “Tomara que nada de bom te aconteça! Você chama isso prodigioso?” Zenas: “Claro, e muito”. E o senhor: “Por quê? Se acaso os deuses, irritados com um homem, durante um breve tempo privaram-no da voz e agora, reconciliados, agraciaram-no novamente, o que parece

ter acontecido, você acha mesmo que é prodigioso?” Zenas: “Acho, senhor, porque mal começou a falar e se pronuncia sobre tudo de modo impróprio a sua condição. Contra mim e contra você blasfema enormemente, coisas que nem as minhas orelhas aguentam ouvir. Não quero repetir o que ele disse contra você, quando observei que o meu senhor o tem por imprestável, porque não prestava para o trabalho na cidade, e enviou-o para o campo”.

11. E ele, incomodado, disse a Zenas: “Vá e venda-o!” E Zenas: “É brincadeira, senhor? Não conhece a deformidade dele? Quem vai querer comprá-lo e ficar com um babuíno em lugar de um homem?” E o senhor: “Então vá e doe a alguém. Caso ninguém queira ficar com ele, esfole e mate-o”. Zenas, tendo recebido carta branca para agir, novamente saltou para o cavalo e retornou à propriedade. E Zenas ia dizendo consigo mesmo: “O senhor me deu carta branca no que respeita Esopo: vender, doar, assassinar. Que mal ele me fez para que o mate? Vou vendê-lo”. Eis como tudo que foi acordado a Esopo pelos deuses pôs-se a seu favor.

12. Aconteceu que um mercador de escravos, montado em um cavalo, vinha do campo para a cidade. Querendo aliviar<sup>20</sup> suas peças, buscava alugar animais de carga do campo, mas como não achou nada, voltava para a cidade. Ao encontrá-lo, Zenas saudou-o, já que eram conhecidos, dizendo: “Salve, Útilio,<sup>21</sup> mercador-mor!” E ele: “Salve, Zenas, camponês-mor!” E Útilio perguntou: “Zenas, você não teria por acaso animais de carga para alugar ou vender?” E Zenas: “Não, por Zeus, mas tenho um escravo para vender, um macho de bom preço, se você quiser”. E o mercador, acostumado a viver disso: “Você pergunta a mim, que sou mercador de escravos, se quero comprar uma peça de bom preço?” E ele: “Venha então até a propriedade vizinha”.

13. Zenas levou-o até o campo e disse: “Mandem um dos colegas de servidão até a plantação para chamar Esopo”. E um dos colegas foi e, ao avistar Esopo, que lavrava, disse a ele: “Largue o forcado e siga-me, o senhor está chamando”. E ele disse: “Qual senhor? O de direito ou o capataz? Faça a distinção com clareza e diga ‘o capataz’, e, não, ‘o senhor’, já que aquele também está sob o jugo da servidão como

20. Adoto aqui a solução de Perry: ἀπάραι por ἐπάραι.

21. O nome do mercador é Ofelião (Ὀφελίων), do verbo grego ὠφελέω, ser útil. Traduzo por crer significativo que Esopo use como argumento para persuadi-lo a comprá-lo sua “utilidade”, garantida por um juramento a Ísis, sua protetora. Ao fim, Útilio será útil a Esopo por livrá-lo da fazenda e levá-lo para Samos, onde será vendido a Xanto. Cf. parágrafo 15: ὠφελήσω (serei útil), ὠφελήσαι (ser útil).



qualquer escravo”. E o outro: “Olha só que reviravolta! A troco do quê? Mal começou a falar e já está todo metido!” Esopo largou o forçado e disse: “Como a escravidão é uma herança maldita e, mais que isso, detestada pelos deuses! Esopo, ponha a mesa! Esopo, aqueça a água do banho! Esopo, vá buscar água! Esopo, dê comida aos animais! Tudo quanto é penoso, cansativo, cheio de sofrimento ou servil a Esopo ordena-se que faça. Cuidam que não possuo o dom da palavra, atribuído a mim pelos deuses? O senhor virá e, no momento oportuno, eu acusarei e destituirei o capataz. Por ora devo me submeter. Conduza-me, então, meu irmão de servidão”. Apresentaram-se e ele disse: “Senhor, eis aqui Esopo”. Zenas disse: “Mercador-mor, passe-o em revista!”

14. Quando o mercador de escravos se virou e viu Esopo, desconjuntado e esfarrapado, disse: “Só pode ser o corneteiro da batalha dos grous!<sup>22</sup> É o bulbo de um junco ou um homem? Se ele não pudesse falar, eu acharia que é um caldeirão com pés, uma marmita ou um ovo de gansa! Devo zangar-me com você, Zenas. Por que me tirou do caminho, quando já poderia ter completado minha viagem, como se tivesse algo de bom para vender e não esse bode expiatório?” Disse isso e se pôs a caminho.

15. Quando estava saindo, Esopo puxou-o pela ponta do manto e disse: “Ouça!” E o mercador disse: “Solte! Tomara que nada de bom te aconteça! Por que me chama de volta?” E Esopo disse: “Por quem você veio aqui?” E ele: “Por sua causa, para comprá-lo”. “E então”, perguntou Esopo, “por que não me compra?” O mercador: “Não fique me rodeando, por favor, porque não quero mesmo comprar”. Esopo: “Compre-me, homem! Juro por Ísis que serei muito útil a você”. Mercador de escravos: “No que você pode me ser útil, para que eu o compre iludido pela esperança?” Esopo: “Você não tem em seu mercado uns meninos mal-educados que pedem comida a toda hora?” Mercador de escravos: “Tenho”. Esopo: “Compre-me e faça de mim seu instrutor. Com medo de minha cara feia, eles vão deixar de cantar vitória”. Mercador de escravos: “A ideia vem em boa hora. Sim, pela malícia que há em sua cor!<sup>23</sup>” O mercador de escravos deu meia volta e disse a Zenas: “Por quanto você vende esse desgraçado?” Zenas respondeu: “Por três óbolos”.

22. Referência a batalha dos grous contra os pigmeus (*Iliada*, III, 3-7). Esopo é comparado a um pigmeu.

23. Em grego, lê-se: *μὰ τὴν σκότια σου*, pela sua escuridão/negritude! Há uma alusão clara à pele escura de Esopo, referida no parágrafo 1 (*μέλας*), mas também a engano e trapaca, como atesta a aceção 8 do verbete *σκότος*, escuro, do *Liddell&Scott*.

Mercador de escravos: “Por quanto mesmo?” Zenas: “Pague o que quiser”. E o mercador de escravos, pagando uma ninharia, comprou-o.

16. Quando chegou à cidade, ele o conduziu ao seu mercado. Dois meninos, que mamavam em sua mãe, ao avistar Esopo, gritaram e se esconderam. E Esopo disse para o mercador de escravos: “Eis a prova do que anunciei, que você comprou uma aberração na medida para meninos mal-educados”. O mercador de escravos riu e disse a ele: “Ali no refeitório estão reunidos os seus colegas. Entre e vá cumprimentá-los”. Esopo foi adiante e encontrou escravos belíssimos, impecáveis mesmo, uns Dionisos e Apolos. Cumprimentou-os, dizendo: “Olá, irmãos de servidão!” Houve um murmúrio geral. Esopo: “Amigos, irmão de servidão sou de vocês, embora asqueroso”. E os escravos disseram uns para os outros: “Sim, por Nêmesis, o que aconteceu para que o patrão comprasse uma peça assim tão feia?” E outro: “Você sabe por que ele o comprou?” E outro ainda: “Por quê?” “Para torná-lo amuleto do mercado de escravos ora”.

17. O mercador entrou e disse para seus escravos: “Rapazes, conformem-se com sua sorte. Em que pese a integridade física, não achei animais de carga nem para alugar nem para comprar. Por esta razão dividam entre si a bagagem, já que amanhã seguiremos para o litoral”.<sup>24</sup> E eles, formando pares, dividiram a bagagem entre si. Esopo prosternou-se diante de todos e disse: “Meus colegas, peço-lhes, já que sou novato e fisicamente mais fraco, concedam-me carregar uma carga leve”. Eles responderam: “Não precisa carregar nada”. E Esopo disse: “É uma vergonha que, com todos os colegas dando duro, eu me mostre imprestável ao patrão”. Seus colegas de servidão disseram para si mesmos: “O quê? Ele está dando uma de fanfarrão? Carregue o que quer então”.

18. Olhando a sua volta, Esopo avistou a bagagem do mercador de escravos para a viagem: uma cesta, esteiras, sacos cheios de todo tipo de utensílio, cobertas, vasilhas, cestos de mantimentos. Ao ver no chão um cesto cheio de pães que quatro queriam transportar, Esopo disse: “Amigos, deixem esse cesto só para mim”. Os escravos disseram para

24. O texto traz Ásia, mas, pressupondo que o trajeto começa em Amórios, interior da Turquia atual, e finda em Éfeso e Samos, cidade e ilha na costa deste mesmo país, entende-se que a referência é ao litoral da Ásia Menor.

si mesmos: “Nunca vimos ninguém mais tolo que esse nanico! Pediu para levar o mais leve e escolheu o mais pesado de tudo”. E um outro: “Não é tolo, mas esfomeado. Quer ter os pães à mão e mastigar mais que todos. Deixemos para ele o cesto.” E todos, ao seu redor, colocaram sobre ele o cesto de pães. E ele partiu, carregando o cesto como Atlas, sacudindo-se todo. Ao vê-lo, o mercador de escravos disse admirado: “Olhe só como Esopo é o mais animado para o trabalho! Ele incita os demais a suportar de boa vontade a fadiga. Já recuperei o preço pago por ele, já que esse carregamento é digno de um animal de carga”.

19. Os demais colegas carregavam a bagagem e riam dele, pois, ao pegar a estrada, ele ensinava o cesto a andar. Na subida, deitava o cesto e com os dentes puxava até que subisse; na descida, descia com facilidade, rolava o cesto para baixo e ele próprio, em cima dele, rolava também. E aos trancos e barrancos chegaram à hospedaria. O mercador de escravos disse: “Hospedeiro, dê um asse de comida a cada um, já temos os pães. Esopo, dê a cada um par de pães”. E com tantos escravos para receber o pão, o cesto esvaziou-se pela metade. Refeitos, seguiram novamente viagem. Esopo ia leve.<sup>25</sup> Novamente chegaram a uma hospedaria, novamente ele distribuiu o pão para eles, e o cesto ficou vazio. E lançando o cesto sobre o ombro, corria na frente de todos. Os escravos disseram para si mesmos: “O que corre na frente de todos, quem é? Um de nós ou um forasteiro?” E um outro: “Não sei. Parece que é o novato, o asqueroso, o que ergueu um cesto que um animal de carga não levava”. E outro ainda: “Você ignora que o homenzinho é pleno de juízo”. E aquele: “Esses nanicos, o que têm de feios, têm de sensatos. Pediu para carregar os pães que foram consumidos de mão em mão. Enquanto isso nós carregamos cestas, cobertas e utensílios de bronze que não podem ser consumidos”. Outro ainda: “Puxa, o homenzinho vale um por um touro!”<sup>26</sup>

### Recensão W:<sup>27</sup>

1. Esopo, o compositor de fábulas, que se revelou de máxima utilidade por todo o seu gênero de vida, foi escravo, por questão de fortuna, e frígio, por sua origem, da cidade

25. Mantive a leitura de Perry sobre a colocação do advérbio πάλι.

26. Sigo aqui a edição de Perry (e do códice).

27. Tradução de Pedro Ipiranga Júnior. Sigo o texto editado por Papatomopoulos em 1991; em alguns passos, adoto lições da edição de Karla.

de Amório na Frígia. Era de aspecto medonho: testudo, entroncado no pescoço, de nariz acachapado, preto e beijudo, pançudo e de bracinhos cotós, vesgo, corcunda – um erro do dia! Além disso, tinha a fala travada, emitia um som de voz rouco, todo desmazelado e terrível em trapaça.

2. Sendo ele imprestável para o serviço na cidade, seu senhor o despachou a uma de suas propriedades para o trabalho de cultivo do solo. Um dia então em que apareceu no campo, um camponês, que havia colhido figos maravilhosos, trouxe ao senhor de Esopo e disse: “Fica, patrão, com tuas frutas da colheita inicial”. E o senhor, muito animado, disse: “Salvação minha, que belas frutas!” E disse ele ao criado: “Agátopo, fica com essa frutas e guarda para mim; depois que tomar banho e almoçar, me traga as frutas.” Aconteceu que, nesse momento, Esopo voltou e entrou para buscar o pão do dia. Agátopo pegou os figos e, tomado de desejo, comeu um, dois e falou a um colega seu dos servos: “Queria me fartar dos figos, mas tenho medo.” E o outro lhe disse: “Se eu puder também comer junto contigo, vou te dar uma ideia de como comer sem apanhar.” E disse Agátopo: “Como?” E o outro: “Vamos comer os dois os figos e, quando o patrão mandar buscar, diga a ele que Esopo, achando oportunidade quando entrou, devorou os figos. E Esopo, por sua vez, de fala travada para fazer sua defesa, vai ser açoitado, enquanto nós vamos satisfazer nosso desejo.” E eles, assentando-se junto com os figos, foram comendo um a um, e ainda diziam: “Coitado de ti, Esopo!” E, pondo-se de acordo entre si no sentido de que, qualquer coisa que se perdesse ou extraviasse, diriam que era obra de Esopo, devoraram assim os figos.

3. Depois de tomar banho e de almoçar, o senhor disse: “Agátopo, me arranje os figos.” E o outro disse: “Patrão, Esopo, ao achar oportunidade encontrando o depósito aberto, entrou e devorou os figos.” E o senhor, enraivecido, disse: “Alguém mande chamar Esopo até mim.” E esse veio à sua presença. E disse o senhor: “Me diga, desgraçado, é tão grande o teu desprezo por mim a ponto de ter entrado no depósito e acabado com os figos, preparados para mim?” E aquele, sem poder falar travado na língua, percebendo que os seus acusadores eram os que estavam à sua vista e

que iria ser açoitado, caiu aos pés do senhor e suplicou para que ele esperasse um pouco. Pegou, então, um copo, colocou uma mistura de água morna, trouxe uma bacia, bebeu, distendeu os dedos boca adentro e, provocando a si mesmo, regurgitou apenas a água que tinha bebido, comprovando, pois, que não havia experimentado de nenhuma outra coisa. E também pedia para que seus acusadores fizessem da mesma forma e aí “saberá o senhor quem devorou os figos”. Os servos então maquinaram enfiar os dedos pelas bochechas e não soltar garganta abaixo; no entanto, pela ação conjunta de beberem água morna e de se inclinarem, os figos, sendo produtores naturais de bÍlis, jorraram para fora e saíram de forma espontânea. Disse, então, o senhor: “Por que incriminaram falsamente alguém incapaz de falar?” E ordenou que os dois, depois de despídos, fossem açoitados. E eles reconheceram de maneira clara que:

Quem contra outro trama ardis,  
ele próprio desavisadamente age contra si mesmo!

4. No dia seguinte, o senhor, depois de se assentar num carro, partiu para a cidade. Esopo estava fazendo o trabalho de cultivo no campo, quando chegaram os sacerdotes de Ísis, os quais haviam se perdido da via principal. Eles rogavam a Esopo para que lhes mostrasse o caminho que conduzia a cidade. Esopo, dessa feita, depois de levá-los até uma árvore cheia de sombra, ofereceu-lhes pão, azeitonas, figos secos e os forçou a comer; correndo, em seguida, até o poço, dali retirou água e trouxe para eles beberem. E, segurando em suas mãos, conduziu-os à ampla e costumeira via para seu caminho.

5. Eles alçaram as mãos ao céu e, depois que fizeram suas preces por ele em vista de sua boa ação, foram embora.

6. Esopo encaminhou-se de volta e, enlanguescido pelo calor, caiu no sono.

7. E a *Tykhé*, sobrevindo durante seu sono, agraciou-lhe com uma capacidade discursiva excelente, agilidade de fala e com uma inventividade virtuosa em narrativas fabulosas variadas, pelo fato de ter ele agido amavelmente ante a divindade e ante aqueles que recebeu.

8. Esopo, então, desperto do sono, disse: “Uai! Quão foi agradável ter dormido este sono! Tive também a visão de um belo sonho e ora vejam só; agora sem trava e sem dificuldade consigo falar e nomear aquilo que se apresenta à vista: enxadão, burro, boi, carro. Estou falando, pelos deuses! Por que será que recebi esta graça?” E disse: “Já sei! Foi por ter prestado ajuda aos estrangeiros e essa boa ação foi bem aceita pela divindade: ao que age bem estão reservadas boas expectativas!”

9. Radiante assim de alegria, Esopo pegou novamente o enxadão e começou a escavar o solo. O administrador da propriedade do campo, aparecendo no trabalho, começou a espancar um dos servos com um porrete. E Esopo, impressionado com a cena, disse: “Por que, homem de deus, tenta assim, a esmo e sem razão, acabar com alguém que não te prejudicou em nada? Mas eu vou declarar tudo isso ao senhor!” E Zenas (pois este era o nome do administrador), ao ouvir Esopo falando tais acusações, ficou cheio de pavor e exclamou: “Esopo mal começou a falar e já me rebateu! Devo me antecipar a ele, pois, assim que o patrão vier e ele fizer as acusações, vai ele tomar meu lugar na administração da propriedade.”

10. E, ditas tais palavras, subiu num burro e foi para a cidade. E, depois de se aproximar junto ao senhor, falou: “Olá!” E o outro disse: “Por que está assim tão perturbado?” E Zenas respondeu: “Patrão, uma coisa espantosa aconteceu em tua propriedade do campo!” “O que?” Disse o outro. “Por acaso não foi uma árvore que produziu um fruto temporão fora da estação? Ou alguma besta de quatro patas gerou algo contra a natureza?” E o outro disse: “Não. Mas foi Esopo, aquele horroroso, que começou a falar desbragadamente!” E o senhor: “Nada de bom isso pode se afigurar para ti? Você acha isso um sinal assombroso? Na verdade, tem lá sua lógica: encolerizados com o homem, os deuses lhe tinham retirado a voz por algum tempo, mas agora, reconciliados, lhe agradeceram com ela novamente.” Mas Zenas retrucou: “Patrão, mal começou a falar, seu modo de se expressar extrapola o de um homem normal, pois lança injúrias pesadas contra mim, contra ti e ainda grandes blasfêmias contra os deuses.”

11. E, cheio de ira, o senhor diz a Zenas: “Está bem! De agora em diante, ele te é dado como dádiva: venda, dê de graça, liberte, faça com ele o que quiser.” Zenas, dessa feita, adquirindo autoridade sobre ele, foi até o campo e disse a Esopo: “Você foi dado a mim pelo senhor para fazer contigo o que me parecer melhor. Resolvi então te colocar à venda.”

12. Aconteceu então de justamente aparecer pelo caminho um mercador de escravos; no momento que buscava bestas para alugar, ele encontrou Zenas, que já era seu conhecido, o cumprimentou e disse: “Você tem bestas para alugar ou vender?” E Zenas falou: “Não, mas tenho um escravo macho com um preço muito bom; se quiser, pode comprá-lo.” E o mercador: “Me mostra esse então!”

13. E Zenas, depois de mandar trazê-lo, levou Esopo até ele e disse: “Aí está o servo; examina detidamente e faz a compra.”

14. Ao virar-se e ver Esopo, soltou ele uma gargalhada e disse: “Como te apareceu esse panelão? É um homem ou uma espécie de cana ruidosa? É o tocador de trombeta de uma batalha de seres monstruosos!”<sup>28</sup> Se não possuísse ele voz, eu diria que se tratava de um tumor provido de pele. Eh Zenas! Me fez desviar do meu caminho apenas por causa dessa porcaria, fazendo parecer que ia comprar algo que valesse a pena?” E depois de dizer essas palavras, se punha a ir embora.

15. Esopo, então, deu uma carreira até ele e disse: “Espera!” E o outro lhe disse: “Por que me aborda, seu lixo?” Esopo disse: “Por que veio até aqui?” O mercador: “Para comprar algo que achava que era de boa qualidade, mas você é um horror e eu não careço de algo assim tão ruim!” Fala Esopo, por sua vez: “Pode me comprar que eu vou ser de muita utilidade para você.” E o outro lhe retrucou: “Em que você pode me servir?” E Esopo: “Você não tem no seu negócio de escravos uns garotos chorões ou desordeiros? Pode me comprar e me estabelecer como pedagogo; e eu me tornarei para eles um espantalho pavoroso fazendo as vezes de bicho-papão.” Convencido pelo arazoado, o mercador se voltou para Zenas e disse: “Por quanto você vende essa ruindade?” E Zenas disse: “Dois trióbolos.” E o mercador,

28. Aqui aparece o termo *teratomakhías*. Na recensão G, o termo usado é *geranomakhías*, como uma referência à batalha entre grous (géranos) e pigmeus.

tendo rido, deu o trióbolo, considerando que tinha comprado nada mais que coisa alguma.<sup>29</sup>

29. Como um óbolo era uma quantia insignificante para a compra de um escravo, um trióbolo seria, no caso, três vezes nada.

30. A lição adotada por Paphomopoulos é *mórmeke*, formiga, que no contexto não se adequa tão bem. Preferi a lição utilizada por Karla, *mormolykion*, uma espécie de espantalho.

16. Eles tomaram a estrada para a cidade e entraram no local de venda dos escravos. Duas crianças que estavam com a mãe, assim que viram Esopo, começaram a gritar e se esconderam. Disse Esopo ao mercador: “Tem aí já a prova do que te prometi; você comprou, de fato, um espantalho<sup>30</sup> pronto para ser usado contra crianças sem vergonha.” E o outro riu e falou: “Esopo, entra ao interior da sala e cumprimenta os servos teus colegas.” Ao entrar, então, topa ele com jovens belíssimos e sem qualquer falha, e os cumprimenta dizendo: “Olá, colegas servos!” E eles disseram em uníssono: “Que horror, pelo deus Hélio! Que pode ter acontecido ao patrão? Pois ele jamais comprou um escravo tão nojento! A não ser que tenha comprado o traste como amuleto e proteção do mercado de escravos contra mau olhado.”

17. Entrando no recinto, o mercador disse aos servos: “Podem lamentar a sua sorte, pois não achei bestas de carga, nem para comprar nem para alugar. Dividam, portanto, bagagens e provisões, pois amanhã vamos nos mandar para a Ásia.” Os servos, então, aos pares iam dividindo as bagagens. E Esopo, caindo-lhes aos pés, falou: “Belos colegas de servidão, me concedam a carga mais leve, já que sou recém-comprado e fracote!” E disseram eles: “Se não puder, não carregue nada.” Esopo falou: “Com todos se esfalfando, vai ser inaceitável que eu seja o único sem serventia para o patrão.” Disseram, por sua vez: “Carrega o que quiser.”

18. Ele, lançando um olhar ao redor, divisa aqui e ali objetos e vasos diversos para a jornada: sacos, colchões e cestos. Ao reparar num cesto de pães que dois servos se dispunham a carregar, disse: “Coloquem essa carga sobre mim.” Eles, então, diziam: “Quem seria mais imbecil do que este homem? Rogava para carregar a carga mais leve e escolhe de todas a mais pesada! Vamos satisfazer o desejo dele.” Ao vê-lo, o mercador se admirou e disse: “Esopo é mesmo disposto para o trabalho duro, e ainda serve como incentivo aos outros para suportarem sua carga com firmeza de ânimo! Já recuperei o valor dado por ele, pois levantou uma carga própria de um animal.”



19. Os outros servos, em duplas, pegavam suas cargas e dele escarneciam. Ao pegar a estrada, ele ia aprendendo a caminhar manuseando o cesto. De fato, se ia numa subida, agarrava-se com unhas e dentes ao cesto e o rolava para cima; mas se ia numa descida, o rolava com bem mais rapidez. E assim se esforçava até que chegaram à estalagem. Desejando que os escravos recuperassem as forças, o mercador mandou que eles descansassem no chão. E disse a Esopo: “Distribua o pão.” Entregue assim uma grande quantidade de pães, o cesto ficou esvaziado pela metade. Após terem os escravos restabelecido as forças, de novo se puseram em marcha e Esopo, com mais disposição, chegava até a hospedaria. Ao cair da noite, tendo distribuído o pão, seu cesto ficou vazio. No dia seguinte, com o cesto suspenso aos ombros, corria adiante de todos. E os outros servos diziam entre si: “Quem é esse que corre à frente? É algum estrangeiro desconhecido de nós?” Outro disse: “É aquele horroroso.” E um outro dizia: “Vocês não reconhecem que este homenzinho, cheio de argúcia, agiu superando a todos nós? Pois nós nos acabamos de trabalhar carregando colchões e outras tralhas que não são consumíveis, enquanto aquele, trapaceiro, carregava pães que, de pronto, são consumidos.”

#### EDIÇÕES E TRADUÇÕES

Anônimo. *Romanzo di Esopo*. Introduzione e texto critico a cura de F. Ferrari. Milano: Rizzoli, 1997.

JOUANNO, Corinne. *Vie d'Ésope*, traduite et commentée par Corinne Jouanno, La Roue à Livres, Paris, 2006, 264 p.

KARLA, Grammatiki A. *Vita Aesopi: Ueberlieferung, Sprach und Edition einer fruehbyzantinischen Fassung des Aesopromans. Serta Graeca: Beitræge zur Erforschung griechischer Texte, 13*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 2001.

PAPATHOMOPOULOS, M. *Ho bios tou Aisopou. He parallage G*. Ioannina, 1990.

PAPATHOMOPOULOS, Manoles. *O bios tou Aisopou : he parallage W. Editio princeps*. Athens: Ekdoseis Papadema, 1999, 206 p.

PERRY, B. E. (ed.) Vita Aesopi Vulgaris Qualis Exstat Unice In Codice G. In *Aesopica. A series of texts relating to Aesop or ascribed to him*. Urbana: University of Illinois Press, 2007 (1a ed. 1952).

PERRY, Edwin. *Aesopica. A series of texts relating to Aesop or ascribed to him or closely connected with the literary tradition that bears his name*. Urbana, Illinois: The University of Illinois Press, 1952.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRADOS, Francisco Rodriguez. *Historia de la fábula greco-latina*. V. I. Introduction y de los orígenes a la Edad Helenística. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1979.

ANDRIA, Rosa Gianattasio. Il Bios di Esopo e I Primordi Della Biografia. In: *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. A cura di Italo Gallo e Luciano Nicastrì. Napoli: Edizione Scientifiche Italiane, 1995, p. 23-56.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. v. 1. 369 p.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do Romance*. Brasília: Editora UNB, 2005.

BURRIDGE, Richard A. *What are the Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, 2004.

GALLO, I. *La biografia greca*. Perfil storico e breve antologia di testi. Rubbettino: Soveria Mannelli, 2005.

GUIJARRO, Sergi Grau i. *La imatge del filòsof i de l'activitat filosòfica a la Grècia antiga*. Anàlisi dels tòpics biogràfics presents a les *Vides i doctrines dels filòsofs més il·lustres* de Diògenes Laerci. Tese de doctorado, Departament de Filologia Grega, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2007.

HÄGG, Tomas. The Ideal Greek Novel from a Biographical Perspective. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 33-48.

HANSEN, William (Ed.). *Ancient Greek Popular Literature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

HOLZBERG, Niklas. Fable: Aesop. Life of Aesop. in Schmeling, G. (ed.) *The novel in the ancient world*. Boston: Brill Academic Publishers, 2003, pp. 633-9.

HOLZBERG, Niklas. *The Ancient Novel*. An Introduction. London and New York: Routledge, 1995.

HOLZBERG, Niklas (ed.). *Der Äsop-Roman*. Motivgeschichte und Erzählstruktur. Tübingen: Narr, 1992.

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. Romance apócrifo ou marginal. In: *SIMPÓSIO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA USP*, 3. São Paulo: Humanitas, 2009, p. 59-78.

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. Bios e hibridização: biografia cristã e pagã. *Clássica*, vol. 1, São Paulo, 2011, p. 90-101.

JOUANNO, Corinne. Novelistic Lives and Historical Biographies: The *Life of Aesop* and the *Alexander Romance* as Fringe Novels. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 33-48.

KARLA, Grammatiki A. Fictional Biography Vis-à-vis Romance: Affinity and Differentiation. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 13-32.

KURKE, L. *Aesopic conversations. Popular tradition, cultural dialogue and the invention of Greek prose*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

LUCIAN. Lucian with an English Translation. Translation by A. M. Harmon. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 1996 (v.I), 1988 (v.II), 1969 (v.III), 1992 (v. IV), 1996 (v. V), 1990 (v. VI).

LUCIEN DE SAMOSATE. *PHILOPSEUDÈS ET DE MORTE PEREGRINI*. Introduction et commentaire de Jacques Schwartz (Ed.). Paris: Les Belles Lettres, 1963 (Publications de la Faculté des Lettres de l' Université de Strasbourg – Textes d'Étude 12).

MOMIGLIANO, Arnaldo. *La Naissance de la Biographie en Grèce Ancienne*. Traduit de l'Anglais par Estelle Oudot, Strausbourg: Circé, 1991.

MORALES, Helen. Challenging some orthodoxies, 2009. In: KARLA, Grammatiki A. (Ed.) *Fiction on the fringe: novelistic writing in the post-classical age*. Leiden: Brill, 2009, p. 1-12.

NAGY, Gregory. *The Best of the Achaeans*. Baltimore : The Johns Hpkins Univesity Press, 1979.

PERRY, Edwin. The text tradition of the Greek Life of Aesop. in Transactions and Proceedings of the American Philological Association, v. 62, p. 198-244, 1933.

PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Ed. Christopher P. Jones, vol. 1 (Books I–IV) and 2 (Books V–VIII). Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 2005 (Loeb Classical Library no. 16 and no. 17).

PSEUDO CALÍSTENES. *Vida y Hazañas de Alejandro de Macedônia*. Traducción, prólogo y notas de Carlos García Gual. Madrid: Editorial Gredos, 1988.

STONEMAN, Richard (Ed.). *Il romanzo di Alessandro*. Vol. I. Traduzione di Tristano Gargiulo. Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, 2007.

Enviado em janeiro de 2014  
Aprovado em abril de 2014.

# RESENHAS



TORRANO, JAA (2013). O PENSAMENTO  
MÍTICO NO HORIZONTE DE PLATÃO.  
COLEÇÃO ARCHAÏ. SÃO PAULO:  
ANNABLUME CLASSICA.

Hector Benoit\*

\* Professor de Filosofia  
Grega da Universidade de  
Campinas.

O livro de Torrano é constituído por dez artigos publicados nas duas últimas décadas. Apesar do período extenso que cobrem da obra do autor, os artigos possuem grande unidade. Em sentido contrário à tradição, que privilegiam na leitura de Platão as interpretações de Aristóteles e do neoplatonismo, Torrano procura ler Platão a partir dos poetas, particularmente, Hesíodo e Homero, assim como dos poetas trágicos. Fator este que por si só torna a obra de uma originalidade extrema.

A principal tese defendida pelo autor é que para compreendermos os *Diálogos* de Platão devemos entender que existe uma homologia estrutural entre a noção mítica de *Theós* – que Torrano traduz por “Deus(es)” – e a noção de *Idéa*, ou seja, com isto, altera toda a interpretação meramente conceitual da chamada “teoria das ideias” que recebemos, em grande parte, da *Metafísica* de Aristóteles. Mas, além daquela homologia central entre “Deus(es)” e *Idéa*, o autor vai mais longe e nos adverte que não podemos traduzir *Theós* por “Deus” sem possuir uma grande cautela. Deus não seria um ingrediente entre outros, mas sim, uma noção fundamental no pensamento mítico arcaico, rica e complexa, que no pensamento mítico orienta o próprio sentido do discurso. Isto se repetiria, por exemplo, na *República*, permitindo compreender melhor a própria noção de mito e a distinção entre mentir bem e não mentir bem.

Refere-se aos *týpoi perì theologhías*, ou seja, “as marcas que devem ostentar as narrativas a respeito dos Deuses para que possam ser consideradas verdadeiras”. Enumera então, citando a *República*, duas marcas: 1) Deus é essencialmente

bom e portanto causa unicamente de bens, e 2)”Deus é inteiramente simples e verdadeiro em palavras e em atos, e nem ele se altera nem ilude os outros, por aparições, por falas ou por envio de sinais, nem em vigília nem em sonhos.”(*República*, 382 e 8-11).

Na primeira marca, segundo o autor, a noção de “bem” não é ainda totalmente esclarecida, isto somente ocorre no final do livro VI, quando se constrói a imagem do sol. Nesse momento, a ideia de bem aparece “determinada por tríplice causalidade”, como causa do ser, da verdade e do conhecer (Torrano, p.85). Por outro lado, na segunda marca, em que se afirma a simplicidade de “Deus” assim como a sua constância na forma, transparece a descrição da noção filosófica de “ideia”. Um pouco mais adiante (p.86), Torrano coloca a sua tese principal, aquela de que “para Platão, a noção mítica de “Deus” corresponde no pensamento mítico ao sentido e função filosófica que ‘ideia’ tem no discurso filosófico.” E acrescenta que as duas noções, a mítica (“Deus”) e a filosófica (“ideia”) teriam em comum a referência ao fundamento, aquilo que se nomeia “*Theós*” no pensamento mítico e “*idéa*” no discurso filosófico.

Haveria uma hierarquia que realiza a distinção entre os diversos graus de participação no ser, no conhecimento e na verdade. Esta hierarquia seria também uma transposição para o discurso filosófico daquilo que Torrano intitula “a ontologia própria do pensamento mítico”(p.90). Segundo o autor essa “ontologia” mítica trabalha com diversas distinções correspondentes às diversas instâncias do divino e enumera: Deuses, Numes e heróis. Existiriam também as diversas zonas cósmicas: os locais onde habitam os Deuses Olímpios, a terra designada como negra, onde residem os mortais, a casa de Hades, onde habitam os mortos, e o Tártaro, que aparece na *Teogonia* de Hesíodo, um local onde existiria a privação total do ser e uma queda sem direção infinita.

Neste caso, como nos outros, a transposição do pensamento mítico teria sido realizada em perfeita homologia com o discurso filosófico. Nesse sentido, lembra a imagem da caverna do livro VII da *República*, que seria evidentemente a dimensão dramática da linha descrita no livro VI filosoficamente. Como escreve o autor, “a ação desse



drama se descreve como dupla ofuscação de dupla origem, segundo se percorre a via do ascenso do grau ínfimo ao grau máximo do conhecimento e assim do ser e da verdade, ou – em sentido inverso – a via do descenso dos graus maiores aos graus menores de participação no ser, na verdade e no conhecimento”(p.90).

No entanto, até que ponto o discurso filosófico pode-se completar plenamente em homologias com o discurso mítico? O discurso mítico permanece no terreno das imagens e do sensível. O discurso filosófico não exigiria o território mais firme dos conceitos e do inteligível? A própria ideia de bem não pode ser pensada como imagem, mas sim, como um ente inteligível e sem ela não se atinge a ciência mais alta. Como diz Sócrates no livro VI: “vós me escutastes dizer frequentemente que a ideia de bem é o objeto da ciência mais alta e que é dela que as outras virtudes recebem sua utilidade e suas vantagens (...) nós não conhecemos exatamente esta ideia e se nós não a conhecemos (...) sabeis que não nos servirá nada outro conhecimento, sem a posse do bem o conhecimento de qualquer outra coisa nos é inútil.” (*República*, 505 a).

Torrano, consciente, se aproxima do problema em dois artigos do livro: aquele intitulado “A noção platônica de imagem” e no artigo “Entre cão e lobo: com sofista por mestre”. Assim, escreve: “A ideia do bem é a causa da cognoscibilidade das coisas cognoscíveis, de sua verdade e de seu ser, sem que a ideia do bem seja ser nem ciência, mas a causa do ser, da ciência e da verdade.”(p. 99) No entanto, parece contentar-se ainda com a imagem afirmando: “Nessa imagem do sol, apresenta-se, e de certa maneira define-se, a ideia do bem por uma tríplice causalidade: o bem é a causa do conhecimento, da verdade e do ser.”(p. 99). Ora, logo a seguir, cita a célebre passagem que reafirma a transcendência extrema da ideia de bem que a torna incognoscível: “Logo, para os objetos do conhecimento dirás que não só a possibilidade de serem conhecidos lhes é proporcionada pelo bem, como também é por ele que o ser e a essência lhes são adicionados, apesar de o bem não ser uma essência, mas estar acima e além da essência, pela sua dignidade e poder.”(*República*, 509 b).

Diante dessas palavras de Sócrates, Glauco ironicamente afirma: “Por Apolo, que maravilhosa transcendência!” (*Rep.* 509c) Ora, evidentemente, a transcendência extrema do bem, que causa risos, reafirma que não se conhece o conceito de bem. Ainda que reconhecendo a ironia de Glauco, Torrano passa adiante e começa a comentar a questão da linha, como se Sócrates não houvesse caído em uma aporia (p.100). A imagem da linha, embasada na imagem do sol, que passa então a ser o tema de Sócrates, apenas vem reafirmar a impotência conceitual para conhecer a ideia de bem. Nesse sentido, a homologia do pensamento filosófico com o pensamento mítico parece insuficiente e relativamente insatisfatória.

De maneira similar, sem que nos aprofundemos no problema, a questão da imagem é tratada, a nosso ver, de maneira insuficiente no artigo “Entre cão e lobo: com sofista como mestre”. Torrano não penetra no âmago conceitual do diálogo *Sofista*, que é aquele do parricídio a Parmênides e de uma ruptura com a tradição das antigas doutrinas sobre o ser. Talvez isto ocorra porque entraria em choque com a teoria da homologia entre o pensamento mítico e o pensamento filosófico.

Seja como for, o livro de Jaa Torrano é extremamente original e trata-se de uma grande contribuição aos estudos platônicos.

Recebido em abril de 2014.  
Aprovado em junho de 2014.

NEIRA, LUZ (ORG.). *DESNUDO Y CULTURA: LA CONSTRUCCIÓN DEL CUERPO EN LOS MOSAICOS ROMANOS*. MADRID: CREACIONES VINCENT GABRIELLE. 2014. 208 P.

Pérola de Paula Sanfelice\*

\*Doutoranda em História  
pelo PGHIS/UFPR

**S**e por muitos anos a representação do nu na Antiguidade esteve sobre a órbita dos estudos dos historiadores da arte, que enfatizaram, especialmente, temas relacionados à criação artística e à estilística, a presente obra visa explorar um outro viés das representações do corpo. A obra coordenada e editada pela Professora Luz Neira, da Universidad Carlos III de Madri (UC3M), traz nove ensaios sobre os mosaicos romanos, nos quais especialistas investigam aspectos da construção cultural e as implicações ideológicas dessas representações. O livro ressalta a existência de uma disparidade numérica nas representações masculinas e femininas, o que seria um reflexo das relações de poder, em que indivíduos pertencentes a uma elite privilegiada elegem como motivo decorativo corpos nus para decorar pisos de salas, de palestras, de termas públicas e privadas a fim de refletirem certas concepções, sentimentos e atitudes intrínsecas aos simbolismos dos corpos representados.

Dessa forma, o capítulo introdutório aborda exatamente as relações de poder sobre os corpos, em *El cuidado de sí: una aproximación a la Histoire de la Sexualité desde la iconografía musiva*, Jesus Bermejo Tirado apresenta um ensaio relacionando as ideias centrais do último volume da História da Sexualidade de Michel Foucault, com interpretação dos materiais iconográficos procedentes de mosaicos romanos.

O segundo capítulo, de Irene Mañas, especialista em mosaicos de Itálica, usa igualmente como referência o pensamento de Michel Foucault para debater *Tecnologías del cuerpo em el mundo romano: el caso del desnudo femenino*

en el mosaico romano, a autora ressalta que “tecnologias” do corpo são um dos fatores de regulação social que produzem um tratamento profundamente assimétrico entre os corpos masculinos e femininos, que podem ser percebidos, sobretudo, quando enfrentamos as análises das imagens de corpos nus, em que os corpos femininos exaltam elementos e identificações que consideramos próprios da mulher, como a beleza, o cuidado com o corpo, sendo todos espaços considerados de domínio da deusa Vênus, que reina sobre os âmbitos da feminidade e do amor erótico, que são uma forma de produzir e reproduzir uma imagem cultural e concreta do feminino (p.26), enquanto que o corpo masculino se apresenta heroico e atlético, exaltando o poder e a força física.

No terceiro capítulo, *Desnudo e atracción en los mosaicos. El caso de Venus, Europa y las Nereidas*, Luz Neira trabalha com questões mais teóricas e metodológicas, discute algumas representações de divindades e personagens mitológicos, que, ainda que tivessem suas iconografias inspiradas em fontes, literárias experimentaram um desenvolvimento paralelo a Cultura escrita e alcançam uma nova dimensão na Cultura Visual, com cenas muito precisas, em sua maioria, marcadas pelo erotismo. Para a autora as cenas mitológicas vão além das que foram representadas na Cultura Escrita, pois as imagens, presente na *domus*, por exemplo, “implicam, de modo inequívoco, o gosto e o desfrute pela contemplação do corpo, com o predomínio do feminino sobre o masculino” (p.37). Salienta também a importância de lembrar que, embora tenham sido fruto de padrões representativos, as iconografias foram feitas por mãos de desenhistas, encomendadas por alguém, e definitivamente a construção dos corpos nas imagens foram reflexos de gostos e desejos de membros da elite que buscavam reproduzir as normas sociais dominantes no Império.

No quarto capítulo da obra, Maria Pilar San Nicolás analisa outro modelo iconográfico que gozou de grande interesse na arte de mosaicos romana, a representação de Ariadne adormecida descoberta por Dioniso, no qual a figura feminina aparece recostada dando as costas ao espectador, sugerindo uma união carnal. A autora ressalta que o modelo

da imagem adormecida foi muito utilizado por artistas gregos e romanos para expressar alguns episódios mitológicos em que os encontros amorosos são a chave. A autora enfatiza que uma das posições mais representadas neste tipo de tema, em que a mulher coloca o braço atrás do pescoço, demonstrando “disponibilidade frente ao outro”, mostra que as mulheres não estão ali apenas para serem observadas, mas querem ser desejadas, sendo assim um desejo recíproco, um desejo de sedução.

Em seguida, Cátia Mourão trabalha com a simbologia das cenas e o significado da nudez em *Las bodas místicas del cuerpo y el alma: Cupido y Psique en los mosaicos romanos*. Para a autora, o citado mito evoca a noção da imprudência, da desobediência, da curiosidade desmedida. Tema de várias simbologias, ainda que não haja um consenso, Cupido seria o fator masculino, o elemento corpóreo, que fora primeiramente representado como jovem, passando depois a ser representado como um menino também, quase sempre portando uma aparência delicada e muitas vezes andrógina, inspirado talvez no hermafrodito. Provavelmente a representação de Cupido tem esse padrão para demonstrar a fraqueza e transparência dos sentimentos, já que o amor requer a revelação da verdade e da entrega, situações que implicam uma exposição completa. Por sua vez Psique, o feminino, seria o elemento espiritual e transitório.

Esse mito também foi muito explorado pelo catedrático José Maria Blázquez Martínez, que no sexto capítulo da obra trabalha com *Amores de dioses, semidioses y heroes*, dessa maneira, o seu objeto de estudo são as representações dos amantes nos mosaicos hispano-romanos, ressaltando o amplo e diverso repertório mitológico dos mosaicos espanhóis, sobretudo após o enorme achado das últimas décadas, demonstrando o alto nível de produção hispânica, além de demonstrar os gostos, sentimentos e inquietações intelectuais das elites que ali viveram. Como ressalta o autor: “o tema do amor é eterno. Não há nada mais maravilhoso que o mundo antigo recorrer ao amor entre os deuses, entre seres divinos e entre heróis, para representar o amor humano, que funcionava da mesma maneira”. (p.95).

No sétimo capítulo Dimas Fernández-Galiano aborda o tema *Desnudez y heroísmo*, ressaltando mais uma vez, que a nudez masculina e feminina possuem significados completamente diferentes nas artes, que representam por sua vez distintos papéis sociais. Em seu artigo trabalha especificamente com três aspectos: o nu como expressão de valores; o nu como expressão artística; o nu e sua antítese, o vestido. Afirma que, através do nu, a arte clássica expressa valores puros como força, agilidade, flexibilidade, quietude, serenidade, beleza, ao contrário da arte medieval, que coloca o nu a serviço de outros propósitos, como o cristo crucificado que representa o sofrimento (p.177). Acrescenta ainda que nos primórdios da Antiguidade Clássica a maioria dos deuses eram nus, mas com o passar do tempo foram vestindo-se com os seus atributos, instrumentos de cultos, exceto Vênus que sua desnudez mostra a sua natureza venérea e fértil.

O capítulo seguinte desenvolve discussões semelhantes, contudo explora o âmbito esportivo. José María Álvarez Martínez explora o argumento de que a nudez serve para representar o atributo viril do vencedor de uma luta, por exemplo. As cenas de jogos atléticos ficavam geralmente em estâncias termas, tanto públicas quanto privadas e em espaços de palestra. Cita a presença de representações de mulheres praticando esportes, mas como são poucas não há como estabelecer um padrão assertivo.

Por fim, Guadalupe López Monteagudo analisa tanto as imagens da nudez feminina quanto masculina, refletidas nas águas, nos escudos e espelhos, analisando cenas protagonizadas por Narciso, Tétis, Aquiles, Vênus, entre outros seres mitológicos. Para esta autora a linguagem visual do nu refletido significa: não ver a realidade, ver a ilusão, um jogo que funde o real e o irreal, o parecer e o querer que se pareça. Para a autora toda imagem refletida é um dispositivo de evocação, um emblema de tudo aquilo que vemos sem ver, e também aquilo que queremos ver e não vemos (p.193). A imagem do nu refletido nos dá a imagem real e a imagem sonhada, a subjetividade e a alteridade.

Paralelamente a esta última reflexão, acreditamos que a obra como um todo explora essa noção de que as imagens representadas nos mosaicos são projeções de linguagens,

emoções, e possuem implicações ideológicas nos contextos sociais que foram apresentadas, sendo assim possuíam uma grande importância como parte de um sutil processo de aprendizagem e interiorização das normas sociais. Os autores evidenciaram em suas análises que nas imagens do mundo antigo, as representações dos corpos não eram naturais, nem casuais, eram senão uma sólida relação de poder bem estabelecida em uma sociedade, e promovida exatamente por aqueles que possuíam este poder. E para além disso, por meio de suas interpretações sobre os corpos ali representados, os especialistas também evidenciaram que a arte romana teve um importante papel na reprodução de estereótipos corporais, que ao longo dos séculos foram copiados, influenciando assim nas relações de poder exercidas em períodos posteriores.

Recebido em março de 2014.

Aprovado em julho de 2014.





## NORMAS EDITORIAIS

## EDITORIAL POLICIES

**A**rquivo PDF com versão atualizada das Normas Editoriais em português e inglês está sempre disponível para download no site da Classica.<sup>1</sup>

A PDF file with an updated English version of the Editorial Policies is available in Classica's website.<sup>2</sup>

Classica é um periódico de caráter científico da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, destinado à divulgação de trabalhos originais e inéditos sobre todos os aspectos das culturas da Antiguidade Clássica e outras culturas do mundo antigo.

Os trabalhos são publicados, preferencialmente, em português, espanhol, inglês, francês ou italiano, nas seguintes modalidades:

1. Artigos. Resultados novos e consolidados de pesquisas – de 3.000 a 8.000 palavras.
2. Artigos de revisão. Revisões críticas de aspectos da Antiguidade, apresentados de modo abrangente e discutidos nas suas implicações – de 6.000 a 10.000 palavras.
3. Notas. Discussão e análise de resultado parcial de pesquisas em andamento, ou de pequenos tópicos de reconhecida relevância – de 1.500 a 3.000 palavras.
4. Instrumentos de pesquisa. Apresentação e discussão de instrumentos de trabalho disponíveis, de natureza documental, material, metodológica, bibliográfica ou de informática – de 3.000 a 6.000 palavras.

1. Classica On Line:  
<<http://revista.classica.org.br>

2. Cada página impressa de Classica tem aproximadamente 450 palavras, sem contar o espaço para ilustrações.

5. Ensaio bibliográfico. Análise de conjunto das obras de um mesmo autor ou de suas obras sobre um mesmo tema – de 3.000 a 6.000 palavras.
6. Resenhas. Análise crítica de obras recentes, publicadas há menos de cinco anos – de 600 a 1.200 palavras.
7. Notícias bibliográficas. Apresentação crítica e sucinta de obras recém publicadas – de 450 a 900 palavras.
8. Traduções: Apresentação de tradução de trechos de obras ou material epigráfico e comentários – de 600 a 2000 palavras
9. Dossiê temático: composto de no mínimo 05 e no máximo 10 artigos inéditos sobre um tema em comum, organizado a convite do Editor.

Todos os trabalhos encaminhados ao Editor, preparados de acordo com as normas editoriais, com as normas da ABNT e compatíveis com a área de atuação da SBEC, são bem vindos. É responsabilidade dos autores obter previamente as autorizações necessárias para a reprodução de imagens, trechos longos de obras publicadas e outros itens protegidos por copyright.

A publicação de trabalhos está condicionada à análise de um ou mais consultores da Classica. Classica utiliza o sistema duplo-cego de revisão, em que autores e consultores não são mutuamente identificados. Os direitos autorais dos trabalhos aceitos para publicação serão regidos de acordo com os do sistema SEER vinculado ao sistema Creative Commons.

Clássica também publica números temáticos, em geral na forma de “suplementos”, condicionados a chamadas específicas de trabalhos, ou aos anais de reuniões, seminários e congressos temáticos promovidos ou co-promovidos pela SBEC, v.g. o Congresso de Estudos Clássicos.

## GUIDELINES FOR AUTHORS

### *Focus and Scope*

*Classica* is scientific and interdisciplinary journal of the Brazilian Society of Classical Studies, for the dissemination of original and unpublished works on all aspects of the cultures of Classical Antiquity and other cultures of the ancient world.

All papers submitted to the Editor, prepared according to the editorial standards, with the ABNT and compatible with the area of operation of SBEC, are welcome. It is the authors' responsibility to obtain prior authorizations necessary for the reproduction of images, extended excerpts of published works and other items protected by copyright.

*Classica* also publishes thematic issues, generally in the form of "supplements", conditioned on specific calls for papers, or the proceedings of meetings, seminars and thematic conferences promoted or co-promoted by SBEC, e.g. Congress of Classical Studies.

### *Peer Review Process*

The publication of works is subject to the analysis of one or more consultants of *Classica*. *Classica* uses a double-blind review, where authors and consultants are not mutually identified.

The papers are published, preferably in Portuguese, Spanish, English, French or Italian, in the following ways:

1. Articles. Consolidated results and new research - 3000-8000 words.
2. Review articles. Critical reviews of aspects of antiquity, presented and discussed comprehensively in its implications - 6000-10000 words.
3. Notes. Discussion and analysis of partial results of research in progress, or small threads of known relevance - 1500-3000 words.

4. Research instruments. Presentation and discussion of available instruments of research, be they documentary, material, methodological, bibliographical or informational - 3000-6000 words.
5. Bibliographical essays. Analysis of all the works of a single author or his works on the same theme - 3000-6000 words.
6. Reviews. Critical analysis of recent works, published within the last five years - 600-1200 words.
7. Bibliographical Notices. Critical presentation and summary of recently published books - 450-900 words.
8. Translations: Translations of excerpts of works or epigraphic materials and commentaries - 600-2000 words
9. Thematic Forum: comprised of at least 5 and at most 10 unpublished articles on a common theme, organized at the invitation of the Editor.

The names and email addresses entered in this journal site will be used exclusively for the stated purposes of this journal and is not available for other purposes or to third parties.